

PRÊMIO  NOBEL
COMPANHIA DAS LETRAS

HOMEM LENTO

J.M. Coetzee



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

J. M. COETZEE

Homem lento

Oito palestras

Tradução
José Rubens Siqueira



1.

O choque o colhe pela direita, duro, surpreendente e doloroso, como uma faísca elétrica, e levanta seu corpo da bicicleta. *Relaxe!*, ele diz a si mesmo enquanto voa pelo ar (*voa pelo ar tão cheio de graça!*)* e de fato sente os membros obedientemente moles. *Como um gato*, diz a si mesmo: *role, depois se ponha de pé, pronto para o que vier em seguida*. A palavra pouco usual *limber* ou *limbre*** também está à vista.

Mas não é bem assim que as coisas acontecem. Seja porque suas pernas desobedecem, seja porque de momento está tonto (ouve, mais do que sente, o impacto do crânio no asfalto, distante, oco, como um golpe de marreta), ele absolutamente não se levanta; ao contrário, desliza metro após metro, sem parar, até se sentir quase embalado pelo deslizar.

Fica esticado no chão, em paz. É uma manhã gloriosa. O toque do sol é suave. Há coisas piores do que largar o corpo, esperar a força voltar. Na verdade, pode haver coisas piores do que tirar uma soneca rápida. Fecha os olhos; o mundo oscila debaixo dele, roda; ele apaga.

Por um momento, breve, volta a si. O corpo que voou tão leve no ar ficou pesado, tão pesado que não consegue levantar nem um dedo. E

alguém está parado em cima dele, tirando-lhe o ar, um jovem de cabelo arrepiado e espinhas na testa. “Minha bicicleta”, ele diz ao rapaz, enunciando a palavra difícil sílaba por sílaba. Quer perguntar o que aconteceu com sua bicicleta, se cuidaram dela, já que, como é bem sabido, uma bicicleta pode desaparecer num relâmpago; mas antes de chegarem essas palavras ele apaga de novo.

* “*He flies through the air with the greatest of ease, this daring young man on his flying trapeze*” [“*Ele voa pelo ar tão cheio de graça, o ousado rapaz do trapézio voador*”]: verso de uma conhecida canção norte-americana. (N. T.)

** Maleável. (N. T.)

2.

Está sendo embalado de um lado para outro, transportado. De longe, chegam-lhe vozes, um tumulto que sobe e desce com ritmo próprio. O que está acontecendo? Se abrisse os olhos, saberia. Mas não consegue ainda. Alguma coisa está vindo até ele. Uma letra de cada vez, *claque claque claque*, uma mensagem sendo datilografada em uma tela rosada que treme como água cada vez que ele pisca e é, portanto, muito provavelmente, a parte interna de sua própria pálpebra. *E-R-T-Y*, dizem as letras, depois *F-T-I-V-O-L*, depois um tremor, depois *E*, depois *Q-W-E-R-T-Y*, e assim por diante.

Frivole.^{*} É tomado por algo como pânico. Se retorce; da caverna interior um gemido cresce e explode de sua garganta.

“Dói muito?”, diz uma voz. “Calma.” A picada de uma agulha. Um instante depois, a dor é lavada, depois o pânico, depois a consciência em si.

Desperta em um casulo de ar morto. Tenta sentar-se, mas não consegue; é como se estivesse revestido de concreto. Em torno dele, uma brancura inexorável: teto branco, lençóis brancos, luz branca; também uma brancura granulosa como pasta de dentes velha em que sua mente parece envolta, de forma que não consegue pensar direito e se desespera. “O que é

isso?”, pronuncia ou talvez grite mesmo, querendo dizer *O que é isto que está acontecendo comigo?* ou *Que lugar é este onde eu me encontro?* ou mesmo *Que destino é esse que me coube?*

Aparece do nada uma garota de branco, faz uma pausa, olha para ele vigilante. Em sua confusão mental, ele tenta criar uma interrogativa. Tarde demais! Com um sorriso e um tapinha tranqüilizadora no braço que ele parece estranhamente ouvir, mas não sentir, ela segue seu rumo.

Isto é grave?: se houver tempo para uma pergunta apenas, a pergunta deverá ser essa, embora ele prefira não se deter no que a palavra grave possa significar. Ainda mais urgente, porém, que a questão da gravidade, mais urgente que a espreita da pergunta do que realmente aconteceu na rua Magill para atirá-lo nesse lugar morto, é a necessidade de encontrar seu rumo para casa, fechar a porta, sentar-se em ambiente familiar, recuperar-se.

Tenta tocar a perna direita, a perna que manda obscuros sinais de que agora é a perna errada, mas sua mão não sai do lugar, nada sai do lugar.

Minha roupa: talvez essa deva ser a inócua questão preparatória. *Onde está minha roupa? Onde está minha roupa e até que ponto é grave a minha situação?*

A garota flutua de novo para seu campo de visão. “Roupa”, ele diz, com um imenso esforço, levantando o mais que pode as sobrancelhas para indicar urgência.

“Não se preocupe”, diz a garota e dá-lhe a bênção de mais um de seus sorrisos, seus sorrisos positivamente angélicos. “Está tudo certo, tudo sob controle. O médico vem falar com o senhor daqui a pouquinho.” E, de fato, antes que se passe um minuto um jovem que deve ser o médico mencionado se materializa ao lado da garota e murmura no ouvido dela.

“Paul?”, diz o jovem médico. “Está me ouvindo? É esse mesmo o seu nome, Paul Rayment?”

“É”, ele responde com cuidado.

“Bom dia, Paul. Deve estar se sentindo um pouco tonto agora. É porque tomou uma dose de morfina. Vamos entrar em cirurgia daqui a pouquinho.

Você levou uma trombada, não sei até que ponto se lembra, e a sua perna ficou muito comprometida. Vamos dar uma olhada e ver quanto podemos salvar.”

Ele arqueia as sobrancelhas de novo. “Salvar?”, tenta dizer.

“Salvar sua perna”, repete o médico. “Vamos ter de amputar, mas vamos salvar o que for possível.”

Algo deve acontecer com o rosto dele nesse momento, porque o jovem faz uma coisa surpreendente. Estende a mão para tocar seu rosto e deixa a mão pousada ali, aninhando sua cabeça de velho. É o tipo de coisa que uma mulher poderia fazer, uma mulher com uma pessoa que amasse. O gesto o deixa constrangido, mas por educação não pode recuar.

“Vai confiar em mim?”, diz o médico.

Tonto, ele pisca os olhos.

“Ótimo.” Uma pausa. “Não temos escolha, Paul”, diz ele. “Este não é um daqueles casos em que temos escolha. Você entende? Dá sua permissão? Não vou pedir que assine nada, mas temos o seu consentimento para prosseguir? Vamos salvar o que for possível, mas você levou uma pancada e tanto, o dano foi muito grande, não sei dizer agora se vamos conseguir salvar o joelho, por exemplo. O joelho foi quase completamente esmagado e uma parte da tíbia também.”

Como se soubesse que estão falando a respeito dela, como se essas terríveis palavras a acordassem de um sono inquieto, a perna direita emite uma pontada de dor branca e aguda. Ele ouve a própria respiração entrecortada e depois o sangue latejando nos ouvidos.

“Certo”, diz o jovem, e dá-lhe um tapinha no rosto. “Hora de ir.”

Acorda muito mais tranqüilo consigo mesmo. A cabeça está clara, ele é o seu velho eu (*cheio de energia!*, pensa), embora ao mesmo tempo agradavelmente letárgico; seria capaz de escorregar para uma soneca a qualquer momento. A perna que levou a pancada dá a sensação de ser enorme, realmente elephantina, mas não há dor.

A porta se abre e uma enfermeira aparece, uma cara nova, fresca. “Está melhor?”, pergunta e acrescenta depressa: “Não tente falar ainda. O dr. Hansen vai chegar daqui a um minuto para conversar. Enquanto isso, precisamos fazer uma coisa. Então vou pedir que o senhor fique bem tranqüilo enquanto eu...”.

Fica evidente que o que ela precisa fazer enquanto ele fica tranqüilo é inserir um cateter. É uma coisa desagradável de ser feita; ele fica contente que seja com uma estranha. *É isso que dá!*, ralha consigo mesmo. *Isso que dá ficar desatento um minuto que seja! E a bicicleta: o que aconteceu com a bicicleta? Como é que eu vou fazer compras agora? Culpa minha ter ido pela rua Magill!* E amaldiçoa a rua Magill, embora, na verdade, andasse de bicicleta pela rua Magill havia anos sem que tivesse acontecido nenhum acidente.

O que o jovem dr. Hansen quer apresentar a ele, ao chegar, é primeiro um rápido panorama geral de seu caso, para *mantê-lo atualizado*, e depois notícias mais específicas sobre a perna, em parte boas, em parte não tão boas.

Primeiro, quanto ao estado geral, diante do que pode acontecer e do que efetivamente acontece com o corpo humano quando é atingido por um carro em alta velocidade, ele está de parabéns por não ter sido *nada grave*. Na verdade, é a tal ponto o contrário de grave que ele pode se considerar um felizardo, protegido, abençoado. A batida provocou uma concussão, sim, mas ele foi salvo pelo capacete que estava usando. O monitoramento vai continuar, mas não há sinal de sangramento intracraniano. Quanto às funções motoras, os indícios preliminares são de que não foram afetadas. Perdeu algum sangue, mas isso foi substituído. Se está preocupado com a rigidez do maxilar, o maxilar não quebrou, está apenas ferido. A abrasão das costas e dos braços parece pior do que é, vai cicatrizar dentro de uma ou duas semanas.

Voltando à perna, então, a perna foi que recebeu a pancada, ele (o dr. Hansen) e seus colegas, afinal, não conseguiram salvar o joelho. Tiveram uma discussão rigorosa e a decisão foi unânime. O impacto — ele mostrará

depois o raio X — foi diretamente no joelho e houve mais um componente de rotação, de forma que a junta foi esmagada e torcida ao mesmo tempo. Em uma pessoa mais jovem, poderiam talvez ter optado por uma reconstrução, mas uma reconstrução dessa ordem exigiria uma série toda de operações, uma depois da outra, ao longo de um ano, talvez dois, com uma porcentagem de sucesso de menos de cinquenta por cento, de forma que, no fim das contas, considerando a idade dele, acharam melhor remover a perna exatamente acima do joelho, deixando um bom pedaço de osso para uma prótese. Ele (o dr. Hansen) espera que ele (Paul Rayment) aceite o equilíbrio dessa decisão.

“Você, com certeza, deve estar cheio de perguntas”, conclui ele, “e vou gostar de responder a todas, mas talvez não agora, melhor de manhã, depois que você dormir um pouco.”

“Prótese”, diz ele, outra palavra difícil, se bem que agora, sabendo que o queixo não está quebrado, apenas machucado, sente menos vergonha da dificuldade com as palavras.

“Uma prótese. Um membro artificial. Assim que a cirurgia estiver cicatrizada vamos adaptar uma prótese. Quatro semanas, talvez menos. Antes do que você espera vai estar andando de novo. De bicicleta também, se quiser. É só treinar um pouco. Alguma pergunta mais?”

Ele sacode a cabeça. *Por que não me perguntou primeiro?*, ele quer dizer; mas se pronunciar as palavras vai perder o controle, vai começar a gritar.

“Então converse com você de manhã”, diz o dr. Hansen. “Cabeça erguida!”

Isso não é tudo, porém. Não é o fim. Primeiro a violação, depois o consentimento à violação. Há papéis a assinar antes de ser deixado em paz, e os papéis resultam surpreendentemente difíceis.

A família, por exemplo. Quem é e onde está a família dele, perguntam os papéis, e como deve ser informada? E seguro-saúde. Qual é a sua seguradora? Que cobertura o seu plano proporciona?

O seguro não é problema. Está coberto de cabo a rabo, tem na carteira um cartão para provar isso, ele é acima de tudo prudente (*mas onde está a*

carteira, onde está a roupa?). A família é uma questão menos direta. Quem é sua família? Qual a resposta correta? Tem uma irmã. Ela morreu há doze anos, mas ainda vive nele ou com ele, assim como tem uma mãe que, nos momentos em que não está nele ou com ele, espera a trombeta dos anjos em seu jazigo no cemitério de Ballarat. Um pai também, mais distante em sua espera, no cemitério de Pau, que ele raramente vai visitar. Serão sua família, os três? *Aqueles de cuja vida se nasce não morrem*, ele gostaria de informar a quem formulou a pergunta. *Você leva esses com você, assim como espera ser levado por aqueles que vêm depois de você*. Mas o formulário não tem espaço para respostas extensas.

Porém pode ser mais assertivo sobre o fato de não ter esposa nem filhos. Foi casado uma vez, claro; mas a parceira nesse empreendimento não faz mais parte dele. Escapou dele, escapou-lhe inteiramente. Como ela conseguiu esse truque, ele não faz ainda nenhuma idéia, mas é assim que é: ela escapou para uma vida própria. Para todas as razões práticas, portanto, e certamente para os propósitos do formulário, ele não é casado: não casado, solteiro, solitário, sozinho.

Família: *NINGUÉM*, escreve em letras de fôrma, a enfermeira supervisionando, e traça uma linha nas outras perguntas, assina os formulários, os dois. “Data?”, pergunta à enfermeira. “2 de julho”, diz ela. Ele escreve a data. Funções motoras não afetadas.

Os comprimidos que aceita são destinados a amortecer a dor e fazê-lo dormir, mas ele não dorme. *Isto tudo* — esta cama estranha, este quarto nu, este cheiro de antisséptico e, ao mesmo tempo, de vaga urina — isto tudo não é um sonho, é a coisa real, a realidade real mesmo. No entanto, todo o dia de hoje, se tudo é o mesmo dia, se o tempo ainda significa alguma coisa, dá a sensação de um sonho. Decerto esta *coisa*, que agora ele inspeciona pela primeira vez debaixo do lençol, este objeto monstruoso enfaixado de branco e ligado a seu quadril, vem direto da terra dos sonhos. E aquela outra coisa, a coisa de que o jovem com aqueles óculos brilhando loucamente falou com tamanho entusiasmo — quando é que aquilo vai aparecer? Nunca em toda a vida viu uma prótese nua. A imagem que vem

à mente é a de um bastão de madeira com uma farpa na ponta como um arpão e ventosas de borracha nos três pezinhos. É surrealista. Saído de Dalí.

Estende a mão (os três dedos do meio estão enfaixados juntos, só agora ele nota) e aperta a coisa branca. Não tem nenhuma sensação. É como um toco de madeira. *É só um sonho*, diz a si mesmo e cai em sono muito profundo.

“Hoje vamos fazer você andar”, diz o jovem dr. Hansen. “Hoje à tarde. Não uma caminhada longa, só alguns passos para ver como se sente. Elaine e eu vamos ajudar.” Acena com a cabeça para a enfermeira. A enfermeira Elaine. “Elaine, você pode marcar com a ortopedia?”

“Não quero andar hoje”, diz ele. Está aprendendo a falar entre dentes cerrados. Não é só o maxilar que está machucado, os molares daquele lado também estão moles, não consegue mastigar. “Não quero que me apressem. Não quero uma prótese.”

“Tudo bem”, diz o dr. Hansen. “Não é da prótese que estamos falando mesmo, isso ainda está bem mais para a frente, agora é apenas reabilitação, o primeiro passo da reabilitação. Mas podemos começar amanhã ou depois de amanhã. Só para você ver que não é o fim do mundo perder uma perna.”

“Vou repetir: *não quero prótese.*”

O dr. Hansen e a enfermeira Elaine trocam olhares.

“Se não quer uma prótese, vai preferir o quê?”

“Prefiro me virar sozinho.”

“Tudo bem, assunto encerrado, não vamos apressar você para nada, prometo. Agora posso falar da sua perna? Posso falar sobre os cuidados com a perna?”

Cuidados com a minha perna? Ele está fervendo de raiva — será que não percebem? *Você me anestesiou, arrancou fora minha perna e jogou no*

lixo para alguém recolher e atirar no fogo. Como pode se pôr aqui na minha frente e falar de cuidados com a minha perna?

“Estendemos o músculo remanescente por cima da ponta do osso”, diz o dr. Hansen, usando as mãos em concha para demonstrar como fizeram, “e suturamos aqui. Assim que a ferida cicatrizar, o que nós queremos é que o músculo forme uma almofada em cima do osso. Durante os próximos dias, devido ao trauma e ao repouso no leito, vai haver uma tendência a edema e inchaço. Temos de cuidar disso. Vai haver também uma tendência do músculo de se retrair para o quadril, assim.” Ele se põe de lado, cutuca o traseiro. “Vamos combater isso com alongamento. Alongamento é muito importante. A Elaine vai mostrar para você alguns exercícios de alongamento e, se precisar, ela pode ajudar.”

A enfermeira Elaine assente com a cabeça.

“Quem fez isto comigo?”, ele pergunta. Não pode gritar porque não consegue abrir os maxilares, mas isso é conveniente, conveniente para sua raiva de dentes cerrados. “Quem me acertou?” Há lágrimas em seus olhos.

As noites não terminam nunca. Ele sente calor, sente frio; a perna, fechada em suas bandagens, coça e não dá para alcançá-la. Quando prende a respiração, consegue escutar o fantasmagórico arrepio da carne tentando cicatrizar de novo. Do lado de fora da janela fechada, um grilo canta para si mesmo. Quando o sono vem, é súbito e breve, como se rajadas de restos de anestésico subissem de seus pulmões para dominá-lo.

Noite ou dia, o tempo se arrasta. Há um aparelho de televisão na frente da cama, mas ele não se interessa pela televisão, nem pelas revistas que alguma agência gentil providenciou (*Who*, *Vanity Fair*, *Australian Homes & Gardens*). Olha o mostrador do relógio, grava a posição dos ponteiros na cabeça. Depois fecha os olhos, tenta pensar em outras coisas — na própria respiração, em sua avó sentada à mesa da cozinha depenando um frango, nas abelhas entre as flores, em qualquer coisa. Abre os olhos. Os ponteiros não se mexeram. É como se tivessem de abrir caminho através de cola.

O relógio está parado, mas o tempo não. Mesmo parado ali, pode sentir o tempo agindo sobre ele como uma doença mortal, como a cal viva que despejam em cima de cadáveres. O tempo o mastiga, devorando uma a uma as células que o constituem. Suas células estão se apagando como luzes.

Os comprimidos que lhe dão a cada seis horas varrem o pior da dor, o que é bom, e às vezes o fazem dormir, o que é melhor; mas também deixam sua cabeça confusa e introduzem tamanho pânico e terror em seus sonhos que ele resiste a tomá-los. *A dor não é nada*, diz a si mesmo, *só um alerta do corpo para o cérebro. A dor não é mais real que uma chapa de raio X.* Mas é claro que está errado. A dor é a coisa pra valer, não tem de pressionar muito para convencê-lo disso, não tem de pressionar nada, meramente enviar uma ou duas faíscas; depois disso ele logo se contenta com a confusão, com os sonhos ruins.

Mudaram alguém para seu quarto, um homem mais velho que ele, voltando de uma cirurgia no quadril. O homem fica o dia inteiro de olhos fechados. De vez em quando, uma dupla de enfermeiras fecha as cortinas em torno da cama e, discretamente, atende às necessidades corporais dele.

Dois velhotes; dois idosos no mesmo barco. As enfermeiras são boas, são gentis e alegres, mas por baixo de sua alegre eficiência ele consegue detectar — não está errado, já viu isso muitas vezes antes — uma indiferença real por seu destino, o seu e o de seu companheiro. No dr. Hansen, por baixo da gentil consideração, sente a mesma indiferença. É como se em algum nível inconsciente esses jovens que foram destacados para cuidar deles soubessem que eles não têm mais nada para dar à tribo e, portanto, não contam. *Tão jovens e tão desalmados!*, ele grita para si mesmo. *Como é que eu fui cair nas mãos deles? Melhor os velhos cuidarem dos velhos, os moribundos dos moribundos! E que loucura ser sozinho no mundo!*

Falam de seu futuro, insistem com ele para fazer exercícios que vão prepará-lo para esse futuro, infernizam-no para que saia da cama; mas para ele não há futuro, a porta para o futuro foi fechada e trancada. Se houvesse

um jeito de dar um fim a si mesmo por meio de alguma atitude puramente mental ele daria fim a si mesmo imediatamente, sem mais delongas. Está com a cabeça cheia de histórias de gente que busca o próprio fim — que metodicamente paga contas, escreve cartas de despedida, queima velhas cartas de amor, identifica chaves e depois, quando está tudo em ordem, veste a melhor roupa de domingo, engole os comprimidos que reservou para a ocasião, se instala direitinho na cama arrumada e compõe as feições para o esquecimento. Todos heróis que ninguém canta, ninguém louva. *Estou decidido a não dar trabalho.* A única coisa de que não podem cuidar é o corpo que deixam, o monte de carne que, depois de um ou dois dias, vai começar a feder. Se ao menos fosse possível, se ao menos fosse permitido, podiam pegar um táxi para o crematório, se instalar na frente da porta fatídica, engolir a dose, e depois, antes que a consciência se apagasse, apertar o botão que os precipitaria nas chamas e permitiria que saíssem do outro lado como nada além de uma pazada de cinza, quase sem peso.

Está convencido de que acabaria consigo se pudesse, agora, já. Mas, ao mesmo tempo que pensa nisso, sabe que não faria nada disso. É apenas a dor e as noites arrastadas, insones, neste hospital, nesta zona de humilhação, sem nenhum lugar para se esconder do olhar impiedoso dos jovens, que o fazem desejar a morte.

No final da segunda semana de sua estada na terra da brancura, toma consciência mais agudamente das implicações de ser solteiro, solitário e sozinho.

“O senhor não tem família?”, pergunta a enfermeira da noite, Janet, aquela que se permite brincar com ele. “Não tem amigos?” Ela torce o nariz ao falar, como se ele estivesse pregando uma peça em todo mundo.

“Tenho todos os amigos que podia desejar”, ele responde. “Não sou Robinson Crusoe. Só não quero ver nenhum deles.”

“Ver os amigos podia fazer o senhor se sentir melhor”, diz ela. “Daria uma levantada. Tenho certeza.”

“Vou receber visitas quando sentir vontade, obrigado”, diz ele.

Não é irascível por natureza, mas nesse lugar ele se permite crises de mau humor, de rabugice, de irascibilidade, uma vez que isso parece tornar mais fácil para seus tratadores deixá-lo em paz. *No fundo ele não é tão mau*, imagina Janet dizendo aos colegas. *Aquele velho peidorreiro!*, imagina os colegas respondendo, com um ronco de desdém.

Ele sabe que, *agora que está melhorando*, espera-se dele que experimente vulgares desejos por essas mulheres jovens, desejos que os pacientes homens, independentemente da idade, não conseguem evitar e que por isso emergirão em momentos inconvenientes e deverão ser eliminados tão depressa e decididamente quanto possível.

A verdade é que ele não tem esses desejos. Seu coração é tão puro como o de um bebê. Isso não lhe vale nenhum crédito entre as enfermeiras, claro, essa pureza de coração, nem ele espera que venha a valer. Ser um velho lascivo faz parte do jogo, um jogo que ele prefere não jogar.

Se recusa contato com amigos, é simplesmente porque não quer ser visto nesse novo estado restrito, humilhante e humilhado. Mas evidentemente, de uma forma ou de outra, as pessoas vão saber o que aconteceu. Mandam bons votos, até o visitam. Pelo telefone é fácil inventar uma história. *É só uma perna*, diz ele, com uma amargura que espera que não passe pela linha. *Vou andar de muleta durante algum tempo, depois com uma prótese*. Em pessoa, a cena é mais difícil de desempenhar, uma vez que a abominação pelo coto que terá de arrastar consigo de agora em diante está muito claramente escrita em seu rosto.

Desde a abertura do capítulo, do incidente na rua Magill até o presente momento, ele não se comportou bem, não esteve à altura da situação: isso está claro. Foi-lhe apresentada a oportunidade de ouro de dar um exemplo daquele que aceita de bom grado um dos golpes amargos do destino, e ele rejeitou. Fica morrendo de vergonha quando se lembra de que gritou *Quem fez isto comigo?* para o sem dúvida perfeitamente competente, embora bem comum dr. Hansen, parecendo querer dizer *Quem passou por cima de mim?*, mas afirmando de fato *Quem teve o descaramento de cortar fora minha perna?* Ele não é a primeira pessoa no mundo a sofrer um

acidente desagradável, não é o primeiro velho a se ver no hospital com bem-intencionados, mas, em última análise, indiferentes jovens desempenhando as ações de cuidar dele. Uma perna perdida: o que é perder uma perna, numa perspectiva mais ampla? Numa perspectiva ampla, perder uma perna não é mais que um ensaio para perder tudo. Com quem irá gritar quando esse dia chegar? A quem vai culpar?

Margaret McCord faz uma visita. Os McCord são seus amigos mais antigos em Adelaide; Margaret está incomodada por ter demorado tanto para ficar sabendo e cheia de virtuosa indignação contra quem quer que tenha feito isso com ele. “Espero que você processe”, diz ela. “Não tenho nenhuma intenção de processar”, ele responde. “Muitas possibilidades cômicas. *Quero minha perna de volta, senão...* Deixo esse lado para o pessoal da companhia de seguro.” “Está cometendo um erro”, diz ela, “as pessoas que dirigem sem cuidado têm de aprender uma lição. Acredito que vão colocar uma prótese. Hoje em dia fazem próteses tão maravilhosas que você logo vai estar andando de bicicleta outra vez.” “Acho que não”, ele responde. “Essa parte da minha vida acabou.” Margaret sacode a cabeça. “Que pena!”, diz. “Que pena!”

Bondade dela dizer isso, ele pensa depois. *Pobre Paul, coitado, que difícil o que você está tendo de passar!*: era isso que ela queria dizer, que ela sabia que ele entenderia que era o que queria dizer. *No fim, nós todos temos de enfrentar alguma coisa desse tipo*, ele gostaria de lembrar a ela.

O que o surpreende em toda a história do hospital é a velocidade com que a preocupação passa de consertar a perna (“Excelente!”, diz o dr. Hansen, apalpando o coto com um dedo lindamente manicurado. “Está cicatrizando muito bem. O senhor logo vai se sentir inteiro de novo.”) para a questão de como ele irá (palavras deles) se virar quando for solto no mundo de novo.

Indecentemente cedo, ou pelo menos lhe parece, uma assistente social, mrs. Putts ou Putz, entra em cena. “O senhor ainda é moço, mr. Rayment, Paul”, ela o informa com as maneiras alegres que deve ter aprendido a usar para tratar com os velhos. “Vai continuar querendo ser independente e isso,

é claro, é muito bom, mas durante um bom tempo vai precisar de cuidados, de uma enfermeira especializada, que nós podemos ajudar a arrumar. A longo prazo, mesmo quando estiver se movimentando, vai precisar de alguém à sua disposição, para dar uma mão, fazer as compras, cozinhar, fazer a limpeza etc. Tem alguém para isso?”

Ele pensa um pouco, sacode a cabeça. “Não, ninguém”, diz; com o que quer dizer — e acha que mrs. Putts entende — que não há ninguém que venha a considerar seu dever confuciano devotar-se a cuidar de suas necessidades, sua comida, limpeza etc.

O que lhe interessa na questão é o que ela revela de seu estado do ponto de vista de mrs. Putts, que deve ser mais franca com o pessoal médico do que foi com ele, mais franca e mais direta. Dessas conversas mais diretas ele evidentemente concluiu que mesmo *a longo prazo* não vai poder passar sem *uma mão*.

De seu próprio ponto de vista, no panorama que está traçando para si em seus momentos mais serenos, sua pessoa aleijada (palavra dura, mas por que se enganar?) irá, de alguma forma, com a ajuda de muletas ou de algum outro suporte, se virar no mundo, mais devagar que antes, talvez, mas o que importa agora se lento ou rápido? Mas essa não parece ser a opinião deles. Na visão deles, ao que parece, ele não é o tipo de amputado que domina seu novo estado transformado e geralmente se vira, e sim do tipo crepuscular, do tipo que, na ausência de apoio profissional, acabará em uma instituição de velhos e enfermos.

Se mrs. Putts estivesse preparada para ser sincera, ele teria sido sincero com ela. *Tenho pensado muito em me virar*, diria a ela. *Há muito tempo me preparei para isso; mesmo que o ruim fique ainda pior, vou ser capaz de me cuidar sozinho*. Mas as regras do jogo tornam difícil para ambos ser sincero. Se contar para mrs. Putts da caixa de Somnex no armário do banheiro de seu apartamento, por exemplo, ela vai se sentir na obrigação de, segundo as regras do jogo, confiá-lo a uma profissional para protegê-lo de si mesmo.

Ele suspira. “Na sua opinião, na opinião de uma profissional, mrs. Putts, Dorianne”, diz ele, “que atitudes a senhora sugere?”

“Vai ter de contratar alguém para tomar conta do senhor, com toda certeza”, diz mrs. Putts, “de preferência uma enfermeira particular, alguém com experiência em cuidar de fragilizados. Não que o senhor seja frágil, claro. Mas até poder se movimentar de novo, não vamos querer nos arriscar, não é mesmo?”

“Não, não vamos”, diz ele.

Fragilizado. Cuidar de fragilizados. Ele nunca havia pensado em si mesmo como frágil até ver os raios X. Achou difícil acreditar que aqueles ossinhos de aranha revelados nas chapas pudessem sustentá-lo de pé, que pudesse cambalear por aí sem que se quebrassem. Quanto mais alto, mais frágil. Alto demais para má sorte sua. *Nunca operei um homem tão alto*, dissera o dr. Hansen, *com pernas tão compridas*. E em seguida corou com a gafe.

“O senhor sabe, assim de improviso”, diz mrs. Putts, “se o seu seguro cobre cuidados com fragilizados?”

Uma enfermeira, mais uma enfermeira. Uma mulher com um chapeuzinho branco e sapatos confortáveis andando por seu apartamento, dizendo em tom alegre *Hora do comprimido, mr. R!* “Não, acho que meu seguro não cobre isso, não”, ele responde.

“Bom, então o senhor vai ter de arcar com isso, não é?”, diz mrs. Putts.

* Em francês, “frívolo”. (N. T.)

3.

Frívolo. Como ele se esforçou, aquele dia na rua Magill, para respeitar a palavra dos deuses, datilografada na máquina de escrever oculta deles! Relembrando, ele só pôde sorrir. Que estranho, que definitivamente antiquado, acreditar que a gente será avisada, quando chegar o momento, para colocar a alma em ordem. Quais seres poderiam restar, em qual canto do universo, interessados em conferir toda a contabilidade do leito de morte que ascende aos céus, débitos numa coluna, créditos na outra?

No entanto, *frívolo* não é uma má palavra para resumi-lo, à maneira como era antes do evento e pode ser ainda. Se no curso de uma vida ele não praticou nenhum mal significativo, também não praticou nenhum bem. Não vai deixar nenhum traço de sua passagem, nem mesmo um herdeiro para levar seu nome. *De passagem pelo mundo* — era assim, numa época anterior, que costumavam designar as vidas como a dele: cuidar de seus interesses, prosperar tranqüilamente, não atrair nenhuma atenção. Se não restar ninguém para julgar uma vida dessas, se o Maior Juiz de Todos desistiu de julgar e se retirou para aparar as unhas, então ele julgará a si mesmo: *uma oportunidade perdida*.

Nunca pensou que um dia teria boas coisas a dizer da guerra, mas ali em sua cama de hospital, consumindo tempo e sendo consumido, ele parece estar revendo suas opiniões. No arrasar de cidades, na pilhagem de tesouros, na matança de inocentes, em toda essa descuidada destruição, ele começa a detectar uma certa sabedoria, como se em seu nível mais profundo a História soubesse o que está fazendo. Abaixo o velho, abram alas para o novo! O que poderia ser mais egoísta, mais miserável — é isso especificamente que o atormenta — do que morrer sem filhos, terminando uma linhagem, furtando-se à grande obra da geração? Pior que miserável, de fato: antinatural.

Na véspera da alta, ele recebe uma visita-surpresa: o rapaz que se chocou com ele, Wayne alguma coisa, Bright ou Blight. Wayne veio ver como ele está passando, embora revele que não veio admitir erro nenhum. “Resolvi vir ver como o senhor está passando, mr. Rayment”, diz Wayne. “Sinto muito pelo que aconteceu. Foi muito azar.” Não é nenhum artista com as palavras, o jovem Wayne; mas seu pronunciamento é cautelosamente evasivo, como se tivesse sido alertado de que o quarto tem escuta. E, de fato, como ele fica sabendo depois, o pai de Wayne estava no corredor durante toda a visita, escutando. Sem dúvida instruiu Wayne antes: “Seja respeitoso com o velho filho-da-mãe, diga que sente muito, mas em hipótese alguma admita que fez alguma coisa errada”.

O que pai e filho dizem um para o outro em particular a respeito de andar de bicicleta em ruas movimentadas, ele pode imaginar muito bem. Mas lei é lei: mesmo velhos burros filhos-da-mãe em bicicletas têm o direito de não ser atropelados e Wayne e o pai sabem disso. Devem estar tremendo com a idéia de um processo, da parte dele ou da companhia de seguros. Deve ser por isso que Wayne escolhe as palavras tão judiciosamente.

Muito azar. Há um leque de respostas que ele consegue imaginar, a começar por *Não tem nada a ver com azar, Wayne, só com dirigir muito mal mesmo.* Mas de que adianta marcar pontos com um rapaz que não tem o poder de consertar o que foi esmagado? *Vá e não peque mais:* é o melhor

em que ele consegue pensar agora. O tipo de pronunciamento sentencioso, esquisito, de que os Blight, pai e filho, haveriam de caçar a caminho de casa. Ele fecha os olhos, desejando que Wayne vá embora.

Um acidente: algo que cabe a alguém, algo não intencional, não esperado. Por essa definição, ele, Paul Rayment, decerto sofreu um acidente. E Wayne Blight? Será que Wayne também teve um acidente? O que terá Wayne sentido, no instante em que o míssil que estava pilotando em uma névoa de música alta mergulhou na doce maciez de carne humana? Uma surpresa, sem dúvida, inesperada, não intencional; porém não desagradável, à sua maneira. Será que se pode dizer que o que ocorreu no malfadado cruzamento *se abateu* sobre Wayne? Se alguma coisa se abateu, foi, em sua opinião, Wayne que se abateu sobre ele.

Ele abre os olhos. Wayne ainda está ao lado da cama, gotas de suor no lábio superior. Claro! Na escola, devem ter martelado em cima de Wayne que não se sai da sala enquanto o professor não der um sinal de que a aula acabou. Que alívio deve ter sido para Wayne quando finalmente se viu livre da escola, dos professores e tudo, quando conseguiu pisar direto no acelerador, baixar o vidro e sentir o vento no rosto, mascar chiclete, aumentar o volume o mais alto que quisesse, gritar “Foda-se, cara!” aos velhos esquisitos ao passar correndo por eles! E agora ali está ele, constrangido outra vez, tendo de mostrar uma cara submissa, de caçar palavras que soem como desculpas.

Então a charada se resolve. Wayne está esperando um sinal e ele quer ver Wayne fora da sua vida. “Bondade sua ter vindo, rapaz”, diz, “mas estou com dor de cabeça e preciso dormir. Então, até logo.”

4.

A enfermeira do dia recomendada por Mrs. Putts chama-se Sheena. Sheena parece ter dezenove anos, mas seus documentos comprovam vinte e nove. Ela é gorda, de uma gordura dura, confiante, de toucinho, e sob todos os aspectos inabalavelmente bem-humorada. Ele desgosta dela imediatamente, não a quer, mas Mrs. Putts insiste. “É trabalho especializado, enfermeira particular”, diz Mrs. Putts. “Sheena já trabalhou com amputados. Seria bobagem sua dispensar a moça.” Então ele cede. Em troca, Mrs. Putts concorda que ele não precisa contratar uma enfermeira noturna, contanto que se inscreva em um serviço de emergência e mantenha um pager sempre à mão.

Ele tem o cuidado de não contrariar Mrs. Putts porque faz o que julga ser uma idéia precisa dos poderes de Mrs. Putts. Ela faz parte do sistema de saúde social. Saúde social significa cuidar de pessoas que não podem cuidar de si mesmas. Se, em algum momento, Mrs. Putts vier a decidir que ele é incapaz de cuidar de si mesmo, que precisa ser protegido da própria incompetência, que recurso ele teria? Não tem aliados para batalhar em seu favor. Só tem a si mesmo.

É possível, claro, que esteja superestimando a preocupação de mrs. Putts. Quando se trata de saúde social, quando se trata de cuidados e das profissões que lidam com cuidados, ele está, quase com certeza, desatualizado. No admirável mundo novo em que tanto ele como mrs. Putts renasceram, cuja divisa é *Laissez faire!*, talvez mrs. Putts não se veja nem como sua mantenedora, nem como guarda de seu irmão, ou de qualquer um. Se neste novo mundo os aleijados ou enfermos, os indigentes, os sem-teto querem comer da lata do lixo e estender seus colchonetes na entrada de prédio mais próxima, eles que façam isso: eles que se embrulhem bem e, se acordarem vivos na manhã seguinte, sorte deles.

Quando os homens da ambulância o levam para casa, Sheena está pronta à espera. É ela quem reorganiza o quarto para ele, supervisiona a faxineira, determina onde os pedreiros devem instalar as alças de apoio e assume o comando geral. Ela já elaborou para eles um horário dia a dia abrangendo refeições, exercícios e o que ela chama de SC, saúde do coto, tudo pregado com fita na parede acima da cabeça dele. Inclusos, há três intervalos, um no meio da manhã, outro ao meio-dia, um à tarde, rotulados de *SD TEMPO LIVRE*, durante o qual ela se retira à cozinha para relaxar. Guarda seus suprimentos na geladeira em uma prateleira que rotula como *SD PARTICULAR*. Para não morrer de tédio, mantém ligado o rádio na cozinha, em uma estação que alterna clamorosos anúncios com música bate-estaca. Quando ele lhe pede que abaixe o volume, ela abaixa o volume; mesmo assim, sem nenhum esforço, ele consegue ouvir.

O primeiro teste de suas capacidades físicas vem quando, com Sheena dando apoio a seu cotovelo, ele tenta usar o banheiro. É derrotado pela manobra de sentar: a perna esquerda, a perna que lhe restou, está fraca como uma pasta. Sheena aperta os lábios. “De volta para a cama já”, diz ela. “Vou trazer o troninho.”

Ela chama o penico de troninho; chama seu pênis de piupiu. Na metade de um banho de esponja, antes de lidar com o coto, faz uma pausa e assume uma voz de bebê. “Agora se ele quiser que a Sheena lave o

piupiu dele vai ter de pedir com muito jeitinho”, diz ela. “Senão ele vai pensar que Sheena é uma daquelas meninas sapecas. Das meninas sapecas.” E dá-lhe um tapa de brincadeira no braço para mostrar que é só uma piada.

Ele suporta Sheena até o final da semana, depois telefona para mrs. Putts. “Vou pedir a Sheena que não volte”, diz ele. “Não agüento essa moça. A senhora vai ter de me arrumar outra.”

Livrar-se de Sheena acaba não sendo assim tão fácil. Para conseguir abrandar o orgulho profissional dela, tem de desembolsar o salário de dois meses. Imagina quantas vezes em sua carreira de enfermeira ela já aprontou golpes nessa mesma escala. Talvez o rádio tenha sido apenas um golpe para enlouquecê-lo e o tatibitate também.

Depois de Sheena, ele é assistido por uma seqüência de enfermeiras da agência, enfermeiras que se chamam de *temps* e vêm um ou dois dias de cada vez. “Não pode me arrumar alguém fixo?”, ele pergunta a mrs. Putts pelo telefone. “Estou no meu limite”, diz mrs. Putts. “Está havendo uma grande demanda por tratamento de fragilizados. Seja paciente, o senhor está na minha lista A.”

Sua animação por ter escapado do hospital não dura muito. Cai em um mau humor e esse estado de espírito não vai embora. Não gosta de nenhuma das temporárias — não gosta de ser tratado como criança ou como idiota, não gosta das vozes animadas, alegres, que elas fingem para ele. “Como está hoje?”, dizem. “Muito bem”, dizem, mesmo quando ele não se dá ao trabalho de responder.

“Quando vamos colocar a perna?”, elas dizem. “Tão melhor que muleta, uma perna nova, verdade mesmo, quando se pega o jeito. O senhor vai ver.”

De irascível, ele passa a taciturno. Quer que o deixem em paz; não quer falar com ninguém; tem ataques do que considera choro seco. *Se ao menos viessem lágrimas de verdade!*, pensa. *Se ao menos eu pudesse me desaguar em lágrimas!* Agradece por aqueles dias em que por uma ou outra razão

ninguém aparece para tomar conta dele, mesmo que isso signifique ter de passar a bolachas e suco de laranja.

Culpa os analgésicos pela melancolia. O que é pior: a nuvem de melancolia na cabeça ou a dor no osso que o mantém acordado a noite inteira? Tenta passar sem os comprimidos e ignorar a dor. Mas a melancolia não desaparece. A melancolia parece ter se instalado, fazer parte do clima.

Antigamente, antes do acidente, não tinha o que se poderia chamar de temperamento melancólico. Podia ter sido solitário, mas só do jeito que certos animais machos são solitários. Havia sempre mais que o suficiente para mantê-lo ocupado. Tirava livros da biblioteca, ia ao cinema; cozinhava para si mesmo, até fazia o próprio pão; não tinha carro, mas andava de bicicleta ou caminhava. Se esse modo de vida fazia dele um excêntrico, era uma excentricidade que ficava dentro dos limites australianos. Era alto, bom de corpo, havia preservado uma certa energia rija; era o tipo de homem que podia durar até os noventa anos, com excentricidades e tudo.

Bem, ele ainda pode viver até os noventa, mas se isso acontecer não será por escolha. Perdeu a liberdade de movimentos e seria ingênuo pensar que ela algum dia lhe será restaurada, com ou sem membros artificiais. Nunca mais vai passear pela Black Hill, nunca mais irá pedalando ao mercado para fazer as compras, muito menos descer depressa de bicicleta pelas curvas do Montacute. O universo contraiu-se a esse apartamento e a um ou dois quarteirões em torno, e não vai se expandir de novo.

Uma vida circunscrita. O que Sócrates diria disso? Pode uma vida vir a ser tão circunscrita a ponto de não valer mais a pena ser vivida? Homens saem da prisão, depois de anos olhando a mesma parede vazia, sem que a melancolia tome posse de suas almas. O que há de tão especial em perder um membro? Uma girafa que perde uma perna certamente perecerá; mas girafas não têm as agências do Estado moderno, incorporadas em sras. Putts, a zelar por seu bem-estar. Por que ele não haveria de se conformar

com uma modesta vida circunscrita em uma cidade que não é inóspita com os idosos frágeis?

Não consegue responder a perguntas como essas. Não consegue dar respostas porque não está com vontade de dar respostas. É isso que quer dizer estar melancólico: num nível muito abaixo do jogo tremeluzente do intelecto (*Por que não isto? Por que não aquilo?*), ele, ele, o ele que ele às vezes chama de *você*, às vezes de *eu*, está inteiramente disposto a abraçar a escuridão, a imobilidade, a extinção. *Ele*: não aquele cuja mente costumava voar para cá e para lá, mas aquele que tem dor a noite inteira.

Claro que ele não é um caso especial. Tem gente perdendo membros ou o uso de membros todos os dias. A História está cheia de marinheiros de um braço só e de inventores em cadeiras de rodas; de poetas cegos e reis malucos também. Mas, no caso dele, o corte parece ter distinguido o passado do futuro com uma clareza de tal forma incomum que dá um novo sentido à palavra *novo*. Sob o signo desse corte, que uma nova vida começa. Se você até agora foi um homem, com uma vida de homem, pode daqui por diante ser um cão, com uma vida de cão. É isso que a voz diz, a voz que sai da nuvem escura.

Ele desistiu? Quer morrer? É a isso que se resume? Não. A questão é falsa. Ele não *quer* cortar os pulsos, não *quer* engolir quatro ou vinte Somnex, não *quer* se atirar da sacada. Não *quer* a morte porque não *quer* nada. Mas, se acontecer de Wayne Blight o atropelar uma segunda vez e jogá-lo voando pelo ar tão cheio de graça, ele tomará o cuidado de não se salvar. Nada de rolar com o golpe, nada de se pôr de pé. Se tiver um último pensamento, se houver tempo para um último pensamento, será simplesmente: *Então é assim que é um último pensamento*.

Desatado: essa é a palavra que lhe volta de Homero. A lança espatifa o esterno, o sangue jorra, os membros se desatam, o corpo cai como um boneco de madeira. Bem, os membros se desataram e agora seu espírito também está desatado. Seu espírito está pronto para tombar.

A segunda candidata de mrs. Putts para tempo integral chama-se Marijana. De origem, é croata, informa durante a entrevista. Deixou para trás a terra de seu nascimento faz doze anos. Estudou na Alemanha, em Bielefeld; quando veio para a Austrália obteve um diploma da Austrália do Sul. Além de enfermeira particular, ela é faxineira para, conforme diz, “ganhar um extra”. O marido trabalha em uma montadora de automóveis; vivem em Munno Para, ao norte de Elizabeth, a meia hora da cidade, de carro. Têm um filho no colegial, uma filha na escola secundária, uma terceira que ainda não está em idade escolar.

Marijana Jokić é uma mulher de rosto pálido que, se não exatamente de meia-idade, exibe na cintura um engrossamento que é bem matronal. Veste um uniforme azul-celeste que ele acha um alívio depois de toda aquela brancura, com manchas de umidade debaixo dos braços; fala um inglês australiano aproximado, cheio de consoantes eslavas, e tem um domínio incerto dos artigos definidos e indefinidos, coloridos por gíria que ela deve captar dos filhos, que devem captar dos colegas de classe. É uma variante de língua com a qual ele não está familiarizado; e de que gosta bastante.

O arranjo feito entre ele e mrs. Jokić, com a mediação de mrs. Putts, é que ela trabalhará seis dias por semana, de segunda a sábado, dedicando a ele nesses dias todo o âmbito de seus conhecimentos de cuidados pessoais. Aos domingos, ele terá de contar com o serviço de emergência. Enquanto sua capacidade de deslocamento estiver restrita, ela o atenderá não só como enfermeira, mas cuidará também das necessidades do dia-a-dia, o que quer dizer sair para as compras, cozinhar e fazer a limpeza mais leve.

Depois das desventuras com Sheena, ele não tem grandes esperanças com a senhora dos Bálcãs. Nos dias seguintes, porém, descobre-se relutantemente agradecido pela chegada dela. Mrs. Jokić — Marijana — parece capaz de intuir as coisas para as quais ele está pronto e para as quais não está. Trata-o não como um velho idiota e senil, mas como um homem de movimentos limitados por uma mutilação. Pacientemente, sem fala de bebê, ela o ajuda em suas abluções. Quando ele diz que quer ficar sozinho, ela sai.

Ele reclina; ela desenrola a coisa, o coto, e passa um dedo por aquela face nua. “Boas suturas”, diz. “Quem fez suturas?”

“O dr. Hansen.”

“Hansen. Não conheço Hansen. Mas é bom. Bom cirurgião.” Ela avalia o peso do coto judiciosamente com uma mão, como se fosse uma melancia. “Bem-feito.”

Ensaboa-o, lava-o. A água morna faz surgir um enrubescimento. Está começando a parecer menos como um presunto defumado do que algo como um peixe cego de água profundas; ele desvia os olhos.

“Você vê muitas operações malfeitas?”, pergunta.

Ela aperta os lábios, separa as mãos em um gesto que lembra a mãe dele. *Talvez, diz o gesto dela; depende.*

“Vê muita coisa... assim?” Com as pontas dos dedos, toca muito de leve a si mesmo.

“Claro.”

Ele fica interessado em observar até que ponto a conversa é desprovida de duplo sentido.

Para si mesmo, não chama aquilo de coto. Gostaria de não chamar de nome nenhum; gostaria de não pensar naquilo, mas não é possível. Se tem um nome para aquilo, é *le jambon*. * *Le jambon* mantém uma boa distância desdenhosa.

Ele divide as pessoas com quem tem contato em duas categorias: os poucos que viram o coto e o resto, aqueles que agradecidamente nunca o verão. Parece-lhe uma pena que Marijana deva cair tão cedo e tão decididamente na primeira categoria.

“Não entendi por que não puderam deixar o joelho”, ele reclama com ela. “Osso cresce. Mesmo que a junta estivesse quebrada, podiam ter tentado reconstruir. Se eu soubesse a diferença que faz perder o joelho nunca teria dado consentimento. Não me disseram nada.”

Marijana sacode a cabeça. “Reconstrução”, diz ela, “cirurgia muito difícil, muito difícil. Anos e anos entra e sai de hospital. Para paciente,

sabe, mais velho, eles não gostam de reconstrução. Só para moço. Para quê, hã? Para quê?”

Ela o coloca entre os velhos, entre aqueles que não vale a pena salvar — salvar a junta do joelho, salvar a vida. Onde, ele imagina, ela encaixaria a si mesma: entre os jovens?, entre os não velhos?, os nem tão jovens, nem tão velhos?, os que nunca envelhecem?

Raramente viu alguém se dedicar tão completamente a seus deveres como Marijana. A lista com que sai às compras volta com os recibos de caixa nela pregados, cada item riscado ou, quando tem de mudar, anotados em sua boa caligrafia de Velho Mundo com os números 1 farpados, os 7 cruzados e os 9 pernudos. Da tempestade de sua atividade na cozinha emergem refeições que são invariavelmente apetitosas.

Aos amigos que telefonam para saber como está indo, ele se refere a Marijana simplesmente como a *enfermeira diurna*. “Contratei uma enfermeira diurna muito competente”, diz ele. “Ela faz as compras e cozinha também.” Não se refere a ela como *Marijana* para que não soe muito familiar; nas conversas com ela, continua a chamá-la de mrs. Jokić, assim como ela o chama de *mr. Rayment*. Gosta do nome dela, com suas quatro sílabas cheias, intransigentes. *Marijana vai chegar de manhã*, diz a si mesmo quando sente a nuvem de melancolia baixando de novo. *Controle-se!*

Ainda não sabe se gosta de Marijana, a mulher, tanto quanto gosta do nome dela. Objetivamente, ela não é atraente. Mas na companhia dele ela parece ter a capacidade de anular o sexo. É rápida, é eficiente, é alegre: essa é a cara que ela mostra a ele, seu patrão, que é a cara pela qual ele paga e com que deve se contentar. Então, ele desiste de ser irascível e se esforça por encontrá-la com um sorriso. Gostaria que ela pensasse bem dele em todos os aspectos. Se ela não flerta, ele não se importa. É melhor que a menção engraçadinha ao piupiu dele.

Algumas manhãs, ela traz com ela a filha mais nova, a que ainda não está na escola. Embora nascida na Austrália, o nome da menina é Ljuba, Ljubica. Ele gosta do nome, aprova-o. Em russo, se não se engana, *lyubov*

quer dizer amor. É como chamar uma menina de Aimée ou, melhor ainda, de *Amour*.

O filho dela, o primeiro, ela informa, acabou de completar dezesseis anos. Dezesseis: ela deve ter se casado jovem. Ele está em processo de revisar sua estima por ela. Mais que não desprovida de atrativos, ela é, às vezes, uma mulher positivamente bonita, de boa constituição, sólida, com cabelo castanho, olhos escuros, pele cor de oliva mais que pálida; uma mulher de bom porte, ombros retos, seios para a frente. *Orgulhosa*, ele pensa, caçando uma palavra em inglês que capte o que ela é. Os dentes, amarelados de nicotina, são sua única falha objetiva. Ela fuma à maneira da velha Europa não reconstruída, embora por causa dele se retire para a sacada.

Quanto à menina, é uma beleza, de cachos escuros, pele perfeita e olhos que cintilam com o que só pode ser inteligência. Lado a lado as duas fazem uma bela figura. E se dão bem também. Enquanto está cozinhando, Marijana ajuda a filha a assar bolinhos ou biscoitos de gengibre. Da cozinha vem o murmúrio constante de suas vozes. Mãe e filha: os protocolos da feminilidade passando adiante, de geração em geração.

* Em francês, “o presunto”. (N. T.)

5.

Passam as semanas; ele se acomoda ao regime de cuidados de Marijana. Toda manhã ela o orienta nos exercícios, massageia os músculos debilitados e debilitantes; discretamente o ajuda naquilo que ele não pode fazer sem uma ajuda, no que nunca aprenderá a fazer sem ajuda. Quando ele está a fim de ouvir, ela está pronta a falar — sobre o trabalho, sobre sua experiência na Austrália. Quando ele se cala, ela se contenta em ficar quieta também.

O amor que ele pudesse ter tido pelo próprio corpo há muito desapareceu. Não tem interesse em consertá-lo, fazer com que volte a alguma eficiência ideal. O homem que era é apenas uma lembrança, e uma lembrança que depressa se apaga. Ainda tem a sensação de ser uma alma com uma vida anímica não diminuída; quanto ao resto, ele é apenas um saco de sangue e ossos que é forçado a carregar.

Nesse estado, é tentador abandonar todo decoro. Mas ele resiste à tentação. Faz o que pode para manter a decência e Marijana o apóia. Quando não dá para evitar a nudez, ele desvia os olhos para ela ver que ele

não está vendo quando ela o vê. O que tem de ser feito em particular, ela faz o possível para garantir que seja feito em particular.

Ele está procurando ser um homem nisso tudo, mesmo que um homem diminuído; e não podia estar mais claro que Marijana entende e concorda. Onde ela adquiriu essa delicadeza, ele imagina, uma delicadeza que suas predecessoras tão claramente não tinham? Em Bielefeld, na escola de enfermagem? Talvez; mas ele desconfia que venha de fontes mais profundas. *Uma mulher decente*, pensa consigo, *inteiramente decente*. Uma das melhores coisas que aconteceram com ele, Marijana Jokić ter entrado em sua vida.

“Me diga se dói”, diz ela quando aperta com os polegares os músculos das coxas obscenamente reduzidos. Mas nunca dói; ou, se dói, a dor é tão parecida com prazer que ele não consegue identificar a diferença. *Uma intuitiva*, ele pensa. Por intuição, pura e simples, ela parece saber o que ele sente, como o corpo dele irá reagir.

Um homem e uma mulher em uma tarde quente, por trás de portas fechadas. Podiam estar realizando um ato sexual. Mas não é nada disso. É apenas enfermagem, apenas cuidados.

Uma frase da aula de catecismo de meio século atrás flutua em sua mente: *não haverá mais homem e mulher, mas...* Mas o quê — o que seremos quando estivermos além de homem e mulher? Impossível para a mente mortal conceber. Um dos mistérios.

As palavras são de são Paulo, disso ele tem certeza — são Paulo, seu xará, seu santo padroeiro, explicando como será além da vida, quando todos amarão a todos com um amor puro, como o amor de Deus, apenas não tão feroz, não tão consumidor.

Ele, ai, ainda não é nenhum ser espiritual, mas um homem de algum tipo, do tipo que fracassa ao realizar aquilo que o homem é trazido ao mundo para realizar: procurar sua metade, penetrá-la e abençoá-la com sua semente — semente que, na alegoria ou talvez na analogia desenvolvida por irmão Aloísio, ele esquece qual, representa a palavra de Deus. Um homem não inteiramente homem, portanto: um meio-homem, um pós-

homem, como uma pós-imagem; o fantasma de um homem que olha para trás e lamenta o tempo mal utilizado.

Seus avós Rayment tiveram seis filhos. Seus pais tiveram dois. Ele não tem nenhum. Seis, dois, um ou nenhum: a toda a sua volta, vê a miserável seqüência repetida. Costumava pensar que fazia sentido: em um mundo superpovoado, a ausência de filhos certamente era uma virtude, como a serenidade, como a paciência. Agora, ao contrário, a ausência de filhos lhe parece loucura, uma loucura de manada, um pecado mesmo. Que bem maior pode existir além de mais vida, mais almas? Como o céu vai se encher se a terra pára de mandar suas cargas?

Quando chegar ao portão, são Paulo (para outras almas novas poderá ser Pedro, mas para ele será Paulo) estará esperando. “Me abençoe, pai, porque pequei”, ele dirá. “E como pecou, meu filho?” Ele então não terá palavras a dizer, a não ser mostrar as mãos vazias. “Que sujeito triste”, Paulo dirá, “você é um sujeito triste, triste. Não entendeu por que lhe foi dada a vida, o maior dom de todos?” “Quando eu estava vivo eu não entendi, pai, mas agora entendo, agora que é tarde demais; e acredite, pai, eu me arrependo, me arrependo de mim, *je me repens*, e amargamente, sim.” “Então passe”, Paulo dirá, e dará um passo de lado: “na casa de nosso Pai há lugar para todos, mesmo para a ovelha estupidamente solitária.”

Marijana podia tê-lo endireitado, se ele tivesse encontrado Marijana a tempo, ela é da Croácia católica. Do ventre de dois, Marijana e seu esposo, nasceram três — três almas para o céu. Uma mulher construída para a maternidade. Marijana o teria auxiliado a sair da falta de filhos. Marijana podia ser mãe de seis, dez, doze e ainda ter amor sobrando, amor materno. Mas é tarde demais agora: que triste, que pena!

6.

Ele saiu do hospital com um par de muletas de antebraço e uma coisa chamada andador Zimmer, um suporte de alumínio de quatro pés para usar no apartamento. O equipamento é emprestado, deve ser devolvido quando não mais necessário, quer dizer, quando ele se diplomar em formas superiores de mobilidade ou morrer.

Há outras ajudas que se podem obter (ele descobre no folheto), que vão desde um aparelho que acrescenta rodas e um freio de segurança ao suporte quadrangular Zimmer até um veículo propulsionado a motor de bateria, com barra de direção e uma capota de chuva conversível, destinada a aleijados avançados. Se quiser um desses aparelhos mais luxuosos, porém, terá de adquirir por conta própria.

Com os cuidados de Marijana, aquilo que ela gosta de chamar de perna vai, dia a dia, perdendo a cor furiosa e o ar congestionado. As muletas estão se transformando em uma segunda natureza, embora ele se sinta mais seguro apoiado no andador. Quando está sozinho, vaga de cômodo em cômodo com as muletas, pensando que se trata de exercício, quando na verdade é apenas inquietação.

Visita o hospital para checkups semanais. Em uma dessas visitas, sobe no elevador com uma velha, curvada, com nariz de gavião e pele escura, mediterrânea. Pela mão leva uma versão mais jovem de si mesma, de ossos pequenos, quase tão morena, usando chapéu de abas largas e óculos escuros tão grandes que escondem a parte superior de seu rosto. Apertado contra a mulher mais jovem, ele tem tempo, antes de sair, de aspirar o perfume bastante sufocante de gardênia e de notar que, estranhamente, ela está usando o vestido pelo avesso, com as instruções de lavagem a seco à mostra como uma ousada bandeirinha.

Uma hora depois, ao sair do hospital, observa a dupla de novo, enfrentando dificuldades com a porta giratória. Quando chega à rua, só consegue enxergar o grande chapéu preto oscilando na multidão.

A imagem delas permanece dentro dele: a megera levando a princesa vestida às pressas em um sonâmbulo passeio enfeitado. Não tão jovem para ser princesa, talvez, mas atraente mesmo assim: de carne macia, *mignon*, seios fartos, o tipo de mulher que ele imagina que dorme até o meio-dia e como café-da-manhã come bombons servidos em uma bandeja de prata por um menino escravo de turbante. O que será que fez para precisar esconder o rosto?

É a primeira mulher a despertar seu interesse sexual desde o acidente. Ele tem um sonho no qual ela está de alguma forma presente embora não se revele. Em absoluto silêncio, uma rachadura se abre no chão e avança para ele. Duas vastas ondas de poeira sobem no ar. Ele tenta correr, mas as pernas não se movem. *Socorro!*, sussurra. Com cegos olhos negros, a velha, a megera, olha fixamente para ele e através dele. Murmura insistentemente uma palavra que ele não consegue captar, algo como *Toomderoom*. A terra debaixo de seus pés cede, ele afunda.

Margaret McCord telefona. Sente muito não ter mantido contato, está fora da cidade. Pode levá-lo para almoçar, talvez, no domingo? Podiam dar um passeio de carro pelo vale Barossa. Infelizmente, o marido dela não poderá ir junto: está fora do país.

Ele adoraria ir, responde, mas, ai, acha que a viagem longa de carro seria como um calvário.

“Então quer que eu só apareça aí?”, ela pergunta.

Anos atrás, depois do divórcio, ele teve um breve relacionamento com Margaret. Segundo ela, em quem ele não confia necessariamente, o marido nada sabe dessas intimidades.

“Por que não?”, diz ele. “Venha no domingo. Venha jantar. Tenho um canelone excelente que minha enfermeira preparou.”

Eles comem na sacada, numa noite bastante fresca, em meio aos chamados de despedida dos pássaros, com velas de citronela piscando em cima da mesa. Há um certo constrangimento: o que aconteceu um dia entre eles não está de forma alguma esquecido. Margaret não menciona o marido ausente.

Ele conta a Margaret como foi o período sob as ordens de Sheena; conta de mrs. Putts, a assistente social, que o preparou para a vida após a morte em todos os aspectos, menos sexo, tópico que ela se sente modesta demais para abordar, ou talvez considere inadequado para um homem de sua idade.

“E é inadequado?”, pergunta Margaret. “Sinceramente?”

Sinceramente, ele responde, ainda não sabe dizer. Não está incapacitado, se é isso que ela está perguntando. Sua coluna está intacta, assim como as ligações nervosas relevantes. A pergunta ainda não respondida é se ele será capaz de realizar os movimentos necessários ao participante ativo de um par sexual. Uma segunda questão, correlata, é se a vergonha e o embaraço não vão suplantar o prazer.

“Eu pensei”, diz Margaret, “que dadas as circunstâncias você poderia ser dispensado de desempenhar o papel ativo. Quanto à segunda questão, como é que você vai descobrir se não tentar? Mas por que você ficaria envergonhado? Não é assim como se você tivesse lepra. Você só sofreu uma amputação. Amputados podem ser bem românticos. Pense em todos aqueles filmes de guerra: homens que voltam da guerra com tapa-olhos, ou

com a manga vazia presa com alfinete no peito, ou de muletas. As mulheres caíam em cima deles.”

“Um amputado apenas”, diz ele.

“É. Você foi vítima de um acidente, de uma colisão. Não é vergonha nenhuma, nada censurável. Depois disso, você teve uma perna amputada. Parte da perna. Parte de uma estúpida parte do corpo. Só isso. Você ainda tem saúde. Ainda é você mesmo. É o mesmo homem bonito, saudável que sempre foi.” Ela lhe dá um sorriso.

Eles podem testar no quarto agora mesmo, os dois, testar se ele ainda é o homem que sempre foi, testar se mesmo com uma parte do corpo faltando o prazer pode superar seu oposto. Margaret não seria avessa, disso ele tem certeza. Mas o momento passa e eles não aproveitam, coisa que, depois, olhando em retrospecto, ele agradece. Não quer se tornar objeto da caridade sexual de mulher nenhuma, por mais bem-intencionada. Nem gostaria de se expor ao olhar de alguém de fora, mesmo que seja uma amiga de outros tempos, mesmo que ela afirme que acha amputados românticos, este novo corpo não amável dele, isto é, não apenas a coxa brutalmente encurtada, mas os músculos flácidos e a obscena barriguinha que inchou feito um balão. Se ele algum dia for para a cama com uma mulher, vai ter o cuidado de que seja no escuro.

“Recebi uma visita”, ele conta a Marijana no dia seguinte.

“É?”, diz Marijana.

“Talvez haja outras visitas”, continua, sombrio. “Mulheres, quero dizer.”

“Para morar com senhor?”, diz Marijana.

Para viver com ele? A idéia nunca lhe ocorrera. “Claro que não”, diz. “Amigas apenas, mulheres amigas.”

“Muito bom”, diz ela e liga o aspirador.

Marijana, ao que parece, pouco se importa se ele recebe mulheres no apartamento. Não tem nada a ver com o que ele apronta com o tempo dele. E o que tanto poderia aprontar afinal?

Ao contrário de Margaret, Marijana nunca o viu como era antes. Para ela, ele é simplesmente o cliente mais recente, um velho de pele clara, de

músculos frouxos e muletas. Mesmo assim, sente vergonha de Marijana, e de sua filha também, como se a corada boa saúde da mãe e a angélica clareza da menina estivessem fazendo um duplo julgamento dele. Vê-se evitando o olhar da menina, se escondendo na poltrona em um canto da sala como se o apartamento pertencesse às duas mulheres e ele fosse algum tipo de praga, algum roedor que conseguiu entrar.

A visita de Margaret deflagra uma série de devaneios sobre mulheres. Todos de colorido sexual; em alguns, ele e a mulher chegam a ir para a cama. Nesses devaneios, seu corpo novo e alterado não é mencionado em palavras, nem visto; está tudo bem, é tudo como antes. Mas a mulher com quem ele está não é Margaret. É, na maioria das vezes, a mulher que viu no elevador, aquela de óculos escuros e roupa pelo avesso. *Seu vestido*, diz para ela, *deixe eu ajudar a arrumar*. Ela levanta a mão para tirar os óculos. *Tudo bem*, diz ela. A voz é grave, os olhos, piscinas escuras nas quais ele mergulha.

7.

No trabalho, Marijana usa não uma touca de enfermeira, mas um lenço de cabeça como qualquer boa dona-de-casa dos Bálcãs. Ele aprova o lenço, como aprova qualquer demonstração de que ela não se livrou do Velho Mundo em favor do Novo.

Sem falar de criminosos de guerra diversos e do jogador de tênis alto com o saque forte cujo nome lhe escapa (Ilja? Ilić? Roman Ilić?), os croatas são gente desconhecida para ele. Iugoslavos são outra coisa. Deve ter cruzado com dezenas de iugoslavos na época em que ainda existiam iugoslavos; mas evidentemente nunca lhe ocorreu perguntar a eles que tipo de iugoslavo eram.

Onde é que Marijana se encaixa no quadro iugoslavo, Marijana e seu marido que monta carros? De que estavam fugindo quando fugiram do velho país? Ou seria simplesmente o caso de, cansados e enjoados de tanto conflito, eles terem empacotado suas coisas e atravessado a fronteira em busca de uma vida melhor, mais pacífica? E se não encontraram uma vida melhor, mais pacífica, na Austrália, onde a encontrarão?

Marijana conta-lhe sobre o filho, cujo nome é Drago, mas que é conhecido pelos amigos como Jag. Para o recente aniversário de dezesseis anos dele, o marido comprou para Drago uma motocicleta. Um grande erro, na opinião de Marijana. Agora Drago sai toda noite, não faz a lição de casa, pula refeições. Ele e os amigos ficam nas ruas laterais, apostando corrida, praticando derrapagens e sabe Deus o que mais. Ela tem medo de que ele quebre algum membro ou coisa pior.

“Seu filho já é um rapaz”, ele diz a Marijana. “Está se experimentando. Não se pode impedir rapazes de explorar seus limites. Querem ser os mais rápidos. Querem ser os mais fortes. Querem ser admirados.”

Não conhece Drago, provavelmente nunca conhecerá. Mas gosta da atitude de Marijana, gosta dessa transparência: bem-educada demais para se vangloriar do filho, em vez disso ela reclama da rebeldia, da temeridade dele, de sua *joie de vivre*, de que ele será a ruína dela.

“Se quer dar um susto em Drago”, sugere, não inteiramente a sério, “traga ele aqui um dia. Eu mostro a perna para ele.”

“Acha que ele escuta, mr. Rayment? Ele diz não é nada, só acidente de bicicleta.”

“Mostro para ele o que sobrou da bicicleta também.”

Ele ainda tem a bicicleta no depósito do andar de baixo, a roda de trás dobrada em duas, as varetas enroladas nos suportes. Ninguém se deu ao trabalho de roubá-la afinal, aquele dia na rua Magill, embora tenha ficado na sarjeta até a noite. Depois a polícia a levou. Recolheram também a caixa de plástico que estava amarrada ao bagageiro, junto com uma parte das compras matinais: uma lata de grão-de-bico com um afundamento, duzentos e cinquenta gramas de brie que derreteu ao sol e depois endureceu. Ele guardou a lata como lembrança, um *memento mori*. Está numa prateleira da cozinha. Vai mostrar a lata para Drago, diz a Marijana. *Imagine se fosse sua cabeça*, dirá a ele. E depois: *Pense um pouco na sua mãe. Ela se preocupa com você. É uma boa mulher. Quer que você tenha uma vida longa e feliz.* Ou talvez não diga que ela é uma boa mulher coisa nenhuma. Se o filho não sabe, quem é ele, um estranho, para dizer?

Na manhã seguinte, Marijana traz uma fotografia: Drago de pé ao lado da motocicleta em questão, de botas e jeans apertados, debaixo do braço um capacete com um raio pintado. *Um pão*, como costumavam dizer as moças antigamente, assim como para sua mãe devia ter sido *um broto*. Sem dúvida vai partir muitos corações.

“Que planos tem o seu filho?”, ele pergunta.

“Ele quer Academia da Força de Defesa. Quer ser marinheiro. Consegue bolsa de estudos para isso.”

“E sua filha, sua filha mais velha?”

“Ah, ela muito nova para planos, cabeça nas nuvens.”

Agora ela tem uma pergunta para ele, que levou um tempo surpreendentemente longo para chegar. “Senhor não tem filhos, mr. Rayment?”

“Não, ai, ai, não. Não chegamos a isso, eu e minha esposa. Tínhamos outras coisas na cabeça, outras ambições. E depois, sem a gente perceber, nos divorciamos.”

“E senhor nunca pensa nisso depois?”

“Ao contrário, pensei cada vez mais, principalmente quando fiquei mais velho.”

“E esposa? Ela pensa nisso?”

“Minha esposa casou de novo. Casou com um divorciado que tinha filhos. Tiveram um filho juntos e viraram uma dessas famílias modernas, complicadas, em que todo mundo chama todo mundo pelo primeiro nome. Então, não, minha esposa não pensa em nós não termos filhos, em eu não ter filhos. Minha ex-mulher. Não tenho muito contato com ela. Não foi um casamento feliz.”

Está tudo dentro dos limites, o que está se passando entre eles, dentro dos limites do pessoal impessoal. Uma conversa entre um homem e uma mulher, uma mulher que por acaso é a enfermeira, ajudante de compras, faxineira e empregada geral do homem, os dois se conhecendo melhor em um país em que todas as pessoas são iguais, e todas as crenças. Marijana é católica. Ele não é mais nada. Mas neste país uma coisa é tão boa quanto

outra, catolicismo ou nada. Marijana pode não aprovar pessoas que casam e descasam e nunca chegam a ter filhos, mas ela é esperta o suficiente para calar sua reprovação.

“Então quem vai tomar conta de senhor?”

Uma estranha pergunta. A resposta óbvia é: *Você, você vai tomar conta de mim no futuro imediato, você ou qualquer outra pessoa que eu empregue para esse fim.* Mas provavelmente existe uma forma mais caritativa de interpretar a pergunta — como *Quem vai ser seu apoio e suporte?*, por exemplo.

“Ah, eu me cuido sozinho”, ele responde. “Não espero uma velhice longa.”

“Tem família em Adelaide?”

“Não, em Adelaide não. Tenho família na Europa, acho, mas perdi o contato com eles há muito tempo. Eu nasci na França. Não contei? Me trouxeram para a Austrália quando era criança, minha mãe e meu padrasto. Eu e minha irmã. Eu tinha seis anos. Minha irmã tinha nove. Ela já morreu. Morreu cedo, de câncer. Então, não, não tenho família para cuidar de mim.”

E deixam as coisas assim, ele e Marijana, a conversa de particularidades. Mas a pergunta dela fica ressoando na cabeça dele: *Quem vai tomar conta do senhor?* Quanto mais encara as palavras *tomar conta de*, mais inescrutáveis parecem. Lembra-se de um cachorro que tinham quando era criança, em Lourdes, deitado em seu cestinho nos últimos estágios da cinomose, ganindo sem parar, o focinho quente e seco, os membros trêmulos. “*Bon, je m’en occupe*”, disse seu pai a certo momento e pegou o cachorro, com cesto e tudo, e saiu da casa. Cinco minutos depois, ele ouviu na floresta o estampido chato de uma espingarda, e acabou-se, nunca mais viu o cachorro. *Je m’en occupe*: eu cuido disso; eu cuido disso; eu faço o que tem de ser feito. Esse tipo de cuidado, com uma arma, não era decerto o que Marijana tinha em mente. Mesmo assim, ficou englobado naquela frase, esperando vazar. Se assim é, então o que significa sua resposta: *Eu me cuido sozinho?* Será que tomar conta, o tomar conta de

que ele falou compreende vestir seu melhor terno e engolir a caixa de comprimidos, dois de cada vez, com um copo de leite quente, e deitar na cama com as mãos cruzadas no peito?

Ele tem muitos arrependimentos, está cheio de arrependimentos, eles voltam toda noite como lembretes. O principal deles é o arrependimento de não ter tido um filho. Seria bom ter uma filha, meninas têm um encanto próprio, mas o filho que ele não tem é de quem realmente sente falta. Se ele e Henriette tivessem tido um filho logo, enquanto ainda se amavam, ou estavam enamorados um do outro, ou se importavam um com o outro, esse filho agora teria trinta anos, um homem independente. Inimaginável, talvez; mas o imaginável está aí para ser imaginado. Imagine os dois, então, saindo para um passeio, pai e filho, conversando disto e daquilo, conversa de homens, nada sério. Durante uma dessas conversas ele deixaria escorregar uma observação, uma dessas observações indiretas que as pessoas fazem nos momentos em que as palavras verdadeiras são difíceis demais de pronunciar, sobre ser hora de entregar os pontos. O filho, seu filho imaginário mas imaginado, entenderia de imediato: entregar o encargo, entregar a sucessão, encerrar o expediente. “Hum”, diria o filho, William, Robert, ou qualquer coisa, querendo dizer *Sim, eu aceito. Você já fez o seu dever, cuidou de mim, agora é minha vez. Eu cuido de você.*

Não está fora dos limites do possível adquirir um filho, mesmo tão tarde na vida. Podia, por exemplo, localizar (mas como?) algum órfão rebelde, algum embrião de Wayne Blight, por exemplo, se oferecer para adotá-lo e esperar ser aceito; embora as possibilidades de o sistema de bem-estar social, representado por mrs. Putts, confiar uma criança aos cuidados de um velho aleijado e solitário sejam zero, menos que zero. Ou podia localizar (mas como?) alguma jovem fértil, casar com ela, ou pagar a ela, ou induzi-la de algum outro jeito a permitir que ele gerasse, ou tentasse gerar, um filho homem em seu útero.

Mas não é um bebê que ele quer. O que ele quer é um filho, um filho de verdade, filho e herdeiro, uma versão mais jovem, mais forte e melhor

de si mesmo.

O piupiu. *Se quiser que lave seu piupiu*, dissera Sheena no tempo que passara a seu lado, *vai ter de pedir*. Será que seu piupiu, suas entranhas têm a capacidade de gerar um filho? Terá a semente e a paixão animal suficiente para levar a semente ao lugar certo? A história não parece indicar que sim. A história parece indicar que manifestações apaixonadas não fazem parte de sua natureza. Uma afeição agradável, uma branda, se gratificante, sensualidade — isso é o que Margaret McCord lembrará dele, ela e meia dúzia de mulheres, excluindo sua esposa. Como amante, um tanto canino, na verdade: não uma palavra de que goste, mas adequada. Um homem bom para se aconchegar em uma noite fria; o tipo de amigo com quem se vai distraidamente para a cama, depois se tenta lembrar se realmente aconteceu.

Em resumo, não um homem de paixão. Ele não tem certeza se jamais gostou de paixão, ou aprovou isso. Paixão: um território estrangeiro; uma aflição cômica, mas inevitável, como caxumba, que se espera sofrer ainda jovem, em uma das suas variedades mais brandas, menos devastadoras, para não pegar com maior seriedade depois. Cachorros dominados pela paixão copulando, sorriso infeliz na cara, a língua pendurada para fora.

8.

“Senhor quer que eu espano os livros?”

Onze da manhã e Marijana parece ter ficado sem nada para fazer.

“Tudo bem, se quiser. Pode passar o aspirador em cima deles com aquele bico especial.”

Ela sacode a cabeça. “Não, eu limpa bem limpo. Senhor guardador-de-livro, não quer poeira nos livros. Guardador-de-livro, não é?”

Guardador-de-livros: é assim que chamam gente como ele na Croácia? O que será que quer dizer guardador-de-livros? Um homem que protege os livros do esquecimento? Um homem que se apegava a livros que nunca lê? Seu escritório está forrado do chão ao teto de livros que nunca abrirá de novo, não porque não valham a pena ler, mas porque ele não terá mais tempo.

“Colecionador de livros, é assim que se chama aqui. Só essas três estantes, dali até ali, são uma coleção propriamente dita. Aqueles são meus livros sobre fotografia. O resto é de livros comuns ou de jardinagem. Não, se eu guardei alguma coisa foram fotografias, não livros. Guardo naqueles armários. Quer ver?”

Em dois armários antiquados, de cedro, ele tem centenas de fotografias e cartões-postais da vida nos primeiros campos de mineração de Victoria e Nova Gales do Sul. Há um punhado da Austrália do Sul também. Como esse campo de estudo não é popular nem propriamente definido, sua coleção pode ser a melhor do país, até mesmo do mundo.

“Comecei a guardar nos anos 1970, quando ainda dava para comprar fotografias de primeira geração. E quando eu ainda tinha ânimo para ir a leilões. Espólios de falecidos. Ia me deprimir demais agora.”

Para ela ver, ele tira o grupo de fotografias que é o cerne da coleção. Para a visita do fotógrafo, os mineiros vestiram suas melhores roupas. Outros se contentam com uma camisa limpa, as mangas arregaçadas até o alto para mostrar os braços morenos e talvez um lenço de pescoço limpo. Confrontam a câmera com o ar de grave segurança que vinha naturalmente para os homens dos tempos vitorianos, mas que agora parece ter desaparecido da face da Terra.

Ele mostra duas de Fauchery. “Olhe estas”, diz. “São de Antoine Fauchery. Ele morreu jovem, senão podia ter se tornado um dos grandes fotógrafos.” Ao lado delas, expõe alguns cartões-postais marotos: Lil mostrando um pedaço de coxa ao estalar uma liga; Flora, em *déshabillé*, sorrindo timidamente por cima de um roliço ombro nu. Garotas que Tom e Jack, saindo das escavações, cheios de dinheiro, iriam visitar nas noites de sábado em busca de você sabe o quê.

“Então é isso que senhor faz”, diz Marijana quando termina a exibição. “É bom, é bom. É bom guardar história. Assim as pessoas não pensa que Austrália país sem história, só mato e bando de imigrante. Como eu. Como nós.” Ela tira o lenço da cabeça, sacode os cabelos soltos, arruma atrás, dá um sorriso para ele.

Como nós. Quem são esses *nós*? Marijana e a família Jokić, ou Marijana e ele?

“Não é só mato, Marijana”, ele diz, cauteloso.

“Não, claro, não só mato. Povo aborígine. Mas eu fala da Europa, o que dizem na Europa. Mato, depois capitão Cook, depois imigrantes — onde

está história, dizem?”

“Quer dizer, onde estão os castelos e catedrais? Imigrantes não têm uma história própria? Você deixa de ter uma história quando muda de um ponto do globo para outro?”

Ela descarta a censura, se é isso que é. “Na Europa, dizem que Austrália não tem história porque na Austrália todo mundo novo. Não interessa se a pessoa vem com esta história ou aquela história, na Austrália começa do zero. Zero história, entende? Isso que dizem na minha terra, na Alemanha também, na Europa inteira. Por que quer ir para Austrália?, eles fala. É igual ir para deserto, para Qatar, para países árabes, países de petróleo. Só se vai por dinheiro, dizem. Então muito bom alguém guarda fotografias velhas, mostra que Austrália tem história também. Mas elas vale muito dinheiro, essas fotografias, não?”

“É, valem dinheiro.”

“Então, quem fica com elas, sabe, depois de senhor?”

“Quando eu morrer, você está dizendo? Elas vão para a Biblioteca Estadual. Está tudo arranjado. A Biblioteca Estadual aqui em Adelaide.”

“Senhor não vende elas?”

“Não, não vou vender, será um legado.”

“Mas eles bota seu nome, não?”

“Colocam meu nome na coleção, sim. Coleção Rayment. Para que no futuro crianças cochichem umas com as outras: ‘Quem era esse Rayment da Coleção Rayment? Era alguém famoso?’.”

“Mas fotografia também, talvez, hã, não só nome? Fotografia de mr. Rayment. Fotografia não é mesma coisa que só nome, mais vivo. Senão, para que guarda fotografias?”

Sem dúvida, ela está certa. Se nomes valem tanto quanto imagens, para que se dar ao trabalho de guardar imagens? Por que guardar as imagens de luz desses mineiros, por que não apenas digitar seus nomes e expor a lista em uma vitrine?

“Vou perguntar ao pessoal da biblioteca”, diz ele. “Vamos ver o que eles acham da idéia. Mas não uma foto de mim como sou hoje, Deus me livre.

Como eu era antes.”

Tirar o pó dos livros, coisa que faxineiras anteriores realizavam passando um espanador de penas por cima das lombadas, é tarefa atacada por Marijana como uma grande operação. Escrivaninha e armários são cobertos com jornal; depois, metade de uma estante por vez, os livros são levados para a sacada e espanados individualmente, as prateleiras vazias imaculadamente limpas.

“Só tome o cuidado”, ele intervém, nervoso, “para os livros voltarem na mesma ordem.”

Ela lhe dá um olhar de tamanho desdém que ele se retrai.

De onde essa mulher tira energia? Será que toca sua própria casa nos mesmos moldes? Como mr. J reage a isso? Ou será para ele apenas, para seu patrão australiano: mostrar o quanto de si mesma está disposta a doar a seu novo país?

É no dia da limpeza dos livros que aquilo que havia sido apenas um ténue interesse em Marijana, um interesse que não ia muito além de curiosidade, se transforma em uma outra coisa. Ele começa a ver nela se não beleza, pelo menos a perfeição de um certo tipo feminino. Forte como um cavalo, ele pensa, olhando as panturrilhas sólidas e as ancas apertadas que ondulam quando ela se estica para as prateleiras mais altas. *Forte como uma égua.*

Será que algo, seja o que for, que estava flutuando no ar nessas semanas passadas começou a assentar, *faute de mieux*,^a em Marijana? E qual é o nome desse sedimento, desse sentimento? Não dá a sensação de desejo. Se tivesse de escolher uma palavra para isso, diria que é admiração. Pode o desejo brotar da admiração, ou são as duas coisas de espécies bem diferentes? Como seria deitar lado a lado, nu, peito a peito, com uma mulher que principalmente se admira?

Não apenas uma mulher: mas uma mulher casada, não pode se esquecer disso. Não muito longe dali vive e respira um mr. Marijana Jokić. Será que mr. Jokić, ou *pan* Jokić, ou *gospodin*^b Jokić, ou qualquer nome que use, explodiria de raiva se soubesse que o patrão de sua mulher se abandona a

devaneios de deitar peito a peito com ela — explodiria em uma daquelas raivas elementares balcânicas que dão origem a choques entre clãs e a poemas épicos? Será que mr. Jokić viria atrás dele com uma faca?

Ele faz piadas com Jokić porque tem inveja dele. No final das contas, Jokić tem essa mulher admirável e ele não. Jokić tem não apenas a mulher, mas também os filhos que vieram com ela, que saíram de dentro dela: Ljubica, a filha querida; a distraída, mas sem dúvida igualmente bonita filha do meio, cujo nome ele não lembra; e o rapaz altivo com a motocicleta. Jokić tem todos e ele tem — o quê? Um apartamento cheio de livros e móveis. Uma coleção de fotografias, imagens dos mortos, que depois de sua morte ficarão juntando poeira no porão de uma biblioteca junto com outros legados menores, mais trabalho do que valem para os catalogadores.

Dentre as fotos de Fauchery, não mostrou para Marijana uma que o fascina mais profundamente. É de uma mulher e seis crianças agrupadas na porta de uma cabana de barro e sapé. Quer dizer, poderia ser uma mulher e seis filhos, ou a garota mais velha podia ser não uma filha, mas uma segunda mulher, uma segunda esposa, trazida para tomar o lugar da primeira, que parece esgotada de vida, exausta de corpo.

Todos têm a mesma expressão: não hostil ao estranho com a máquina fotográfica último modelo que um momento antes desse momento enfiou a cabeça debaixo do pano preto, mas amedrontada, congelada, como bois na porta do matadouro. A luz os banha direto no rosto, capta cada marca da pele e das roupas. Na mão que a criança menor leva à boca, a luz expõe o que pode ser geléia, mas é mais provável que seja lama. Ele não consegue imaginar como essa coisa toda pôde ser realizada com as longas exposições que eram necessárias naquela época.

Não só mato, ele gostaria de dizer a Marijana. Não apenas gente escura, também. Não zero história. Olhe, é daqui que nós viemos: do frio, da umidade, da fumaça dessa pobre cabana, dessas mulheres com seus olhos negros desamparados, dessa pobreza e desse trabalho triturante de barriga

vazia. Um povo com uma história própria, um passado. Nossa história, nosso passado.

Mas será verdade? A mulher da foto o aceitaria como um membro de sua tribo — um menino de Lourdes, nos Pireneus franceses, com a mãe que tocava Fauré no piano? Será que a história que ele quer chamar de sua não é, afinal, apenas uma questão de ingleses e irlandeses, proibida a entrada de estrangeiros?

Apesar da presença estimulante de Marijana, ele parece estar à beira de um de seus maus momentos de novo, uma das suas crises de lúgubre autopiedade que se transformam em negra melancolia. Gosta de pensar que isso vem de outro lugar, episódios de mau tempo que cruzam o céu e passam. Prefere não pensar que vêm de dentro dele e são dele, são parte dele.

O destino dá as cartas e você joga a mão que recebeu. Não choraminga, não reclama. Essa, ele costumava pensar, era a sua filosofia. Por que então não consegue resistir a esses mergulhos na escuridão?

A resposta é que está decaindo. Nunca mais será o que foi antes. Nunca mais terá sua velha capacidade de recuperação. Seja o que for que dentro dele recebeu a tarefa de consertar seu organismo depois de tão terrivelmente atacado, primeiro na rua, depois na sala de operações, está cansado demais para a tarefa, sobrecarregado demais. E a mesma coisa vale para o resto da equipe, o coração, os pulmões, os músculos, o cérebro. Fizeram por ele o que puderam enquanto puderam; agora querem descansar.

Vem-lhe à lembrança a capa de um livro que tinha, uma edição popular de Platão. Mostrava uma carruagem puxada por dois corcéis, um corcel negro de olhos brilhantes e narinas dilatadas representando os apetites baixos e um corcel branco de índole mais calma representando as menos identificáveis paixões mais nobres. De pé na carruagem, segurando as rédeas, um jovem de torso nu e nariz grego, uma fita amarrada na testa, representando possivelmente o eu, aquilo que chama a si mesmo de eu. Bem, em seu livro, no livro dele, o livro de sua vida, se um dia for escrito, a

imagem será mais sem graça que no de Platão. Ele próprio, esse que se chama Paul Rayment, estará sentado em uma carroça arrastada por uma junta de pangarés e rocins que bufam e chiam, que mal se agüentam com o próprio peso. Depois de sessenta anos de acordar toda bendita manhã, mastigar a ração de aveia, mijar e cagar, receber os arreios para puxar a carga do dia, a junta de Paul Rayment estará farta. Hora de descansar, dirá a parelha, hora de sair para o pasto. E se o descanso lhes for negado, bem, eles simplesmente dobrarão as pernas e se acomodarão em seus arreios; e se o chicote começar a zunir em volta de seus quartos, que zuna.

Cansado de coração, cansado de cabeça, cansado até os ossos, e, verdade seja dita, cansado de si mesmo — cansado mesmo antes de a ira de Deus, transmitida por intermédio de seu anjo, Wayne Blight, o atingir. Ele jamais diminuiria esse evento, a colisão. Foi nada menos que uma calamidade. Encolheu seu mundo, transformou-o em um prisioneiro. Mas escapar da morte devia tê-lo abalado, aberto janelas dentro dele, renovado sua sensação da preciosidade da vida. Não fez nada disso. Ele está preso no mesmo velho eu de antes, apenas mais cinzento e lúgubre. É o que basta para levar uma pessoa à bebida.

Uma da tarde e Marijana ainda não terminou os livros. Ljuba, geralmente uma boa menina — se ainda é permitido dividir as crianças em boas e más —, está começando a choramingar.

“Largue a limpeza. Termine amanhã”, ele diz a Marijana.

“Termino num *flesh of lightning*, ela responde. “Quem sabe senhor dava alguma coisa para ela comer.”

“*Flash. A flash of lightning.*^c *Flesh*^d é do que nós somos feitos, carne e ossos.”

Ela não responde. Às vezes, ele acha que ela não se dá ao trabalho de ouvir o que ele diz.

Devia dar alguma coisa para Ljuba comer, mas o quê? O que crianças pequenas comem além de pipoca, bolachas e cereal tostado incrustado com açúcar, coisas que ele não tem na despensa?

Tenta misturar uma colher de geléia de ameixa em um pote de iogurte. Ljuba aceita, parece gostar.

Ela senta-se à mesa da cozinha, ele de pé ao lado dela, apoiado na invenção de Zimmer. “Sua mãe é uma grande ajuda para mim”, diz ele. “Não sei o que faria sem ela.”

“Verdade que você tem uma perna artificial?” Ela pronuncia a palavra comprida com naturalidade, como se a usasse todo dia.

“Não, é a mesma perna que eu sempre tive, só que um pouco mais curta.”

“Mas no armário do banheiro. Você tem uma perna artificial no armário?”

“Não, acho que não, não tem nada assim no meu armário.”

“Tem um parafuso na sua perna?”

“Um parafuso? Não, nenhum parafuso. Minha perna é toda natural. Tem um osso dentro, igual às suas pernas e às pernas da sua mãe.”

“Não tem um parafuso, para parafusar a sua perna artificial?”

“Não, que eu saiba não. Porque eu não tenho nenhuma perna artificial. Por que está perguntando?”

“Porque sim.” E não diz mais nada.

Um parafuso na perna. Talvez, no passado, Marijana tenha cuidado de um homem com parafusos nas pernas, parafusos e porcas, pinos e suportes, correias, tudo feito de ouro ou titânio — um homem com uma perna reconstruída, do tipo que não foi dado a ele porque era velho demais para isso, não valia a pena nem o esforço, nem a despesa. Talvez seja essa a explicação.

Em criança, ele se lembra, contaram-lhe a história de uma mulher que num momento de distração enfiou uma minúscula agulha de costura na palma da mão. Sem que ninguém percebesse, a agulha subiu pelas veias da mulher e com o tempo perfurou o coração dela e a matou. A história foi-lhe apresentada como alerta para não tratar agulhas com descuido, mas em retrospecto parece mais um conto de fadas. Será que o aço é realmente contrário à vida? Agulhas podem realmente entrar na corrente sanguínea?

Como poderia a mulher da história não ter notado a minúscula arma metálica viajando por seu braço acima, em direção à axila, contornando a curva axilar, e indo para o sul em busca de sua desamparada e pulsante presa? Será que deveria contar a história para Ljuba, passar adiante sua críptica sabedoria, fosse qual fosse?

“Não”, ele repete, “não tenho nenhum parafuso em mim. Se tivesse parafusos eu seria um homem mecânico. E não sou.”

Mas Ljuba perdeu interesse na perna que não é uma perna mecânica. Com um estalar de lábios, termina o iogurte e leva a manga do macacão à boca. Ele pega um guardanapo e limpa os lábios dela, o que ela permite. Depois, ele limpa também a manga.

É a primeira vez que toca um dedo em uma criança. No momento, o pulso dela está abandonado na mão dele. Perfeito: nenhuma outra palavra servirá. Elas chegam do útero com tudo novo, tudo em perfeita ordem. Mesmo nas que chegam danificadas, com membros esquisitos ou um cérebro que solta faíscas, cada célula é tão fresca, tão limpa, tão nova como no dia da criação. Cada novo nascimento um novo milagre.

a Em francês, “na falta de coisa melhor”. (N. T.)

b Em tcheco ou eslovaco (*pan*) e em croata (*gospodin*), “senhor”. (N. T.)

c Um relâmpago. (N. T.)

d Carne. (N. T.)

9.

Margaret faz uma segunda visita, desta vez sem avisar. É um domingo, ele está sozinho no apartamento. Oferece chá, que ela recusa. Ela gira pela sala, chega por trás até onde ele está sentado, acaricia a cadeira. Ele fica imóvel como uma pedra.

“Então acabou, Paul?”, ela pergunta.

“Acabou o quê?”

“Você sabe do que estou falando. Você resolveu que acabou a sua vida sexual? Me diga francamente, para eu saber como me comportar no futuro.”

Não é de ficar dando voltas no assunto, Margaret. Ele sempre gostou disso nela. Mas como deve responder? *É, eu cheguei ao fim da minha vida sexual, de agora em diante me trate como um eunuco?* Como pode dizer isso se talvez nem seja verdade? Porém, e se for mesmo verdade? E se o resfolegante corcel negro da paixão tiver entregado os pontos? O crepúsculo de sua virilidade. Que decepção; mas que alívio também!

“Margaret”, ele diz, “me dê um tempo.”

“E a sua ajudante diarista?”, pergunta Margaret, indo direto ao ponto fraco. “Como estão se dando você e sua ajudante diarista?”

“Minha ajudante e eu nos damos bem, obrigado. Não fosse por ela eu não me daria ao trabalho de sair da cama de manhã. Não fosse por ela eu podia acabar como um daqueles casos que se lêem no jornal, em que os vizinhos sentem um cheiro ruim e chamam a polícia para arrombar a porta.”

“Não seja melodramático, Paul. Perna amputada não mata ninguém.”

“Não, mas as pessoas morrem de indiferença pelo futuro.”

“Então sua ajudante diarista salvou sua vida. Que ótimo. Ela merece uma medalha. Merece um prêmio. Quando vou conhecer essa pessoa?”

“Não leve para o lado pessoal, Margaret. Você fez uma pergunta, eu estou tentando responder com sinceridade.”

Mas Margaret leva para o lado pessoal. “Eu já vou indo”, diz ela. “Não levante, eu saio sozinha. Me telefone quando estiver pronto para a sociedade humana de novo.”

Nas sessões com o fisioterapeuta, foi alertado sobre a tendência de os músculos seccionados se retraírem, puxando para trás o quadril e a pelve. Ele se apóia no andador e com a mão livre explora a parte baixa das costas. Estará sentindo o começo de uma protuberância para trás? Será que esse feio meio-membro está ficando ainda mais feio?

Se ele fosse ceder e aceitar uma prótese, haveria uma razão mais forte para exercitar o coto. Na situação presente, o coto não lhe serve para nada. Tudo o que pode fazer é levá-lo de um lado para outro como uma criança enjeitada. Não é de admirar que ele queira encolher, se retrair, recuar.

Mas se esse objeto carnoso é repulsivo, muito mais ainda seria uma perna moldada em plástico rosa com uma dobradiça no alto e um sapato embaixo, um aparelho que você amarra no corpo de manhã e desamarra à noite, derruba no chão, com sapato e tudo! Estremece ao pensar nisso; não quer saber disso. Muleta é melhor. Muleta pelo menos é honesta.

Mesmo assim, uma vez por semana ele permite que um carro de aluguel venha buscá-lo para ir à rua George em Norwood, para uma aula de reabilitação, dada por uma mulher chamada Madeleine Martin. Há meia dúzia de amputados na classe, todos eles do lado errado dos sessenta anos. Ele não é o único que não usa prótese, mas é o único que recusou a prótese.

Madeleine não consegue entender o que chama de atitude dele. “Tem uma porção de gente pela rua”, diz ela, “que ninguém diria que está usando próteses, de tão natural o jeito como andam.”

“Não quero parecer natural”, diz ele. “Prefiro me sentir natural.”

Ela sacode a cabeça com risonha incredulidade. “É um novo capítulo na sua vida”, diz ela. “O capítulo velho se encerrou, tem de se despedir dele e aceitar o novo. Aceite: é só isso que precisa fazer. Então todas as portas que o senhor acha que estão fechadas se abrirão. Vai ver só.”

Ele não responde.

Será que realmente se sente natural? Sente-se natural diante da ocorrência da rua Magill? Não faz a menor idéia. Mas talvez seja isso que quer dizer natural: não fazer idéia. Será que a Vênus de Milo se sente natural? Apesar de não ter braços, a Vênus de Milo é tida como ideal da beleza feminina. Um dia ela teve braços, conta a história, mas seus braços foram quebrados; a perda deles só faz sua beleza mais pungente. No entanto, se descobrissem amanhã que a Vênus foi de fato feita a partir de uma modelo amputada, ela seria imediatamente removida para um depósito no porão. Por quê? Por que a imagem fragmentada de uma mulher pode ser admirada, mas não a imagem de uma mulher fragmentada, independentemente de os cotos terem sido bem costurados?

Ele daria quase tudo para estar pedalando sua bicicleta pela rua Magill de novo, com o vento no rosto. Daria tudo para abrir de novo um capítulo que está encerrado. Queria que Wayne Blight não tivesse nascido nunca. Só isso. Fácil de dizer. Mas fica de boca fechada.

Membros têm lembranças, Madeleine diz à classe e tem razão. Quando ele dá um passo com as muletas, o lado direito de seu corpo ainda gira no

arco pelo qual a velha perna teria girado; à noite, seu pé frio ainda procura o fantasma de seu gêmeo frio.

Sua missão, diz Madeleine, é reprogramar os sistemas de memória velhos e agora obsoletos que nos ditam como nos equilibrar, como andar, como correr. “Claro que queremos nos apegar a nossos velhos sistemas de memória”, diz ela. “Senão não seríamos humanos. Mas não devemos nos apegar a eles quando atrapalham nosso progresso. Nem quando se põem no nosso caminho. Estão me acompanhando? Claro que estão.”

Como todos os profissionais de saúde que ele encontrou ultimamente, Madeleine trata os velhos confiados a seus cuidados como se fossem crianças — não muito inteligentes, um tanto morosas, um tanto preguiçosas, que precisam de um empurrão. A própria Madeleine está do lado certo dos sessenta, do lado certo dos cinquenta, até mesmo do lado certo dos quarenta e cinco; ela sem dúvida corre como uma gazela.

Para reprogramar as memórias do corpo, Madeleine usa a dança. Mostra vídeos de patinadores com roupas justas escarlates ou douradas deslizando no gelo em curvas e círculos, primeiro o pé esquerdo, depois o direito; ao fundo, Delibes. “Escutem e deixem o ritmo tomar conta de vocês”, diz Madeleine. “Deixem a música correr pelo corpo de vocês, deixem que dance dentro de vocês.” Em torno dele, os colegas que já adquiriram seus membros artificiais imitam o melhor que podem os movimentos dos patinadores. Como não consegue fazer isso — não consegue patinar, não consegue dançar, não consegue andar, não consegue nem ficar em pé direito sem ajuda —, ele fecha os olhos, agarra-se nas barras e oscila o corpo ao ritmo da música. Em algum lugar, em um mundo ideal, desliza pelo gelo de mãos dadas com sua atraente instrutora. *Hipnotismo, é só isso!*, ele pensa consigo. *Que estranho; que antiquado!*

Seu programa pessoal (cada um tem um programa pessoal) consiste em grande parte em exercícios de equilíbrio. “Vamos ter de aprender a nos equilibrar de novo”, Madeleine explica, “com nosso novo corpo.” É assim que ela chama: nosso novo corpo, não nosso velho corpo truncado.

Há também o que no hospital era chamado de hidroterapia, e que Madeleine chama de trabalho aquático. Na piscina escura na sala escura, ele segura a borda e caminha na água. “Fique com as pernas retas”, diz Madeleine. “As duas. Como uma tesoura. Snip snip snip.”

Antigamente, ele seria cético com gente como Madeleine Martin. Mas, por enquanto, Madeleine é o que tem à disposição para acreditar. Então, em casa, às vezes diante do olhar de Marijana, às vezes não, repassa o programa de exercícios, até mesmo a parte de oscilar ao ritmo da música.

“É bom, bom para senhor”, diz Marijana, concordando com a cabeça. “É bom senhor ter ritmo.” Mas ela não se dá ao trabalho de esconder a nota de desdém profissional da voz.

Bom?, ele gostaria de dizer a ela. *É mesmo? Não tenho tanta certeza de que seja bom para mim. Como pode ser, se eu acho humilhante tudo isso, essa história toda do começo ao fim?* Mas não pronuncia as palavras. Se contém. Entrou na zona da humilhação; é o seu novo lar; nunca mais o deixará; melhor calar a boca, melhor aceitar.

Marijana junta todas as calças dele e leva para a casa dela. Traz todas de volta dois dias depois com as pernas direitas bem dobradinhas e costuradas. “Não cortei”, diz ela. “Senhor muda de idéia e usa, sabe, o *próstese*. Vamos ver.”

Próstese: ela pronuncia como se fosse uma palavra alemã. Tese, antítese, e prótese.

A ferida cirúrgica, que não tinha dado nenhum trabalho até agora e que ele achou que havia cicatrizado definitivamente, começa a coçar. Marijana a cobre com pó antibiótico e enrola com bandagens novas, mas a coceira continua. De noite, piora. Ele tem de ficar acordado para se impedir de coçar. A ferida lhe parece uma grande jóia inflamada brilhando no escuro; ao mesmo tempo guarda e prisioneiro, ele está condenado a se agachar em cima dela, para protegê-la.

A coceira diminui, mas Marijana continua a lavar o coto com particular cuidado, coloca pó, enfaixa.

“Acha que perna cresce de novo, mr. Rayment?”, ela pergunta um dia, assim, do nada.

“Não, nunca pensei nisso.”

“Mesmo assim, quem sabe senhor pensa às vezes. Que nem bebê. Pensamento de bebê, senhor corta, ela cresce de novo. Sabe como? Mas senhor não é bebê, mr. Rayment. Então por que senhor não quer essa *prótese*? Quem sabe senhor tímido igual mocinha, hã? Quem sabe, senhor pensa, anda na rua, todo mundo olha. *Esse mr. Rayment, tem uma perna só!* Não é verdade. Não é verdade. Ninguém olha senhor. Senhor usa *prótese*, ninguém olha. Ninguém sabe. Ninguém liga.”

“Vou pensar nisso”, ele diz. “Tem muito tempo. Todo o tempo do mundo.”

Depois de seis semanas de trabalho aquático e oscilação, de ser reprogramado, ele desiste de Madeleine Martin. Telefona para a sua clínica fora do horário e deixa um recado na secretária eletrônica. Telefona para o serviço de transporte e fala para não virem mais. Pensa até em telefonar para mrs. Putts. Mas o que diria para mrs. Putts? Durante seis semanas, esteve disposto a acreditar em Madeleine Martin e na cura que ela oferecia, a cura para os velhos sistemas de memória. Agora parou de acreditar nela. Só isso, não se trata de mais nada. Se resta ainda algum resíduo de convicção nele, mudou para Marijana Jokić, que não tem estúdio e não promete nenhuma cura, só cuidados.

Curvada ao lado de sua cama, apertando sua virilha com a mão esquerda, Marijana observa, balançando a cabeça, enquanto ele flexiona, estende e gira o coto. Com uma ligeira pressão ela o ajuda a expandir a flexão. Massageia o músculo dolorido; vira-o de lado e massageia a parte inferior das costas.

No toque da mão dela, ele aprende tudo o que precisa saber: que Marijana não acha desagradável esse corpo desgastado e cada vez mais frouxo; que ela está preparada, se puder e se ele permitir, a lhe transmitir através de seus dedos uma boa porção de sua própria boa saúde corada.

Não é uma cura, não é feito com amor, é provavelmente nada mais que prática de enfermagem ortodoxa, mas é o que basta. Todo o amor que existe na coisa fica do lado dele.

“Obrigado”, diz quando acaba o tempo, com tamanho sentimento que ela olha para ele intrigada.

“Não preocupe”, ela replica.

Uma noite, depois que Marijana sai, ele chama um táxi e embarca sozinho na lenta descida de lado da escada, segurando firme no corrimão, suando de medo de que uma muleta possa escorregar. Quando o táxi estaciona, ele chegou à rua.

Na biblioteca pública — onde felizmente não tem de sair do andar térreo —, encontra dois livros sobre a Croácia: um guia da Ilíria e da costa dalmática e um guia de Zagreb e suas igrejas; também diversos livros sobre a Federação Iugoslava e sobre as recentes guerras balcânicas. Sobre aquilo que veio procurar iluminar-se, porém — o caráter da Croácia e de seu povo —, não há nada.

Tira um livro chamado *Povos dos Bálcãs*. Quando o táxi chega de volta ele está pronto, esperando.

Povos dos Bálcãs: entre o Ocidente e o Oriente é o título inteiro. Será que era assim que os Jokić se sentiam em sua terra: presos entre o Oriente ortodoxo e o Ocidente católico? Se assim for, como se sentem na Austrália, onde Oriente e Ocidente têm sentidos bem diferentes? O livro tem páginas com fotos em preto-e-branco. Em uma delas, uma dupla de garotas camponesas com lenço na cabeça conduz um burro carregado de lenha por um atalho de uma montanha rochosa. A garota mais nova sorri timidamente para a câmera, revelando uma falha nos dentes. *Povos dos Bálcãs* é de 1962, antes de Marijana ter sido concebida. As fotos datam sabe-se lá de quando. As duas meninas podiam ser avós agora, podiam estar mortas e enterradas. O burro também. Será esse o mundo em que Marijana nasceu, um mundo imemorial de burros, cabras, galinhas e

baldes de água com uma crosta de gelo de manhã, ou será ela filha do paraíso operário?

Muito provavelmente, os Jokić trouxeram com eles do velho país a sua própria coleção de fotografias: batizados, crismas, casamentos, reuniões familiares. Uma pena que ele não possa ver isso. Sua tendência é confiar nas imagens mais do que confia nas palavras. Não porque imagens não possam mentir, mas porque, uma vez que deixam a câmara escura, são fixas, imutáveis. Enquanto as histórias — a história da agulha na corrente sangüínea, por exemplo, ou a história do encontro dele com Wayne Blight na rua Magill — parecem mudar de forma o tempo todo.

A câmara, com seu poder de captar luz e transformá-la em substância, sempre lhe pareceu mais um aparelho metafísico do que mecânico. Seu primeiro trabalho de verdade foi como técnico de câmara escura; seu maior prazer estava sempre no trabalho no escuro. Quando a imagem fantasmagórica aparecia debaixo da superfície do líquido, quando veias escuras no papel começavam a se juntar e ficar visíveis, ele às vezes experimentava um pequeno arrepio de êxtase, como se estivesse presenciando o dia da criação.

Por isso é que, mais tarde, começou a perder o interesse pela fotografia: primeiro quando a cor dominou, depois quando ficou claro que a velha magia das emulsões sensíveis à luz estava se acabando, que para a nova geração o encanto estava em uma *techne* de imagens sem substância, imagens que podiam espoucar no éter sem residir em parte alguma, que podiam ser sugadas para dentro de uma máquina e emergir dela retocadas, falsificadas. Ele desistiu de registrar o mundo em fotografias então e transferiu suas energias para a conservação do passado.

Será que isso revela alguma coisa sobre ele, essa preferência natural por preto-e-branco e tons de cinza, essa falta de interesse pelo novo? Será disso que as mulheres sentem falta nele, sua esposa em particular: de cor, de abertura?

A história que contou a Marijana foi que guardava velhas fotografias por fidelidade a seus personagens, os homens, mulheres e crianças que

ofereceram seu corpo à lente do estranho. Mas isso não é inteiramente verdade. Ele as guarda também por fidelidade às próprias fotografias, as cópias em papel, a maioria delas últimas sobreviventes, únicas. Dá-lhes um bom lar e cuida para que, na medida de suas possibilidades, na medida das possibilidades de qualquer um, venham a ter um bom lar depois que ele for embora. Talvez, em troca, algum estranho ainda não nascido se volte para o passado e guarde uma foto dele, do extinto Rayment da Coleção Rayment.

Quanto à política da família Jokić, quanto ao nicho que eles podiam ocupar no mosaico das lealdades e inimizades balcânicas, nunca interrogou Marijana e não tem intenção de fazê-lo. Como a maioria dos imigrantes, os sentimentos que têm pelo velho país provavelmente são mistos. O holandês que casou com sua mãe e a trouxe com os filhos de Lourdes para Ballarat mantinha uma fotografia da rainha Guilhermina lado a lado com uma estatueta de gesso da Virgem Maria na sala de estar. No aniversário da monarca, ele acendia uma vela diante da imagem dela, como se fosse uma santa. *Infidèle Europe*, ele costumava dizer da Europa; o retrato da rainha trazia a divisa *Trouw*, fé, fidelidade. À noite, ele se encolhia diante do rádio de ondas curtas, tentando captar, no meio da estática, uma palavra aqui, outra ali, da rádio de Hilversum. Ao mesmo tempo, estava desesperado para que o país de sua nova devoção se mantivesse à altura da idéia que havia feito dele à distância. Diante de uma esposa dúbia e dois enteados infelizes, a Austrália tinha de ser a terra ensolarada da oportunidade. Se os nativos não eram receptivos, se ficavam em silêncio na presença deles, ou caçoavam de seu inglês errado, não importava: tempo e trabalho duro esgotariam essa hostilidade. A fé desse homem ainda resistia quando o viu pela última vez, aos noventa anos, pálido como um cogumelo, arrastando os pés entre os vasos de plantas de sua estufa caindo aos pedaços. Os Jokić, marido e mulher, deviam se apegar a uma variante da fé do holandês. Quanto a seus filhos, Drago, Ljuba e a outra, eles deviam ter formado sua própria imagem da Austrália, mais clara e mais distanciada.

10.

Uma manhã, Marijana aparece em companhia de um rapaz alto. É o rapaz da fotografia, inconfundível: Drago.

“Meu filho vem olhar sua bicicleta”, diz Marijana. “Quem sabe conserta.”

“Claro, claro.” (Mas ele se pergunta o que deu a ela a idéia de que quer que consertem os restos de uma bicicleta.) “Olá, Drago, prazer em conhecer você, obrigado por ter vindo.” Pesca a chave do depósito de uma confusão de chaves numa gaveta e entrega ao rapaz. “Veja o que acha. Na minha opinião, não tem mais jeito. A estrutura entortou. A possibilidade de os canos estarem rachados é de dez para um. Mas dê uma olhada.”

“O.k.”, diz o rapaz.

“Eu traz ele para conversa com senhor”, diz Marijana quando estão sozinhos. “Como senhor disse.”

Como ele disse? O que pode ter dito? Que podia dar a Drago uma lição de segurança no trânsito?

A história que Marijana inventou para fazer o filho desistir da própria manhã aparece só pouco a pouco: que mr. Rayment tem uma bicicleta que

quer consertar para poder vender, mas que, sendo não só aleijado, mas desajeitado também, não consegue fazer o conserto sozinho.

Drago volta da inspeção e faz o relatório. Se a estrutura está rachada ou não, é impossível dizer de imediato. Ele e seus amigos, um dos quais tem acesso a uma loja de peças, podem provavelmente desentortar o cano e repintar com spray. Mas mesmo assim, com roda, eixo do cubo, câmbio e freios novos, renderia a ele, mr. Rayment, o suficiente para uma boa bicicleta de segunda mão.

É um conselho absolutamente razoável. Provavelmente, é o que ele próprio diria.

“Obrigado por ter dado uma olhada nisso”, diz ele. “Sua mãe me disse que você gosta de motocicletas.”

“É, meu pai comprou para mim uma Yamaha de duzentas e cinquenta cilindradas.”

“Que ótimo.” Ele dá uma olhada para Marijana que o rapaz finge não perceber. O que mais ela quer que ele diga?

“Minha mãe disse que o senhor teve um acidente muito sério”, o rapaz propõe.

“É. Fiquei um tempo no hospital.”

“O que aconteceu?”

“Um carro me pegou quando eu estava virando. O motorista disse que não me viu. Disse que eu não dei sinal. Disse que estava com o sol contra.”

“Mau.”

Um silêncio. Será que o rapaz está absorvendo a lição que deve absorver? Marijana está recebendo o que quer? Ele desconfia que não. Ela quer que ele seja mais eloqüente — que alerte o rapaz sobre os perigos do ciclismo e, por analogia, do motociclismo; que faça o rapaz entender as agonias da mutilação e as humilhações do estado de aleijado. Mas a sensação que ele tem é que esse jovem prefere o laconismo, que não vai receber bem um sermão. Na verdade, se Drago tivesse de ficar do lado de alguém na história do choque da rua Magill, o mais provável é que fosse do

lado de Wayne Blight, um jovem rápido por trás da direção, do que de Paul Rayment, um velho esquisito e distraído de bicicleta.

E que profunda transformação Marijana quer que ele produza afinal? Será que realmente espera que esse belo rapaz, explodindo de saúde, passe as noites em casa curvado em cima de um livro enquanto os amigos estão na rua se divertindo? Que deixe a Yamaha nova e cintilante na garagem e pegue um ônibus? Drago Jokić: nome de um épico folclórico. *A balada de Drago Jokić*.

Ele pigarreia. “Drago, sua mãe me pediu que trocasse uma palavra com você em particular.”

Marijana sai da sala. Ele se volta para o rapaz. “Olhe, eu não significo nada para você, sou só o homem de que sua mãe cuida e muito grato a ela por isso. Mas ela me pediu que falasse com você e eu concordei. O que eu quero dizer é o seguinte: se eu pudesse voltar o relógio para antes do acidente, pode crer, eu voltava. Olhando para mim você pode achar que não, mas eu tinha uma vida bem movimentada. Agora não posso nem sair para fazer compras. Tenho de depender de outras pessoas para as menores coisas. E tudo aconteceu em uma fração de segundo, do nada. Bom, poderia acontecer com você da mesma forma. Não arrisque sua vida, filho, não vale a pena. Sua mãe quer que você seja cuidadoso com a moto. Acho que devia ouvir o que ela diz. É só isso que eu vou dizer. Sua mãe é uma boa pessoa, ela ama você. Entende?”

Se lhe pedissem para prever, diria que o jovem Drago iria ficar sentado ao longo de um sermão desses com os olhos baixos, beliscando as cutículas, ansioso para o velhote acabar logo, amaldiçoando a mãe por tê-lo trazido ali. Mas não é nada assim. Ao longo de seu discurso, Drago olha para ele com franqueza, um ligeiro mas nada agressivo sorriso nos lábios bem desenhados. “O.k.”, diz ele ao final. “Mensagem recebida. Vou tomar cuidado.” E depois de uma pausa: “O senhor gosta da minha mãe, não gosta?”.

Ele faz que sim com a cabeça. Podia dizer mais, mas o movimento basta por enquanto.

“Ela gosta do senhor também.”

Ela gosta dele também. Seu coração incha desmesuradamente. *Eu não gosto dela apenas, eu a amo!*: são essas as palavras que estão a ponto de explodir de dentro dele. “Só estou tentando ajudar, só isso”, é o que diz apenas. “Por isso falei com você. Não porque eu ache que possa salvar você falando, já que uma coisa destas” — dá um tapa de leve no quadril ruim, jocosamente — “simplesmente acontece, não dá para prever, não dá para evitar. Mas isso pode ajudar sua mãe. Pode ajudar sua mãe a saber que você sabe que ela te ama e que quer o seu bem, a ponto de pedir a um estranho, eu, que dê uma palavrinha com você. Certo?”

Existem as palavras em si e depois, por trás, em torno ou por baixo das palavras, existe a intenção. Ao falar, ele tem consciência de que o rapaz está observando seus lábios, espanando as cordinhas das palavras como se fossem teias de aranha, focalizando o ouvido na intenção. O respeito dele pelo rapaz está crescendo, crescendo aos saltos e pulos. Nada comum, esse rapaz! Deve ser a inveja dos deuses. *A balada de Drago Jokić*. Não é de admirar que a mãe esteja temerosa. Um telefonema nas primeiras horas da manhã: “É mrs. Jokić? A senhora tem um filho chamado Dragon? É do hospital de Gumeracha”. Como uma agulha no coração, ou uma espada. O primogênito dela.

Marijana volta, Drago se levanta. “Eu já vou indo”, diz ele. “Tchau, mãe.” Do alto de sua estatura, curva-se e encosta os lábios na testa dela. “Tchau, mr. Rayment. Sinto muito pela bicicleta.” E vai embora.

“É muito bom no tênis”, diz Marijana. “Muito bom na natação. Muito bom em tudo. Muito inteligente.” Dá um pálido sorriso.

“Minha querida Marijana”, diz ele — *alta emoção*, diz a si mesmo, *em um momento de alta emoção a pessoa é desculpada por deslizar em alguma expressão de carinho* —, “tenho certeza de que ele vai se cuidar bem. Tenho certeza de que vai ter uma vida longa e feliz, que vai chegar a almirante, se é isso que ele quer.”

“Acha mesmo?”, o sorriso não sumiu dos lábios dela, mas agora exprime pura alegria: apesar do fato de ele ser inútil com as mãos e um aleijado na

expressão da palavra, ela acredita que ele tem o poder de predizer o futuro.
“Que ótimo.”

11.

É o sorriso de Marijana, demorando em sua memória, que provoca a mudança há muito esperada, há muito necessária. De imediato a melancolia desaparece, todas as nuvens escuras. Ele é o empregador de Marijana, o patrão dela, aquele cujos desejos ela é paga para satisfazer, porém antes de ela chegar no dia seguinte ele se agita no apartamento, fazendo o possível para deixar as coisas brilhando para ela. Chega a pedir que entreguem flores para alegrar a insipidez.

A situação é absurda. O que ele quer da mulher? Quer que ela sorria de novo, claro, que sorria para ele. Quer um lugar no coração dela, por pequeno que seja. Será que quer virar amante dela também? Quer, quer, sim, em certo sentido, ardentemente. Quer amar e agradar a Marijana e seus filhos, Drago, Ljuba e a terceira, aquela em quem ele ainda tem de pousar os olhos. Quanto ao marido, não tem a menor das más intenções em relação a ele, pode jurar. Deseja ao marido toda a felicidade e boa sorte. Mesmo assim, daria tudo para ser o pai daqueles filhos belos, excelentes, e marido de Marijana — co-pai se for preciso, co-marido se for

preciso, platônico se for preciso. Quer tomar conta deles, de todos eles, protegê-los, salvá-los.

Salvá-los de quê? Não sabe dizer, não ainda. Mas Drago acima de tudo ele quer salvar. Está pronto a se interpor entre Drago e o raio dos deuses invejosos, pronto a desnudar o próprio peito.

Ele é como uma mulher que, não tendo parido filhos nunca, velha demais para isso, agora repentina e urgentemente tem fome de maternidade. Fome suficiente para roubar o filho de outra: é uma coisa louca assim.

12.

“Como vai o Drago?”, ele pergunta a Marijana o mais despreocupadamente possível.

Ela dá de ombros, desanimada. “Esse fim de semana ele vai com os amigos para praia de Tunkalulu. É assim que diz — Tunkalulu?”

“Tunkalilla.”

“Vão de moto. Amigos malucos, meninos malucos. Estou com medo. É igual gangue. Meninas também, não dá para acreditar, tão novinhas. Fiquei contente que senhor fala com ele semana passada. Falou.”

“Não foi nada. Só umas palavras paternas.”

“É, ele não tem muito palavras paternas, como senhor diz, esse o problema.”

É a primeira crítica que ela formula ao marido ausente. Ele espera mais, mas não há mais.

“Este país não é fácil para um rapaz crescer”, ele responde, cauteloso. “Existe um clima de machismo. Muita pressão para o rapaz se superar em atitudes masculinas, em esportes masculinos. Para ser ousado. Assumir riscos. Provavelmente é diferente lá na sua terra.”

Lá na sua terra. Agora que ele escuta as palavras, elas soam condescendentes. Por que os rapazes não haverão também de ser rapazes lá na terra dos Jokić? O que ele sabe sobre as formas que a virilidade assume no sudeste da Europa? Espera que Marijana o corrija. Mas ela está pensando em outra coisa.

“O que senhor acha de colégio interno, mr. Rayment?”

“O que eu acho de colégio interno? Acho que pode ser muito caro. Acho também que é um erro, um erro grave, achar que num colégio interno os jovens são vigiados dia e noite para garantir que não sofram nenhum acidente. Mas pode-se receber uma boa educação em um colégio interno, disso não há dúvida, ou nos melhores colégios internos. É isso que está pensando para Drago? Já se informou da mensalidade? Deve fazer isso primeiro. A mensalidade pode ser alta, absurdamente alta, astronômica mesmo.”

O que ele se controla para não dizer é: *Alta a ponto de excluir filhos cujos pais trabalham em montadoras de carros para ganhar a vida. Ou cujas mães são enfermeiras de idosos.*

“Mas se você está falando sério”, ele investe, e ao falar sente a precipitação do que está dizendo, mas não consegue se controlar, não quer se controlar, “e se o próprio Drago quer mesmo ir, eu poderia ajudar financeiramente. Podemos pensar nisso como um empréstimo.”

Há um momento de silêncio. *Então, pensa ele, falei. Não dá para voltar atrás.*

“Nós pensamos, quem sabe ele consegue bolsa de estudos, com o tênis e tudo”, diz Marijana, que talvez não tenha assimilado as palavras dele e o que possa haver por trás delas.

“Claro, uma bolsa sem dúvida é uma possibilidade, vocês podem investigar isso.”

“Ou a gente arruma empréstimo.” Agora o eco das palavras dele parece ter chegado a ela, que franze a testa. “Senhor empresta dinheiro para nós, mr. Rayment?”

“Posso fazer um empréstimo. Sem juros. Vocês podem me pagar quando Drago começar a ganhar.”

“Por quê?”

“É um investimento no futuro dele. No futuro de todos nós.”

Ela sacode a cabeça. “Por quê?”, repete. “Não entendo.”

É um dos dias em que trouxe Ljuba com ela. De jardineira escarlate, com as pernas uma de meia escarlate, outra de meia roxa, estendida no sofá, os braços largados ao longo do corpo, a menina podia ser tomada por uma boneca, não fossem os olhos pretos atentos.

“Você, sem dúvida, deve saber, Marijana”, ele sussurra. Está com a boca seca, o coração batendo forte, é tão horrível e tão emocionante como quando tinha dezesseis anos. “Uma mulher, sem dúvida, sempre sabe.”

Ela sacode a cabeça de novo. Parece genuinamente perplexa. “Não entendo.”

“Eu conto, em particular.”

Ela murmura alguma coisa para a menina. Obedientemente, Ljuba pega sua mochilinha pink e vai para a cozinha.

“Pronto”, diz Marijana. “Agora diga.”

“Eu te amo. Só isso. Amo você e quero te dar alguma coisa. Deixe.”

Nos livros que sua mãe costumava encomendar em Paris quando ele era criança, que chegavam em pacotes de papelão pardo com o timbre da Librairie Hachette e uma fileira de selos com a cabeça da severa Marianne envergando seu barrete frígio, livros sobre os quais sua mãe suspirava na sala de estar de Ballarat onde as venezianas estavam sempre fechadas, fosse contra o calor ou contra o frio, e que ele lia secretamente depois dela, pulando as palavras que não conhecia, como parte de sua sempiterna busca de descobrir o que lhe agradava, estaria escrito que os lábios de Marijana se curvaram de desdém, talvez até que seus lábios se curvaram de desdém enquanto os olhos cintilavam de secreto triunfo. Mas, quando deixou a infância para trás, ele perdeu a fé no mundo da Hachette. Se algum dia existiu — coisa de que duvidava — um código de olhares que, uma vez dominado, permitiria que se lessem infalivelmente os movimentos

transitórios de lábios e olhos humanos, esse código teria desaparecido agora, levado pelo vento.

Cai um silêncio, Marijana nada faz para ajudar. Mas ao menos não vira as costas. Se o lábio dela se curva ou não, parece efetivamente preparada para ouvir mais dessa extraordinária e irregular declaração.

O que ele devia fazer, claro, era abraçar a mulher. Peito contra peito, ela não poderia escapar. Mas para abraçá-la teria de pôr de lado as absurdas muletas que lhe permitem ficar em pé; e se fizer isso poderá se desequilibrar, talvez cair. Pela primeira vez, vê sentido em uma perna artificial, uma perna com um mecanismo que trava no joelho e assim libera os braços.

Marijana sacode a mão como se estivesse limpando um vidro ou sacudindo um pano de prato. “Senhor paga para Drago ir para colégio interno?”, ela diz, e o encanto se quebra.

É isso que ele quer? Pagar pela educação de Drago? É. Quer que Drago tenha uma boa educação e, depois disso, se ainda tiver a ambição, se o mar realmente ainda for o desejo de seu coração, qualificar-se como oficial naval. Ele quer que Ljuba e a irmã mais velha cresçam felizes também e alcancem o desejo de seus corações. Sobre toda a prole ele quer estender o escudo de sua benevolente proteção. E quer o amor dessa excelente mulher, mãe deles. Isso acima de tudo. Pelo que pagará qualquer coisa.

“É”, diz ele. “É isso que estou oferecendo.”

Ela enfrenta o olhar dele francamente. Embora ele não possa jurar, acredita que Marijana corou. Então, rapidamente, ela sai da sala. Um momento depois está de volta. O lenço vermelho desapareceu, o cabelo está solto. Traz num braço Ljuba, no outro a mochila pink. Está murmurando no ouvido da menina. A menina, de polegar na boca, vira-se e o inspeciona curiosamente.

“Temos de ir embora”, Marijana diz. “Obrigada.” E num rápido movimento desaparecem.

Ele agiu. Ele, um velho de dedos nodosos, confessou seu amor. Mas será que ousa, por um momento que seja, esperar que essa mulher, em quem,

sem previsão, sem nenhuma hesitação, despejou todas as suas esperanças,
venha a amá-lo de volta?

13.

No dia seguinte, Marijana não vem. Também não vem na sexta-feira. As sombras que ele achou que tinham ido embora para sempre retornam. Telefona para a casa dos Jokić, atende uma voz feminina, não a de Marijana (de quem?, da outra filha?), na gravação de uma secretária eletrônica. “Aqui é Paul Rayment, para Marijana”, diz ele. “Pode me telefonar, por favor?” Ela não telefona.

Ele se senta para escrever uma carta. *Cara Marijana*, escreve, *temo que tenha me entendido mal*. Deleta o *me* e escreve *minhas intenções*. Mas o que ela pode ter entendido mal? *Quando a conheci*, escreve, começando um parágrafo novo, *eu estava num estado dilacerado*. O que não é verdade. O joelho podia estar dilacerado, e seus projetos, mas não seu estado. Se ele soubesse a palavra para descrever o estado em que estava ao conhecer Marijana, saberia também o que quer dizer, no dia de hoje. Deleta *dilacerado*. Mas o que colocar no lugar?

Enquanto está nessa hesitação, a campainha da porta toca. O coração dele dá um salto. Será que, afinal, não vai precisar da palavra perturbadora, e da carta perturbadora?

“Mr. Rayment?”, diz a voz no interfone. “Aqui é Elizabeth Costello. Posso falar com o senhor?”

Elizabeth Costello, seja ela quem for, demora bastante para subir a escada. Quando chega à porta, está ofegante: é uma mulher de seus sessenta e tantos anos, ele diria, os últimos mais que os primeiros sessenta, com um vestido estampado de flores decotado revelando ombros não atraentes, sardentos, um tanto carnudos.

“Coração ruim”, diz ela, se abanando. “Impedimento quase tão grande quanto” (ela faz uma pausa para recuperar o fôlego) “uma perna ruim.”

Vinda de uma estranha, a observação parece a ele inadequada, imprópria.

Ele a convida para entrar, para sentar no sofá. Ela aceita um copo de água.

“Eu ia dizer que era da Biblioteca Estadual”, diz ela. “Ia me apresentar como uma voluntária da Biblioteca, que vim avaliar o porte de sua doação, o porte físico eu quero dizer, as dimensões, para podermos planejar com antecedência. Depois eu revelaria quem sou de verdade.”

“Não é da biblioteca?”

“Não. Isso ia ser uma desculpa.”

“Então, a senhora é...?”

Ela dá uma olhada pela sala com algo que parece aprovação. “Meu nome é Elizabeth Costello”, diz ela. “Como eu já disse.”

“Ah, a senhora é *aquela* Elizabeth Costello? Desculpe, eu não imaginei. Me perdoe.”

“Não tem de quê.” Das profundezas do sofá ela luta para se levantar. “Vamos direto ao assunto? Nunca fiz isto antes, mr. Rayment. Pode me dar sua mão?”

Por um momento, ele fica confuso. Dar a mão? Ela estende a mão direita e ele a pega. Durante um momento, a mão feminina, roliça e bastante fresca repousa na sua, que ele nota, desgostoso, ter assumido o tom lívido que assume quando ele fica muito tempo inativo.

“Então”, diz ela. “Eu sou como são Tomé, como pode ver.” E quando ele se mostra perplexo: “Quero dizer, por querer descobrir por mim mesma que tipo de ser é o senhor. Por querer ter certeza”, continua ela, e agora ele realmente não entende nada, “de que nossos corpos não iam atravessar um ao outro. Ingênuo, claro. Não somos fantasmas, nenhum de nós dois — por que eu haveria de pensar isso? Podemos continuar?”.

Ela torna a se sentar, pesadamente, endireita os ombros, e começa a recitar. “*O choque o colhe pela direita, duro, surpreendente e doloroso, como uma faísca elétrica, e levanta seu corpo da bicicleta. Relaxe!, ele diz a si mesmo enquanto voa pelo ar, e assim por diante.*”

Ela faz uma pausa e inspeciona o rosto dele, como se quisesse medir o efeito que está obtendo.

“Sabe o que eu perguntei a mim mesma quando ouvi essas palavras pela primeira vez, mr. Rayment? Eu me perguntei *Por que eu preciso desse homem?* Por que não esquecer dele, pedalando tranqüilamente a sua bicicleta, inconsciente de Wayne Bright ou Blight, vamos chamar de Blight, vindo com estrondo por trás dele para arruinar* sua vida e jogá-lo primeiro no hospital, depois de volta a seu apartamento com essa escada inconveniente? Quem é Paul Rayment para mim?”

Quem é essa maluca que eu botei pra dentro de casa? Como vou me livrar dela?

“E qual a resposta para sua pergunta?”, ele replica, cautelosamente. “Quem sou eu para a senhora?”

“Você veio a mim”, ela diz. “Sob certos aspectos, eu não controlo o que me vem. Você veio, junto com a palidez, as costas curvas, as muletas, o apartamento ao qual se apega tão obstinadamente, a coleção de fotografias e todo o resto. Junto também com Miroslav Jokić, o refugiado croata — é, é esse o nome dele, Miroslav, os amigos o chamam de Mel —, e seu vago envolvimento com a mulher dele.”

“Não é vago.”

“É, sim. A quem você expôs seus sentimentos, em vez de guardar para si mesmo, mesmo não fazendo idéia, e você sabe que não faz a menor idéia,

das conseqüências. Pense um pouco, Paul. Está pensando seriamente em seduzir sua funcionária a abandonar a família e vir morar com você? Acha que vai trazer felicidade para ela? Os filhos dela vão ficar bravos e confusos; vão parar de falar com ela; ela vai ficar deitada na sua cama o dia inteiro, chorando, inconsolável. Você vai gostar disso? Ou tem outros planos? Planeja que Mel se jogue no mar e desapareça, deixando esposa e filhos para você?

“Volto à minha primeira pergunta. Quem é você, Paul Rayment, e o que há de tão especial em suas inclinações amorosas? Acha que é o único homem que no outono de seus anos, no fim do outono, posso dizer, pensa ter encontrado o que nunca conheceu até então, o amor verdadeiro? Mr. Rayment, histórias assim existem aos montes. Vai ter de achar uma desculpa melhor para o seu caso.”

Elizabeth Costello: está começando a lembrar quem é ela. Tentou ler um livro dela uma vez, um romance, mas desistiu, não prendeu sua atenção. De vez em quando, topava com artigos dela na imprensa, sobre economia, ecologia ou direitos dos animais, que deixou para trás porque os assuntos não o interessavam. Houve tempo (ele agora está varrendo a própria memória) em que ela foi famosa por uma coisa ou outra, mas isso parece ter acabado, ou talvez tenha sido só outra tempestade da mídia. Cabelo cinzento; cara cinzenta também, com um coração ruim, como ela disse. Respiração acelerada. E aqui está ela pregando para ele, dizendo como deve levar a vida!

“Que rumo a senhora preferiria que eu tomasse?”, ele diz. “Que história me tornaria digno de sua atenção?”

“Como é que eu vou saber? Pense em alguma coisa.”

Mulher idiota! Devia jogá-la para fora.

“Força!”, diz ela.

Força? Forçar o quê? *Força!* é o que se diz para uma mulher em trabalho de parto.

“Invente diante da morte”, diz ela. “Rua Magill, o próprio portão da morada dos mortos: como você se sentiu quando rolou pelo ar? A sua vida

inteira passou diante dos seus olhos? Como lhe pareceu em retrospecto a vida que estava a ponto de deixar?”

Será verdade? Será que ele quase morreu? Sem dúvida existe uma distinção entre estar correndo risco de morrer e estar às portas da morte. Será que essa mulher sabe alguma coisa que ele não sabe? Voando pelo ar naquele dia, ele pensou — em quê? Que não se sentia tão livre desde que era menino, quando podia saltar sem medo de árvores, uma vez até de um telhado. E depois a exalação quando atingiu a rua, a respiração saindo de dentro dele num chiado. Poderia uma mera exalação ser interpretada como um último pensamento, uma última palavra?

“Fiquei triste”, ele diz. “Minha vida pareceu frívola. Que desperdício, eu pensei.”

“Triste. Ele voa pelo ar tão cheio de graça, o ousado rapaz do trapézio voador, e fica triste. A vida dele parece frívola, em retrospecto. Que mais?”

Que mais? Nada mais. O que essa mulher está querendo fisgar?

Mas a mulher parece ter perdido o interesse em sua questão. “Desculpe, de repente não estou me sentindo bem”, diz ela, resmungando, fazendo força para se levantar. E, de fato, está nauseada.

“Gostaria de deitar? Tenho uma cama no escritório. Posso oferecer uma xícara de chá?”

Ela abana a mão. “É só uma tontura, do calor, de subir a escada, de sabe-se lá que mais. Quero, obrigada, quero deitar um pouquinho.” Ela faz um gesto para empurrar as almofadas do sofá.

“Deixe ajudar.” Ele se levanta e, apoiado em uma muleta, pega o braço dela. *O coxo carregando o aleijado*, pensa. A pele dela está perceptivelmente pegajosa.

A cama no escritório é de fato bem confortável. Ele faz o que pode para remover a bagunça de cima dela; ela tira os sapatos e se estende. Apesar das meias de náilon, ele nota as panturrilhas gastas, com veias azuis.

“Não ligue para mim”, diz ela, um braço sobre os olhos. “Não é isso que nós dizemos, nós, os hóspedes não convidados? Faça de conta que não estou aqui.”

“Vou deixar a senhora descansar”, ele replica. “Quando estiver se sentindo melhor, eu telefono pedindo um táxi.”

“Não, não, não”, diz ela, “não é assim, não, eu acho. Ainda vou ficar com você um pouco.”

“Acho que não.”

“Ah, sim, mr. Rayment, acho que sim. O futuro previsível é que vou acompanhar o senhor.” Ela levanta o braço que estivera protegendo os olhos e ele vê que ela sorri ligeiramente. “Agüente”, diz ela. “Não é o fim do mundo.”

Meia hora depois, ele olha de novo. Ela está dormindo. A dentadura de baixo faz um volume para fora; um som ligeiramente raspado, como cascalho mexido, sai do fundo de sua garganta. Não soa saudável.

Ele tenta voltar para o livro que estava lendo, mas não consegue se concentrar. Melancolicamente, olha pela janela.

Há uma tosse. Ela está parada na porta, de meias. “Tem uma aspirina?”, pergunta.

“No banheiro, dentro do armário, vai encontrar paracetamol. É só isso que eu tenho.”

“Não adianta fazer cara feia para mim, mr. Rayment”, diz ela. “Eu não pedi por isto, tanto quanto o senhor.”

“Pedir o *quê*?” Não consegue evitar a irritação na voz.

“Não pedi *o senhor*. Não pedi para passar uma tarde perfeitamente boa neste triste apartamento seu.”

“Então vá! Saia do apartamento, se é tão ofensivo para a senhora. Eu ainda não faço a menor idéia de por que a senhora veio. O que quer de mim?”

“O senhor me veio. O senhor...”

“*Eu vim até a senhora? A senhora é que veio a mim!*”

“Sh, não grite, os vizinhos vão pensar que está me batendo.” Ela se deixa cair em uma poltrona. “Desculpe. Estou invadindo, eu sei. O senhor me veio, só posso dizer isso. O senhor me ocorreu — um homem com uma perna ruim, sem futuro e com uma paixão inadequada. Foi aí que

começou. Para onde vamos daqui, não faço a menor idéia. O senhor tem alguma proposta?”

Ele fica quieto.

“Pode não ver razão para isto, mr. Rayment, para a busca de intuições, mas é isso que eu faço. Foi assim que construí minha vida: seguindo intuições, inclusive aquelas que de início não consigo entender. Acima de tudo, aquelas que de início não consigo entender.”

Seguir intuições: o que será que isso quer dizer, no concreto? Como ela pode ter intuições sobre um estranho total, alguém em quem nunca botou os olhos?

“A senhora pegou meu nome da lista telefônica”, diz ele. “Está só arriscando. Não faz a menor idéia de quem eu sou de verdade.”

Ela sacode a cabeça. “Gostaria que fosse assim tão simples”, diz ela, tão baixinho que ele mal capta as palavras.

O sol está se pondo. Eles se aquietam e, como um velho casal de marido e mulher que declara uma trégua, ficam um momento sentados ouvindo os pássaros guinchar suas vésperas nas árvores.

“A senhora mencionou os JokiĆ”, ele diz, afinal. “O que sabe sobre eles?”

“Marijana JokiĆ, que cuida de você, é uma mulher educada. Ela não contou? Passou dois anos no Instituto de Artes de Dubrovnik e diplomou-se em restauração. O marido dela também trabalhava no instituto. Foi lá que se conheceram. Ele era um técnico, especializado em tecnologia de antigüidades. Foi ele quem remontou, por exemplo, o pato mecânico que havia ficado duzentos anos aos pedaços no porão do instituto, enferrujando. Agora, ele grasna como um pato comum, nada, bota ovos. É uma das *pièces de résistance* da coleção deles. Pena que na Austrália não haja demanda para os conhecimentos que ele domina. Aqui não temos patos mecânicos. Daí o trabalho na fábrica de carros.

“O que mais posso dizer que você ache interessante? Marijana nasceu em Zadar, é uma moça urbana, não distingue a cabeça do rabo de um

burrico. E ela é casta. Em todos os seus anos de casamento nunca foi infiel. Nunca caiu em tentação.”

“Não estou tentando ninguém.”

“Eu entendo. Como você disse, quer simplesmente despejar seu amor sobre ela. Quer dar. Mas ser amado tem um preço, a menos que a gente seja inteiramente sem consciência. Marijana não vai pagar o preço. Ela já esteve nessa situação antes, com pacientes que ficaram caídos por ela, que não conseguem se segurar, pelo que dizem. Ela acha isso cansativo. *Agora vou ter de encontrar outro trabalho*: é isso que ela pensa consigo mesma. Estou sendo clara?”

Ele fica quieto.

“Você está fisgado por alguma coisa, não está?”, diz ela. “Alguma qualidade dela atrai você. No meu entender, essa qualidade é a expansividade dela, a expansividade de uma fruta plenamente madura. Deixe eu sugerir por que Marijana deixa essa impressão, em você e em outros homens também. Ela se expande porque é amada, tão amada quanto se pode esperar neste mundo. Você não vai querer ouvir os detalhes, então não vou dar. Mas a razão por que os filhos dela tanto impressionaram você, o rapaz e a menina pequena, é que eles cresceram encharcados de amor. Se sentem à vontade no mundo. Para eles, é um bom lugar.”

“Porém...”

“É, porém o rapaz tem a marca da morte nele. Nós dois vemos isso. Bonito demais. Luminoso demais.”

“Dá vontade de chorar.”

Estão ficando lúgubres, os dois, lúgubres e sonolentos. Ele reage. “Ainda tem um resto de canelone de Marijana no freezer, de ricota e espinafre”, diz ele. “Aceita? Depois disso não sei quais são seus planos. Se quiser passar a noite aqui, esteja à vontade, mas vamos só até aí, de manhã vai ter de ir embora.”

Devagar, decidida, Elizabeth Costello sacode a cabeça. “Não é possível, Paul, sinto muito. Queira ou não, vou ficar com você um bom tempo.

Serei uma hóspede-modelo, prometo. Não vou deixar minhas calcinhas penduradas no banheiro. Não vou ficar no seu caminho. Como muito pouco. Você quase nem vai notar que estou aqui. Só um toque no ombro, de vez em quando, para a esquerda, para a direita, para manter você no rumo.”

“E por que tenho de aceitar isso? E se eu recusar?”

“Vai ter de aceitar. Não depende de você.”

* Jogo de palavras intraduzível: *blight*, o verbo aqui usado para “arruinar”, é também o sobrenome do personagem. (N. T.)

14.

É verdade mesmo, Elizabeth Costello é uma hóspede-modelo. Curvada em cima da mesinha de centro no canto da sala de estar que ela anexou para si, passa o fim de semana absorta em um volumoso texto datilografado, no qual parece estar fazendo anotações. Ele não lhe oferece refeições e ela não pede isso. De vez em quando, sem dizer uma palavra, desaparece do apartamento. O que faz consigo mesma ele só pode adivinhar: talvez fique vagando pelas ruas de North Adelaide, talvez se sente em um café e mordisque um croissant olhando o trânsito.

Durante uma dessas ausências, ele caça o texto, apenas para ver o que é, mas não consegue encontrar.

“Devo concluir”, diz ele no domingo à noite, “que você veio bater na minha porta para me estudar e me usar em um livro?”

Ela sorri. “Antes fosse assim tão simples, mr. Rayment.”

“Por que não é simples? Me parece bem simples. Está escrevendo um livro e vai me colocar nele? É isso que está fazendo? Se for, que tipo de livro é, e por que não acha que precisa de meu consentimento antes?”

Ela suspira. “Se eu fosse *colocar você num livro*, como diz, simplesmente iria em frente. Mudaria seu nome, uma ou duas circunstâncias da sua vida, para evitar a lei de difamação, e pronto. Com toda a certeza não precisaria vir morar com você. Não, você veio a mim, como eu disse: o homem com a perna ruim.”

Ele está ficando cansado de ouvir que *veio a* essa mulher. “Você não acharia mais fácil usar alguém que venha a você de mais boa vontade?”, ele observa, o mais seco que pode. “Desista de mim. Não sou uma pessoa afável, você não vai demorar para descobrir. Se afaste. Não vou deter você. Vai achar um alívio se ver livre de mim. E vice-versa.”

“E a sua paixão inadequada? Onde é que eu vou achar outra assim?”

“Minha paixão, como você diz, não é da sua conta, mrs. Costello.”

Ela dá um sorriso invidioso, sacode a cabeça. “Não é você quem resolve o que é da minha conta”, responde baixinho.

A mão dele se aperta na muleta. Se fosse uma muleta antiga de verdade, de madeira de freixo ou eucalipto australiano, com algum peso, em vez de ser de alumínio, ele desceria na cabeça da velha megera, golpe após golpe, tantos quantos fossem necessários, até ela cair morta a seus pés, o sangue empapando o tapete, e que fizessem com ela depois o que bem entendessem.

O telefone toca. “Mr. Rayment? Aqui é Marijana. Como vai senhor? Desculpa eu falta meus dias. Estava doente. Vem amanhã, o.k.?”

Então é esse que vai ser o faz-de-conta entre eles: ela estava doente. “Sei, claro que está o.k., Marijana. Espero que esteja se sentindo melhor. Até amanhã, como sempre.”

“Marijana volta ao trabalho amanhã”, ele informa à hóspede, tão secamente quanto consegue. *Hora de você se mandar*: espera que ela entenda o recado.

“Tudo bem. Não vou incomodar.” E quando ele lhe dá um olhar zangado: “Está preocupado de ela pensar que eu seja uma das suas amigas de antes?”. Ela dá um sorriso que não é nada menos que alegre. “Não leve as coisas tão a sério, Paul.”

A razão de Marijana resolver voltar vem à tona assim que ela entra pela porta. Antes mesmo de tirar a capa — está chovendo, uma chuva pesada e fumarenta, com aroma de eucalipto —, bate na mesa um folheto de papel brilhante. Na capa, prédios imitando gótico em extensos gramados; em um boxe, um menino bem-arrumado em mangas de camisa e gravata, diante de um teclado de computador, com um colega igualmente bem-arrumado olhando por cima de seu ombro. *Wellington College: Cinco Décadas de Excelência*. Ele nunca ouviu falar do Wellington College.

“Drago diz que quer ir para lá”, diz Marijana. “Parece escola boa, senhor não acha?”

Ele folheia o prospecto. “Instituição irmã do Wellington College de Pembrokeshire”, lê em voz alta. “Preparando jovens para os desafios do novo século... Carreiras em negócios, ciência e tecnologia, forças armadas. Onde fica esse lugar? Como você ficou sabendo?”

“Em Canberra. Em Canberra ele encontrou outros amigos. Os amigos de Adelaide não bons, só puxavam ele para baixo.” Ela pronuncia Adelaide à maneira italiana, que rima com *spider*.^{*} Por causa de Dubrovnik, pertinho de Veneza.

“E onde você ouviu falar do Wellington College?”

“Drago sabe tudo. É food school da Academia da Força de Defesa.”

“*Feeder school*.”^{**}

“*Feeder school*. Tem, sabe, preferência.”

Ele volta ao folheto. Formulário de inscrição. Tabela de preços. Sabe que as mensalidades em escolas internas é alta: mesmo assim, os valores, preto no branco, dão-lhe um susto.

“Quantos anos ele vai ficar lá?”

“Se ele começa em janeiro, dois anos. Em dois anos, ele passa a ano doze, aí pode ter bolsa de estudo. É só mensalidade de dois anos que precisa.”

“E Drago está entusiasmado com a escola? Concordou em ir?”

“Muito entusiasmado. Quer ir.”

“É normal, sabe, os pais darem uma olhada na escola antes de se comprometerem. Dar uma volta pelas instalações, conversar com o diretor, sentir o lugar. Tem certeza de que você, seu marido e Drago não gostariam de primeiro visitar o Wellington College?”

Marijana tira a capa — é feita de algum material plástico transparente, absolutamente prático — e pendura nas costas de uma cadeira. Está com a pele quente, avermelhada. Sem nenhum traço de tensão por causa do último encontro com ele. “Wellington College”, diz ela. “Acha que Wellington College quer que mr. e mrs. Jokić de Munno Para visita, ver se Wellington College é bom para filho deles?”

Seu tom é bem-humorado. Se alguém está embaraçado, é ele.

“Na Croácia, sabe, mr. Rayment, meu marido era homem famoso, mais ou menos. Não acredita? Tem foto dele em todos jornais. Miroslav Jokić e pato mecânico. Na televisão” — com

dois dedos ela faz movimento de caminhar no ar — “fotos de pato mecânico. Único homem que faz pato mecânico andar, fazer barulho assim como quem diz *quack*, comer” — ela bate no peito — “e outras coisas também. Pato velho, velho. Da Suécia. Chegou em Dubrovnik em 1680, da Suécia. Ninguém conserta. Então Miroslav Jokić conserta perfeito. Uma semana, duas semanas, ele é homem famoso na Croácia. Mas aqui” — ela levanta os olhos para o céu — “quem liga? Na Austrália ninguém fala de pato mecânico. Não sabe o que é. Miroslav Jokić, ninguém fala. Só montador de carro. Não é nada, montador de carro.”

“Não sei se concordo”, diz ele. “Um montador de carro não é um nada. Ninguém é nada. De qualquer forma, se você vai visitar ou não, se vocês são de Munno Para ou de Timbuktu, o que eu sei é que o Wellington College vai ficar bem contente de receber seu dinheiro. Vá em frente e inscreva o rapaz. Eu pago. Vou fazer um cheque agora mesmo para a taxa de inscrição.”

Então, pronto. Simples assim. Ele está comprometido. Transformou-se em padrinho. Padrinho: aquele que leva um filho a Deus. Será que vai ter de levar Drago a Deus?

“Está bom”, diz Marijana. “Eu conto para Drago. Senhor deixa ele muito feliz.” Uma pausa. “E senhor? Perna tudo bem? Sem dor? Fez exercício?”

“A perna está boa, sem dor”, diz ele. O que ele não diz é: *Mas por que você abandonou o emprego, Marijana? Por que me abandonou? Não é uma conduta muito profissional, não é? Aposto que não ia gostar que mrs. Putz ficasse sabendo.*

Ele ainda está todo ofendido, quer algum sinal de contrição de Marijana. Ao mesmo tempo, está embriagado do prazer de tê-la de volta, excitado também por causa do dinheiro que está a ponto de dar. Dar sempre o anima, isso ele sabe sobre si próprio. Anima-o a dar mais. Como no jogo. A emoção de perder. Perda sobre perda. A queda descuidada, negligente.

À sua maneira ocupada de sempre, Marijana já está trabalhando. Começa pelo quarto, despe a cama e arruma-a com lençóis limpos. Mas sente os olhos dele em cima dela, disso ele tem certeza, pode sentir o calor que vem dele, acariciando as coxas dela, os seios. Eros sempre foi forte com ele de manhã. Se por algum milagre pudesse abraçar Marijana agora mesmo, nesse estado de espírito, aproveitar a maré enquanto está alta, ele superaria toda a retidão dela, está disposto a apostar. Mas impossível, claro. Imprudente. Pior que imprudente, maluco. Não devia nem pensar nisso.

Então a porta do banheiro se abre e a mulher, Costello, entra em cena de camisola e chinelos. Está secando o cabelo com uma toalha, revelando retalhos do couro cabeludo rosado. Ele a apresenta displicentemente. “Marijana, esta é mrs. Costello. Vai ficar um pouco aqui. Mrs. Jokić.”

Marijana estende a mão para ela e com uma solenidade apalhaçada Costello a aperta. “Prometo não atrapalhar”, diz.

“Não preocupe.”

Minutos depois, ele ouve a porta da frente fechar. Pela janela, vê Costello descer a rua na direção do rio. Está usando um chapéu de palha que ele reconhece, um chapéu seu que não usa há anos. Onde ela encontrou? Será que andou fuçando os armários?

“Bonita senhora”, diz Marijana. “Ela amiga?”

“Amiga? Não, nem um pouco. Colega apenas. Está na cidade a negócios, vai ficar aqui enquanto isso.”

“É bom.”

Marijana está com pressa, parece. Normalmente, a primeira coisa que faz de manhã é cuidar da perna e conduzi-lo nos exercícios. Mas hoje ela não menciona exercícios. “Tenho de ir embora, dia especial, tem de pegar Ljubica no jardim-de-infância”, diz. Da bolsa, tira uma quiche congelada. “Eu volta de tarde, talvez. Aqui tem uma coisa pequena que eu compra para almoço. Eu deixo nota, senhor paga depois.”

“Uma coisinha”, ele corrige.

“Uma coisinha”, diz ela.

Mal ela vai embora, a chave gira na fechadura e Elizabeth Costello está de volta. “Comprei frutas”, anuncia. Coloca um saco plástico em cima da mesa. “Vai haver uma entrevista, eu acredito. Acha que Marijana vai se sair bem?”

“Entrevista?”

“Para essa escola. Vão querer entrevistar o rapaz e os pais, mas principalmente os pais, para ter certeza de que são do tipo certo.”

“É o Drago que vai se inscrever, não os pais. Se o pessoal do Wellington College tiver algum juízo, vai aceitar Drago imediatamente.”

“E se perguntarem diretamente aos pais como vão fazer para pagar essas mensalidades absurdas?”

“Eu escrevo uma carta para eles. Dou garantias. Faço o que for preciso.”

Ela está construindo uma pequena pirâmide de frutas — abricós, nectarinas, uvas — na tigela da mesinha de centro. “Admirável”, diz ela. “Fico tão contente de ter a oportunidade de conhecer você melhor. Você me dá confiança.”

“Eu dou confiança? Nunca ninguém me disse isso antes.”

“É, você me devolve minha fé. Não deve levar a sério o que eu disse a respeito de você e de mrs. Jokić. É que é constrangedor, só isso, se ver na presença de um amor antigo, verdadeiro. Eu me curvo a você.”

Ela faz uma pausa no que está fazendo e, sem ironia, inclina muito ligeiramente a cabeça.

“Porém”, continua, “não esqueça que resta ainda a barreira de Miroslav a superar. Você não deve confiar que Miroslav vá aceitar que o filho entre numa escola de luxo a mil e quinhentos quilômetros de distância. Ou que vá querer que suas obrigações pecuniárias sejam assumidas por um homem que a mulher dele visita seis dias por semana, o homem que não tem uma perna. Já pensou no que vai fazer com Miroslav?”

“Seria burrice dele recusar. Não tem nada a ver com ele. Tem a ver com o filho dele, com o futuro do filho.”

“Não, Paul, não está certo”, ela diz baixinho. “Do filho para a mulher, da mulher para ele: é assim que o fio corre. Você toca o orgulho dele, a honra masculina dele. Mais cedo ou mais tarde vai ter de encarar Miroslav. O que vai dizer quando esse dia chegar? ‘Só estou querendo ajudar’? É isso que vai dizer? Isso não basta. Só a verdade vai bastar. E a verdade é que você não está tentando ajudar. Ao contrário, está tentando travar o funcionamento da família Jokić. Está tentando ficar íntimo de mrs. J. E também seduzir os filhos de mrs. J, afastar as crianças dele e transformar em suas, um, dois, até os três. Não é o que eu chamaria de um panorama amigável, no fim das contas. Não, você não é amigo de Miroslav, de jeito nenhum que eu consiga ver. Miroslav não vai ser tolerante com você; e será que está errado? Portanto, o que você vai fazer com Miroslav? Tem de pensar. Tem de pensar.” Com a ponta do dedo ela toca a testa dele. “E se seu pensamento levar aonde eu acho que vai levar, ou seja, a um muro em branco, eu tenho uma alternativa a propor.”

“Alternativa a quê?”

“Uma alternativa a todo esse imbróglio seu com a família Jokić. Esqueça mrs. Jokić e a sua fixação nela. Pense no passado. Lembra quando foi a última vez que visitou o departamento de osteopatia do hospital? Lembra da mulher de óculos escuros no elevador, na companhia de uma mulher mais velha? Claro que lembra. Ficou impressionado com ela. Até eu vejo isso.

“Nada que acontece na vida da gente deixa de ter um sentido, Paul, isso qualquer criança pode dizer. É uma das lições que as histórias nos contam, uma de muitas lições. Desistiu de ler histórias? Um erro. Não devia.

“Deixe eu informar você sobre a mulher de óculos escuros. Ela é, uma pena!, cega. Perdeu a visão há um ano, como resultado de um tumor maligno. Perdeu um olho inteiro, removido cirurgicamente, e o uso do outro também. Antes da tragédia ela era bonita, ou pelo menos altamente atraente; hoje, coitada, não é bonita do jeito que cegos não são bonitos. É preferível não olhar para o rosto dela. Ou então a pessoa se vê encarando e desvia os olhos, repugnada. Essa repulsão é, evidentemente, invisível para ela, mas ela sente isso mesmo assim. Tem consciência do olhar dos outros como de dedos que a toquem, apalpando e recuando.

“Ser cega é pior do que disseram que seria, pior do que ela jamais imaginou. Ela está desesperada. Em questão de meses se transformou em um objeto de horror. Não consegue suportar o ar livre, onde pode ser vista. Ela quer se esconder. Quer morrer. E ao mesmo tempo — não consegue evitar — está cheia de luxúria infeliz. Está no calor de sua vida de mulher; ela geme alto de luxúria, dia após dia, como uma vaca ou uma porca no cio.

“Você se surpreende com o que eu estou dizendo? Acha que é só uma história que estou inventando? Não é. A mulher existe, você viu com seus próprios olhos, o nome dela é Marianna. Este mundo aparentemente tranqüilo que habitamos contém horrores, Paul, que você não seria capaz de conceber sozinho nem num mês todo de domingos. As profundezas do oceano, por exemplo, o fundo do mar — o que acontece lá vai além de qualquer imaginação.

“O que Marianna quer não é consolação, muito menos adoração, mas amor em sua expressão mais física. Ela quer ser, não importa se brevemente, como era antes, como você à sua maneira quer ser como era antes. Vou dizer uma coisa: por que não ver o que vocês podem conseguir juntos, você e Marianna, ela cega, você coxo?

“Vou dizer mais uma coisa sobre Marianna. Marianna conhece você. É, ela conhece você. Você e ela são conhecidos. Sabia disso?”

É como se ela tivesse lido o diário dele. Como se ele tivesse um diário e essa mulher se infiltrasse toda noite no apartamento para ler seus segredos. Mas não existe diário, a menos que ele escreva durante o sono.

“Está enganada, mrs. Costello”, diz ele. “A mulher a que se refere, a quem chama de Marianna — só encontrei com ela uma vez, no hospital, onde ela não pode ter me visto, por definição. Então, não pode me conhecer, nem mesmo no sentido mais trivial.”

“É, talvez eu esteja enganada, é possível. Ou talvez você é que esteja enganado. Talvez Marianna pertença a uma parte mais antiga da sua vida, em que vocês dois eram jovens, inteiros e bonitos de se olhar, e você tenha simplesmente esquecido disso. Você era fotógrafo profissional, não era? Talvez, um dia, tenha tirado a fotografia dela, e aconteceu de estar com toda a atenção concentrada na imagem que estava fazendo, não nela, a fonte da imagem.”

“Talvez. Mas não tem nada errado com a minha memória e não me lembro dessa experiência.”

“Bom, velhos amigos ou não, por que não tentar descobrir o que vocês podem conseguir juntos, você e Marianna? Dadas as circunstâncias especiais do caso, eu me encarrego pessoalmente de arranjar um encontro. Você só precisa esperar e se preparar. Pode ter certeza, se houver alguma proposta eu coloco para ela de um jeito que permita a ela vir até aqui sem perder o auto-respeito.

“Uma última coisa. Me permita sugerir que, seja o que for que você e ela resolvam fazer, que seja no escuro. Como uma gentileza a ela. Pense em sua cama como uma caverna. Uma tempestade está em curso, uma caçadora virgem entra procurando abrigo. Ela estende a mão e encontra outra mão, a sua. E assim por diante.”

Ele tem de dizer alguma coisa perspicaz, mas não consegue, é como se estivesse drogado ou tonto.

“Sobre o episódio que você diz não ter lembrança”, continua Costello, “... do dia em que você pode ou não ter tirado a foto dela, eu diria apenas que tenha um pouco menos de segurança. Revire a sua memória e vai ficar surpreso com as imagens que vêm à superfície. Mas não quero pressionar. Vamos construir o nosso lado da história partindo do fato de que você só viu essa mulher de relance, no elevador. Só viu de relance, mas foi o bastante para incendiar seu desejo. Do seu desejo e da necessidade dela, o que vai nascer? Paixão na maior escala? Uma grande conflagração outonal? Vamos ver. A questão está em suas mãos, nas suas e nas dela. Minha proposta é aceitável? Se for, diga sim. Ou, se estiver muito envergonhado, só responda com a cabeça. Sim?”

“O nome dela é Marianna, como eu disse, com dois enes. Não há como evitar. Não está em meu poder mudar nomes. Pode dar para ela algum nome provisório, se quiser, um apelido, querida, gatinha, qualquer coisa. Ela foi casada, mas depois do golpe do destino que descrevi o casamento acabou, como todo o resto acabou. A vida dela está em desordem. No momento, mora com a mãe, aquela mulher que você viu com ela, a matrona.

“Basta de informações por enquanto. Vai poder recolher o resto dos próprios lábios dela. Dois enes. Era uma vez a filha de um criador de porcos. A roupa dela está em desordem, assim como tudo na vida dela, mas isso pode ser perdoado; quem não comete esse erro ocasional ao se vestir no escuro?”

“Agitada, mas limpa. Desde a cirurgia, a cirurgia extremamente delicada, bem ao contrário da grosseira carnificina da amputação, ela passou a ser morbidamente escrupulosa com a limpeza, com os cheiros dela mesma. Isso acontece com alguns cegos. É melhor você também estar bem limpo para ela. Se estou falando com crueldade, me perdoe. Lave-se bem. Lave tudo. E livre-se dessa cara triste. Perder uma perna não é uma tragédia. Ao contrário, perder uma perna é cômico. Perder qualquer parte do corpo que se espeta para fora é cômico. Se não fosse, não haveria tantas

piadas sobre o assunto. O velho pernetá na esquina parado/ Pedindo esmola com o chapéu virado. E assim por diante.

“Fique sabendo de uma coisa, Paul: os anos passam num piscar de olhos. Então aproveite enquanto ainda está com saúde. É sempre mais tarde do que se pensa.

“E não, a outra Marijana, a enfermeira, não foi idéia minha, se é isso que está pensando. Essas coisas não têm método. A Marijana de Dubrovnik, sua paixão inadequada, chegou via sua amiga mrs. Putts. Não tem nada a ver comigo.

“Você não consegue me entender, não é? Acha que eu sou uma prova. Quase o tempo todo acha que estou falando bobagem, inventando as coisas na hora. Porém você ainda não se rebelou, pelo que vejo, não ainda. Você me tolera com a esperança de que eu desista e vá embora. Não negue, está escrito na sua cara, para todo mundo ver. Você é Jó, eu sou um dos seus sofrimentos não merecidos, a mulher que insiste e insiste, cheia de planos de salvar você de você mesmo, blá-blá-blá, quando tudo o que você deseja é paz.

“Não precisa ser assim, Paul. Eu repito: esta história é sua, não minha. Na hora em que você decidir assumir o comando, eu desapareço. Não vai mais ouvir falar de mim; vai ser como se eu nunca tivesse existido. Essa promessa eu estendo à sua nova amiga Marianna também. Vou me retirar; você e ela vão ter liberdade para trabalhar as respectivas salvaçãoes.

“Pense como você começou bem. O que poderia ser mais bem calculado para captar a atenção de alguém do que o acidente na rua Magill, quando o jovem Wayne colidiu com você e te jogou no ar, voando *como um gato*? Que triste declínio desde então! Cada vez mais devagar, até agora você estar quase parado, preso dentro de um apartamento abafado com uma enfermeira que não podia ligar menos para você. Mas não desanime. Marianna tem possibilidades, com seu rosto devastado e a luxúria cheia de remorso em que está presa. Marianna é uma mulher e tanto. A questão é a seguinte: você é homem que baste para ela?

“Me responda, Paul. *Diga alguma coisa.*”

É como um mar batendo na cabeça dele. Na verdade, em seu entender, podia já ter caído no mar, levado para cá e para lá pelas correntes das profundezas. O bater da água que com o tempo despirá seus ossos do último fiapo de carne. Pérolas no lugar de olhos; coral em vez de ossos.

* “Aranha”, cuja pronúncia em inglês australiano soa semelhante a “spaide”.(N. T.)

** Jogo de palavras intraduzível: *food school*, “escola de comida”; *feeder school*, escola que, nos sistemas educacionais de língua inglesa, é fornecedora, “alimentadora” (*feeder*) de alunos para determinadas escolas de elite. (N. T.)

15.

Marijana telefona. Mesmo antes de ela falar, ele sabe o que vai dizer: que sente muito, que não pode vir hoje. Um problema com a filha. Não, não Ljubica: com Blanka.

“Posso ajudar?”, ele pergunta.

“Não, ninguém pode ajudar.” Ela suspira. “Vou amanhã, com certeza, o.k.?”

“Problema com a filha”, reflete Elizabeth Costello. “Imagino que problema poderia ser. Mesmo assim, não há nuvem sem sol por trás. A mulher de que falei, Marianna, a cega — não consegue tirar ela da cabeça, não é? Não finja, Paul, dá para ler você como um livro. Acontece que Marianna está perdida hoje. Não sabe o que fazer consigo mesma. Esteja no café da esquina, Alfredo’s, acho que é esse o nome, às cinco da tarde hoje, eu trago a mulher para conhecer você. Vista-se bem, mesmo ela não podendo ver. Eu trago a mulher, e dou o meu adeus. Não me pergunte como eu faço essas coisas, não é mágica, eu simplesmente faço.”

Costello fica fora a tarde toda. Às quatro e meia, quando ele está a ponto de sair do apartamento, ela reaparece, sem fôlego. “Mudança de planos”,

diz ela. “Marianna está aí embaixo. Ela não gosta da idéia do Alfredo’s. Está sendo” — dá um ronco exasperado —, “está sendo difícil. Posso usar sua cozinha?”

Volta da cozinha trazendo uma tigelinha de algo que parece creme. “É só uma pasta de farinha e água. Para colocar nos olhos. Não tenha medo, não vai machucar. Por que tem de usar isso? Porque Marianna não quer que você olhe para ela. Ela insiste. Aqui, abaixe. Fique quieto. Não pisque. Para segurar no lugar, uma folha de limoeiro em cima de cada olho. E para segurar as folhas no lugar, uma meia de náilon, lavadinha, prometo, amarrada atrás da cabeça. Pode tirar a hora que quiser. Mas eu não recomendaria, sinceramente, não mesmo.

“Então. Tudo pronto. Desculpe ser tão complicado, mas é assim que nós, seres humanos, somos, complicados, cada um à sua maneira única. Agora, você se acomode e espere, que eu vou buscar Marianna. Sente que já está pronto? Quer mesmo isso? Sim? Ótimo. Lembre-se, tem de pagar a ela. É esse o arranjo, é assim que ela mantém o auto-respeito. Que mundo atrapalhado, não é? Mas é o único que temos.

“Assim que ela estiver entregue, vou-me embora e deixo vocês dois se conhecerem melhor. Não volto até amanhã ou depois. Até logo. Não se preocupe comigo. Sou dura na queda.”

Ela vai embora. Ele fica de frente para a porta, apoiado no andador. Há um murmúrio de vozes no poço da escada. A fechadura da porta soa de novo.

“Estou aqui”, ele diz, no escuro. Mal consegue acreditar, mas seu coração parece estar martelando.

Um deslizar, um farfalhar. O aroma das folhas úmidas sobre seus olhos domina qualquer outro cheiro. Uma pressão no andador, que ele sente nas mãos. “Estou de olhos fechados, colados”, diz. “Não estou acostumado a ser cego, seja tolerante.”

Uma mão, pequena, leve, toca seu rosto e fica pousada nele. Que se dane, ele pensa: volta-se para a mão e a beija. *Vamos jogar até o fim.*

Dedos exploram seus lábios, as unhas cortadas curtas. Através do véu do limão ele sente o cheiro ténue de lã. Os dedos traçam a linha de seu queixo; passam pela venda, correm por seus cabelos.

“Deixe eu ouvir sua voz”, ele diz.

Ela pigarreia e pelo tom agudo, claro, ele já pode ouvir que não é Marijana Jokić: mais leve, mais uma criatura do ar.

“Se você cantar, seria o melhor de tudo”, diz ele. “Estamos em cena, num certo sentido, mesmo não tendo espectadores.”

Mesmo não tendo espectadores. Mas em certo sentido estão sendo observados, ele tem certeza disso, pode sentir na nuca.

“O que é isto?”, diz a voz leve, e ele sente o andador oscilar ligeiramente. O sotaque não é australiano, nem inglês. Croata? Outra croata? Com certeza não; com certeza os croatas não são assim tão numerosos ali. Além disso, que sentido poderia ter uma fileira de croatas, uma depois da outra?

“É uma estrutura de alumínio, conhecida no dia-a-dia como andador. Eu perdi uma perna. Acho o andador menos cansativo que as muletas.” Então lhe ocorre que o andador pode ser tomado como uma barreira. “Deixe eu largar isto aqui.” Coloca o andador de lado e senta-se no sofá. “Quer sentar ao meu lado? É um sofá, aqui um ou dois passos à frente. Desculpe eu não poder ajudar, por causa da venda que nossa amiga comum, mrs. Costello, me fez usar. Ela tem de explicar muita coisa, mrs. Costello.”

Ele culpa mrs. Costello pela venda e por muita coisa mais, mas ainda não vai tirá-la, não vai despir sua visão até a nudez.

Com um farfalhar (o que ela pode estar vestindo que faz tanto barulho?) a mulher senta-se a seu lado — senta em cima de sua mão, na verdade. Durante um momento, até ela se levantar e ele poder tirá-la, a mão fica debaixo de suas nádegas de um jeito muito vulgar. Não é uma mulher grande, mas tem nádegas grandes, grandes e macias. Porque os cegos são inativos, não andam, não correm, não andam de bicicleta. Toda aquela energia acumulada sem nenhuma via de expressão. Não é de admirar que

ela seja inquieta. Não é de admirar que esteja pronta a visitar sozinha um homem estranho.

Agora que está com as mãos livres, ele pode tocá-la como ela o toca. Mas é isso que quer fazer? Quer explorar aqueles olhos ou algum ponto perto deles? Quer ficar — como é a palavra? — *horrorizado*? O horror, algo que revira o estômago, desumaniza, deixa pálido e trêmulo. Alguém pode se horrorizar com algo que não pode ver, mas que os dedos relatam, mesmo os dedos de alguém como ele, novato na terra dos cegos?

Hesitante, ele estende a mão. Sente um cacho duro de alguma coisa, bolas, contas, frutinhas bordadas numa bainha. A gola ou o corpete dela, decerto. Centímetros acima, o queixo. Um queixo firme, pontudo; depois uma mandíbula curta, e o começo de penugem ou cabelo que ele tem a sensação de ser escuro, assim como a pele dá a sensação de ser escura; depois uma coisa dura, um brinco. Ela está de óculos, óculos que se curvam para trás por cima das maçãs do rosto, talvez os mesmos óculos escuros que usava no elevador.

“Seu nome é Marianna, mrs. Costello me disse.”

“Marianna.”

Ele diz *Marianna*, ela diz *Marianna*, mas não é o mesmo nome. O *Marianna* dele ainda está colorido de *Marijana*: é mais pesado que o dela, mais sólido. Do *Marianna* dela só pode dizer que é líquido, prateado: não tão rápido quanto mercúrio, mas como água corrente, um regato murmurante. E é assim, ser cego: ter de pesar cada palavra na mão, pesar cada tom, buscar equivalentes que soam demais (*regato murmurante*) como má poesia?

“Não o *Marianne* francês?”

“Não.”

Não. Francês, não. Uma pena. Francês teria sido alguma coisa em comum, como um cobertor para estender em cima deles dois.

A pasta de água e farinha funciona surpreendentemente bem. Mesmo que esteja com as pupilas dilatadas ao máximo, está em um mundo de

absoluta escuridão. De onde Costello tirou essa idéia? De um livro? Uma receita herdada dos antigos?

Com os dedos ainda nos cabelos um tanto encaracolados dela, ele a puxa para si, e ela vem. O rosto colado ao dele, os óculos escuros também, embora seus punhos estejam levantados, dois nós que mantêm o peito dela afastado do dele.

“Obrigado pela visita”, ele diz. “Mrs. Costello me contou dos seus problemas. Sinto muito.”

Ela não diz nada. Ele sente um ligeiro tremor percorrê-la.

“Não é preciso”, ele continua, mas não sabe o que fazer em seguida. O que é preciso, o que não é preciso? Alguma coisa a ver com o fato de serem homem e mulher; alguma coisa a ver com ceder à, para usar o termo de Costello, luxúria. Mas entre o que eles são, homem e mulher, e o exercício da luxúria abre-se um verdadeiro abismo. “Não é preciso”, ele começa de novo, “seguir nenhum esquema. Não é preciso fazer nada que a gente não queira. Somos livres.”

Ela ainda está tremendo, tremendo ou vibrando, como um pássaro. “Chegue mais perto”, ele diz, e ela, obediente, desliza para mais perto. Deve ser difícil para ela. Ele tem de ajudá-la, estão nisso juntos.

As contas, frutinhas e bolas no pescoço dela acabam sendo puramente decorativas. O vestido se abre com um zíper atrás, que felizmente vai até a cintura. Os dedos dele são lentos e desajeitados. Se ela tivesse ficado sentada em cima de sua mão um pouquinho mais, os dedos teriam se aquecido. Calor animal. Quanto ao sutiã, é bem construído, sólido, o tipo de coisa que ele imagina as carmelitas usando. Seios grandes, bunda grande, mas esguia no resto. Marianna. Que está aqui, diz a mulher Costello, não por solicitude a ele, mas por si mesma. Porque há nela uma sede que não pode ser saciada. Por causa do rosto dela, do rosto devastado, que ele foi alertado a não olhar e talvez nem tocar, porque o transformaria em gelo.

“Sugiro que a gente não fale muito”, diz ele. “Mesmo assim, tem uma coisa que preciso mencionar, por questões práticas. Não tive nenhuma

experiência desse tipo desde o meu acidente. Posso precisar de ajuda.”

“Eu sei disso. Mrs. Costello me disse.”

“Mrs. Costello não sabe tudo. Ela não pode saber o que eu não sei.”

“É.”

É? O que quer dizer isso, é?

Ele duvida profundamente que jamais tenha fotografado essa mulher sozinha. Se tivesse, não teria se esquecido dela. Talvez ela fizesse parte de um grupo, na época em que ele visitava escolas para tirar fotos de grupos, isso é possível; mas não sozinha. A imagem que tem dela vem apenas do elevador e do que seus dedos lhe dizem agora. Para ela, ele deve ser uma mixórdia ainda maior de dados sensoriais: a frieza das mãos; a aspereza da pele; o raspar da voz; e um cheiro provavelmente desagradável para as narinas supersensíveis dela. Será que isso basta para ela construir a imagem de um homem? É uma imagem à qual ela esteja preparada para se entregar? Por que concordou em vir, visão não vista? É como um experimento primitivo de biologia — como colocar juntas espécies diferentes para ver se se cruzam, raposa e baleia, grilo e sagüi.

“Seu dinheiro”, diz ele. “Estou colocando na mesinha lateral, dentro de um envelope. Quatrocentos e cinqüenta dólares. Está bom?”

Ele sente que ela concorda com a cabeça.

Passa-se um minuto. Nada acontece. Um homem de uma perna só e uma mulher parcialmente despida esperando o quê? O clique do obturador da câmera? Gótico australiano. Matilda e seu parceiro,* cansados de uma vida inteira de dançar valsa, partes do corpo despencando ou caindo, enfrentam o fotógrafo uma última vez.

O tremor da mulher não passou. Ele pode jurar que se contaminou também: uma leve vibração da mão que pode ser atribuída à idade, mas é, de fato, outra coisa, medo ou apreensão (mas qual?).

Se vão prosseguir com o ato para o qual ela foi paga, para o qual aceitou pagamento, ela tem de superar seu atual constrangimento e dar o próximo passo. Foi avisada com antecedência da perna ruim dele, de sua estrutura geral pouco confiável. Como ele iria achar difícil ficar por cima de uma

mulher, o melhor seria ela ficar por cima dele. Enquanto ela está negociando essa passagem, ele terá problemas próprios a enfrentar, problemas de ordem muito diferente. Talvez entre os cegos se desenvolvam intuições de beleza baseadas apenas no toque. No reino do não-visto, porém, ele ainda está tateando. A beleza sem visão da beleza ainda não é, para ele, uma coisa imaginável. O episódio no elevador, durante o qual sua atenção foi despertada tanto pela mulher mais velha como por ela, deixou em sua memória apenas um vago esboço. Quando ele tenta acrescentar seios pesados e nádegas largas, macias de um modo não natural, como volumes de líquido presos em balões de seda ao chapéu de palha de abas largas, aos óculos escuros e à curva de um rosto escondido, não consegue fazer as partes combinarem. Como pode ao menos ter certeza de que pertencem à mesma mulher?

Suavemente, tenta puxar a mulher para ele. Embora não resista, ela vira o rosto, seja porque não quer ceder os lábios, seja porque não quer dar a ele a possibilidade de levantar os óculos e explorar o que há por baixo — não quer porque no tocante a mutilações os homens são incrivelmente enjoados.

Quanto tempo faz que ela perdeu a visão? Será decente perguntar? E será decente passar para a próxima pergunta: se fez amor desde que aconteceu? Foi a experiência que ensinou a ela que seus olhos devastados aniquilam o desejo de um homem?

Eros. Por que a visão do belo chama Eros à vida? Por que o espetáculo do horrendo estrangula o desejo? Será que a relação com o belo nos eleva, nos torna pessoas melhores, ou será abraçando os doentes, os mutilados, os repulsivos que melhoramos a nós mesmos? Que perguntas! Será por isso que Costello juntou os dois: não pela comédia vulgar de um homem e uma mulher com partes do corpo ausentes fazendo o possível para se encaixar, mas a fim de, uma vez removida a questão sexual, poderem ter uma aula de filosofia, deitados um nos braços do outro discursando sobre a beleza, o amor e a bondade?

E, de uma forma ou de outra, em meio a tudo isso — o constrangimento, o evitar, o filosofar, para não falar de uma tentativa dele de desatar o nó da gravata, que começou a sufocá-lo (por que está de gravata?) —, de alguma forma, desajeitados, mas não tão desajeitados quanto poderiam ser, envergonhados, mas não tão envergonhados a ponto de se paralisarem, eles conseguem deslizar para o ato físico ao qual se comprometeram vacilantes, um ato que embora não o ato de sexo conforme entendido no geral é assim mesmo um ato de sexo e que, apesar do membro truncado de um lado e do olho perdido do outro, se desenrola com alguma prontidão do começo para o meio e para o fim, quer dizer, em todas as suas partes naturais.

O que mais o inquietou na descrição que Costello fez de Marianna foi o que ela disse sobre a fome ou sede que assolava o corpo dela. Ele nunca apreciou imoderação, imodéstia, movimentos loucos, gemidos, berros e gritos. Mas Marianna parece saber como se conter. Seja o que for que está acontecendo dentro dela, ela guarda para si; e, uma vez terminado, ela rapidamente faz tudo decente de novo, mais ou menos. O único sinal que ele tem de uma sede feroz ou fome feroz vem na forma de um desusado, mas não desagradável, calor no cerne do corpo dela, como se seu útero ou talvez seu coração estivesse brilhando com fogo próprio.

Embora o sofá não tenha sido construído nem para o acasalamento sexual, nem para o langor filosófico subsequente, e embora, sem coberta, os dois logo estejam sentindo frio, não se trata ainda de procurar o rumo de uma cama de fato em um quarto de fato.

“Marianna”, ele diz, experimentando o nome na língua, saboreando os dois enes. “Sei que é o seu nome, mas é assim que as pessoas chamam você? Não usa nenhum outro nome?”

“Marianna. É isso. Só isso.”

“Muito bem”, diz ele. “Marianna. Mrs. Costello disse que nós nos encontramos antes. Quando foi?”

“Faz muito tempo. Você tirou minha fotografia. Era para o meu aniversário. Não se lembra?”

“Não e não consigo lembrar porque não sei como você é. E não pode ser por você se lembrar de mim porque não sabe como eu sou. Onde isso aconteceu, essa sessão de retrato?”

“No seu estúdio.”

“E onde era esse estúdio?”

Ela se cala. “Foi há muito tempo”, diz por fim. “Não consigo lembrar.”

“Por outro lado, nossos caminhos realmente se cruzaram muito mais recentemente. Andamos juntos de elevador no Royal Hospital. No elevador. Mrs. Costello falou disso?”

“Falou.”

“O que mais ela disse?”

“Só que você estava solitário.”

“Solitário. Interessante. Mrs. Costello é muito amiga sua?”

“Não, não é próxima.”

“O quê, então?”

Há um longo silêncio. Ele a acaricia por cima da roupa, subindo e descendo, coxa, lado, seios. Que prazer, e quão inesperado, ter a liberdade de um corpo de mulher outra vez, mesmo que a mulher seja invisível.

“Ela simplesmente abordou você?”, ele diz. “Ela simplesmente me abordou.”

Ele sente que ela mexe a cabeça de um lado para o outro.

“Será que a intenção dela, você acha, era transformar você e a mim em um casal? Só para se divertir, talvez? O coxo guiando a cega?”

A observação era para ser leve, mas ele sente que ela enrijece. Ouve quando ela abre os lábios, ouve quando engole em seco e, de repente, ela está chorando.

“Desculpe”, diz ele. Estende a mão para tocar seu rosto. Está banhado de umidade. Pelo menos, pensa ele, sobraram os ductos lacrimais. “Desculpe, sinceramente. Mas se nós somos adultos, por que estamos permitindo que alguém que mal conhecemos dite a nossa vida? É isso que eu me pergunto.”

Ela aspira com ruído no que talvez seja uma risada, e o riso provoca soluços. Ela se senta ao lado dele, meio vestida, soluçando abertamente, sacudindo a cabeça de um lado para o outro. Agora é, sem dúvida, o momento de tirar a venda, de limpar a pasta dos olhos, de olhar para ela como é. Mas ele não faz isso. Ele espera. Fica. Retarda.

Ela assoa o nariz em um lenço de papel que deve ter trazido consigo, pigarreia. “Pensei”, diz ela, “que era isso que você queria.”

“E é, não pense que não, é. Mesmo assim, a idéia veio de nossa amiga Elizabeth. O primeiro impulso. Ela dá instruções, nós obedecemos. Mesmo não havendo ninguém para ver, nós obedecemos.”

Ver. Não é a palavra certa, mas ele deixa. Ela já deve estar acostumada com as pessoas dizerem “ver” quando querem dizer outra coisa.

“A menos”, ele prossegue, “que ela ainda esteja na sala, observando, conferindo.”

“Não”, Marianna diz, “não tem ninguém aqui.”

Não tem ninguém aqui. Como cega e, portanto, sintonizada com as emanções mais sutis de seres vivos, ela deve ter razão. Mesmo assim, ele não perdeu a sensação de que basta apenas estender a mão e seus dedos encontrarão Elizabeth Costello estendida no tapete como um cachorro, observando e esperando.

“Nossa amiga advogou isto aqui” — ele acena uma mão vaga — “porque aos olhos dela isto representa atravessar um limiar. Ela é da opinião de que enquanto eu não atravessar um certo limiar estarei preso em um limbo, incapaz de crescer. Essa é a hipótese que ela está testando no meu caso. Provavelmente ela tem outras hipóteses a seu respeito.”

Antes mesmo de terminar, ele sabe que é mentira. Elizabeth Costello nunca usou a palavra *crescer*, pelo que ele saiba. *Crescimento* é coisa que sai dos manuais de auto-ajuda. Deus sabe o que Elizabeth Costello quer de fato, para ele, para ela própria ou para Marianna; Deus sabe a qual teoria da vida ou do amor ela realmente se apegou; Deus sabe o que acontecerá em seguida.

“De qualquer modo, uma vez atravessado o limiar, agora somos livres para prosseguir para coisas mais elevadas e melhores.”

Ele está apenas falando, fazendo o possível em uma situação incômoda, tentando animar uma mulher que sofre a *tristesse* que baixa depois do coito com um estranho. Do envoltório de escuridão, sem desistir ainda da esperança de formar uma imagem dela, ele estende a mão de novo para tocar seu rosto; e no ato mergulha em um golfo escuro próprio. Toda a sua animação o abandona. Por que, por que ele confiou em Costello a ponto de embarcar nessa performance, que agora lhe parece menos que precipitada, simplesmente estúpida? E o que essa pobre mulher cega e infeliz vai fazer consigo mesma neste ambiente menos que acolhedor enquanto espera que sua mentora, em sua misericórdia, volte para liberá-la? Será que Costello realmente acredita que poucos minutos de inflamado congresso físico podem se expandir como um gás para preencher toda uma noite? Será que acredita que podia juntar dois estranhos, nenhum dos dois jovem, um positivamente velho, velho e frio, e esperar que se comportem como Romeu e Julieta? Que ingenuidade! E trata-se de uma conhecida literata! E essa maldita pasta que, embora ela tenha jurado ser inofensiva, está começando a irritar seus olhos ao secar: como ela pode ter imaginado que ser cegado com farinha e água transformaria seu caráter, faria dele um novo homem? Cegueira é uma limitação pura e simples. Um homem sem visão é um homem menor, assim como um homem com uma perna só é um homem menor, não um novo homem. Essa pobre mulher que ela mandou para ele é uma mulher menor também, menor do que devia ter sido antes. Dois seres menores, limitados, diminuídos: como ela pode ter imaginado que uma fagulha do divino espoucaria entre eles, ou uma fagulha qualquer?

Quanto à mulher em si, esfriando minuto a minuto a seu lado, o que pode estar se passando em sua cabeça? Que tipo de conversa fiada deve ter ouvido para ser convencida a vir bater na porta de um homem estranho e se oferecer para ele! Assim como no caso dele houve um longo preâmbulo a esse lamentável encontro, um preâmbulo que se estende tanto no

passado a ponto de constituir um livro independente, começando por Wayne Blight e Paul Rayment saindo de suas respectivas casas naquela fatídica manhã de inverno, um sem saber da existência do outro, também no caso dela deve ter havido um prelúdio começando com o vírus, ou a mancha solar, ou o mau gene, ou a agulha, ou qualquer coisa que seja culpada por sua cegueira, e prosseguindo passo a passo até seu encontro com a velha plausível (ainda mais plausível se você tem só a voz para se basear) dizendo que tem os meios para saciar sua sede abrasadora se você concordar em tomar um táxi até um café chamado Alfredo's, em North Adelaide, aqui está o dinheiro para pagar a corrida, estou colocando em sua mão, não precisa ficar nervosa, o homem em questão é bem inofensivo, apenas solitário, vai tratar você como uma garota de programa e pagar pelo seu tempo, e eu vou estar lá, afinal, pairando ao fundo, protegendo vocês — se você se orienta apenas pela voz e não pode ver o brilho louco do olhar.

Um experimento, é só isso que é, um inútil experimento biológico-literário. Grilo com sagüi. E eles caíram nisso, ambos, ele a seu modo, ela ao dela!

“Tenho de ir embora”, diz a mulher, a sagüi. “O táxi deve estar esperando.”

“Se acha que sim”, diz ele. “Como sabe do táxi?”

“Mrs. Costello ia mandar.”

“Mrs. Costello?”

“É, mrs. Costello.”

“Como mrs. Costello sabe quando você vai precisar de um táxi?”

Ela dá de ombros.

“Bom, mrs. Costello cuida bem de você. Posso pagar o táxi?”

“Não, não, está tudo incluído.”

“Bom, então, dê os meus cumprimentos a mrs. Costello. E cuidado ao descer. A escada pode estar escorregadia.”

Ele fica sentado imóvel, se controlando, enquanto ela se veste. No instante em que a porta se fecha depois de ela sair, porém, ele arranca a

venda e arranha os olhos. Mas a pasta virou uma placa e endureceu. Se puxar muito forte vai perder os cílios. Ele xinga: vai ter de lavar com água.

* Menção à canção folclórica *Waltzing Matilda*, que é o hino nacional nãooficial da Austrália. (N. T.)

16.

“Ela veio a mim do mesmo jeito que você veio a mim”, diz Costello. “Uma mulher das trevas, uma mulher em trevas. *Pegue a história dessa aí*: as palavras no meu ouvido adormecido, pronunciadas por aquilo que antigamente seria chamado de anjo me chamando para uma luta corporal. Portanto, não, não faço idéia de onde ela mora, a sua Marianna. Sempre tratei com ela pelo telefone. Se quer que ela repita a visita, posso dar o número do telefone.”

Repetir a visita. Não é isso que ele quer. Em algum momento futuro, talvez, mas não agora. O que ele quer mesmo agora é uma garantia de que a história que lhe foi contada é a história verdadeira: que a mulher que veio a seu apartamento é realmente a mulher que viu no elevador; que o nome dela é realmente Marianna; que ela realmente vive com a mãe corcunda, tendo sido abandonada pelo marido por causa de sua perda; e assim por diante. O que ele quer é a garantia de que não foi enganado.

Porque existe uma alternativa para a história, que ele acha bem fácil de inventar sozinho. Na história alternativa, Costello teria localizado a bunduda Marianna, conhecida por Natasha, conhecida também por

Tanya, originária da Moldávia, via Dubai e Nicósia, nas Páginas Amarelas. Por telefone, a teria envolvido em uma charada. “Meu cunhado, você precisa saber”, teria dito a ela, “tem certas excentricidades. Mas, também, qual homem não tem as suas pequenas excentricidades, e o que uma mulher pode fazer, se ela quer se virar, senão achar um jeito de satisfazer essas excentricidades? A principal excentricidade do meu cunhado é que ele prefere não ver a mulher com quem está. Prefere o reino do imaginário; prefere ficar com a cabeça nas nuvens. Uma vez, ele perdeu a cabeça por uma mulher chamada Marianna, uma atriz. O que ele quer de você, e de forma indireta me pediu para lhe comunicar, é que você se apresente como Marianna, a atriz, usando certos complementos ou objetos que eu vou fornecer. Esse é o seu papel; e para desempenhar esse papel ele vai pagar. Entende?” “Claro”, Natasha ou Tanya teria dito, “mas chamado externo é extra.” “Chamado externo é extra”, Costello teria concordado, “vou ter o cuidado de não o deixar se esquecer disso. Uma última palavra. Seja boazinha com ele. Ele acabou de perder uma perna, em um acidente de trânsito, e não é mais o mesmo de antes.”

Com algum detalhe a mais ou a menos aqui e ali, poderia ser essa a verdadeira história por trás da visita da pretensa Marianna? Os óculos escuros foram usados para esconder o fato não de que ela era cega, mas o fato de que ela não era cega? Quando ela estremeceu, foi menos de nervoso do que pelo esforço para segurar o riso enquanto o homem com a meia amarrada na cabeça lutava com sua roupa de baixo? *Atravessamos um limiar. Agora podemos prosseguir para coisas mais elevadas e melhores. Que tolo solene!* Ela deve ter ido embora para casa dando risada no táxi.

Marianna era Marianna ou Marianna era Natasha? É isso que ele precisa descobrir em primeiro lugar; isso que ele tem de arrancar de Costello. Só quando tiver essa resposta poderá se voltar para a questão mais profunda: o que importa quem era a mulher de fato; o que importa se foi enganado?

“Você me trata como um fantoche”, ele reclama. “Trata todo mundo como fantoche. Invento histórias e nos força a representar as histórias para

você. Devia abrir um teatro de fantoches, ou um zoológico. Deve haver muitos velhos zoológicos para vender, agora que ficaram fora de moda. Compre um e nos ponha em jaulas com os nossos nomes: *Paul Rayment: canis infelix*. *Marianna Popova: pseudocaeca (migratória)*.^{*} E assim por diante. Fileiras e fileiras de jaulas com gente que, como você diz, veio a você no transcorrer de sua carreira de mentirosa e fabuladora. Podia cobrar entrada. Podia ganhar a vida com isso. Pais podiam trazer os filhos nos fins de semana para nos olhar de boca aberta e atirar amendoim. Mais fácil que escrever livros que ninguém lê.”

Ele faz uma pausa, esperando que ela morda a isca. Ela fica calada.

“O que eu não entendo”, ele prossegue — não estava zangado ao começar sua tirada, não está zangado agora, mas sem dúvida há prazer em se permitir falar —, “o que eu não entendo é, uma vez que sou tão sem graça, tão imune a seus esquemas, por que insiste comigo. Me esqueça, eu suplico, me deixe prosseguir minha vida. Escreva sobre essa sua Marianna cega no meu lugar. Ela tem mais potencial do que eu jamais terei. Não sou um herói, mrs. Costello. Perder uma perna não qualifica ninguém para um papel dramático. Perder uma perna não é nem trágico, nem cômico, apenas falta de sorte.”

“Não seja amargo, Paul. Deixar você, pegar Marianna: talvez eu não faça isso, talvez faça. Quem sabe a que se pode ser levado.”

“Não estou sendo amargo.”

“Claro que está. Dá para ouvir na sua voz. Você está amargo, e quem pode censurar alguém que enfrentou tudo o que enfrentou?”

Ele pega as muletas. “Posso passar sem a sua comiseração”, diz, seco. “Vou sair agora. Não sei quando volto. Quando sair, tranque a porta.”

“Se eu sair, com certeza vou trancar a porta. Mas não acho que seja isso que vou fazer. Nem dá para dizer o quanto estou querendo um banho quente. Então é isso que vou me dar de presente, se você não se importa. Hoje em dia, isso é um luxo.”

Não é a primeira vez que Costello se recusa a se explicar. Mas sua última evasão o irrita e ao mesmo tempo perturba. *Talvez eu não faça isso, talvez faça*. Será assim tão passageiro o interesse dela por ele? Será que Marianna, em vez dele, acabará sendo a escolhida? Deixando de lado a fantasmagórica sessão de retrato, da qual ele nada se lembra, teriam sido os dois encontros, o primeiro no elevador, o segundo no sofá, episódios da vida não de Paul Rayment, mas de Marianna Popova? Claro que em certo sentido ele é um personagem passageiro na vida dessa Marianna, ou de qualquer outra pessoa cujo caminho venha a cruzar, assim como Marianna e todo o resto do mundo são personagens passageiros na vida dele. Mas será que ele é um personagem passageiro em um sentido mais fundamental também: alguém sobre quem a luz se apaga muito rapidamente antes de seguir em frente? Será que aquilo que aconteceu entre ele e Marianna vai resultar em apenas uma passagem entre muitas da busca de amor de Marianna? Ou será que Costello pode estar escrevendo duas histórias ao mesmo tempo, histórias sobre personagens que sofrem uma perda (a visão em um caso, a locomoção em outro) com a qual têm de aprender a conviver; e, como um experimento ou mesmo como uma espécie de piada profissional, ela pode ter ajeitado para essas duas linhas de vida se cruzarem? Ele não tem nenhuma experiência com romancistas e como eles trabalham, mas isso não soa implausível.

Na biblioteca pública, sob o número A823.914, encontra toda uma fileira de livros de Elizabeth Costello: *A fornalha feroz*, *A casa da rua Eccles* em vários exemplares muito manuseados, *Às ilhas amigas*, *Tango com mr. Dunbar*, *As raízes do tempo*, *Polidez*; além de um volume azul-escuro bem severo com o título *Uma chama constante: intenção e determinação nos romances de Elizabeth Costello*. Examina o índice: nenhuma menção a Marianna ou Marijana; nenhum item cegueira.

Folheia *A casa da rua Eccles*. Leopold Bloom. Hugh Boylan. Marion Bloom. Qual é o problema dela? Não consegue inventar personagens próprios?

Devolve o livro, pega *A fornalha feroz*, lê a esmo.

Ele enrola a massinha na palma das mãos até ficar quente e mole, depois repuxa a massa em figurinhas de animais: pássaros, sapos, gatos, cachorros de orelhas em pé. Em cima da mesa, coloca as figuras num semicírculo, inclina os pescoços delas para trás como se estivessem uivando para a lua, latindo ou coaxando.

É massinha velha, de sua última meia de Natal. Os blocos de puro vermelho-tijolo, verde-folha, azul-céu se misturaram e viraram agora um roxo pesado. Por quê, pensa ele — por que o brilhante fica apagado e o apagado nunca fica brilhante? O que seria preciso para fazer o roxo apagar e o vermelho, o azul, o verde surgirem de novo, como pintinhos de uma casca de ovo?

Por quê, por quê? Por que ela faz uma pergunta e não consegue responder? A resposta é simples: o vermelho, o azul e o verde não vão voltar nunca por causa da entropia, que é irreversível e irrevogável, regras do universo. Até mesmo um literato deveria saber disso, até mesmo uma mulher romancista. Do múltiplo para o uniforme e nunca de volta. Do pintinho animado para a velha galinha caída na poeira.

Folheia até o meio do livro. Ela não conseguia ficar com um homem que estava o tempo todo cansado. Já era difícil controlar o próprio cansaço. Bastava se estender ao lado dele na cama tão conhecida para sentir o esgotamento começar a verter dele e inundá-la em uma maré sem cor, sem cheiro, inerte. Tinha de escapar! Agora!

Uma Marion, mas nenhuma Marianna. Nenhum cego, até onde pode ver, nenhum amputado. Fecha *A fomalha feroz* com uma batida. Não vai se expor mais a nenhum gás sem cor, sem cheiro, inerte e depressivo que emana de suas páginas. Como é que Elizabeth Costello pode ser uma escritora popular, se é que é popular?

Há uma foto dela na sobrecapa: uma Elizabeth Costello mais jovem, vestindo blusão esportivo, de pé diante do que parece ser o casco de um iate. Os olhos dela estão apertados por causa da luz, a pele profundamente bronzeada. Uma mulher do mar? Existe essa expressão ou uma mulher do mar tem de ser uma sereia, assim como um cavalo-marinho, *cheval marin*,

é um peixe? Não exatamente bonita, mas provavelmente mais bonita na meia-idade do que na juventude. Mesmo assim, um certo ar comum, até apagado, nela. Não o tipo dele. Não o tipo de homem nenhum, talvez.

O *Autores mundiais contemporâneos*, na seção de referência da biblioteca, tem uma biografia ao lado da mesma foto náutica. Nascida em Melbourne, Austrália, em 1928. Prolongada residência na Europa. Primeiro livro, 1957. Lista de prêmios, honrarias. Bibliografia, mas nenhum resumo de enredos. Casada duas vezes. Um filho e uma filha.

Setenta e dois anos! Tão velha assim! O que anda fazendo, dormindo em bancos de praça? Será que a cabeça dela começou a fraquejar? Estará caduca? Será que isso explica tudo? Será que o filho e a filha deviam ser chamados à cena? É dever dele encontrar os dois? *Por favor, venham imediatamente. Sua mãe passou a morar comigo, um estranho total, e se recusa a ir embora. Estou quase fora de mim. Levem sua mãe embora, internem, façam o que for necessário para me libertar.*

Ele volta ao apartamento. Costello não está, mas na mesinha de centro está o caderno dela. Muito possivelmente ela o deixou ali de propósito. Se ele der uma olhada será mais uma vitória dela. Enfim.

Ela escreve com ponta grossa e tinta preta, em uma caligrafia grande e solta, poucas palavras por linha. Ele procura o registro mais recente. *Escuro escuro escuro, lê. Eles vão todos para os espaços interlunares vazios, escuros.*

Folheia para trás.

Chorando em cima do corpo, ele lê. *Orando em hebraico*, palavras sublinhadas. *Oscilando rígida para a frente e para trás na beira da cama, as mãos nas orelhas, os olhos arregalados, sem piscar, como se tivesse medo de perder o momento em que, como uma erupção de gás, a alma deixa o corpo e sobe pelas camadas de ar, uma depois da outra, até a estratosfera e além. Lá fora, sol, canto de pássaros, como sempre. Ela está trancada no ritmo de sua dor como uma corredora de longa distância. Uma maratona de tristeza. Se ninguém vier falar com ela, vai continuar assim o dia inteiro. Porém, não o toca nem uma única vez (a “ele”, o corpo dele). Por que não? O horror da*

carne fria? Será o horror afinal mais forte que o amor? Ou quem sabe, entre os vagalhões de dor, ela tenha se endurecido para não tentar retê-lo. Ela disse seus adeuses, os adeuses estão encerrados. Adeus: Deus esteja com você. E em seguida, em cima da página: *Escuro escuro escuro...*

Se ele ler mais para trás o bastante, sem dúvida ficará mais claro quem é a mulher que chora, de quem é o corpo. Mas o diabrete da curiosidade parece estar a desertá-lo. Há algo improvável nessa escrita, a tinta grossa espalhada descuidadamente sobre as pautas; algo ímpio, provocador, desvendando o que não pertence à luz do dia.

Será o caderno inteiro assim: uma provocação, uma afronta à decência? Folheia cautelosamente desde o começo. No correr de longos trechos, não consegue juntar os itens. Ela escreve como se estivesse passando depressa por alguma história que ouviu escondida, comprimindo a narrativa, cortando o diálogo, saltando impacientemente de uma cena para outra. Mas então uma frase capta o seu olhar: *Uma perna azul, uma vermelha. Ljuba? Só pode ser Ljuba. Arlequim, cores malucas. Na Alemanha, vacas malhadas são as vacas loucas, as lunáticas, as que pulam por cima da lua. E o cachorrinho ri. Tragam um cachorro, um vira-*latinha* que abane o rabo para todo mundo, latindo, louco para agradar? Reação de PR: “Posso ser canino, mas não a esse ponto, com certeza!”.* *Mutt e Jeff.***

Ele fecha o caderno batendo as partes. Se não está com as orelhas queimando, deveria estar. É o que ele temia: ela sabe tudo, cada ponto, cada vírgula. Maldita seja! O tempo todo que achou ser senhor de si mesmo estava em uma gaiola como um rato, correndo para lá e para cá, choramingando consigo mesmo, com aquela mulher infernal em cima dele, observando, ouvindo, tomando nota, registrando seu progresso.

Ou será pior que isso, incomparavelmente pior, tão pior que a mente ameaça dobrar-se? É isso que significa ser traduzido para o que no presente ele só pode chamar *o outro lado*? Foi isso o que aconteceu com ele?; isso o que acontece com todo mundo?

Cautelosamente, acomoda-se numa poltrona. Se isto não constitui um grande momento, um momento copernicano, o que constitui? O maior de

todos os segredos pode ter acabado de se revelar para ele. Há um segundo mundo que existe lado a lado com o primeiro, insuspeitado. A pessoa se move no primeiro durante certo período de tempo; então o anjo da morte chega na pessoa de Wayne Blight ou de alguém como ele. Durante um instante, um éon, o tempo pára; a pessoa cai por um buraco escuro. Então, pronto, emerge em um segundo mundo *idêntico ao primeiro*, onde o tempo é retomado e a ação prossegue — voando no ar como um gato, o bando de observadores curiosos, a ambulância, o hospital, o dr. Hansen, et cetera —, só que agora a pessoa tem Elizabeth Costello pendurada no pescoço, ou alguém como ela.

Um salto e tanto, da palavra *D-O-G* escrita em um caderno para a vida depois da morte. Um louco resumo. Ele podia estar errado. Mais que provável que esteja errado. Mas se está certo ou errado, se aquilo que com a maior das hesitações chama de *o outro lado* é verdade ou ilusão, o primeiro epíteto que lhe ocorre, datilografado letra a letra por dentro de suas pálpebras pela máquina de escrever celestial, é *insignificante*. Se a morte se revela nada mais que um truque que poderia ser muito bem um truque com palavras, se a morte é um mero soluço no tempo depois do qual a vida continua como antes, por que tanto agito? Será permitido recusar isso — recusar a imortalidade, esse destino insignificante? *Quero a minha velha vida de volta, aquela que se encerrou na rua Magill.*

Ele está exausto, a cabeça rodando, basta fechar os olhos e vai afundar no sono. Mas não quer estar ali deitado inerte e exposto quando Costello voltar. Tem de começar a tomar consciência de uma certa qualidade dela, vulpina, mais que canina, que nada tem a ver com a aparência dela, mas que o deixa nervoso e em que ele não confia nada. Pode muito facilmente imaginá-la espreitando de cômodo em cômodo, no escuro, farejando, caçando.

Ele ainda está sentado na poltrona quando é sacudido de leve. Diante dele está não a vulpina mrs. Costello, mas Marijana Jokić, a mulher de lenço de cabeça vermelho que é, de alguma forma (de momento, ele não

se lembra como, sua cabeça está muito confusa), a raiz, origem ou fonte de todas essas complicações.

“Mr. Rayment, está o.k.?”

“Marijana! Estou, sim. Claro que estou o.k.” Mas não é verdade. Ele não está o.k. Sente um gosto ruim na boca, as costas duras, e detesta ser surpreendido. “Que horas são?”

Marijana ignora a pergunta. Coloca um envelope na mesinha ao lado dele. “Seu cheque”, diz ela. “Ele diz, devolva, nós não aceitamos dinheiro. Meu marido. Diz que não aceita dinheiro de outro homem.”

Dinheiro. Drago. Outro universo de discurso. Tem de organizar as idéias. “E o Drago?”, diz ele. “E a educação de Drago?”

“Drago pode ir para escola igual antes, não precisa escola interna, meu marido diz.”

A menina Ljuba brinca com a saia da mãe, distraída, chupando o polegar. Atrás dela, Costello desliza discretamente para a sala. Estava no apartamento enquanto ele dormia?

“Gostaria que eu falasse com seu marido?”, ele pergunta.

Marijana sacode a cabeça vigorosamente. Não pode imaginar nada pior, nada mais burro.

“Bom, vamos pensar um pouco no que se pode fazer agora. Quem sabe mrs. Costello tem uma palavrinha para nos aconselhar.”

“Olá, Ljuba”, diz Elizabeth Costello, “sou amiga da sua mãe, pode me chamar de Elizabeth ou de tia Elizabeth. Desculpe ter ouvido seus problemas, Marijana, mas eu sou nova em cena, acho que não devo interferir.”

Você interfere o tempo todo, ele pensa, venenoso. Por que está aqui senão para interferir?

Com um suspiro que é quase um grito, Marijana se joga no sofá. Esconde os olhos; as lágrimas estão vindo agora. A filha assume o posto ao lado dela.

“Tão bom rapaz”, diz ela. “Tão bom rapaz.” Os soluços a dominam. “Quer tanto ir!”

Em outro mundo, um mundo em que ele era jovem, inteiro e seu hálito era doce, ele pegaria Marijana nos braços, beijaria as lágrimas até secarem. *Desculpe, desculpe*, ele diria. *Fui infiel a você, não sei por quê! Aconteceu só uma vez e não vai acontecer de novo! Me admita em seu coração e eu tomo conta de você, juro, até o dia em que eu morrer!*

Os olhos escuros da menina estão pregados nele. *O que você fez com minha mãe?*, ela parece perguntar. *Tudo culpa sua!*

É, de fato, culpa dele. Aqueles olhos escuros enxergam dentro de seu coração, vêem o desejo secreto, vêem que bem lá no fundo esse primeiro lampejo de uma rixa entre marido e mulher o faz exultar, não lamentar. *Me perdoe também!*, ele diz, mudo, olhando direto nos olhos da menina. *Não desejo nenhum mal, estou nas garras de uma força que é maior que eu!*

“Temos muito tempo”, diz ele com sua voz mais sóbria. “Falta ainda uma semana para o encerramento da inscrição para o ano que vem. Eu garanto as mensalidades; vou pedir a meu advogado que escreva uma carta dando a garantia para a escola, assim não parece tão pessoal. Fale com seu marido de novo, quando ele se acalmar. Tenho certeza de que vai conseguir convencer seu marido, você e Drago juntos.”

Marijana encolhe os ombros, desesperançada. Fala para a menina alguma coisa que ele não entende; a criança trota para fora da sala e volta com um punhado de lenços de papel. Marijana assoa o nariz ruidosamente. Lágrimas, muco, ranho: o lado menos romântico da tristeza, o lado inferior. Como o lado inferior do sexo: manchas, cheiros.

Será que ela sabe o que aconteceu ali, naquele mesmo sofá onde está sentada? Será que sente?

“Ou então”, ele continua, “se é de uma questão de honra que se trata, se seu marido acha impossível aceitar um empréstimo de outro homem, talvez mrs. Costello possa se dispor a preencher o cheque e servir de intermediária nessa boa causa.”

É a primeira vez que ele coloca Costello em cena. Sente uma onda de perverso triunfo.

Mrs. Costello sacode a cabeça. “Acho que eu não posso interferir”, diz ela. “Além disso, há algumas dificuldades práticas que eu prefiro não mencionar.”

“Como o quê?”, ele pergunta.

“Que eu prefiro não mencionar”, ela repete.

“Não vejo nenhuma dificuldade prática”, diz ele. “Eu faço o cheque para você e você faz um cheque para a escola. Nada mais simples. Se não quiser fazer isso, se se recusar, como disse, a interferir, então simplesmente vá embora. Vá embora e nos deixe em paz!”

Ele espera que essa grosseria vá abalá-la. Mas ela não fica nada abalada. “Deixar vocês em paz?”, diz, baixinho, tão baixinho que ele mal escuta. “Se eu deixar vocês em paz” — os olhos dela meneiam na direção de Marijana —, “se eu deixar vocês dois em paz, o que vai ser de vocês?”

Marijana levanta o rosto, assoa o nariz de novo, enfia o lenço de papel na manga. “Temos de ir embora”, diz, decidida.

“Me ajude a levantar, Marijana”, ele diz. “Por favor.”

No patamar, longe dos ouvidos de Costello, ela olha para ele. “Elizabeth — ela grande amiga?”

“Grande? Não, acho que não. Não uma grande amiga, nem amiga próxima. Não conhecia até pouco tempo atrás. Na verdade, não é uma amiga. Elizabeth é escritora profissional. Escreve livros, romances. Atualmente, está caçando personagens para colocar em um livro que está planejando. Parece que está colocando as esperanças em mim. Em você também, de certa forma. Mas eu não me encaixo. Por isso ela está me infernizando. Tentando me fazer encaixar.”

Está tentando dominar a minha vida. É isso que ele gostaria de dizer. Mas parece injusto fazer um apelo a Marijana em seu atual estado. *Me salve.*

Marijana lhe dá um tênue sorriso. Embora as lágrimas tenham secado, os olhos dela ainda estão vermelhos, o nariz inchado. A luz brilhante da clarabóia a revela cruelmente, a pele áspera sem maquiagem, os dentes descoloridos. *Quem é essa mulher,* ele pensa, *a quem eu anseio me*

entregar? Um mistério, tudo um mistério. Ele pega a mão dela. “Estou do seu lado”, diz. “Vou ajudar você, prometo. Vou ajudar Drago.”

“Mama!”, choraminga a menina.

Marijana retira a mão. “Temos de ir embora”, diz, e se vai.

* Em latim, *canis infelix*: “cão infeliz”; *pseudocaeca*: “pseudocega”. (N. T.)

** Mutt (vira-lata) e Jeff, protagonistas daquela que é considerada a primeira história em quadrinhos a aparecer diariamente em jornais, criada em 1907 pelo norte-americano Bud Fisher. (N. T.)

17.

“Estou esperando visitas”, ele anuncia a Costello. “Acho que não vai ser uma noite do seu tipo. Talvez queira fazer outro arranjo.”

“Claro. Fico contente de ver que está voltando à atividade social. Deixe eu pensar... O que vou fazer? Talvez eu vá ao cinema. Está passando alguma coisa que valha a pena, você sabe?”

“Eu não estou sendo claro. Quando eu digo fazer outro arranjo, quero dizer fazer arranjo para dormir em outro lugar.”

“Ah! E onde acha que eu devia ficar?”

“Eu não sei. Não é da minha conta dizer para onde vai quando sair daqui. De volta para o lugar de onde veio, talvez.”

Há um silêncio. “Bom”, diz ela. “Pelo menos você é franco.” E depois: “Você lembra, Paul, da história de Simbad e o velho?”

Ele não responde.

“À margem de um riacho cheio”, diz ela, “Simbad encontra um velho. ‘Estou velho e fraco’, diz o velho. ‘Me carregue até o outro lado e Alá há de te abençoar.’ Como tem bom coração, Simbad levanta o velho nos ombros e atravessa o riacho. Mas quando chegam do outro lado o velho se recusa a

descer. Na verdade, aperta as pernas em torno do pescoço de Simbad até ele sentir que está sufocando. ‘Agora você é meu escravo’, diz o velho, ‘tem de fazer tudo o que eu mandar.’”

Ele se lembra da história. Está em um livro chamado *Légendes dorées*, Lendas douradas, em seu baú de livros em Lourdes. Ele se lembra vivamente da ilustração: um velho magrinho só de tanga, as pernas finas em volta do pescoço do herói, enquanto o herói passa pela torrente com água até a cintura. O que aconteceu com o livro? O que aconteceu com o baú de livros e outros remanescentes de uma infância francesa que atravessou o oceano com eles até o novo país? Se voltasse para a casa do holandês em Ballarat, encontraria os livros no porão, Simbad e a raposa e o corvo e Joana d’Arc e o resto de suas histórias companheiras, fechados em caixas de papelão, esperando pacientemente seu dono voltar e resgatá-los; ou será que o holandês os jogou fora há muito tempo, depois de ter ficado viúvo?

“É, eu me lembro”, diz ele. “Devo entender que eu sou o Simbad da história e você o velho? Nesse caso, vai enfrentar uma certa dificuldade. Você não tem meios de — como dizer isso delicadamente? — subir nos meus ombros. E eu não vou ajudar.”

Costello dá um sorriso cheio de segredos. “Talvez eu já esteja aí”, diz ela, “e você não saiba.”

“Não, não está, mrs. Costello. Não estou sob seu controle, em nenhum sentido da palavra, e vou provar isso. Peço, por gentileza, que me devolva minha chave — a chave que pegou sem minha permissão —, que deixe meu apartamento e não volte.”

“É uma coisa dura de dizer para uma velha, mr. Rayment. Tem certeza de que é isso que quer?”

“Isto não é uma comédia, mrs. Costello. Estou pedindo que vá embora.”

Ela suspira. “Muito bem, então. Mas o que eu sei é que não faço idéia do que vai acontecer comigo, com a chuva caindo desse jeito e o escuro chegando e tudo.”

Não está chovendo, não está escurecendo. É uma tarde agradável, quente e parada, o tipo de tarde que devia dar alegria de viver.

“Aqui está”, diz ela, “a sua chave.” Com cuidado exagerado coloca a chave em cima da mesinha de centro. “Vou precisar de uma pequena tolerância, para pegar minhas coisas e dar um jeito no rosto. Depois vou-me embora, e você vai ficar sozinho de novo. Tenho certeza de que está querendo muito isso.”

Impacientemente ele vira as costas. Minutos depois, ela volta.

“Adeus.” Transfere a sacola plástica de compras da mão direita para a esquerda, estende-lhe a mão direita. “Vou deixar uma maleta pequena. Mando buscar dentro de um ou dois dias, quando tiver encontrado outro lugar para ficar.”

“Gostaria que levasse a mala com você.”

“Não é possível.”

“É possível e prefiro que faça assim.”

Nenhuma palavra mais trocada entre eles. Da porta, ele fica olhando ela descer a escada oscilando, degrau a degrau, levando a mala. Se fosse um cavalheiro, se ofereceria para ajudar, com perna ou sem perna. Mas nesse caso não é cavalheiro. Só quer que ela saia de sua vida.

18.

É verdade: ele está mesmo querendo ficar sozinho. De fato, anseia por solidão. Mas, assim que Elizabeth Costello sai, Drago Jokić, com uma volumosa mochila no ombro, aparece na porta.

“Oi”, Drago saúda. “Como vai a bicicleta?”

“Não fiz nada com a bicicleta, não. Tive de cuidar de outras coisas. Em que posso ajudar você? Quer entrar?”

Drago entra, larga a mochila no chão. O ar de segurança não é mais tão intenso; na verdade, ele parece constrangido.

“Veio falar do Wellington College?”, ele pergunta. “Quer falar disso?”

O rapaz faz que sim.

“Bom, mande. Qual é o problema?”

“Minha mãe disse que o senhor vai pagar as mensalidades.”

“Isso mesmo. Garanto as mensalidades durante dois anos. Pode considerar como um empréstimo, se preferir, um empréstimo a longo prazo. Para mim não importa como você vai chamar isso.”

“Minha mãe contou quanto dá. Eu não sabia que era tanto dinheiro.”

“Não tenho nada para fazer com esse dinheiro, Drago. Se a gente não gastar na sua educação, vai ficar simplesmente parado no banco, sem fazer nada.”

“É”, diz o rapaz, insistente, “mas por que eu?”

Por que eu? — a pergunta que está na boca de todo mundo, ao que parece. Podia impingir a Drago alguma fórmula polida, mas não, o rapaz veio perguntar pessoalmente, então vai lhe dar uma resposta, a resposta verdadeira ou parte da resposta verdadeira.

“Nesse tempo em que sua mãe está trabalhando aqui, acabei ficando com um fraco por ela, Drago. Ela fez uma grande mudança na minha vida. Para ela não é nada fácil, nós dois sabemos disso. Eu quero ajudar no que eu puder.”

Agora, o ar evasivo desapareceu. O rapaz está olhando para ele direto nos olhos, desafiando: *É só isso que vai dizer? Vai só até esse ponto?* E a resposta: *É, só vou até esse ponto, neste momento.*

“Meu pai não vai deixar”, diz Drago.

“Eu soube. Para seu pai, provavelmente é uma questão de orgulho. Eu entendo. Mas você devia conversar com ele, não é vergonha nenhuma aceitar um empréstimo de um amigo. Porque é assim que eu gostaria que pensassem em mim: como um amigo.”

Drago está sacudindo a cabeça. “Não é isso. Eles tiveram uma briga por causa disso, meu pai e minha mãe.” O lábio dele começa a tremer. Dezesesseis anos: ainda uma criança. “Tiveram uma briga ontem de noite”, continua, baixinho. “Mamãe foi embora. Foi ficar na casa da tia Lidie.”

“E onde é isso? Onde mora a tia Lidie?”

“No fim da rua, em Elizabeth. Em North Elizabeth.”

“Drago”, diz ele, “vamos falar francamente. Você não teria vindo até aqui hoje, eu sei, se não tivesse idéias perturbadoras sobre sua mãe e eu. Então deixe eu tranquilizar você. Não tem nada de vergonhoso acontecendo entre sua mãe e eu. Não tem nada de vergonhoso no que eu sinto por ela. Respeito sua mãe tanto quanto respeito qualquer mulher na Terra.”

Nada vergonhoso. Que estranha fórmula! Será que não é apenas uma folha de parreira para esconder uma coisa muito mais grosseira, uma coisa indizível: Não estou trepando com sua mãe? Se é de trepar que se trata, se é trepar que lança Miroslav Jokić em um ataque de ciúme e leva seu filho próximo das lágrimas, por que ele está fazendo um discurso sobre honra? Não estou trepando com sua mãe, nem pedi isso: vá e diga isso para seu pai. Porém, se não está planejando propor nada a Marijana, se não pretende trepar com ela, o que, em nome de Deus, está planejando ou pretende fazer, em palavras que façam sentido para um rapaz nascido nos anos 1980?

“Sinto muito ser uma fonte de problemas entre seus pais. É a última coisa que eu quero. Seu pai está fazendo uma idéia errada de mim. Se me conhecesse pessoalmente não faria isso.”

“Ele bateu nela”, diz Drago, e agora o controle está começando a ceder — o controle da voz, o controle sobre as lágrimas, talvez o controle sobre os movimentos de seu coração. “Odeio ele. Bateu na minha irmã também.”

“Bateu em Blanka?”

“Não, na minha irmãzinha. Blanka fica do lado dele. Diz que mamãe tem casos. Disse que mamãe está tendo um caso com o senhor.”

Mamãe tem casos. Costello disse que ela era uma esposa fiel. *Que ele não devia perder tempo tentando a sorte com Marijana Jokić, disse ela, porque Marijana Jokić era uma esposa fiel. Quem tem razão, a filha desprezível ou a velha maluca? E que quadro horrendo! Miroslav, sem dúvida um homem grande como um urso, enfurecido e bêbado, batendo em Marijana com os punhos, batendo também em sua filha de traços de porcelana, enquanto o filho assiste, fervendo! Paixões balcânicas! Como pôde ter se envolvido com balcânicos, um mecânico balcânico e seu pato mecânico!*

“Sua mãe e eu não estamos tendo um caso”, ele repete, insiste. “Ela nem sonharia com isso, eu não sonharia com isso.” *Que mentira! Sonho com isso diariamente.* “Se não acredita, não se fala mais nisso, não vou

tentar convencer você. O que você vai fazer agora, imediatamente? Vai ficar na sua casa ou com sua mãe?”

Drago sacode a cabeça. “Não vou voltar. Vou dormir com meus amigos.”
Dá um chute na mochila. “Trouxe as minhas coisas.”

Pelo aspecto da mochila, trouxe muita coisa.

“Pode dormir aqui, se quiser. Tem uma cama extra no meu escritório.”

“Não sei. Falei que ia ficar na casa deles. Posso telefonar mais tarde? Posso deixar minha mochila aqui?”

“Esteja à vontade.”

Ele fica acordado até meia-noite, esperando Drago. Mas só no dia seguinte é que Drago volta. “Uma amiga está comigo aqui embaixo”, ele anuncia pelo interfone. “Ela pode subir?”

Uma amiga, uma namorada: então foi aí que passou a noite! “Pode, subam.” Mas, quando abre a porta, quase dá um grito de exasperação. Ao lado de um sujo Drago de ar cansado está Elizabeth Costello. Será que nunca vai se livrar dessa mulher?

Ele e ela trocam um olhar arisco, como cães rivais. “Encontrei com Drago na praça Victoria”, diz ela. “Era lá que ele ia passar a noite. Na companhia de uns sujeitos. Que estavam apresentando a ele os frutos da Barossa.”*

“Achei que você disse que ia ficar com um amigo”, ele diz a Drago.

“Não deu certo. Tudo bem.”

Tudo bem. Claramente não está nada bem com o rapaz. Ele parece mergulhado em desânimo, que uma bebedeira não pode ter ajudado.

“Falou com sua mãe?”

O rapaz faz que sim.

“E?”

“Telefonei para ela. Conteí que não vou voltar.”

“Não estou perguntando de você, estou perguntando dela. Como ela está?”

“Ela está o.k.”

“Tome um banho, Drago. Vá. Limpe-se. Durma um pouco. Depois vá para casa. Faça as pazes com seu pai. Tenho certeza de que ele está arrependido do que fez.”

“Não está. Ele nunca se arrepende.”

“Posso dizer uma coisa?”, diz Elizabeth Costello. “Não é provável que o pai de Drago se arrependa enquanto estiver convencido de que tem razão. Pelo menos, é assim que eu vejo a coisa. Quanto a Marijana, independentemente do que possa dizer ao filho pelo telefone, com toda a certeza não está bem. Se foi se refugiar com a cunhada, é só porque não tem nenhum outro lugar para onde ir. A cunhada não dá nenhum apoio a ela.”

“É essa Lidie? Lidie é irmã de Jokić?”

“Lidija Karadzić. Irmã de Miroslav, tia de Drago. Lidija e Marijana não se dão bem, nunca se deram. Na opinião de Lidie, o que Marijana está recebendo não é nada mais do que ela merece. ‘Onde há fumaça, há fogo’, diz Lidie. Provérbio croata.”

“E como é que você sabe dessas coisas? Como sabe o que Lidie diz?”

Costello ignora a pergunta. “Para Lidie, não importa se na verdade Marijana está tendo um caso extraconjugal. O que interessa é que estão correndo histórias no círculo bastante estreito da comunidade croata. Preste atenção, Paul, não entorte a boca com desprezo. Fofoca, opinião pública, *fama*, como chamaram os romanos, é o que move o mundo — fofoca, não a verdade. Você nos diz que *de verdade* não está tendo um caso com a mãe de Drago porque você e ela *de verdade* não praticaram (desculpe, Drago) um ato sexual. Mas o que um ato sexual conta hoje em dia? E que peso nós atribuímos a um encontro rápido num canto escuro diante de meses de ardente desejo? Quando se trata de amor, como pode um observador de fora ter certeza da verdade do que está acontecendo? Do que podemos ter muito mais certeza é que murmúrios foram soltos no ar, quem sabe por quem. E o ar é comum a todos, o ar é o que nós respiramos,

com ele vivemos; quanto mais forte a negativa dos rumores, mais eles estão no ar.

“Você não gosta de mim, mr. Rayment, quer se livrar de mim, deixa isso bem claro. E eu própria não estou nada exultante, posso lhe garantir, de me ver de volta a este horrendo apartamento. Quanto mais cedo decidir por uma linha de ação no que diz respeito à mãe de Drago, ou no que diz respeito à dama de negro que visitou você outro dia, ou mesmo no que diz respeito a mrs. McCord, que nunca mencionou em minha presença, mas principalmente no que diz respeito à mãe de Drago, já que ela parece ser a luz da sua vida — quanto mais cedo decidir por uma linha de ação e se comprometer com essa linha, mais cedo você e eu, para nosso mútuo alívio, poderemos nos separar. Qual viria a ser essa linha de ação eu não posso aconselhar, ela deve vir de você. Se eu soubesse o que vai acontecer em seguida, não haveria necessidade de estar aqui, eu poderia voltar para a minha vida, que é bastante mais confortável, posso lhe garantir, e satisfatória do que o que tenho de agüentar aqui. Mas até que escolha agir tenho de atender você. Você, como diz o ditado, é dono do seu nariz.”

Ele sacode a cabeça. “Não entendo o que quer dizer. Não faz nenhum sentido.”

“Claro que entende. E, seja como for, não é preciso entender antes de agir, a menos que a pessoa seja excessivamente filosófica. Permita lembrar que existe uma coisa que se chama agir por impulso e eu sem dúvida aconselharia isso se tivesse permissão. Você diz que está apaixonado pela mrs. Jokić, ou, pelo menos quando Drago não está por perto, é isso que diz. Bom, *faça* alguma coisa com o seu amor. E, a propósito, um pouco mais de franqueza na frente de Drago não vai fazer nenhum mal — não é, Drago?”

Drago dá um sorriso torto.

“Parte da educação de um rapaz em crescimento. Melhor que mandar o rapaz para esse colégio pretensioso em Canberra. Permitir que ele tenha um relance das praias mais loucas do amor. Deixe que ele veja como uma pessoa navega as paixões, como se pilota pelas estrelas — a Ursa Maior e a

Menor, Sagitário e assim por diante. O Cruzeiro do Sul. Ele já deve ter alguma paixão dele agora, já tem idade para ter paixões. Você tem paixões, não tem, Drago?”

Drago fica em silêncio, mas o sorriso não desaparece de seus lábios. Deve haver alguma coisa entre a mulher e o rapaz. Mas o quê?

“Deixe eu perguntar uma coisa, Drago: o que você faria se estivesse no lugar de mr. Rayment, se fosse mr. Rayment?”

“O que eu faria?”

“É. Imagine: você tem sessenta anos e, de repente, uma manhã, acorda perdidamente apaixonado por uma mulher que não só é vinte e cinco anos mais nova como é também casada, bem casada, mais ou menos. O que você faria?”

Drago sacode a cabeça devagar. “Não é uma boa pergunta. Eu tenho dezesseis anos, como vou saber como é ter sessenta? Quando a pessoa tem sessenta é outra coisa — ela pode lembrar. Mas... É de mr. Rayment que a gente está falando, não é? Como é que eu posso ser mr. Rayment se não posso entrar dentro dele?”

Ficam em silêncio, esperando mais. Mas parece que o rapaz, que apesar da ressaca tem ainda a aparência de um anjo do Senhor, só está disposto a se arriscar no hipotético até esse ponto.

“Então, deixe eu colocar a pergunta de outro jeito”, diz mrs. Costello. “Algumas pessoas dizem que o amor faz a gente ficar jovem de novo. Faz o coração bater mais depressa. Faz correr os fluidos. Põe música em nossa voz e balanço em nosso andar. Vamos concordar que é assim, só para poder continuar a discussão, e vamos examinar o caso de mr. Rayment. Mr. Rayment tem um acidente e a consequência é que perde uma perna. Contrata uma enfermeira para tomar conta dele e bem depressa se apaixona por ela. Tem a sensação de que um miraculoso reflorescimento da juventude, brotado do amor, pode estar ali na esquina; ele até sonha em fazer um filho (é, é verdade, um meio-irmãozinho para você). Mas será que ele pode confiar nessa sensação? Será, talvez, fantasia de um velho caduco? Então a questão em que temos de pensar, diante da situação que

eu descrevi, é a seguinte: o que mr. Rayment, ou alguém como mr. Rayment, faz agora? Obedece cegamente às imposições do desejo, pois seu desejo anseia por se saciar; ou, pesando os prós e os contras, conclui que jogar-se de corpo e alma em um caso amoroso com uma mulher casada seria imprudente e então se recolhe à sua concha?”

“Eu não sei. Não sei o que ele faz. O que a *senhora* acha?”

“Eu também não sei o que ele faz, Drago, não ainda. Mas vamos examinar a questão metodicamente. Vamos fazer uma hipótese. Primeiro, vamos pensar que mr. Rayment não age. Por alguma razão, ele resolve refrear a paixão. Qual você acha que é a consequência?”

“Se ele não fizer nada?”

“É, se ele ficar sentado aqui no apartamento dele e não fizer nada.”

“Então vai ficar tudo como antes. Chato. Ele vai continuar sendo como ele era antes.”

“Só que...”

“Só que o quê?”

“Só que logo, logo o arrependimento vai começar a tomar conta de você. Os dias dele vão ficar nublados com uma monotonia cinzenta. À noite, ele vai acordar assustado, rilhando os dentes e resmungando para si mesmo *Se ao menos, se ao menos!* A memória vai roê-lo por dentro como um ácido, a memória da própria pusilanimidade. *Ah, Marijana!*, ele vai lamentar. *Se ao menos eu não tivesse deixado Marijana ir embora!* Um homem triste, uma sombra de si mesmo, é nisso que ele vai se transformar. Até morrer.”

“O.k., ele vai se arrepender.”

“Então, o que ele deve fazer para não morrer cheio de arrependimento?”

Para ele, basta. Antes que Drago possa responder, ele intervém. “Pare de arrastar o rapaz para os seus jogos, Elizabeth. E pare de falar de mim como se eu não estivesse na sala. O jeito como eu levo a minha vida é assunto meu, nenhum estranho tem nada a ver com isso.”

“Estranho?”, diz Elizabeth Costello, levantando uma sobrancelha.

“É, estranho. Você principalmente. Você é uma estranha para mim, alguém que eu espero nunca mais ver na minha frente.”

“Igualmente, Paul, igualmente. Como foi que eu e você nos vimos ligados, só Deus sabe, porque nós dois realmente não temos nada a ver um com o outro. Mas aqui estamos. Você quer ficar com Marijana, mas em vez disso está atrelado a mim. Eu preferia um personagem mais interessante, mas estou atrelada a você, o homem de uma perna só que não consegue se decidir. Uma bela confusão, não acha, Drago? Vamos lá, ajude a gente, nos aconselhe. O que você faria?”

“Eu acho que vocês deviam se separar. Se vocês não gostam um do outro. Dizer adeus.”

“E Paul e sua mãe? Deviam se separar também?”

“Do mr. Rayment não sei. Mas por que ninguém pergunta para minha mãe o que *ela* quer? Quem sabe ela gostaria de nunca ter vindo trabalhar para mr. Rayment. Não sei. Quem sabe ela gostaria que fosse tudo como era antes, quando a gente era... uma família.”

“Então você é contra a paixão, a paixão extraconjugal.”

“Não, eu não disse isso. Não sou, como a senhora diz, contra a paixão. Mas...”

“Mas sua mãe é uma mulher bonita. Quando ela sai, recebe olhares, desperta sentimentos, desejos brotam no coração de estranhos, e num piscar de olhos se acendem paixões imprevistas com que a pessoa tem de se haver. Pense na situação do ponto de vista de sua mãe. É fácil resistir a esses estranhos cheios de paixão quando eles se declaram, mas é menos fácil ignorar isso. Para isso é preciso ter gelo nas veias. Diante de homens estranhos e seus desejos, como você gostaria que sua mãe se comportasse? Devia se trancar em casa? Usar um véu?”

Drago dá uma estranha risada latida, deliciada. “Não, mas talvez ela não tenha vontade de ter um caso” — ele ronca ao pronunciar a frase, como se pertencesse a alguma curiosa língua estrangeira, talvez bárbara — “com todo homem que — sabe como é — que bate os olhos nela. É isso que eu estou dizendo: por que ninguém pergunta para ela?”

“Eu perguntaria a ela agora mesmo se pudesse”, diz Elizabeth Costello. “Mas ela não está disponível. Não está em cena, por assim dizer. Só podemos adivinhar. Mas ceder e ter um caso com um homem de sessenta anos que ela está contratada para ver seis dias por semana, faça chuva ou faça sol, é uma coisa que, eu diria, está bem longe das preocupações dela. O que você diria, Paul?”

“Bem longe mesmo. O mais longe possível.”

“Então é isso. Estamos todos infelizes, parece. Você está infeliz, Drago, porque a confusão na sua casa obrigou você a armar sua barraca na praça Victoria no meio dos bebuns. Sua mãe está infeliz porque tem de se hospedar entre parentes que não aprovam o comportamento dela. Seu pai está infeliz porque acha que as pessoas estão rindo dele. O Paul aqui está infeliz porque a infelicidade é sua segunda natureza, mas principalmente porque não faz a menor idéia de como realizar os desejos de seu coração. E eu estou infeliz porque nada está acontecendo. Quatro pessoas, em quatro cantos, enxugando o rosto, como vagabundos de Beckett, e eu no meio, perdendo tempo, sendo perdida pelo tempo.”

Ficam em silêncio, todos. *Sendo perdida pelo tempo*: é uma espécie de argumento que a mulher está fazendo. Então por que ele fica tão notavelmente impassível?

“Mrs. Costello”, diz ele, “por favor, abra os ouvidos para o que estou dizendo. O que está acontecendo entre a família de Drago e eu não é da sua conta. A senhora não tem nada o que fazer aqui. Não é seu lugar, nem sua esfera. Sinto por Marijana. Sinto por Drago, de outro jeito, e pelas irmãs dele também. Posso sentir muito até pelo pai de Drago. Mas não sinto nada por você. Nenhum de nós sente por você. Você é a única estranha entre nós. Seu envolvimento, por mais bem-intencionado que seja, não nos ajuda em nada, simplesmente nos confunde. Dá para entender isso? Será que não consigo convencer você a nos deixar em paz para resolver nossa salvação à nossa maneira?”

Há um longo e incômodo silêncio. “Tenho de ir embora”, diz Drago.

“Não”, diz ele. “Você não pode voltar para o parque, se é isso que está pensando. Eu não permito. É perigoso; seus pais vão ficar horrorizados se souberem. Vou te dar uma chave. Tem comida na geladeira, tem uma cama no meu escritório. Pode entrar e sair quando quiser. Dentro do razoável.”

Drago parece a ponto de dizer alguma coisa, mas muda de idéia. “Obrigado”, diz.

“E eu?”, pergunta Elizabeth Costello. “Devo ser jogada na rua para sofrer o calor do sol e a fúria do inverno, enquanto o jovem Drago é alojado como um príncipe?”

“Você é uma mulher adulta. Pode se cuidar sozinha.”

* Região produtora de vinhos da Austrália. (N. T.)

19.

Há um carro parado do outro lado da rua em frente a seu apartamento, uma velha perua vermelha Commodore. Está lá desde o meio-dia. O vulto atrás da direção é indistinto, mas só pode ser Miroslav Jokić. O que é menos certo é o que Miroslav pretende. Está espionando a esposa? Está tentando intimidar o casal culpado?

Com as muletas, ele leva quase dez minutos para navegar pela escada e pelo saguão, e quase a mesma coisa para atravessar a rua. Ao se aproximar do carro, o homem ali dentro desce o vidro da janela e deixa sair uma nuvem de fumaça de cigarro envelhecida.

“Mr. Jokić?”, ele pergunta.

Jokić não é a criatura corpulenta, agressiva, que ele imaginava. Ao contrário, é alto e esguio, com um rosto estreito e escuro, nariz aquilino.

“Eu sou Paul Rayment. Podemos dar uma volta? Posso convidar para uma cerveja? Há um pub virando a esquina.”

Jokić sai do carro. Está com botas de trabalho, calça jeans, camiseta preta, blusão de couro preto. Tem quadris tão estreitos que parece quase não ter nádegas. *Um corpo como um chicote*, ele pensa. Involuntária, lhe

vem uma visão daquele corpo em cima de Marijana, cobrindo-a, se pressionando para dentro dela.

Saltando o mais depressa que consegue, ele indica o caminho.

O pub está quase vazio. Ele escorrega para uma baia e Jokić o acompanha, de boca fechada. Ele dá uma olhada nas mãos de Jokić. Dedos longos com tufo de pêlos pretos, unhas cortadas rentes. Pêlos na gola da camiseta também. Será que Marijana gosta de todo aquele pêlo, aquela pele de urso?

Ele não tem nenhuma experiência de confronto com maridos ofendidos à qual recorrer. Deveria sentir pena do homem? Não sente nenhuma.

“Posso ir direto ao assunto? Você quer saber por que estou me oferecendo para ajudar na educação de seu filho. Não sou um homem rico, mr. Jokić, mas minha situação é confortável e não tenho filhos. Ofereci um empréstimo ao seu filho porque gostaria que ele se desse bem. Fiquei impressionado com Drago. Ele é muito promissor. Quanto à escola que escolheu, nunca ouvi falar, mas ele me disse que tem boa reputação e eu aceito isso.

“Sinto muito que meu oferecimento tenha perturbado a sua família. Devia ter falado com você além de sua mulher, agora me dou conta disso.

“Quanto a sua mulher, me permita dizer simplesmente que minhas relações com ela foram sempre corretas.” Ele hesita. Os olhos do homem são como a boca de uma arma voltada para ele. Ele devolve o olhar tão direto quanto pode. “Eu não me envolvo com mulheres, mr. Jokić, não mais. Essa parte de minha vida ficou para trás. Se ainda praticasse o amor, praticaria de outro jeito. Quando me conhecer melhor, vai entender.”

Está mentindo? Poderia estar, mas não se sente assim. Apesar das panturrilhas dela, que ele não esqueceu, apesar dos seios, em que ele daria tudo para afundar o rosto, naquele momento ama Marijana de coração puro e benevolente, como Deus a ama; é ridículo que seja odiado em retribuição, por esse homem ou por qualquer um.

“Eu e minha mulher estamos casados desde 82”, diz Jokić. Uma voz profunda, voz de urso, pelo menos isso ele tem. “Dezoito anos. Ela é

estudante na Academia de Belas-Artes de Dubrovnik quando eu conheci. Primeiro, eu estava no Exército federal, depois arrumei emprego na academia, como soldador. É quando a gente se conhece. Depois nós vamos para Alemanha, trabalha duro, economiza dinheiro, vive pobre — entende o que digo? — e se inscreve para vir para Austrália. Minha irmã também. Quatro juntos. Drago ainda pequeno. Primeiro a gente mora em Melbourne, eu trabalho na oficina de solda. Depois eu vou para Coober Pedy com colegas, tenta a sorte com opalas. Conhece Coober Pedy?”

“Conheço Coober Pedy.”

“Lugar muito quente. Depois, Marijana vem. Três anos a gente fica em Coober Pedy. Muito duro para mulher. Opalas, precisa ter sorte. Eu — sem sorte, entende o que digo? Mas meus colegas, eles ajudam, a gente se ajuda.”

“Entendo.”

“Muito duro para mulher com filhos. Então eu consigo emprego com Holden e a gente vem para Elizabeth. Bom emprego, casa boa.” Ele pousa o copo vazio. Silêncio. Fim do recital. *Essa é minha história*, ele parece estar dizendo, como se colocasse as cartas na mesa. *Bata essa, mr. Coniston Terrace!*

“Você por acaso conhece uma mulher chamada Elizabeth Costello, uma mulher mais velha, escritora profissional?”

Jokić sacode a cabeça.

“Porque ela parece conhecer você. Me contou uma parte dessa mesma história que você acabou de me contar — como você e Marijana se conheceram, o que vocês dois faziam em Dubrovnik, e assim por diante. Nada sobre Melbourne ou Coober Pedy. Afinal, Elizabeth Costello está trabalhando num novo livro e parece estar me usando como personagem, por assim dizer. Por causa do interesse dela em mim, se interessou por Marijana e você. Evidentemente, ela andou desencavando o seu passado.”

Jokić espera que ele complete o parágrafo, mas ele não consegue ainda, soaria ridículo demais. O que ele hesita dizer é: *Essa confusão em que você e eu estamos envolvidos é obra de Elizabeth Costello. Se quer colocar a culpa*

em alguém, coloque nela. Ela está por trás de tudo isso. Elizabeth Costello é uma intrigante.

“Não se ofenda com o que vou dizer”, ele continua. “Devia fazer as pazes com Marijana. Além disso, para o bem de Drago, por favor, aceite o empréstimo. Drago colocou todas as esperanças no Wellington College, qualquer um percebe. Podemos fazer esse empréstimo ser tão formal ou informal quanto você quiser. Podemos firmar documentos ou dispensar os documentos, para mim não faz diferença.”

Nesse ponto, ele devia oferecer outra cerveja a Jokić. Devia facilitar ao máximo para Jokić engolir o orgulho e se transformar, mesmo relutante, num camarada. Mas não oferece. Já disse o bastante; agora é a vez de Jokić — a vez de Jokić pagar a bebida, a vez de Jokić dizer o que pensa. Depois disso, ele espera, esse encontro, essa cena, da qual participou tão relutantemente, estará terminada. Embora esse homem tenha gerado em Marijana dois filhos angelicais, talvez até três, não consegue sentir nenhuma curiosidade por ele. Seu interesse é por Marijana: Marijana e tudo de Marijana que tiver passado para seus filhos.

Seu interesse por Marijana é um interesse interessado ou desinteressado? O Deus com cujo amor por Marijana ele compara o próprio amor é um Deus interessado ou desinteressado? Ele não sabe. A questão é abstrata demais para seu estado de espírito atual.

Jokić irrompe em suas idéias. “Você tem apartamento bom.”

Uma pergunta? Uma afirmação? Deve ser uma pergunta, uma vez que Jokić nunca esteve no apartamento. Ele faz que sim.

“Confortável. Você fala de confortável. Confortável o apartamento.”

“Minha situação é confortável, isso que eu disse. Não tem nada a ver com meu apartamento. ‘Situação confortável’ é uma expressão usada por gente que acha embaraçoso falar de dinheiro. No meu caso, significa que recebo uma renda confortável. Significa que tenho o suficiente para minhas necessidades e para sobrar um pouco. Posso fazer a caridade que eu quiser, ou posso fazer uma boa ação mandando seu filho para a faculdade.”

“Meu filho vai para escola chique, arruma amigos chiques, vai querer tudo que é coisa chique, entende o que digo?”

“Entendo. Uma escola chique pode ensinar seu filho a desprezar a própria origem. Isso não se pode negar. Não me entenda mal, mr. Jokić, não sou fã de escolas chiques. Não fui eu que sugeri o nome do Wellington. Mas se é para lá que Drago quer ir, dou meu apoio a ele. O que eu desconfio é que o Wellington não é tão chique quanto pretende ser. Uma faculdade chique de verdade não precisa anunciar.”

Jokić fica pensando. “Talvez”, diz, “talvez a gente pode fazer um fundo de previdência para Drago. Aí não fica, sabe, tão pessoal.”

Um fundo de previdência? Não é uma má idéia, embora seja uma solução cara para um problema simples. Mas o que esse refugiado do socialismo estatal pode saber sobre fundos de previdência?

“Podemos pensar nisso”, diz ele. “Se quiser fazer tudo legalmente, muito garantido legalmente. Podemos falar com um advogado.”

“Ou com banco”, diz Jokić. “A gente pode abrir conta para Drago, uma conta de previdência. Você deposita dinheiro numa conta de previdência. Aí é seguro. No caso de... sabe.”

No caso de quê? No caso de ele, Paul Rayment, mudar de idéia e deixar Drago desamparado? No caso de ele morrer? No caso de deixar de amar a esposa de Miroslav Jokić?

“É, podemos fazer isso”, diz ele, embora cada vez mais receoso. Será a ficção de um fundo de previdência o que basta para preservar o orgulho de Jokić?

“E Marijana.”

“É, Marijana. O que você quer dizer de Marijana?”

“Marijana está sempre cansada, por causa da enfermagem. Dois trabalhos ela tem, dois pacientes, você e essa outra velha, mrs. Aiello. Não enfermagem mesmo, profissionalmente, mais serviço doméstico. Somando, cinquenta horas por semana, sessenta horas, e dirige carro, todo dia dirige carro. Uma pessoa culta. Isso não é bom, serviço doméstico, para

pessoa culta. Ela volta para casa cansada todo tempo. Então a gente pensa, quem sabe ela pára de ser enfermeira, encontra outro tipo de trabalho.”

“Desculpe. Eu não sabia que Marijana tinha dois empregos. Nunca mencionou um segundo emprego para mim.”

Jokić está olhando para ele cheio de intenções. Há alguma coisa que ele não está percebendo?

“Vou sentir falta dela se sair”, diz ele. “É uma mulher muito capacitada.”

“É”, diz Jokić. “Eu, eu sou só mecânico, sabe. Mecânico não é nada, nem na Croácia, nem na Austrália. Mas Marijana é pessoa culta. Diploma de restauração — ela contou? Não tem trabalho de restauração na Austrália, mas mesmo assim. Em Munno Para, com quem ela pode conversa? O.k., Drago está interessado em porção de coisa, ela conversa com ele. Aí, conhece mr. Rayment.”

“Minhas conversas com Marijana têm sido bem limitadas”, ele responde, cauteloso. “Assim como o resto da minha relação com ela. Muito limitada. Só recentemente fiquei sabendo da formação dela em arte, por mrs. Costello, a mulher de quem falei.”

Lentamente está começando a ficar claro para ele por que Jokić, depois de espancar a mulher e expulsá-la de casa, está disposto a tirar um dia de folga no trabalho e ficar sentado dentro de um carro em Coniston Terrace. Jokić deve achar que sua mulher, tenha ou não tenha caído, no sentido absoluto, está no processo de ser atraída para fora de seu lar por um cliente cheio de dinheiro e com fácil familiaridade com o mundo da arte e dos artistas; também o ambiente elegante de Coniston Terrace a está ensinando a desprezar o Munno da classe operária. Jokić está fazendo um apelo, um apelo ao melhor em sua natureza. E se esse apelo falhar — o quê? Será que Jokić está planejando bater nele também?

Olhe para mim, rival odiado, ele gostaria de protestar. Você ainda tem os membros que Deus lhe deu, enquanto eu tenho de arrastar comigo esta obscena monstruosidade! Metade do tempo eu mijo, mijo no chão! Não conseguiria seduzir sua mulher a abandonar você mesmo que tentasse, não em qualquer sentido da palavra!

Porém, no mesmo momento a memória emite de novo a imagem de Marijana se esticando para tirar o pó das estantes, Marijana com suas pernas longas e torneadas. Se seu amor por Marijana é puro mesmo, por que esperou para se instalar em seu coração até o instante em que ela mostrou as pernas para ele? Por que o amor, mesmo o amor que ele afirma praticar, precisa do espetáculo da beleza para ser trazido à vida? O que, em abstrato, pernas torneadas têm a ver com amor, ou com desejo? Ou se trata apenas da natureza da natureza, sobre a qual não se fazem perguntas? Como funciona o amor entre os animais? Entre raposas? Entre aranhas? Existem coisas como pernas torneadas entre senhoras aranhas, e a sua força atrativa intriga o macho no mesmo momento em que o atrai? Ele imagina se Jokić tem alguma opinião a respeito. Mas certamente não vai perguntar. Já basta de Jokić por um dia e Jokić, ele suspeita, já está farto dele.

“Quer outra cerveja?”, ele pergunta, *pro forma*.

“Não, tenho de ir embora.”

Jokić tem de ir embora. Ele tem de ir embora. Para onde têm de ir, os dois? Um para uma cama vazia em Munno Para; o outro, para uma cama vazia em Coniston Terrace, onde pode ficar acordado a noite inteira se quiser, ouvindo o tiquetaque do relógio da sala. Podiam até montar casa juntos. Mutt e Jeff.

20.

Leva quase uma hora inteira, cambaleando para cá e para lá pelo parque, para localizar Elizabeth Costello. Por fim, a encontra à margem do rio, sentada em um banco, cercada de patos que parece estar alimentando. Quando ele se aproxima, os patos se espalham alarmados e deslizam clamorosamente de volta para a água.

Ele se finca na grama diante dela. Passa das seis da tarde, mas ainda dá para sentir o peso do sol de verão. “Estou procurando Drago”, diz ele. “Sabe onde posso encontrar?”

“Drago? Não faço idéia. Achei que ele estava na sua casa. Não vai perguntar de mim? Não está curioso para saber onde eu passei a noite depois que você me expulsou tão rudemente?”

Ele ignora a pergunta. “Acabo de ter um encontro com o marido de Marijana.”

“Miroslav. É, coitado, está tão humilhado. Primeiro por seu próprio ciúme, e agora por descobrir que tipo de homem é o rival. O que disse para ele?”

“Pedi para ele repensar. Pedi que colocasse os interesses de Drago em primeiro lugar. Repeti que não havia nenhum vínculo em meu oferecimento.”

“Nenhum vínculo visível, você quer dizer.”

“Nenhum vínculo absolutamente.”

“E os vínculos do coração, Paul, os vínculos de afeição?”

“Vínculos afetivos não entram em jogo. O dinheiro é para a educação de Drago. É absurdo sugerir que estou tentando comprar a mãe dele.”

“Absurdo? Devíamos perguntar a Marijana a respeito. Ela pode pensar diferente. Uma mão lava a outra. Para cada mão há outra mão. Você ofereceu uma mão. Agora é dela o ônus de aparecer com a mão certa, a mão adequada.”

“Não seja obscena.”

“Bom, confesso que ainda estou para entender o que você vê na sua dama balcânica. Aos meus olhos ela é um tanto atarracada e bastante acabada. Não pensei que você gostasse das suas mulheres desse jeito. Homem alto e mulher corpulenta: uma dupla de comédia. Um sujeito como você podia conseguir coisa melhor. Mas *chacun ses goûts*,* acho.

“Minha opinião, por menos valor que tenha, é que, se é de recompensa que você está atrás, de amor recompensado, devia desistir de mrs. Jokić. Ela não é para você. Sua melhor opção continua sendo Marianna, a Marianna dos dois enes. Um arranjo com Marianna, ou com alguém como ela, funcionaria muito bem. Para um cavalheiro solteiro de sua idade, que, devido a sua limitação, não gosta de aparecer em público, seria bem adequado receber em casa, uma tarde por semana, uma amiga discreta como Marianna, alguém que em troca de favores dispensados concordaria em aceitar um presentinho uma vez ou outra.

“É, Paul, presentes, regalos. Você tem de se acostumar a pagar. Nada de amor grátis mais.”

“Não posso amar quem eu escolher?”

“Claro que pode amar quem escolher. Mas talvez de agora em diante deva guardar o amor para si mesmo, como se guarda um resfriado para si

mesmo, ou um ataque de herpes, por consideração com os vizinhos.

“Porém, se seu veredicto for que Marianna não se encaixa, quem sou eu para protestar? Nesse caso, por que não telefonar para mrs. Putts? Diga a ela que você está em busca de uma nova enfermeira. Diga que quer alguém não tão nova, mas também não tão velha, com bons peitos, panturrilhas bem torneadas, independente, filhos não são obstáculo, de preferência não fumante. Que mais? De temperamento impetuoso, impetuoso e fácil de agradar.

“Ou por que incomodar mrs. Putts? Por que se submeter à trapalhada de contratar enfermeiras e se apaixonar por elas? Coloque um anúncio no *Advertiser*. ‘Cavalheiro, 60, sem filhos, vigoroso embora com mobilidade reduzida, procura companheira, 35-45, com vistas a amor, paternidade espiritual. Belos seios, et cetera. Dispensio aventureiras.’

“Não me olhe assim, Paul, estou só brincando, alimentando a conversa. Pode ter certeza de que aprendi a lição. Nada de servir de cupido, prometo. Se já resolveu que ninguém consegue substituir Marijana em seus afetos, que tem de ser Marijana ou nada, eu cedo, eu aceito. Devo informar, porém, que Marianna, a pobre Marianna, a outra, está profundamente ofendida pela maneira como foi tratada. Soluços no lenço. *Aceite*, eu digo a ela, *tem muito peixe no mar*. Mas ela não se consola. Depois de tudo o que fez por você, o orgulho dela levou um choque e tanto. *Ele me acha muito gorda!*, ela geme. *Bobagem*, eu digo — *o coração dele é que está em outro lugar, só isso*.

“Mas talvez eu tenha interpretado completamente errado. Talvez não seja a recompensa do amor que você está buscando. Ou talvez sua busca de amor seja um disfarce para uma busca por alguma coisa bem diferente. De quanto amor uma pessoa como você precisa, afinal, Paul, objetivamente falando? Ou alguém como eu? De nada. Absolutamente nada. Nós não precisamos de amor, velhos como nós. O que nós precisamos é de cuidados: alguém para segurar nossa mão e depois, quando ficamos trêmulos, para nos fazer uma xícara de chá, para nos ajudar a descer a escada. Alguém para fechar nossos olhos quando chegar a hora.

Cuidado não é amor. Cuidado é um serviço que qualquer enfermeira que valha o que ganha pode fornecer, contanto que você não peça mais.”

Ela faz uma pausa para respirar; por fim ele tem a chance de falar. “Vim aqui procurar Drago”, diz ele, “não ouvir você afiando seus argumentos em cima de mim. Entendo perfeitamente bem a diferença entre amor e cuidados. Nunca esperei que Marijana me amasse. Minha esperança, como um cavalheiro sessentão, é simplesmente fazer o bem que eu puder por ela e pelos filhos dela. Quanto a meus sentimentos, meus sentimentos são assunto meu. Decerto não vou jogar meus sentimentos em cima de Marijana de novo.

“Uma palavra mais, já que você está decidida a ser cética. Não subestime o desejo em cada um de nós, o desejo humano, de estender uma asa protetora.”

“Em cada um de nós?”

“É, em cada um de nós. Até em você. Se você for humana.”

Chega de falar. Ele está com os braços doendo, sentindo calor, gostaria de sentar. Mas, se fosse se acomodar ao lado de mrs. Costello, pareceriam demais com algo que não são: um velho casal que saiu para respirar um pouco. E ali está, afinal, uma última coisa a dizer.

“Por que colocar todo esse esforço em mim, mrs. Costello? Eu sou arraia-miúda, de verdade. Nunca se perguntou se me pegar não seria um erro — se eu não seria um erro do começo ao fim?”

Um jovem casal em um pedalinho com a forma de um cisne gigante passa por eles, sorrindo alegremente.

“Claro que me perguntei isso, Paul. Muitas vezes. E claro que, para alguns padrões, você é arraia-miúda. A questão é: para quais padrões? A questão é: miúda quanto? Paciência, eu digo para mim mesma: talvez ainda haja alguma coisa a espremer dele, como a última gota de suco de um limão, ou como sangue de pedra. Mas, claro, você pode estar certo, você pode ter sido um erro, vou concordar com isso. Se você não fosse um erro, eu provavelmente não estaria mais aqui, em Adelaide. Fico porque não sei o que fazer com você.

“Deveria então admitir a derrota? Deveria abandonar você e começar de novo em algum outro lugar? Tenho certeza de que você ficaria contente. Mas não posso. Seria um golpe muito grande para o meu orgulho. Não, tenho de continuar até o fim.”

“Até o fim?”

“É, até o duro fim.”

Ele espera ouvir mais. Espera ouvir qual será o fim. Mas ela cala a boca, desvia dele os olhos.

“Afinal”, prossegue ele, “ao tentar entender o que você está fazendo na minha vida, topei com uma hipótese depois da outra. Não vou expor todas elas, mas digo que nenhuma é muito elogiosa a você. A primeira e ainda a mais plausível é que me quer como modelo para um personagem de um livro. Nesse caso, deixe eu repetir o que estava dizendo há um minuto e que você parece achar difícil de aceitar. Desde o dia do meu acidente, desde que eu podia ter morrido, mas parece que fui poupado, me persegue a idéia de fazer o bem. Antes que seja tarde demais eu gostaria de praticar algum ato que seja — desculpe a palavra —, uma bênção, por modesta que seja, na vida de outros. Por quê, você pergunta? Em última análise, porque não tenho filhos para abençoar, como faz um pai. Não ter filhos foi o grande erro da minha vida, isso eu lhe digo. Meu coração sangra por isso o tempo inteiro. Meu coração tem uma *blessure*** por isso.

“Sorria se quiser, mrs. Costello. Mas deixe eu lembrar que houve tempo em que fui um perfeito menininho católico. Antes de o holandês nos desenraizar e trazer para os confins da Terra eu estudava com as boas irmãs de Lourdes. E assim que chegamos a Ballarat fui entregue aos cuidados da Irmandade Cristã. *Por que iria querer fazer isso, menino? Por que iria querer cometer um pecado? Não está vendo como o coração de Nosso Senhor sangra por causa do seu pecado?* Jesus e seu coração sangrando nunca se apagaram da minha memória, mesmo eu tendo há muito tempo deixado para trás a Igreja. Por que falo nisso: porque não quero mais ferir Jesus com minhas ações. Não quero fazer o coração dele sangrar. Se quer ser a cronista da minha vida, vai ter de entender isso.”

“Um perfeito menininho católico. Entendo isso, Paul. Entendo muito bem. Não esqueça, eu mesma sou uma correta menina irlandesa católica, uma Costello de Northcote, em Melbourne. Mas continue, continue, acho isso tudo muito rico, acho fascinante.”

“Antes, na minha vida, eu não falava de mim mesmo com tanta liberdade como falo hoje, mrs. Costello. O decoro me retinha, o decoro ou a vergonha. Mas você é uma profissional, não posso esquecer, no negócio de confiança, como um médico, um advogado, um contador.”

“Ou um padre. Não esqueça dos padres, Paul.”

“Ou um padre. De qualquer forma, depois do meu acidente comecei a deixar de lado uma parte dessa reticência. *Se não falar agora*, eu disse a mim mesmo, *vai falar quando?* Então: *Jesus aprovaria?* Essa é a questão que coloco para mim mesmo hoje, continuamente. É esse o padrão que tento seguir. Não tão escrupulosamente quanto deveria, admito. Perdão, por exemplo: não tenho nenhuma intenção de perdoar o rapaz que bateu em mim com o carro, independentemente do que Jesus possa dizer. Mas Marijana e os filhos dela — quero estender uma mão protetora sobre eles, quero abençoar essas pessoas e permitir o progresso delas. Isso é uma coisa que você devia levar em conta em mim e acho que não leva.”

O que disse sobre deixar de lado a reticência, sobre falar com franqueza, estritamente falando, não é verdade. Mesmo para Marijana não abriu de fato o coração. Por que se desnuda diante de Costello, que com toda a certeza não é nada sua amiga? Só pode haver uma resposta: porque ela o esgotou. Uma performance inteiramente profissional da parte dela. A pessoa toma posição ao lado da presa, espera, e a presa acaba por ceder. O tipo de coisa que todo padre sabe. Ou todo abutre. Folclore de abutre.

“Sente, Paul”, diz ela. “Não consigo mais ficar apertando os olhos para olhar para você.”

Ele se deixa cair pesadamente ao lado dela.

“Seu coração sangrando”, ela murmura. O sol que se põe olha tão ferozmente da superfície da água que ela tem de proteger os olhos com a mão. A família de patos, mais que uma família, o clã dos patos, está se

reunindo para mais um assalto à terra. Evidentemente ele, o intruso, foi avaliado e considerado inofensivo.

“É, meu coração sangrando.”

“O coração pode ser um órgão misterioso, o coração e seus movimentos. Escuro, dizem os espanhóis. O escuro coração, *el oscuro corazón*. Tem certeza de que não está com o coração um pouco escuro, Paul, apesar de tantas boas intenções?”

Ele pensara em fazer uma oferta de paz; pensara em oferecer à mulher se não abrigo para a noite, pelo menos a passagem aérea de volta para Melbourne. Mas agora se vê inundado de novo pela velha irritação. “E tem certeza”, ele responde, gelado, “de que não está vendo complicações onde elas não existem, apenas em função das lúgubres histórias que escreve?”

Mrs. Costello remexe na sacola plástica que tem no colo, esmigalha um pedaço de pão e joga para os patos. Há uma imensa comoção enquanto eles convergem para essa bênção.

“Nós todos gostaríamos de ser mais simples, Paul”, diz ela, “cada um de nós. Principalmente quando vamos chegando perto do fim. Mas somos criaturas complicadas, nós, seres humanos. É a nossa natureza. Você quer que eu seja mais simples. Você próprio quer ser mais simples, mais nu. Bom, eu fico olhando fascinada, acredite, os seus esforços de se desnudar. Mas isso tem um preço, o coração simples que você tanto deseja, o jeito simples de ver o mundo. Olhe para mim. O que você vê?”

Ele fica quieto.

“Deixe eu dizer o que você vê, ou o que você diz a si mesmo que está vendo. Uma velha sentada à margem do rio Torrens, alimentando os patos. Uma velha que por acaso está ficando sem roupa de baixo limpa para vestir. Uma velha que irrita você com o que você considera insinuações maliciosas.

“Mas a realidade é mais complicada que isso, Paul. Na verdade, você vê muito mais — vê e bloqueia. A luz com uma certa intensidade, por exemplo. Uma figura envolta por essa luz ao lado da água que corre

mansamente. Lanças de luz que ferem essa mulher, que ameaçam perfurar o corpo dela.

“Complicação desnecessária? Acho que não. Uma expansão. Como respirar. Inspirar, expirar. Expandir, contrair. O ritmo da vida. Está dentro da gente ser uma pessoa mais plena, Paul, maior e mais expansiva, mas você não admite isso. Eu insisto: não elimine essas vertentes do seu pensamento. Siga por elas até o fim. Seus pensamentos e seus sentimentos. Siga até o fim e você vai crescer com eles. O que disse mesmo aquele poeta americano? Sempre se tece uma cobertura de algo para algo. Minha memória está indo embora. Fica mais vaga a cada dia que passa. Uma pena. Daí essa pequena lição que estou tentando dar a você. *Ele a encontra à margem do rio, sentada em um banco, cercada de patos que parece estar alimentando* — pode ser simples, como um relato, essa simplicidade pode até enganar, mas não basta. Não me traz à vida. Me trazer à vida pode não ser importante para você, mas tem a desvantagem de não trazer você à vida também. Ou os patos até, se você prefere que eu não esteja no centro do quadro. Traga esses humildes patos à vida e eles trarão você à vida, juro. Traga Marijana à vida, se tem de ser Marijana, e ela trará você à vida. É elementar assim. Mas por favor, como um favor a mim, pare de confundir. Não sei por quanto tempo mais sou capaz de suportar meu modo de vida atual.”

“A que modo de vida está se referindo?”

“A vida em público. A vida em praças públicas, dependendo das instalações públicas. A vida na companhia de bêbados e pessoas sem teto, o que nós costumamos chamar de vagabundos. Não se lembra? Eu avisei que não tinha para onde ir.”

“Está falando bobagem. Podia ter alugado um quarto em um hotel. Podia ter pegado o avião de volta para Melbourne ou qualquer outro lugar que quisesse. Eu empresto o dinheiro.”

“É, você podia fazer isso. Assim como podia se livrar dos problemáticos, intempestivos JokiĆ, vender seu apartamento e se mudar para um bem organizado asilo de velhos. Mas não faz isso. A gente é o que é, Paul. Isto,

por enquanto, é a vida que nos foi dado viver, e temos de viver essa vida. Quando estou com você, tenho um teto; quando não estou com você, sou uma sem-teto. Foi assim que os dados resolveram. Está surpreso de me ouvir falar assim? Não devia. Mas não se castigue. Eu fiquei incrivelmente bem nessa nova vida. Olhando para mim, você não diria que eu vivo com uma maleta, diria? Ou que não como nada há dias. Além de uma ou outra uva.”

Ele fica quieto.

“Enfim, basta isso a meu respeito. Como eu fico dizendo para mim mesma. Tenha paciência, Paul Rayment não pediu para você abaixar em cima dos ombros dele. Porém seria um grande favor se Paul Rayment se apressasse. Como já disse, posso estar chegando ao meu limite. Nem dá para dizer o quanto estou cansada. E não do tipo de cansaço que pode se resolver com uma boa noite de sono em uma cama de verdade. O cansaço a que me refiro passou a fazer parte do meu ser. É como uma tintura que começou a se infiltrar em tudo o que eu faço, em tudo o que eu digo. Eu me sinto, para usar a palavra de Homero, desatada. Palavra com a qual você tem familiaridade, parece que me lembro. Nenhuma força tensorial mais. O arco que costumava ser tenso ficou frouxo e seco como um fiapo de algodão. E não apenas o eu corpóreo. A mente também: frouxa, pronta para o sono facilitador.”

Ele não olha para Elizabeth Costello há um bom tempo, não de fato. Em parte, porque acha que ela é tão descolorida, tão sem feições, assim como acha suas roupas tão absolutamente sem personalidade. Mas agora volta para ela sua total e deliberada atenção e de fato é como ela diz: perdeu peso, a pele dos braços está pendurada, o rosto pálido, o nariz parece um bico.

“Se tivesse pedido”, diz ele, “eu teria ajudado, em termos práticos. Estou pronto a ajudar agora. Mas quanto ao resto” — ele dá de ombros — “não estou fazendo confusão, pelo menos não aos meus próprios olhos. Estou agindo num ritmo que é natural para mim. Não sou uma pessoa

excepcional, mrs. Costello, e não posso me tornar excepcional só para você. Desculpe.”

Ele vai ajudá-la. De verdade. Vai pagar uma refeição para ela. Vai comprar a passagem, vai com ela ao aeroporto, acenar adeus para ela.

“Que homem frio”, ela diz. Fala a palavra condenatória com leveza, com um sorriso. “Pobre homem frio. Tentei explicar o melhor que pude, mas você não entende nada. Você me foi enviado, eu fui enviada a você. Por que isso, só Deus sabe. Agora você tem de se curar o melhor possível. Vou tentar não apressá-lo mais.”

Ela se põe de pé, não sem dificuldade, dobra a sacola vazia. “Adeus”, diz ela.

Durante muito tempo depois de ela ir embora, ele fica ali, olhando o rio com olhos apertados, abalado. Os patos, acostumados a ser alimentados, estimulados por sua imobilidade, chegam quase a seus pés, mas ele não lhes dá atenção.

Frio: será mesmo essa a impressão que dá a desconhecidos? Ele quer protestar. É bem-intencionado. Seus amigos podem comprovar isso — gente que o conhece bem melhor que Costello. Até mesmo a mulher que foi sua esposa concorda: ele é bem-intencionado, quer sempre o melhor. Como pode ser chamado de frio alguém que de coração deseja o bem, que quando age, age de coração?

Frio não era uma palavra que sua esposa usasse. O que ela dizia era bem diferente: *Achei que você era francês*, dizia, *achei que faria alguma idéia*. Alguma idéia de quê? Durante anos, depois que ela o deixou, ele tentou entender essas palavras. Idéia do que os franceses, mesmo que apenas os franceses da lenda, deviam ter? Do que faria uma mulher feliz? O que faz uma mulher feliz é um enigma tão velho quanto a Esfinge. Por que um francês haveria de ter o poder de desamarrar isso, muito menos um francês imaginário como ele?

Frio, cego. Inspirar, expirar. Ele não aceita o encargo; não acredita na sua verdade. A verdade não é dita em raiva. A verdade é dita, se é que chega a ser dita, em amor. O olhar amoroso não se ilude. O amor vê o que

é melhor no amado, mesmo quando o melhor no amado acha difícil emergir para a luz. Quem é Marijana? Uma enfermeira de Dubrovnik de cintura grossa, dentes amarelos e pernas nada más. Quem a não ser ele, com o olhar amoroso, vê a tímida gazela de olhos negros escondida dentro dela?

É isso que Elizabeth Costello não entende. Elizabeth Costello pensa nele como um castigo que veio infernizar os últimos dias de sua vida, uma penitência incompreensível que ela está condenada a dizer, recitar, repetir. Ela olha para ele com desgosto, com desânimo, com exasperação, com o coração pesado, com tudo menos amor. Bem, quando encontrar com ela de novo, ele vai lhe dar uma lição. *Não frio*, ele dirá, *nem francês tampouco. Um homem que vê o mundo à sua maneira e que ama à sua maneira. E um homem que não há muito tempo perdeu uma parte do próprio corpo: não esqueça isso. Tenha um pouco de caridade*, ele dirá. *Então talvez possa encontrar em você a força de escrever.*

* Em francês, “gosto não se discute”; literalmente, “cada um com seus gostos”. (N. T.)

** Em francês, “ferida”. (N. T.)

21.

Drago. Continua sendo intrigante para ele o quanto Drago é pouco consciente da própria beleza. Nada narcisista; nada reflexivo. Por outro lado, se tivesse consciência de si mesmo perderia parte daquele ar de destemida candura, daquele olhar de guerreiro.

Existe um equivalente feminino à candura dragoniana? A pureza amazônica? Blanka, a irmã, a parte desconhecida: como ela é? Nunca a conhecerá?

Narciso descobriu no tanque de água um gêmeo de quem não conseguiu se soltar. Toda vez que sorria, o gêmeo sorria de volta. Porém cada vez que se curvava para beijar aqueles lábios atraentes, o gêmeo se dissolvia em fantasmagóricas ondas.

Nenhum narcisismo em Drago; não ainda, talvez nunca. Nenhum narcisismo em Marijana tampouco. Um traço admirável, a seu modo. É curioso que ele tenha se apaixonado por Marijana, considerando que no passado sempre se apaixonou por mulheres que amavam a própria imagem.

Ele próprio nunca se sentiu à vontade com espelhos. Muito tempo atrás, enrolou um pano no espelho do banheiro e aprendeu a se barbear às cegas. Uma das coisas mais irritantes que Costello fez durante sua estada foi tirar o pano. Quando ela foi embora, ele o colocou de volta.

Ele cobre o espelho do banheiro não só para se poupar da imagem de um eu feio, envelhecido. Não: o gêmeo aprisionado atrás do vidro ele acha, acima de tudo, chato. *Graças a Deus virá o dia*, diz para si mesmo, *em que não terei mais de ver esse aí!*

Quatro meses se passaram desde que teve alta no hospital e permissão para voltar à vida de antes. A maior parte desse tempo passou enclausurado em seu apartamento, mal vendo a luz do sol. Desde que Marijana parou de vir, não tem comido adequadamente. Não tem apetite, não se dá ao trabalho de cuidar de si mesmo. O rosto que ameaça confrontá-lo no espelho é o de um vagabundo magro, barbudo. Na verdade, pior que isso. Em uma banca do Sena ele um dia pegou um texto médico com fotografias de pacientes do Salpêtrière: casos de mania, demência, melancolia, doença de Huntingdon. Apesar das barbas desgrenhadas, apesar das camisolas do hospital, ele imediatamente reconheceu neles irmãos de alma, primos que tinham ido adiante na estrada que ele um dia seguiria.

Está pensando em Drago porque, depois de uma noite passada no apartamento, Drago não retornou nem mandou nenhum recado. E está pensando em espelhos por causa da história de mrs. Costello sobre o velho que transformou Simbad em escravo. Mrs. Costello quer sujeitá-lo a alguma ficção que tem na cabeça. Ele gostaria de acreditar que, desde o episódio de Marianna, resistiu aos esquemas dela, a manteve à distância. Mas terá razão? Treme ao pensar no que um mero olhar de relance no espelho possa revelar: rindo por cima de seu ombro, agarrada à sua garganta, a forma de uma megera desgrenhada, de seios nus, brandindo um chicote.

Devia escrever uma carta a Marijana, para a casa da cunhada, ou para a casa dela, ou para onde quer que ela esteja. *Por favor, não corte o contato*

comigo. Seja o que for que eu disse, prometo nunca repetir. Foi um erro. Não vou mais tentar atrair você para nenhuma intimidade. Mesmo tendo feito por mim muito, muito mais do que o dever exige, nunca cometi a tolice de confundir sua gentileza com amor, com a coisa em si. O que ofereço a Drago, e a você através de Drago, é uma mostra de gratidão, nada mais. Por favor aceite assim. Você cuidou de mim; agora quero lhe dar alguma coisa em troca, se permitir. Me ofereço para cuidar de você, ou pelo menos para aliviar parte de sua carga. Me ofereço a isso porque em meu coração, no fundo de mim, você me é muito cara. Você e os seus.

Cara: ele pode colocar a palavra no papel, mas ficaria acanhado demais para pronunciá-la, fazer dela seu discurso. Uma palavra inglesa demais, uma palavra de um nativo da língua. Talvez a Marijana dos Bálcãs, profissional da caridade, de cuidados, forçada, muito mais do que ele, a viver a vida em uma língua estrangeira, também se sinta acanhada. Ou talvez não. Talvez ela tenha aceitado sem pensar o que lhe disseram na junta de credenciamento: que a profissão em que estava se iniciando era conhecida no mundo de língua inglesa como uma profissão de caridade; que seu trabalho dali em diante seria demonstrar caridade com as pessoas ou cuidar das pessoas; e que esse cuidar não devia ser entendido como nada relativo ao coração, a não ser, claro, no caso de cardíacos.*

No entanto, nos últimos meses, não foi exatamente nisso que ele se transformou — em um paciente de coração, *un cardiaque*? Houve tempo em que o coração era seu órgão mais forte. Qualquer um de seus órgãos irmãos podia falhar — bexiga, baço, cérebro —, mas seu coração, testado e provado primeiro na rua Magill, depois na mesa de operações, o serviria fielmente até o fim.

Então conheceu Marijana e seu coração passou por uma mudança. Seu coração não é mais o que era. Ele agora anseia por servir Marijana, Marijana e todos os que pertencem a ela. Assim como ela deu a ele, também seu coração quer retribuir. *Retribuir não é a mesma coisa que pagar o devido*, ele devia acrescentar numa nota de rodapé. *Desculpe a*

lição de língua, eu também estou tateando meu rumo, também estou em solo estrangeiro.

Querida Marijana, ele escreve, desta vez com caneta de verdade e papel de verdade. Será que você, ou seu marido, acha realmente que em troca das mensalidades escolares de Drago eu iria me impor a você? Eu jamais faria isso, nem em sonho; e, de qualquer forma, mrs. Costello está sempre por perto, garantindo que eu me mantenha na linha. “Nenhuma mulher com dois olhos na cara aceitaria uma pessoa como você”, diz mrs. Costello. Eu concordo plenamente com ela.

Você teve de conviver muito comigo por dever profissional, demais talvez. Deixe que eu simplesmente diga estas palavras: pelo cuidado imparcial que me dedicou eu serei grato enquanto viver. Se me ofereço para me encarregar da educação de Drago, é apenas como uma maneira de pagar essa dívida.

Miroslav e eu discutimos a possibilidade de um fundo de previdência. Se for preciso um fundo de previdência para tranquilizar Miroslav, eu providenciarei a abertura disso — para Drago, na verdade para seus três filhos.

Consegui seu endereço com mrs. Costello, que parece saber tudo. Você e Miroslav poderiam, por favor, reconsiderar e me dar a grande honra de aceitar um presente que não terá, como se diz em inglês, nenhum vínculo.

*Sinceramente,
Paul Rayment*

* Todo o parágrafo usa variações intraduzíveis do verbo *to care*, que tem sentido múltiplo em inglês. É tanto “gostar de” (no sentido de preocupar-se com alguém, zelar por ele, tê-lo como pessoa “cara”) como “cuidar de”, “exercer cuidados com alguém”. (N. T.)

A carta a Marijana é endereçada aos cuidados de mrs. Lidija Karadžić em North Elizabeth; ele espera ter acertado os acentos.

A resposta de Marijana vem dois dias depois, na forma não de uma carta — ele nunca esperou uma, é capaz de imaginar o problema que seria para ela escrever em inglês —, mas de um telefonema.

“Desculpe eu não vem ver senhor, mr. Rayment”, diz ela, “mas nós estamos com muitos problemas. Blanka — sabe Blanka? —, ela se complica.” E vem à tona uma longa história sobre uma corrente de prata, uma corrente que nem é de prata de verdade, que se pode comprar por um dólar e cinquenta no mercado chinês, que algum comerciante, algum judeu, acusa Blanka de ter pegado, embora Blanka não tenha pegado, uma amiga dela pegou e passou para ela e ela queria devolver, mas não deu tempo; e o judeu diz que a corrente que nem é de prata de verdade custa quarenta e nove e noventa e nove e quer levar Blanka à justiça por causa disso, à justiça juvenil. Então, agora Blanka está se recusando a comer, está se recusando a ir à escola, embora falte apenas uma semana para os exames, fica no quarto o dia inteiro a não ser ontem de noite que se vestiu e

saiu sem dizer para onde. E Mel não sabe o que fazer e ela não sabe o que fazer. Então será que ele, Paul Rayment, conhece alguém com quem possa falar a respeito de Blanka, alguém que possa falar também com o judeu e retirar a queixa?

“Como sabe que ele é judeu, Marijana?”, ele pergunta.

“O.k., judeu, não-judeu, não importa.”

“Talvez eu seja judeu. Tem certeza de que eu não sou judeu?”

“O.k. Esqueça. Falei sem querer. Não é nada. Não quer falar comigo, só dizer, acaba conversa.”

“Claro que quero conversar. Claro que quero ajudar. Para que eu estou no mundo senão para ajudar? Me dê os detalhes. Me conte quando e onde aconteceu, essa história da corrente de prata. E me conte mais sobre essa amiga de Blanka, essa que estava com ela na loja.”

“Tenho aqui. Loja é Happenstance” — ela soletra a palavra —, “no Shopping Rundle, e mr. Matthews gerente.”

“E quando foi isso, essa história com a Happenstance?”

“Sexta-feira. Sexta de tarde.”

“E a amiga dela?”

“Blanka não diz nome de amiga. Talvez Tracy. Não sei.”

“Deixe eu ver o que posso fazer, Marijana. Não sou a melhor pessoa para esse tipo de coisa, mas vou ver o que posso fazer. Onde posso encontrar você?”

“Pode telefonar, tem meu número.”

“Telefonar para sua casa? Achei que estava com sua cunhada. Escrevi para você aos cuidados de sua cunhada. Não recebeu minha carta?”

Há um longo silêncio. “Acabou tudo”, diz Marijana por fim. “Pode telefonar.”

* * *

O que Marijana quer é um homem influente e ele não é um homem influente, ele nem tem certeza se aprova o fenômeno do homem influente. Mas é assim que as coisas são feitas na Croácia, então por Marijana e pela

infeliz filha dela, que sem dúvida deve ter aprendido a lição agora — ou seja, ter mais cuidado ao roubar coisas —, ele está disposto a tentar. Será que Marijana está errada, afinal, em pensar que um homem com um nome bacana como Rayment e uma casa confortável em uma parte eminentemente confortável da cidade e dinheiro para distribuir pode fazer as coisas acontecerem de um jeito que um mecânico de automóveis com o nome esquisito de Jokić não pode?

“Mr. Matthews?”, diz ele.

“Sim.”

“Podemos conversar em particular?”

Happenstance — que vende o que chama de acessórios — não é, porém, o tipo de estabelecimento em que se pode trocar uma palavra em particular. Tem, no máximo, cinco metros quadrados. Há prateleiras abarrotadas de roupas, há um balcão e um caixa, há música vibrando em algum lugar acima deles e isso é tudo. Então o que ele tem de dizer a mr. Matthews tem de ser dito ali mesmo.

“Uma garota foi detida aqui por roubo”, diz ele. “Sexta-feira passada. Blanka Jokić. Lembra desse caso?”

Mr. Matthews, que é judeu ou não, e que foi todo afabilidade até agora, endurece visivelmente. Mr. Matthews tem seus vinte e poucos anos; é alto e magro; tem sobrancelhas grossas, escuras, e cabelo descolorido espetado em pontas.

“Meu nome é Paul Rayment”, ele insiste. “Sou amigo da família Jokić. Posso lhe contar alguma coisa sobre Blanka?”

O rapaz — o que ele é senão um rapaz? — assente com a cabeça, cauteloso.

“Blanka nunca fez nada assim antes. Desde sexta-feira passada está num grande tormento, tormento pessoal. Com vergonha do que fez. Está relutante em se mostrar em público. Arriscaria dizer que ela aprendeu a lição. Não passa de uma criança; acredito que não se vai ganhar nada processando a menina. Então vim fazer uma proposta. Quero pagar a peça

que ela pegou, que acredito ser uma corrente de prata vendida pelo preço de cinquenta dólares.”

“Quarenta e nove e noventa e nove.”

“Além disso, se concordar em retirar a queixa, estou disposto a comprar aqui peças no valor de, digamos, quinhentos dólares. Como sinal de boa vontade. E tudo absolutamente honesto.”

O jovem mr. Matthews sacode a cabeça. “É política da empresa”, diz ele. “Todo ano perdemos cinco por cento do estoque, as filiais todas, por causa de roubos. Temos de mostrar uma atitude para os ladrões: se roubar de nós, vai ser processado. O peso total da lei. Tolerância zero. Essa é a nossa política. Desculpe.”

“Vocês perdem cinco por cento, mas recuperam esses cinco por cento aumentando os preços. Não estou criticando vocês, apenas apontando um fato. Vocês têm uma política voltada para ladrões. É justo. Mas Blanka não é uma ladra. É só uma criança, pensando como pensa uma criança, boba. Azar acontece para os outros, ela acha, não vai acontecer comigo. Bom, agora ela sabe que está exposta ao azar também. Se quer dar uma lição, já deu a lição. Ela não vai esquecer. Não vai roubar de novo, não vale a pena, ficou muito arrasada com isso. Então, voltando à minha proposta. Você faz um telefonema, retira a queixa; eu pago a corrente e além disso compro quinhentos dólares em mercadorias, aqui e agora.”

Mr. Matthews está hesitante, visivelmente.

“Seiscentos dólares. Aqui está meu cartão. A polícia não gosta de levar esses casos adiante. Têm mais o que fazer com o tempo deles.”

“Não posso tomar essa decisão, tipo, unilateralmente. Vou falar com o gerente.”

“Você é o gerente.”

“Eu sou só o gerente deste outlet. Tem o nosso gerente de área. Vou falar com ele. Mas não posso prometer nada. Como eu disse, a política da empresa é dar queixa. É o único jeito de mostrar que somos sérios.”

“Fale com seu gerente de área agora. Telefone para ele. Eu espero.”

“Mr. DeVito está fora da cidade. Volta na segunda-feira.”

“Mr. DeVito pode estar fora da cidade, mas não impossível de contatar. Telefone para ele. Resolva essa questão.”

O jovem mr. Matthews retira-se para trás do caixa, vira as costas para ele e pega o celular. O jovem mr. Matthews está a ponto de ver seu dia estragado, e por um aleijado ainda por cima. Ele não é brigão de natureza, mas procurar a fraqueza do rapaz e depois fazer pressão em cima dele, apertá-lo, não foi uma experiência desagradável. Blanka Jokić: Matthews não vai esquecer esse nome tão cedo.

A assistente, uma garota de horrenda maquiagem branca e lábios violeta, ficou olhando os dois disfarçadamente. Ele faz sinal para ela se aproximar. “Me ajude a escolher umas coisas”, diz ele. “Da última moda. Para uma menina de catorze anos.”

Um amigo da família. É assim que ele se apresenta à Happenstance, é assim que a Happenstance o vê: como um cavalheiro mais velho, com uma deficiência, que Deus sabe por que razão escolhe zelar pelo bem-estar de uma garota com um nome esquisito. E é verdade. Ele é de fato um cavalheiro mais velho, aquele benfeitor de bom coração. Verdade, mas não toda a verdade. Se ele combate a multidão no Shopping Rundle, se ele barganha, induz e paga por coisas de que não precisa, não é, ou não é apenas, pela garota que nunca viu na vida.

Como Marijana verá essa *vontade de dar* com que ele tão insistentemente a persegue? Ela já teve outros clientes como ele, outros velhos apaixonados? *Sem dúvida você deve saber. Sem dúvida, uma mulher sempre sabe. Eu te amo.* Como isso deve ter incomodado e irritado a ela: palavras de amor vindas de um objeto de mera enfermagem, meros cuidados. Irritante, mas, no fim das contas, não sério. A fantasia, conseguindo aflorar à superfície, de um homem engaiolado sozinho por tempo demais; um entusiasmo; não uma coisa real.

O que seria preciso para Marijana vê-lo como a coisa real? O que é a coisa real? Desejo físico? Intimidade sexual? Eles são íntimos, ele e Marijana, há já algum tempo — por mais tempo do que duram muitos casos amorosos, do começo ao fim. Mas toda a intimidade, toda a nudez,

todo o desamparo têm sido unilaterais. Tráfego de mão única; nenhuma troca; nem mesmo um beijo — nem um simples selinho no rosto. Dois ex-europeus!

“Tudo bem?”, pergunta uma voz.

Ele está olhando nos olhos, nos olhos inteiramente gentis, de uma garota de farda azul. Uma policial.

“Tudo. Por que não estaria?”

Ela dá uma olhada para o homem a seu lado, outro policial. “Onde o senhor mora?”

“Em North Adelaide. Em Coniston Terrace.”

“E como vai voltar para casa?”

“Vou andar até a rua Pulteney e pegar um táxi. Algo errado nisso?”

“Nada. Nada de errado.”

Ele engancha as sacolas da Happenstance no braço, agarra as muletas e desencosta do latão de lixo onde estava apoiado. Sem dizer uma palavra, de cabeça erguida, vai abrindo caminho na multidão.

“Ela não pode aceitar”, diz Marijana. “Não. Impossível.”

Ele concorda plenamente. É impossível. Alguém é pego roubando uma corrente de prata que nem é de prata, não mais prata do que se pode comprar na lojinha chinesa por um dólar e cinquenta, e o que acontece? A pessoa é recompensada com seiscentos dólares de *acessórios*. Onde fica a justiça nesse caso? O que Drago vai dizer se ficar sabendo?

Blanka, a ovelha negra da família. Drago, a luz refulgente, o anjo com a espada, defensor da honra familiar. Comandante Drago JokiĆ, *RAN*.*

“Esconda isso tudo num armário”, diz ele a Marijana. Ele está animado. Ele e ela no telefone outra vez, como velhos amigos, velhos fofoqueiros. “Eu faria isso. Ia dando como incentivo, peça por peça, se ela concordar em ir para a escola, essas coisas. Mas vai ter de ir depressa. Vai estar tudo fora de moda dentro de um mês.”

Marijana não responde. Não consegue se lembrar de ela ter jamais correspondido a suas brincadeiras. Será que é frívolo demais para o gosto dela? Ela o acha leve demais, peso-pluma demais, brincalhão demais? Ou

simplesmente não tem segurança suficiente com o inglês para brincar com as palavras? *É só uma brincadeira*, ele devia dizer para ela. *Gracejo, se chama em alguns ambientes. Você devia aderir. Não é difícil de brincar, não exige que se altere a alma.*

A alma de Marijana: sólida, objetiva. Miroslav é menos preso à terra. Miroslav, que passou um ano de sua vida montando um pato com engrenagens e molas e apareceu com esse bicho de estimação na televisão croata, certamente deve ter senso de humor. Drago também, com sua risada bravia, contida. Drago se debatendo entre pai e mãe. Um bom jogador de tênis, Marijana diz. Para lá e para cá. Três tipos balcânicos. Três almas balcânicas. Mas desde quando ele é perito em leveza, ou em Balcãs? “Muitos croatas”, diz o *Povos dos Balcãs*, “negam que a Croácia pertença aos Balcãs. A Croácia faz parte do Ocidente católico, dizem eles.”

“Sempre brigando”, Marijana está dizendo ao telefone.

“Brigando? Quem está brigando?”

“Drago e pai. Drago diz que quer ficar no seu quarto depósito.”

“No meu depósito?”

“Eu digo não. Eu digo, mr. Rayment homem bom, já teve muito problema com família Jokić.”

“Mr. Rayment não é um homem bom, só está tentando ajudar. Drago não pode vir morar no meu depósito, nem ninguém pode, isso é bobagem. Mas se as relações entre ele e o pai estão abaladas, e se você permitir, diga que ele é bem-vindo, pode voltar e ficar aqui uns dias. O que ele gosta de comer no jantar? Pizza? Diga que eu mando entregar uma pizza gigante toda noite, só para ele. Duas pizzas gigantes se ele quiser. Está em idade de crescimento.”

E é isso que acontece. Num relâmpago, em pessoa.^{**} Se havia nuvens no horizonte, elas se dissiparam.

“Estas são chamadas de cópias de albumina”, ele conta a Drago. “O papel é revestido com clara de ovo diluída na qual há cristais de cloreto de

prata em suspensão. Depois, o papel é exposto à luz embaixo de um negativo de vidro. Depois, fixado quimicamente. É um jeito de imprimir que tinham acabado de inventar na época de Fauchery. Olhe, compare com esta cópia pré-albumina, sobre papel que foi mergulhado, não revestido — mergulhado em uma solução de sais de prata. Percebe como a de Fauchery é mais cheia, mais luminosa? Por causa da profundidade do revestimento de albumina. Menos de um milímetro de profundidade, mas esse milímetro faz toda a diferença. Dê uma olhada com o microscópio.”

Ele quer se tornar interessante para Drago, quer dizer, para um representante inteligente da nova era, mas não é fácil. O que tem a oferecer? Uma bicicleta quebrada. Um membro truncado, provavelmente mais repulsivo que atraente. E um armário cheio de fotografias velhas. Em resumo, muito pouco. Muito pouco para atrair um rapaz para ser seu afilhado espiritual.

Mas Drago, excelente filho de uma excelente mãe e — quem pode dizer? — de um excelente pai também, não é nada menos que polido. Obedientemente espia pelo microscópio, registrando o milímetro de ovo de galinha seco que dizem fazer uma grande diferença.

“O senhor era fotógrafo, não era, mr. Rayment?”

“Era. Eu tinha um estúdio em Unley. Durante algum tempo, também dei aula de fotografia à noite. Mas nunca fui — como posso dizer? — um artista da câmera. Sempre fui mais um técnico.”

É algo por que deva se desculpar, não ser um artista? Por que se desculparia? Por que o jovem Drago haveria de esperar que ele fosse um artista — o jovem Drago, cujo objetivo na vida é ser um técnico de guerra?

“O próprio Fauchery não era um artista”, diz ele, “pelo menos não até chegar à Austrália. Ele veio de Paris durante a corrida do ouro dos anos 1850. Minerou um pouco como amador em Victoria, para pegar um gostinho, mas principalmente tirou fotografias.” Aponta um grupo de mulheres na porta de uma cabana de pau-a-pique. “Foi quando descobriu que tinha talento. E aperfeiçoou a técnica também. Passou a ter domínio total do meio. Como qualquer fotógrafo tem de ter.”

“Minha mãe queria ser pintora, na Croácia.”

“É mesmo?”

“É. Ela foi para a escola de arte. Aí, depois da escola de arte, entrou na de restauração, sabe, para restaurar afrescos antigos, essas coisas.”

“Que interessante! Não sabia disso. Restauração é uma profissão especializada. Pode até ser considerada uma arte, só não pode pretender ser original. Primeira regra da restauração: obedecer à intenção do artista. Nunca tentar melhorar. Sua mãe deve ter achado difícil desistir da pintura e passar para a enfermagem. Ela ainda pinta?”

“Ela ainda tem, sabe, os pincéis, o equipamento e tudo. Mas não tem mais tempo.”

“Não, não deve ter mesmo. Mas é uma enfermeira de primeira classe. Honra a profissão. Espero que você saiba disso.”

Drago concorda com a cabeça. “Onde conseguiu essas fotos, mr. Rayment?”

“Fui colecionando ao longo de muitos anos. Procurava em lojas de antigüidades, ia a leilões, comprava velhos álbuns, comprei caixas cheias de fotografias antigas, quase tudo lixo, mas de vez em quando havia alguma coisa que valia a pena guardar. Quando uma foto estava em más condições, eu mesmo fazia a restauração. Não é tão difícil quanto restaurar afrescos, mas é um trabalho especializado mesmo assim. Foi o meu hobby durante anos. Era assim que eu passava as horas livres. Se o seu tempo já não vale muito mesmo, pelo menos pode ser dedicado a alguma coisa útil. Era o que eu dizia para mim mesmo. Quando morrer, vou doar a coleção. Vai virar propriedade pública. Parte do nosso registro histórico.” E levanta as mãos em um gesto estranho, involuntário. Surpreendentemente, está quase em lágrimas. Por quê? Porque ousa mencionar a própria morte a esse rapaz, esse precursor da geração que vai assumir o mundo e pisar em cima dele? Talvez. Mas o mais provável é que seja por causa do *nosso*. *Nosso registro, seu e meu*. Simplesmente porque a imagem diante deles, essas partículas de prata distribuídas que registram a forma como a luz do sol banhava, em um dia de 1855, os rostos de duas irlandesas há muito

desaparecidas, uma imagem de cuja confecção ele, o menininho de Lourdes, não participou e da qual Drago, filho de Dubrovnik, também não participou, pode, como um amuleto místico — *eu estive aqui, vivi, sofri* —, ter o poder de aproximar os dois.

“Enfim”, diz ele, “se estiver aborrecido, se não tiver mais nada para fazer, tem toda a liberdade de olhar o resto das fotos. Só não tire de dentro das capas. E tome o cuidado de colocar de volta na ordem.”

Uma hora depois, quando está se preparando para ir para a cama, a cabeça de Drago aparece na porta. “Tem computador, mr. Rayment?”

“Tenho. Está no chão, embaixo da mesa. Não uso muito.”

Drago logo volta. “Não estou achando o cabo, mr. Rayment. Para o modem.”

“Desculpe, não entendi.”

“A conexão. O senhor não tem um fio que liga com a net?”

“Não, não é esse tipo de computador. Eu usava para escrever cartas de vez em quando. O que você quer fazer? Para que precisa disso?”

Drago lhe dá um sorriso de incredulidade. “Para tudo. Quando o senhor comprou esse computador?”

“Não me lembro. Faz anos. Mil novecentos e oitenta e pouco. Não é moderno. Se você precisa de alguma coisa mais avançada, eu não tenho como ajudar.”

Drago não deixa o assunto morrer aí. Estão na cozinha na noite seguinte, jantando. Ele não pediu pizza, como prometeu. Em vez disso, cozinhou um belo risoto, com cogumelos e vinho branco.

“O senhor não gosta de coisas novas, mr. Rayment?”, diz Drago, do nada.

“Não. Por que está perguntando?”

“Não estou reclamando, sabe. É só o estilo, o estilo de tudo.” Recosta-se na cadeira, indica o espaço com um gesto de mão ao dizer tudo. “É legal. Só perguntei. Tem alguma coisa nova de que o senhor goste?”

O apartamento de Coniston Terrace faz parte de um quarteirão pré-guerra, reformado. Tem pé-direito alto, é espaçoso, mas não grande demais.

Ele o comprou depois do divórcio; era exatamente o que ele, como solteiro redescoberto, queria. Mora ali desde então.

Parte do negócio, quando comprou o apartamento, era ficar com a mobília do dono anterior. A mobília era pesada e escura, não era de seu gosto; sempre quis trocá-la, mas nunca sentiu ânimo para isso. Ao contrário, ao longo dos anos se acomodou ao ambiente, ficou ele próprio um pouco mais pesado, um pouco mais sombrio.

“Vou dar uma resposta direta, Drago, mas não quero que dê risada de mim. Eu fui ultrapassado pelo tempo, pela história. Este apartamento, e tudo o que existe dentro dele, foi ultrapassado. Nada de estranho nisso — em ser ultrapassado pelo tempo. Vai acontecer com você também, se viver bastante. Agora me diga: do que é que você está falando de verdade? É sobre o computador que não está à altura do que você espera?”

Drago olha para ele chocado, perplexo. E ele de fato surpreende a si mesmo. Por que essas palavras duras? O que o coitado do rapaz fez para merecer isso? *O senhor não gosta de coisas novas?* Uma pergunta normal de se fazer para um velho. Por que se zangar com isso?

“Isto tudo um dia foi novo”, diz ele, com um gesto de mão igual ao de Drago. “Tudo no mundo um dia foi novo. Até eu era novo. Na hora em que eu nasci, eu era a coisa mais moderna, mais nova da face da Terra. Aí o tempo foi agindo sobre mim. Do mesmo jeito que vai agir sobre você. O tempo vai te engolir, Drago. Um dia, você vai estar sentado na sua bela casa nova com sua bela esposa nova e seu filho vai virar para vocês dois e dizer *Por que vocês são tão antiquados?* Quando esse dia chegar, espero que você se lembre desta nossa conversa.”

Drago come uma última garfada de risoto, uma última garfada de salada. “Nós fomos para a Croácia no Natal passado”, diz. “Eu, minha mãe e minhas irmãs. Para Zadar. É lá que moram os parentes da minha mãe. São bem velhos agora. Eles também foram, como o senhor diz, ultrapassados pelo tempo. Minha mãe comprou um computador para eles e nós mostramos como se usa. Então eles agora podem fazer compras pela

internet, podem mandar e-mails, nós podemos mandar fotos. Eles gostam. E são bem velhos.”

“E daí?”

“Daí que dá para escolher”, diz Drago. “Só isso.”

* Royal Australian Navy, Marinha Real Australiana. (N. T.)

** *In a flash, in a flesh*, jogo de palavras intraduzível com a pronúncia equivocada de Marijana, que já ocorreu antes: *flash*, “relâmpago”; *flesh*, “carne, corpo do ser humano”. (N. T.)

24.

Quando convidou Drago para ficar em sua casa, não havia, por trás do convite, nada que considerasse — ele pega a afetada palavra reprobatória moderna, pondera, testa — inadequado. Seu coração, até onde consegue enxergar seu coração, era e é puro, suas motivações inocentes. Gosta de Drago com um carinho comedido, adequado, que qualquer homem pode sentir por um filho adotado, ou um futuro filho.

A convivência que previra para ambos seria da mais branda escala: algumas noites de companhia recíproca, Drago curvado sobre a lição de casa na mesa da sala, ele numa poltrona com um livro, enquanto esperam os ânimos esfriarem na casa dos Jokić.

Mas não é assim que acontece. Drago traz amigos; logo o apartamento está tão barulhento e confuso como uma estação de trens. A cozinha vira uma bagunça de embalagens de comida para viagem e pratos sujos; o banheiro está sempre ocupado. Nada do tranqüilo aumento de intimidade que ele esperava acontece. Na verdade, sente que Drago o está afastando. Depois da noite do risoto de cogumelos, nem comem mais juntos.

“Vou fazer uma omelete para o jantar”, ele anuncia o mais casualmente possível. “Quer que faça para você também? Presunto e tomate?”

“Para mim não precisa”, diz Drago. “Vou sair. Um amigo vem me buscar. A gente vai comer alguma coisa.”

“Tem dinheiro?”

“Tenho, obrigado, minha mãe me deu dinheiro.”

O amigo em questão é um ruivo cheio de espinhas chamado Shaun, com quem ele antipatizou à primeira vista. Shaun, que, segundo Drago, não vai muito à escola porque toca numa banda, assombra o apartamento. Ele e Drago saem depois que anoitece, ficam na rua até tarde, depois voltam e se trancam no ex-escritório dele, que virou o quarto de Drago. A música e o murmúrio da voz deles o mantêm acordado até de madrugada. Irritado e infeliz, ele fica no escuro, ouvindo a *BBC*.

“Não é só o barulho”, reclama com Elizabeth Costello. “Drago está acostumado com uma família grande, não espero dele um silêncio de monge. Não, o que me incomoda é o jeito como ele reage quando eu ousar pedir um pouco de consideração.”

“Como ele reage?”

“Fecha uma cortina. Não me enxerga mais. Eu podia ser uma peça de mobília. Marijana diz que ele e o pai vivem às turras. Bom, estou começando a entender por quê. Estou começando a simpatizar com o pai dele.”

Depois das palavras frias que ela disse à margem do rio, ele achou que não veria mais Elizabeth Costello. Mas não, ela está de volta, talvez porque não possa desistir dele, mas também talvez porque não esteja bem. Perdeu peso; parece mais que um pouco frágil; tem uma tosse insistente.

“Pobre Paul!”, diz ela. “No fim da vida, tão monástico, como você diz, tão acomodado no seu ritmo, e agora tão ranzinza também! Que impensada aventura na criação de filhos! Em teoria, tenho certeza de que você adoraria gostar do jovem Drago, mas os fatos da vida estão atrapalhando. Não dá para amar por um ato de vontade, Paul. Nós temos de aprender. Por isso é que as almas descem do seu reino lá em cima e se

submetem a nascer de novo: para que, ao crescer em nossa companhia, possam nos conduzir pela dura estrada do amor. Desde o começo você vislumbrou alguma coisa angélica em Drago e tenho certeza de que não está errado. Drago se manteve em contato com sua origem no além por mais tempo que a maioria das crianças. Supere a sua decepção, sua irritação. Aprenda com Drago enquanto pode. Um dia desses, os últimos vestígios da glória que ele deixa atrás de si vão desaparecer no ar e ele será simplesmente um de nós.

“Você acha que eu estou louca, não é, ou iludida? Mas lembre de uma coisa, eu criei dois filhos, filhos da vida real, não espirituais; você não criou nenhum. Eu sei para que servem os filhos; você ainda é ignorante. Então preste atenção quando eu falo, mesmo que eu fale por imagens. Nós temos filhos para aprender a amar e servir. Por meio dos nossos filhos, nós nos tornamos servos do tempo. Olhe dentro do seu coração. Pergunte a si mesmo se você tem as reservas de fortaleza de que vai precisar para a viagem, e a energia. Se não, talvez você devesse desistir. Não é tarde demais.”

Falar por imagens. Anjos do céu. É o discurso mais mistificador que ela fez desde a confusão sobre a mulher de óculos escuros. Será que está com a cabeça atrapalhada porque está em jejum? Será que está querendo fazê-lo de bobo outra vez? Será que deveria oferecer a ela mais que uma xícara de chá? Dá um olhar duro para ela, o mais duro que consegue. Mas ela não vacila. Ela acredita no que está dizendo, ao que parece.

Quanto ao contrato solenemente celebrado entre Marijana e ele, isso parece ter virado fumaça. Dia após dia ela se mantém distante, sem uma palavra de explicação. O filho, por outro lado, é abençoado com freqüentes telefonemas. Da ponta de Drago na conversa, que é em croata, ele escuta apenas um monossílabo aqui, outro ali.

Então, uma tarde, quando ele menos espera, Marijana aparece. Drago ainda não voltou da escola; ele está tirando uma soneca.

“Mr. Rayment, acordei senhor? Desculpa, eu bati e não veio ninguém. Quer que eu faz chá?”

“Não, obrigado.” Ele está zangado de ter sido pego dormindo.

“Como vai a perna?”

“A perna? A perna vai bem.”

Pergunta idiota, resposta idiota. Como a perna pode ir bem? Não existe perna. A perna em questão foi arrancada faz tempo e incinerada. *Como vai a ausência de sua perna?*, isso é que ela devia perguntar. *A ausência de minha perna não vai bem, se quer a verdade. A ausência de minha perna deixou um buraco em minha vida, como qualquer pessoa com olhos na cara consegue perceber.*

Marijana trouxe Ljuba com ela. Por causa da criança, ele tenta esconder a irritação.

Marijana abre caminho pela bagunça do chão e apóia-se no pé da cama. “Senhor tem vida boa, boa e sossegada”, diz ela. “Aí, *pfu!*, carro pega senhor. Aí, *pfu!*, família Jokić pega senhor. Não muito boa mais, hã? Desculpe? Não quer chá? Certeza? Como senhor e Drago se dão?”

“Nenhuma reclamação. A gente até que se dá bem. Me faz bem, tenho certeza, estar com gente jovem. Me anima.”

“Senhor e ele ficaram amigos, hã? Bom. Blanka diz obrigada.”

“Não foi nada.”

“Blanka um dia vem dizer obrigada em pessoa. Mas não hoje. Ela ainda, sabe, filhinha do papai.” O que ele entende como: ainda existem dois campos na família Jokić, o campo do pai e o campo da mãe. E tudo por sua causa, Paul Rayment. Por causa da tempestade que você provocou. Por causa da louca paixão por sua faxineira que foi tolo a ponto de declarar.

“Bom! Senhor tem visita nova!”

Durante um momento, ele não consegue entender o que ela quer dizer. Depois reconhece o que ela está segurando para inspecionar: a meia de náilon que mrs. Costello usou para vender seus olhos, a meia que por alguma razão ele amarrou na base do abajur de cabeceira e esqueceu.

Marijana leva a meia delicadamente ao alcance do nariz. “Flor de limão!”, diz ela. “Muito bom! Sua amiga gosta de limão, hã? Na Croácia, sabe, a gente joga flor de limão na mulher e no homem quando eles casam na igreja. Costume antigo. Não arroz, flor de limão. Para terem muitos filhos.”

O humor de Marijana. Nada sutil. Ele tem de se adaptar, se aspira ser um dia seu noivo espiritual, banhado em pétalas de limão.

“Não é o que parece”, diz ele. “Não vou explicar. Só aceite o que eu digo. Não é o que você pensa.”

Marijana segura a meia com o braço estendido e ostensivamente deixa que caia no chão. “Quer saber o que eu acho? Não acho nada. Nada.”

Cai um silêncio. Está tudo bem, ele diz a si mesmo, nós já nos conhecemos o suficiente agora, Marijana e eu, para ter nosso pequeno *contretemps*.

“O.k.”, diz Marijana. “Agora, ver sua perna e dar banho, depois fazemos exercício como sempre. Está atrasado com exercício, hã? Talvez senhor não faz exercício tão bem quando fica sozinho. Tem certeza que não quer *prótese*?”

“Não quero a prótese, nem agora, nem nunca. O assunto está encerrado. Por favor, não fale nisso.”

Marijana sai da sala. Ljuba continua olhando para ele com os grandes olhos negros que ele acha cada vez mais impressionantes. “Oi, Ljuba”, diz ele. “Ljubica.” O termo carinhoso soa estranho em sua boca, presunçoso. A menina não responde.

Marijana volta com uma grande bacia. “Hora de privacidade para mr. Rayment”, diz ela. “Vá fazer desenho para mama.” Ela conduz a menina para fora, fecha a porta. Tirou as sandálias; pela primeira vez, ele nota que seus pés são largos e chatos; as unhas estão pintadas com um surpreendente vermelho-escuro, quase roxo, da cor de uma batida forte.

“Precisa ajuda?”, ela pergunta.

Ele sacode a cabeça, tira a calça. “Deite”, diz ela. Estende uma toalha discreta sobre o meio do corpo dele, levanta o coto no colo, habilmente

desenrola a bandagem, dá um tapinha de aprovação na coisa nua. “Nada de *prótese*, é? Acha que perna cresce de novo, mr. Rayment? Só bebezinho acha isso — corta, cresce de novo.”

“Marijana, por favor, pare. Já tivemos essa conversa antes. Não quero falar...”

“O.k., o.k., não falo mais da *prótese*. Senhor fica em casa, amigas vem visitar, melhor assim.” Desliza o polegar pela cicatriz. “Mais barato. Não dói? Não coça?”

Ele sacode a cabeça.

“Bom”, diz ela; e começa a ensaboar o coto.

O mau humor dele está evaporando como névoa matinal. *Qualquer coisa*, ele pensa consigo mesmo, *eu daria qualquer coisa para...* Pensa na idéia com tamanho fervor que é impossível que ela não se comunique para Marijana. Mas o rosto de Marijana fica impassível. *Adorada*, ele pensa consigo mesmo. *Adoro esta mulher! Apesar de tudo!* E também: *Ela me tem na palma da mão!*

Marijana termina de lavar o coto, enxuga com pancadinhas da toalha, começa a primeira massagem. Depois da primeira massagem, exercícios de alongamento. Depois do alongamento, a segunda massagem, de encerramento.

Que isso não acabe nunca!

Ela deve estar acostumada, toda enfermeira deve estar acostumada: homens sob seus cuidados ficarem fisicamente excitados. Deve ser por isso que é sempre tão rápida, tão prática, porque ela evita olhar nos olhos dele. Provavelmente é assim que são treinadas a lidar com a excitação masculina. *Isso às vezes acontecerá... É importante compreender... Esses movimentos são involuntários e são embaraçosos tanto para o paciente como para a enfermeira... O melhor é...* Momentos animados em uma palestra sob outros aspectos maçante.

Antes da Queda, diz Agostinho, todos os movimentos do corpo estavam sob a direção da alma, que partilha a essência de Deus. Portanto, se hoje nos encontramos à mercê dos movimentos caprichosos de partes corporais,

isso é conseqüência de nossa natureza decaída, caída para longe de Deus. Mas o abençoado Agostinho tinha razão? Os movimentos das partes corporais dele próprio eram caprichosos? Tudo lhe parece uno, um movimento único: o inchar da alma, o inchar do coração, o inchar do desejo. Não consegue imaginar como amar a Deus mais do que ama a Marijana neste momento.

Marijana não está usando o uniforme azul, o que quer dizer que não considera o dia de hoje um dia de trabalho, ou pelo menos não o considerava assim ao sair de casa. Está usando um vestido verde-oliva com cinto preto e uma pequena abertura do lado esquerdo que revela um joelho e um vislumbre da coxa.

Os braços morenos, nus, as pernas morenas, lisas: *Qualquer coisa!*, ele pensa de novo. *Eu daria qualquer coisa!* E de alguma forma essa *qualquer coisa!* e a sua admiração pela roupa verde-oliva, que ele acha irresistivelmente atraente, não são diferentes de seu amor por Deus, que, se não existe, pelo menos preenche o que de outro modo seria um vasto e devorador buraco vazio.

“Agora o lado esquerdo.” Ela arruma a toalha para mantê-lo composto. “Agora: encoste em mim.”

Ela aperta o coto para trás; ele tem de fazer pressão para a frente, contrabalançando. Os dois mantêm a posição brevemente, juntos: ela apertando a coxa encurtada com ambas as mãos, apoiando o peso contra ele, ele agarrado à beira da cama, resistindo. *Tão longe!*, ele pensa. *Tão perto e tão longe!* Peito contra peito poderiam muito bem estar os dois, apertando seus seres decaídos um contra o outro. *Se Wayne ouvisse isso, o que ele haveria de dizer!* Se não fosse Wayne Blight ele nunca teria conhecido Marijana Jokić. Se não fosse Wayne Blight ele nunca teria sentido essa pressão, esse amor, essa urgência. *Felix, felix. Felix lapsus.** Tudo é para o bem, afinal.

“O.k., agora relaxe”, diz Marijana. “Bom. Agora, frente.”

Ela ergue o vestido e monta em cima dele. No rádio, que o fez dormir antes e que não foi desligado, um homem está falando da indústria

automobilística coreana. Números que sobem, números que descem. As mãos de Marijana deslizam por baixo da camisa dele, os polegares encontram um nódulo dolorido no alto de uma nádega e começam a desmanchá-lo. *Obrigado, Deus*, ele pensa. E graças a Deus Costello não está ali para observar e comentar.

*“Sto to radis, mama?”***

Ele abre os olhos num sobressalto. À distância de um braço Ljuba está olhando diretamente para ele. Não há como não perceber a severidade daquele olhar. Ali está ele, velho, feio, peludo, seminu e sem dúvida malcheiroso para aquelas narinas angélicas, lutando com a mãe dela, os dois travados em uma postura que não tem nem a repulsiva majestade do ato sexual.

Por um momento, quando a menina falou, ele sentiu Marijana se imobilizar. Ela agora retoma o ritmo da massagem. “Mr. Rayment está com dor”, diz ela. “Mama enfermeira, lembra?”

“Já basta por hoje, Marijana”, ele diz, apressando-se em cobrir o corpo. “Obrigado.”

Marijana sai da cama, calça as sandálias, pega Ljuba pela mão. “Não chupe o dedo”, diz. “É feio. O.k., mr. Rayment. Talvez dor vá embora agora.”

* Em latim, “momento feliz”. (N. T.)

** Em croata, “O que você está fazendo, mamãe?”. (N. T.)

25.

É sábado. Marijana trancou-se no escritório com Drago; os dois estão tendo o que soa muito parecido com uma briga. A voz dela, rápida e insistente, sobe de vez em quando acima da voz do filho, dominando-a.

Ljuba está na escada, saltando para cima e para baixo dos degraus, fazendo barulho.

“Ljuba!”, ele chama. “Venha tomar um iogurte!” A menina o ignora.

Marijana sai do escritório. “Tudo bem se eu deixo Ljuba aqui? Ela fica com Drago. Sem problema. Volto depois para pegar.”

Ele estava esperando receber de Marijana um pouco mais do que aquilo que paga para ela fazer, talvez até outra sessão de cuidados corporais; mas evidentemente isso não vai acontecer. Duas vezes por mês, como um relógio, um pequeno mecanismo do banco transfere dinheiro da conta Rayment para a conta Jokić. Em troca desse dinheiro, em troca do lar postiço que fornece a Drago, ele recebe — o quê? Serviços de compras, mais e mais irregulares; infreqüentes aplicações de cuidados de saúde do tipo profissional. Uma troca não desvantajosa, do ponto de vista de Marijana. Porém, como Costello está sempre a lhe dizer, se ele quer ser

pai, o melhor seria ele descobrir a paternidade como ela é de fato, a paternidade não do tipo espiritual.

Marijana mal acabou de sair quando se ouvem vozes na escada e Ljuba reaparece com Costello e Shaun, o amigo de Drago, a tiracolo, Shaun hoje vestido com camiseta solta e bermudas até as panturrilhas.

“Olá, Paul”, diz Costello. “Espero que não se importe de a gente ir entrando. Ljuba, querida, diga para Drago que Shaun está aqui.”

Ele e ela ficam sozinhos por um momento, os dois mais velhos.

“Não é bem da mesma classe de Drago, é?, o nosso amigo Shaun”, diz Costello. “Mas é assim que deuses e anjos parecem ser: escolhem os mortais mais perturbadoramente comuns para consorciar com eles.”

Ele fica quieto.

“Tem uma história que sempre penso contar que acho que vai ser divertida para você”, ela continua. “Vem do passado distante, do tempo de minha juventude. Um dos meninos da nossa rua era muito parecido com Drago. Os mesmos olhos, os mesmos cílios, a mesma beleza não inteiramente humana. Eu era apaixonada por ele. Devia ter uns catorze anos na época, ele era um pouco mais velho. Naquele tempo, eu ainda rezava. ‘Deus’, eu dizia, ‘permita que ele me dê um só dos sorrisos dele que serei sua para sempre.’”

“E aí?”

“Deus não prestou nenhuma atenção. Nem o menino. Meus anseios de donzela nunca foram satisfeitos. Então, ai, não virei nunca uma filha de Deus. A última notícia que tive de mr. Cílios foi que havia se casado e mudado para a Costa Dourada, onde está ganhando fortunas no ramo imobiliário.”

“Então é tudo mentira: quem os deuses amam morre cedo?”

“Temo que sim. Temo que os deuses não tenham mais tempo para nós, seja para nos amar por um lado ou nos castigar por outro. Eles já têm problemas suficientes em sua comunidade fechada.”

“Não têm tempo nem para Drago Jokić? É essa a moral de sua história?”

“Não têm tempo nem para Drago Jokić. Drago está por sua própria conta.”

“Como nós todos.”

“Como nós todos. Ele pode relaxar. Não há nenhuma ruína espetacular pendendo em cima da cabeça dele. Pode ser marinheiro ou soldado, funileiro ou alfaiate, como escolher. Pode até escolher o ramo dos imóveis.”

É a primeira conversa que ele tem com Costello que chamaria de cordial, até amigável. Para variar, estão os dois do mesmo lado: dois velhos se juntando contra a juventude.

Seria esta a verdadeira explicação de por que a mulher apareceu para ele do nada: não para introduzi-lo num livro, mas para induzi-lo à companhia dos mais velhos? Poderá afinal toda a história dos Jokić, com sua imprudente e até esse momento infrutífera paixão por mrs. Jokić no centro, não ser mais que um complicado rito de passagem para o qual Elizabeth Costello lhe foi enviada como guia? Ele pensara que Wayne Blight era o anjo designado para esse caso; mas talvez eles trabalhassem juntos, ela, Wayne e Drago.

Drago enfia a cabeça pela porta. “Shaun e eu podemos dar uma olhada nas suas câmeras, mr. Rayment?”

“Podem. Mas cuidado e coloque de volta nos estojos depois que acabarem.”

“Drago se interessa por fotografia?”, Elizabeth Costello murmura.

“Por câmeras. Ele nunca viu nada igual às minhas. Só conhece as novas, do tipo eletrônico. Uma Hasselblad é igual a um veleiro para ele, ou um trirreme. Uma antigüidade. Ele também passa horas olhando minhas fotografias, as do século XIX. Achei esquisito no começo, mas talvez não seja tão esquisito afinal. Ele deve estar tentando descobrir como é ter um passado australiano, uma ascendência australiana, antepassados australianos do tipo espiritual. Em vez de ser apenas um rapaz refugiado com um nome de piada.”

“É isso que ele diz para você?”

“Não, ele nunca me diria uma coisa dessas. Mas eu posso adivinhar. Posso ficar do lado dele. A experiência imigrante não me é estranha.”

“Claro. Eu sempre esqueço. Um cavalheiro anglo-adelaideano tão perfeito que esqueço que você não é inglês. Mr. Rayment, que rima com *payment*.”^a

“Que rima com *vraiment*.^b Tive três doses da experiência imigrante, não só uma, de forma que ficou bem profundamente gravada em mim. Primeiro, quando fui desenraizado em criança e trazido para a Austrália; depois, quando declarei minha independência e voltei para a França; depois, quando desisti da França e voltei para a Austrália. *Será este o meu lugar?*, eu perguntava a cada movimento. *É este o meu verdadeiro lar?*”

“Você voltou para a França — eu tinha esquecido disso. Um dia, tem de me contar mais sobre esse período da sua vida. Mas qual é a resposta para sua pergunta? *Aqui é o seu verdadeiro lar?*” Ela acena com a mão em um gesto que abrange não só a sala em que estão sentados, mas também a cidade e, além da cidade, os montes, montanhas e desertos do continente.

Ele encolhe os ombros. “Sempre achei esse conceito muito inglês, *lar*. *Hearth and home*,^c dizem os ingleses. Para eles, *home* é um lugar onde o fogo queima na *hearth*, aonde se vai para se aquecer. O lugar onde não se é abandonado no frio. Não, não estou aquecido aqui.” Ele acena com a mão em um gesto que imita o dela, numa paródia. “Eu pareço ser frio em todo lugar aonde vou. Não foi isso que você disse de mim? *Você é um homem frio?*”

A mulher fica calada.

“Entre os franceses, como sabe, não existe *home*. Entre os franceses estar em casa é estar entre os nossos, no meio da nossa gente. Não me sinto em casa na França. Isso é transparente. Eu não sou o *nós* de ninguém.”

É o mais próximo que chegou, com Costello, de lamentar a própria sorte, e isso o deixa ligeiramente enjoado. *Não sou o nós de ninguém*: como ela consegue arrancar dele palavras assim? Uma pista jogada aqui, uma sugestão jogada ali, e ele segue atrás feito um carneiro.

“E Marijana? Não tem vontade de se juntar ao nós de Marijana e Drago? E Ljuba? E Blanka, em quem você nunca pousou um olho?”

“Isso é outra questão”, ele retruca. E não vai se deixar levar adiante.

O meio-dia passa e Marijana não aparece. Drago amarrou com elástico uma boneca nas costas da irmã; ela trota de cômodo em cômodo, os braços esticados, fazendo um zumbido igual ao de um aeroplano. Shaun trouxe alguma espécie de jogo eletrônico. Os dois rapazes estão sentados na frente da tela da televisão, que emite apitos e zumbidos baixos.

“Você sabe que não precisamos agüentar isso”, diz Elizabeth Costello. “Eles não precisam de babá, esses jovens. Nós podemos sair quietinhos, voltar para o parque. Podemos sentar na sombra e ficar ouvindo os passarinhos. Podemos considerar isso nossa pequena excursão de fim de semana, nossa pequena aventura.”

Ele está preparado para aceitar uma ajuda de Marijana, que afinal de contas é uma enfermeira paga, mas não de uma mulher mais velha que ele próprio. Manda Costello esperar no saguão de entrada enquanto batalha com a escada em suas muletas.

Enquanto desce, é ultrapassado por uma vizinha, uma garota esguia, de óculos, de Cingapura, que ocupa junto om suas duas irmãs, silenciosas como ratinhos, o apartamento em cima do seu. Ele a cumprimenta com a cabeça; ela não corresponde à saudação. Em todo o tempo em que moram em Coniston Terrace, as garotas nunca registraram sua existência. Cada um por si: isso é que devem ter ensinado a elas em sua nação-ilha. Auto-suficiência.

Ele e Costello encontram um banco vazio. Um cachorro passa trotando: dá uma rápida olhada, altiva, para ele e vira-se para ela. Sempre embaraçoso quando um cachorro enfia o focinho nos fundilhos de uma mulher. Estará se lembrando de sexo, de sexo canino, ou apenas saboreando os cheiros novos, complexos? Ele sempre pensou em Elizabeth como um ser assexuado, mas talvez um cachorro, confiando em seu nariz, saiba melhor.

Elizabeth suporta bem a investigação, deixa o cachorro fazer o que quer com ela, depois o empurra, bem-humorada.

“Bom”, diz ela. “Você estava me contando...”

“O que eu estava contando?”

“Estava me contando a história de sua vida. Me contando da França. Eu fui casada com um francês. Não contei? Meu primeiro casamento. Uma época inesquecível. Ele me deixou, no fim, por outra mulher. Me deixou com um filho nas mãos. Eu era, segundo ele, muito mutável. *Vipère*^d era outro termo que ele aplicava a mim, o que em inglês era mais uma *adder*^e do que uma víbora. *Sale vipère*,^f era o que ele dizia. Nunca sabia onde estava pisando comigo. Ótimos para organizar, os franceses. Ótimos para saber onde estão pisando com você. Mas chega disso. Estávamos falando de você.”

“Achei que você achava que os franceses eram ótimos na paixão. Paixão, não ordem.”

Ela volta para ele um olhar reflexivo. “Paixão e ordem, Paul. As duas coisas, não uma ou a outra. Mas continue com a história de seu caso amoroso com a França.”

“Não é uma longa história. Na escola eu era bom em ciências. Não excepcionalmente bom, não era excepcional em nada, apenas bom. De forma que quando fui para a universidade me matriculei em ciências. Ciências parecia uma boa escolha naquela época. Parecia prometer segurança e era isso que minha mãe queria acima de tudo para mim e minha irmã: que encontrássemos para nós um nicho seguro nesta terra estrangeira, onde o homem que ela havia acompanhado, sabe Deus por quê, estava se recolhendo cada vez mais em si mesmo, onde não tínhamos família com que contar, onde ela se debatia com a língua e não conseguia captar o jeito local de fazer as coisas. Minha irmã foi ser professora, que era um jeito de ter segurança, e eu fui para as ciências.

“Mas então minha mãe morreu e parecia não haver mais sentido em usar um avental branco e espiar dentro de um tubo de ensaio. Então larguei a universidade e comprei uma passagem para a Europa. Fiquei com

minha avó em Toulouse e arrumei trabalho em um laboratório fotográfico. Foi assim que começou minha carreira em fotografia. Mas você não sabe disso tudo? Achei que sabia tudo sobre mim.”

“Isso é novidade para mim, Paul, juro. Você me veio sem nenhuma história. Um homem com uma perna só e uma paixão infeliz pela enfermeira, só isso. Sua vida anterior era território virgem.”

“Fiquei com minha avó e tentei me aproximar, até onde pude, da família de minha mãe, porque na França de onde viemos, a França camponesa, a família é tudo. Meus primos podiam ser mecânicos de automóvel e chefes de estação, mas no fundo ainda eram camponeses, distantes apenas uma geração do pão preto e do esterco de vaca. Estou falando dos anos 1960, claro, uma era passada. É diferente hoje. Mudou tudo.”

“E aí?”

“Não me saí bem. Não fui recebido, digamos, de braços abertos. Tinha perdido muito daquilo que deveria ter sido a minha *formação*: não só uma educação escolar adequadamente francesa, mas uma juventude francesa, inclusive amizades jovens, que podem ser tão intensas quanto o amor, e tão duradouras quanto. Meus primos e as pessoas que conheci por intermédio deles, pessoas da minha idade, já estavam assentados na vida. Mesmo antes de sair da escola, sabiam que *métier* iam seguir, com que rapaz ou garota iam casar, onde iam viver. Não conseguiam entender o que eu estava fazendo lá, aquele sujeito magrelo de sotaque engraçado e ar perplexo; e eu não podia dizer a eles, porque também não sabia. Eu era sempre o que sobrava, o estranho no canto nas reuniões familiares. Entre eles, me chamavam de *l'anglais*.^g Para mim foi um choque, a primeira vez que ouvi isso, já que não tinha nenhuma ligação com a Inglaterra, nunca nem tinha ido lá. Mas a Austrália estava além do horizonte deles. Aos olhos deles, australianos eram simplesmente ingleses, capas de chuva, repolho cozido e tudo, transplantados para o fim do mundo, lutando pela vida no meio dos *kangourous*.

“Eu tinha um amigo, Roger, que fazia entregas para o estúdio onde eu trabalhava. Nas tardes de sábado, eu e ele arrumávamos as mochilas e partíamos de bicicleta para Saint-Girons ou Tarascon; ou mais longe nos Pireneus, até Oust ou Aulus-les-Bains. Comíamos em cafés, passávamos as noites ao ar livre, pedalávamos o dia inteiro, voltávamos domingo à tarde exaustos e cheios de vida. Nunca dissemos muito um para o outro, ele e eu, porém agora ele me parece o melhor amigo que eu tive, o melhor *copain*.

“Foi naqueles dias antes do romance dos franceses com o automóvel se firmar de verdade. As estradas eram mais vazias, vasculhar o campo de bicicleta não era uma coisa tão estranha assim.

“Depois, me envolvi com uma garota e, de repente, tinha outros usos para meus fins de semana. Ela era do Marrocos: isso realmente me isolou. A primeira de minhas paixões inadequadas. Ela e eu podíamos ter casado, se a família dela não tivesse tornado isso impossível.”

“Atingido pelo raio da paixão! E por uma donzela exótica além do mais! Material para um livro inteiro! Que magnífico! Que extravagante! Você me surpreende, Paul!”

“Não caçoe. Foi tudo muito decoroso, muito respeitável. Ela estava estudando para ser bibliotecária, até ser chamada para casa.”

“E aí?”

“Só isso. O pai dela mandou chamar, ela obedeceu, acabou o caso. Fiquei em Toulouse mais seis meses, e desisti.”

“De volta ao lar.”

“Lar... O que quer dizer isso? Já disse o que acho de lar. Um pombo tem lar, uma abelha tem lar. Um inglês tem lar, talvez. Eu tenho um domicílio, uma residência. Esta é a minha residência. Este é o meu apartamento. Minha cidade. Meu país. Lar é místico demais para mim.”

“Mas você é australiano. Não é francês. Até eu vejo isso.”

“Posso passar por australiano. Não posso passar por francês. No que me diz respeito, é só disso que se trata na questão da identidade nacional: onde passar por, e onde não, onde, ao contrário, a pessoa se destaca. Como um dedão machucado, como dizem os ingleses; ou como uma mancha, como

dizem os franceses, uma mancha no imaculado lençol doméstico. Quanto à língua, o inglês nunca foi a minha língua do jeito que é a sua. Não tem nada a ver com fluência. Sou perfeitamente fluente, como você pode ver. Mas o inglês me veio tarde. Não veio junto com o leite materno. Na verdade, não veio de jeito nenhum. Em particular, eu sempre me senti uma espécie de boneco de ventríloquo. Não sou eu que falo a língua, é a língua que se fala por meu intermédio. Não vem do meu cerne, *mon coeur*.” Ele hesita, corrige-se. *Sou vazio no cerne*, estava a ponto de dizer, *como tenho certeza de que pode perceber*. “Não tente carregar esta conversa com mais sentidos do que ela é capaz de suportar, Elizabeth”, diz ele, em vez disso. “Não é significativo, é só uma biografia do tipo incoerente.”

“Mas é significativo, Paul, de verdade que é! Sabe, tem gente que eu chamo de ctônicos, os que ficam com os pés plantados na sua terra natal; depois, existem as borboletas, criaturas da luz e do ar, residentes temporários, pousando aqui, pousando ali. Você diz ser uma borboleta, quer ser uma borboleta; mas aí, um dia, você sofre uma queda, uma queda calamitosa, se arrebenta no chão; e quando se levanta descobre que não pode mais voar como um ser etéreo, não pode nem mesmo andar, não é nada mais que uma massa de carne muito sólida. Sem dúvida uma lição se apresenta aí, uma lição para a qual você não pode ficar cego e surdo.”

“Realmente. Uma lição. Com um pouquinho de engenho, me parece, mrs. Costello, dá para arrancar uma lição da seqüência de acontecimentos mais fortuita. Está tentando me dizer que Deus tinha algum plano em mente quando me jogou no chão na rua Magill e me transformou em um aleijado? E você? Você me disse que sofria do coração. Traduza o seu problema de coração para mim. Que lição Deus tinha em mente quando atingiu você no coração?”

“É verdade, Paul, eu sofro mesmo do coração, não estava inventando história. Mas não sou a única que sofre disso. Você também sofre do coração a seu modo — não sabe mesmo disso? Quando fui bater na sua porta, não foi para descobrir como um homem anda de bicicleta com uma perna só. Eu fui para descobrir o que acontece quando um homem de

sessenta anos compromete seu coração com a pessoa errada. E, se não se importa que eu diga, você até agora está sendo uma triste decepção.”

Ele dá de ombros. “Não fui posto no mundo para divertir você. Se quer se divertir” — ele acena a mão para os corredores, os ciclistas, a boa gente que leva os cachorros a passear —, “tem uma ampla gama a explorar. Por que perder seu tempo com alguém que tanto exaspera você com seu embotamento e está sempre decepcionando? Desista de mim como um trabalho que não deu certo. Vá visitar outro candidato.”

Ela se vira e lhe dá um sorriso desprovido, até onde ele pode perceber, de qualquer malícia. “Eu posso ser caprichosa, Paul”, diz ela, “mas não a esse ponto. Caprichosa: caprina, saltando de uma pedra para outra. Estou velha demais para saltar. Você é a minha rocha. Vou ficar com você por enquanto. Como eu disse — lembra? —, o amor é uma fixação.”

Ele dá de ombros de novo. *O amor é uma fixação.* Pode-se igualmente dizer que o amor é um raio que cai onde bem quer. Se ele é um bebê ignorante quando se trata das dores do amor, não vê Costello muito melhor, não. Mas não vai discutir com ela. Está cansado de discutir.

Está com sede também. Uma xícara de chá desceria muito bem. Eles podiam atravessar a ponte até a casa de chá na outra margem. Podiam voltar para o apartamento ruidoso e desarrumado. Ou podiam esquecer o chá e continuar vadiando ali à margem do rio, deixando a tarde passar, olhando as aves da água se divertirem. Qual?

“Me conte do seu casamento”, diz Elizabeth Costello. “Você quase nunca menciona sua mulher.”

“Melhor não”, diz ele. “Seria impróprio. Minha mulher não iria me agradecer por oferecer a pessoa dela como um personagem menor em uma das suas obras literárias. Mas se é história que você quer, vou contar uma história da época do meu casamento que não envolve minha mulher. Você pode usar para ilustrar meu personagem ou não, como quiser.”

“Tudo bem. Mande.”

“É de uma época em que eu ainda tinha o estúdio em Unley. Eu tinha duas assistentes e uma delas acabou se apaixonando por mim. Para ser

preciso, não era amor, era adoração. Ela não tinha nenhuma expectativa comigo. Por isso podia ser tão aberta a respeito. Uma garota perfeitamente inteligente. E bonita. Uma garota de vinte anos, de rosto fresco, bonita, com um corpo sólido, atarracado, corpo de jogador de rúgbi. Não podia fazer nada a respeito. Nenhum regime podia salvar aquele corpo, transfigurar a garota em uma sílfide.

“Eu estava dando aulas num curso noturno nessa época, no que era a politécnica. Princípios de fotografia. Três noites por semana, essa garota ia à minha aula. Sentava no fundo e ficava olhando para mim. Não anotava nada.

“Não acha que isso está ficando excessivo, Ellen?”, eu disse para ela. ‘É a minha única chance’, ela respondeu. Sem ficar vermelha. Ela nunca ficava vermelha. ‘Sua única chance de quê?’ ‘De ficar sozinha com você.’ Era assim que ela definia ficar a sós comigo: ter a liberdade de sentar na classe, assistir, ouvir.

“Eu tinha uma regra: nunca me envolver com funcionários. Mas nesse caso cometi um deslize. Desobedeci à regra. Deixei um recado para ela: um horário, um lugar, nada mais. Ela foi e fomos para a cama.

“Você provavelmente está esperando que eu diga que foi uma experiência humilhante, para ela e conseqüentemente para mim. Mas não foi nada humilhante. Eu chegaria mesmo a dizer que foi alegre. E aprendi uma lição: que o amor não precisa ser recíproco, contanto que haja amor suficiente no quarto. Essa garota tinha amor suficiente para dois. Você é escritora, especialista em coração, mas sabia disso? Se você ama muito profundamente, não precisa ser amado de volta.”

Costello fica silenciosa.

“Ela me agradeceu. Ficou em meus braços, chorando e ofegando ‘Obrigada, obrigada, obrigada!’. ‘Tudo bem’, eu disse. ‘Ninguém tem de agradecer a ninguém.’

“No dia seguinte, havia um recado na minha mesa: ‘Toda vez que precisar de mim...’. Mas não telefonei mais para ela, não tentei repetir a experiência. Uma vez bastou, para absorver essa lição.

“Ela trabalhou para mim mais dois anos, manteve uma distância correta porque era isso que eu parecia querer. Sem lágrimas, sem censuras. Depois, desapareceu. Sem uma palavra, simplesmente parou de vir trabalhar. Falei com a colega dela, minha outra assistente, mas ela não sabia de nada. Telefonei para a mãe dela. Não estava sabendo?, a mãe perguntou. Ellen tinha arrumado um emprego novo e mudado para Brisbane como representante de uma companhia farmacêutica. Ela não avisara? Não, eu disse, estou sabendo agora. Ah, disse a mãe, ela nos disse que tinha conversado com o senhor e que o senhor tinha ficado bem chateado.”

“E aí?”

“Só isso. Fim da história. *Eu fiquei bem chateado*: ao lado da lição de amor, essa foi a parte que mais me interessou. Porque eu não fiquei chateado, nada chateado. Será que a garota realmente pensou que eu ficaria chateado porque ela deixou o emprego? Ou a história de o patrão ficar chateado era só alguma coisa que ela contou à mãe para não ficar parecendo muito abjeta?”

“Está perguntando a minha opinião? Eu não sei a resposta, Paul. Dizer que você, patrão dela, ficou chateado pode ser a parte da história que você acha interessante, mas não é o que me interessa. O que me interessa é o *Obrigada, obrigada! É o obrigado, obrigado!* que você planeja dizer para Marijana se e quando ela ceder a você? Por que você não disse *Obrigado, obrigado!* para a mulher que arrumei para você, aquela que você selecionou para suas atenções porque ela não seria capaz de enxergar você em seu estado tristemente reduzido?”

“Eu não selecionei ninguém. Foi você que trouxe a mulher para mim.”

“Bobagem. Eu simplesmente peguei a sua pista. Você selecionou a moça no elevador do hospital. Você teve sonhos com ela. Por que não agradeceu a ela?, repito. Foi porque pagou para ela, e pagando você não precisa dizer obrigado? Sua jogadora de rúgbi tinha amor suficiente para dois, você disse. Acha mesmo que amor pode ser medido? Acha que amor vem por volume, igual a cerveja? Que, contanto que você leve uma

embalagem, a outra parte tem permissão de ir de mãos vazias — de mãos vazias, de coração vazio? Obrigado, Marijana (Marijana com *j* desta vez), por me deixar amar você. Obrigado por me deixar amar seus filhos. Obrigado por me deixar dar dinheiro para você. Será que você é mesmo tão patético?”

Ele enrijece. “Você me pediu uma história, eu te dei uma história. Sinto muito se não gosta dela. Disse que quer ouvir histórias, eu ofereço histórias e não recebo nada em troca além de escárnio e desprezo. Que tipo de troca é essa?”

“Que tipo de amor?, você podia acrescentar. Eu não disse que não gostei da sua história. Achei interessante, e bem contada também, a história de você com sua jogadora de rúgbi. Até a interpretação que você faz é interessante. Mas a pergunta que está me infernizando é a seguinte: por que ele escolhe essa história para me contar, essa entre todas as outras?”

“Porque é verdade.”

“Claro que é verdade. Mas o que interessa se é verdade? Sem dúvida não cabe a mim fazer papel de Deus e separar o joio do trigo, descartar as histórias falsas, preservar as verdadeiras. Se eu tenho um modelo, não é Deus, é o Abbé^h de Cîteaux, o famoso, o francês, aquele que disse para os soldados que estavam sob seus cuidados pastorais: *Matem todos — Deus vai saber quais são Dele.*

“Não, Paul, eu estou pouco me importando se você me conta histórias inventadas. Nossas mentiras revelam tanto de nós quanto nossas verdades.”

Ela faz uma pausa, levanta uma sobrancelha para ele. É a vez dele? Ele não tem mais nada a dizer. Se verdade e mentira são a mesma coisa, então discurso e silêncio podem ser a mesma coisa também.

“Você percebe, Paul”, ela retoma, “como as conversas entre eu e você acabam caindo sempre no mesmo padrão? Durante algum tempo tudo corre muito bem. Depois eu digo alguma coisa que você não quer ouvir e você imediatamente se fecha, sai furioso ou me pede que vá embora. Será que não podemos ir além dessas explosões? Não temos mais muito tempo, nenhum de nós.”

“Não temos.”

“Não. Aos olhos do céu, aos olhos frios de Deus, não temos.”

“É verdade. Continue.”

“Você pensa que eu acho esta existência menos difícil do que você? Acha que eu quero dormir ao ar livre, debaixo de um arbusto no parque, entre bêbados, e fazer minhas abluções no rio Torrens? Você não é cego. Pode ver como estou declinando.”

Ele dá uma olhada dura nela. “Você está inventando história. É uma profissional próspera, está tão bem de dinheiro quanto eu, não precisa dormir debaixo dos arbustos.”

“Pode ser, Paul. Posso estar exagerando um pouco, mas é uma história condizente, condizente com a minha condição. Conforme estou tentando fazer você entender, nossos dias estão contados, os seus e os meus, porém estou aqui, matando tempo, sendo morta pelo tempo, esperando — esperando você.”

Ele sacode a cabeça, desamparado. “Não sei o que você quer”, diz.

“Força!”, ela diz.

a “Pagamento”, “mensalidade”. (N. T.)

b Em francês, “verdadeiramente”, “sinceramente”. (N. T.)

c *Hearth*, “lareira”, “o fogo em torno do qual se reúne a família”; *home*, “lar”. (N. T.)

d Em francês, “víbora”. (N. T.)

e *Adder* refere-se à cobra da família *Viperidae*; *viper* (“víbora”), embora também signifique “cobra”, indica mais uma pessoa maldosa, perversa, maledicente. (N. T.)

f Em francês, “víbora imunda”. (N. T.)

g Em francês, “o inglês”. (N. T.)

h Em francês, “abade”. (N. T.)

26.

Na mesa do hall, um recado rabiscado: *TCHAU, MR. RAYMENT. DEIXEI UMAS COISAS, PEGO AMANHÃ. OBRIGADO POR TUDO, DRAGO. P.S. AS FOTOS TODAS EM ORDEM.*

As “coisas” a que Drago se refere revelam-se um saco de lixo cheio de roupas, às quais ele acrescenta uma cueca que encontra entre os lençóis. Além disso, nem sinal dos JokiĆ, mãe ou filho. Eles vêm, vão, não explicam nada: era melhor acostumar-se com isso.

No entanto, que alívio ficar sozinho de novo! Uma coisa é viver com uma mulher; coisa bem diferente é repartir a própria casa com um rapaz desordeiro e imperfeitamente atencioso. Sempre tensão, sempre inquietação quando dois machos ocupam o mesmo território.

Ele passa a tarde arrumando o escritório, colocando as coisas onde costumavam ficar; depois toma uma ducha. No chuveiro, por acidente deixa cair o frasco de xampu. Ao se abaixar para pegá-lo, o andador, que sempre traz para o boxe, escorrega de lado. Ele perde o equilíbrio e cai, bate a cabeça na parede.

Que não tenha quebrado nada: é sua primeira prece. Enrolado no andador, tenta mexer os membros. Um tremor de dor aguda percorre suas costas e desce pela perna boa. Ele respira devagar, profundamente. *Fique calmo,* diz a si mesmo. *Uma escorregada no banheiro, nada para se alarmar, acontece com muita gente, pode ser que ainda dê tudo certo. Muito tempo para pensar, muito tempo para acertar as coisas.*

Acertar as coisas (tenta ficar calmo e lúcido) significará, primeiro, se desembaraçar do andador; segundo, manobrar para sair do boxe; depois, terceiro, avaliar o que fez nas costas; e, quarto, haver-se com o que vier em seguida.

O problema está entre o primeiro e o segundo. Não consegue se desembaraçar do andador Zimmer sem se colocar sentado; e não consegue sentar sem gemer de dor.

Ninguém se deu ao trabalho de informá-lo e ele não pensou em perguntar quem é ou foi esse Zimmer que veio a desempenhar tal papel em sua vida. Para si próprio, imaginou Zimmer como uma figura de homem de rosto magro, lábios apertados, vestido com colarinho alto e gravata larga dos anos 1830. Johann August Zimmer, filho de camponeses austríacos, decidido a escapar do tedioso trabalho na fazenda da família, se empenha à luz de velas em cima dos livros de anatomia, enquanto no estábulo atrás da casa a vaca leiteira geme no sono. Depois de passar raspando nos exames (não é um estudante dotado), consegue um posto de cirurgião do Exército. Os vinte anos seguintes passa tratando ferimentos e amputando membros em nome de Sua Serena Majestade Imperial Carl Joseph August, apelidado O Bom. Quando se aposenta do serviço, depois de diversos passos errados, aterrissa em Bad Schwanensee, um dos spas menos importantes da Boêmia, para tratar de mulheres de classe alta com artrite. Ali tem a inspiração de adaptar para as mais frágeis entre suas pacientes um aparelho que lá na Caríntia vem sendo usado há séculos para ensinar crianças a andar, conquistando assim uma modesta imortalidade.

Agora ali está, no chão de ladrilhos, nu, imóvel, com a invenção de Zimmer em cima dele bloqueando a porta do boxe, enquanto a água

continua a jorrar, o xampu que vaza cresce em espuma à sua volta e o coto, que levou uma batida na extremidade mole, começa a latejar, um tipo especial de dor. *Que confusão!*, pensa. *Graças a Deus Drago não está aqui para ver isto! E graças a Deus Costello não está aqui para fazer piadinhas!*

Há desvantagens, porém, em não ter nem Drago, nem Costello, nem ninguém ao alcance de um grito. Uma delas é que, ao acabar a reserva de água quente, ele se vê debaixo de uma ducha fria. As torneiras estão além de seu alcance. Certamente poderá ficar caído ali a noite inteira sem correr nenhum risco de ninguém caçoar dele; mas ao amanhecer terá morrido congelado.

Leva uma boa meia hora para escapar da prisão que armou para si mesmo. Incapaz de se levantar, incapaz de empurrar o andador Zimmer para longe, por fim rilha os dentes e força a porta do boxe para fora, até que as dobradiças estalam.

Toda a vergonha já desapareceu agora. Arrasta-se pelo chão até o telefone, liga para o número de Marijana, atende uma voz de criança. “Mrs. Jokić, por favor”, diz por entre dentes que batem; e depois: “Marijana, tive um acidente. Estou o.k., mas você pode vir imediatamente?”.

“Que acidente?”

“Tive uma queda. Fiz alguma coisa nas costas. Não consigo me mexer.”

“Venho.”

Agarra e puxa as cobertas da cama e se enrola nelas, mas não consegue se aquecer. Não só as mãos e pés, não só o couro cabeludo e o nariz, como a própria barriga e o coração estão tomados de frio; espasmos o dominam durante os quais fica rígido demais até para tremer. Boceja até estar com a cabeça leve de bocejar. *Old blood, cold blood,** as palavras martelam sua cabeça. *Não há calor suficiente nas veias.*

Tem uma visão de si mesmo pendurado pelos tornozelos em uma câmara fria em meio a uma floresta de carcaças congeladas. *Não pelo fogo, mas pelo gelo.*

Cai numa espécie de sonolência. Então, de repente, Marijana está curvada em cima dele. Com os lábios congelados, tenta formar um sorriso, formar palavras. “Minhas costas”, geme. “Cuidado.” Graças a Deus, não precisa explicar como aconteceu. Como aconteceu deve estar muito claro pelo caos do banheiro, pelo chiado do chuveiro frio.

Não há mais chá, mas Marijana faz café, coloca um comprimido entre os lábios dele, ajuda-o a beber, depois, com força surpreendente levanta-o do chão para a cama. “Senhor fica com medo, hã?”, diz ela. “Agora quem sabe pára com essa história de chuveiro sozinho.”

Ele concorda com a cabeça, obediente, fecha os olhos. Sob os cuidados dessa excelente mulher e soberba enfermeira, consegue sentir o gelo dentro dele começar a derreter. Nenhum osso quebrado, nenhuma reprimenda de mrs. Putts, nenhuma gozação de mrs. Costello. Na verdade, a presença tranqüilizadora de um anjo que deixou de lado tudo o mais para vir em seu socorro.

Sem dúvida, o futuro reserva outros acidentes para um aleijado idoso, outras quebras, outros humilhantes pedidos de ajuda. O que ele precisa nesse momento, porém, não é dessa desanimadora e deprimente perspectiva, mas essa presença macia, consoladora, eminentemente feminina. *Pronto, pronto, fique calmo, acabou: é isso que quer ouvir. E também: Vou ficar ao seu lado enquanto dorme.*

Então, quando Marijana se levanta e agilmente veste o casaco e pega as chaves, ele tem um súbito sentimento de aflição. “Não pode ficar mais um pouco?”, pergunta. “Não pode dormir aqui?”

Ela se senta de novo na cama. “O.k. se eu fumo?”, pergunta ela. “Só esta vez?” Ela acende um cigarro, dá uma tragada, solta a fumaça para longe dele. “Nós tem de conversar, mr. Rayment, acertar as coisas. O que senhor quer de mim? Senhor quer que eu pego no trabalho, volta, fica enfermeira de senhor? Então não fala essas coisas como” — acena com o cigarro — “senhor sabe o quê.”

“Não posso falar dos meus sentimentos por você.”

“Senhor passa momento ruim, senhor perde a perna e tudo, eu entendo. Senhor tem sentimento, sentimento de homem, eu entendo, tudo o.k.”

Embora a dor pareça estar diminuindo, ele ainda não consegue sentar. “É, tenho sentimentos”, diz ele, deitado de costas.

“Senhor tem sentimento, fala coisa, é natural, é o.k. Mas.”

“Instável. É essa a palavra que você está procurando. Sou muito instável para o seu gosto. Muito à mercê dos sentimentos a que você se refere. Falo o que sinto muito abertamente. Falo demais.”

“Mercê. Que é mercê dos sentimentos?”

“Não importa. Eu acho que entendo você. Sofro um acidente e fico profundamente abalado. Meu humor melhora, meu humor piora, não está mais sob meu controle. Como resultado, me ligo à primeira mulher que aparece na minha frente, a primeira mulher atenciosa. Fico, desculpe a palavra, apaixonado por ela; me apaixono por seus filhos também, de um outro jeito. Eu, que fui sempre sem filhos, de repente quero filhos meus. Daí este atrito de agora entre você e eu. E a origem de tudo isso pode ser encontrada no meu esbarrão com a morte na rua Magill. A rua Magill me abalou a tal ponto que até hoje deixo jorrar meus sentimentos sem avaliar as conseqüências. Não é isso que você está me dizendo?”

Ela dá de ombros, mas não desmente. Em vez disso, aspira a fumaça gulosamente, sopra para fora, deixa que ele prossiga. Pela primeira vez, ele percebe o prazer sensual que pode haver em fumar.

“Bom, você está errada, Marijana. Eu não sou nada assim. Não estou confuso. Posso ser instável, mas ser instável não é uma aberração. Devíamos todos ser mais instáveis, nós todos. Essa é a minha nova opinião, revisada. Devíamos nos abalar mais vezes. Devíamos também nos fortalecer e dar uma olhada no espelho, mesmo que não se goste do que se vê. Não estou me referindo à devastação do tempo. Estou me referindo à criatura presa por trás do vidro cujo olhar tomamos sempre tanto cuidado em evitar. *Olhe este ser que come comigo, que passa as noites comigo, que diz ‘eu’ em meu lugar!* Se me acha instável, Marijana, não é porque eu sofri um choque. É porque de vez em quando o estranho que diz ‘eu’ quebra o

espelho e fala dentro de mim. Através de mim. Fala esta noite. Fala agora. Fala de amor.”

Ele se detém. Que torrente de palavras! Tão estranha a ele! Marijana deve estar surpresa. Há mesmo, neste momento, algum estranho falando através de um espelho, assumindo a voz dele (mas qual espelho?), ou é o presente que está vertendo mais um surto de instabilidade, o choque posterior ao recente acidente — a batida na cabeça, as costas doloridas, o coto sensível, o chuveiro gelado, e assim por diante — subindo-lhe pela garganta como bile, como vômito? Na verdade, poderia ser simplesmente efeito do comprimido que Marijana lhe deu (que comprimido seria?), ou mesmo do café? Não devia ter tomado o café. Não está acostumado com café à noite.

Fala de amor. Ele não tem certeza, não está de óculos, mas parece haver um rubor subindo pelo pescoço de Marijana. Marijana diz que quer que ele se controle, mas que tolice, ela não pode estar dizendo uma coisa dessas. Qual mulher não desejaria uma torrente de palavras de amor jorrando sobre ela de vez em quando, por mais questionável que seja sua origem? Marijana está corando e pela simples razão de que ela também é instável. E então? O que vem depois? *E portanto tudo efetivamente se encaixa!* Portanto, por trás do caos da aparência, uma lógica divina está efetivamente se operando! Wayne Blight aparece do nada para esmagar a perna dele até virar papa, *portanto* meses depois ele cai no chuveiro, *portanto* esta cena passa a ser possível: um homem de sessenta anos preso mais ou menos rígido ao leito, tremendo intermitentemente, vertendo filosofia à enfermeira, vertendo amor. E o sangue se move dentro dela, correspondendo!

Exultante, ele estende a mão (*Ignore a dor, quem liga para a dor!*) e coloca a sua grande e (observa) muito pouco atraente mão lívida em cima da mão de Marijana, menor, mais quente, com dedos cônicos que, segundo sua avó de Toulouse, indicam um temperamento sensual.

Durante um momento, Marijana deixa a mão debaixo da dele. Depois se liberta, apaga o cigarro, levanta-se e começa a abotoar o casaco de novo.

“Marijana”, ele diz, “não exijo nada, nem agora, nem no futuro.”

“É?” Ela inclina a cabeça, dá-lhe um olhar matreiro. “Não exige? Acha que não sei nada de homem? Homem sempre exige. Eu quero, eu quero, eu quero. Eu, eu quero fazer meu trabalho, isso que eu exijo. Meu trabalho na Austrália é enfermeira.”

Ela faz uma pausa. Nunca se dirigiu a ele com tal força, tal (parece-lhe) fúria.

“Senhor telefona, e é bom que senhor telefona, não estou dizendo não pode telefonar. Emergência, senhor telefona, o.k. Mas isto aqui” — ela acena com a mão —, “esta história de chuveiro não é emergência, não emergência médica. Senhor cai no banheiro, senhor chama algum amigo. ‘Estou com medo, venha, por favor’, é isso que senhor diz.” Ela pega outro cigarro, muda de idéia, devolve ao maço. “Elizabeth”, ela diz. “Senhor chama Elizabeth ou chama outra amiga mulher, eu não conheço amigas suas. ‘Estou com medo, por favor, vem segurar minha mão. Nenhuma emergência médica, só vem por favor segurar minha mão.’”

“Eu não estava só com medo. Eu me machuquei. Não conseguia me mexer. Você pode ver isso.”

“Espasmo. Só espasmo. Eu deixo comprimido para isso. Espasmo nas costas não é emergência.” Ela faz uma pausa. “Ou então, senhor quer mais, não só segura mão, senhor quer, como diz, a coisa pra valer, então quem sabe senhor fica sócio clube dos corações solitários. Se tem coração solitário.”

Ela respira, olha para ele, reflexiva. “Senhor acha que sabe como é ser enfermeira, mr. Rayment? Todo dia, eu cuido velhas, velhos, limpo eles, limpo a sujeira deles, não preciso dizer, troco lençol, troco roupa. Sempre estou ouvindo *Faz isto, faz aquilo, traz isto, traz aquilo, não estou sentindo bem, traz comprimido, traz copo de água, traz xícara de chá, traz cobertor, abre janela, fecha janela, não gosto disto, não gosto daquilo*. Volto para casa cansada até a alma, telefone toca, qualquer hora, de manhã, de noite: *Emergência, vem...*”.

Minutos atrás ela estava corando. Agora é ele quem tem de corar. *Uma emergência... pode vir?* Claro, na língua das profissões de cuidados, isso não contaria como emergência. Ninguém morre de frio em um apartamento com ar-condicionado em Coniston Terrace, North Adelaide. Ao discar o número dos Jokić, ele já sabia disso. Mas chamou mesmo assim. *Venha, me salve!*, chamou pelo espaço sul-australiano.

“Você foi a primeira pessoa em quem eu pensei”, diz ele. “Seu nome foi o primeiro que me veio. Seu nome, seu rosto. Acha que isso não conta — ser a primeira?”

Ela dá de ombros. Faz-se um silêncio entre eles. Evidentemente é uma grande palavra, uma palavra sufocante para receber assim: *primeira*. Mas não é a palavra que o faz pausar. *Seu nome. Seu nome me veio. Você veio a mim*. Palavras que afloram dentro dele sem pensar, vêm a ele. É assim quando a pessoa é instável: as palavras simplesmente vêm?

“Sempre pensei”, insiste, “que enfermagem era uma vocação. Pensei que o que caracteriza a enfermagem, que justifica os horários prolongados, os ganhos baixos, a ingratidão e as indignidades, como essas que mencionou: que vocês estão atendendo a um chamado. Bom, quando uma enfermeira é chamada, uma enfermeira de verdade, ela não faz perguntas, ela vem. Mesmo que não seja uma emergência real. Mesmo que seja apenas angústia, angústia humana, o que se chama de pânico.” Ele nunca fez sermão para Marijana, mas talvez o sermão seja o jeito de, nesta noite em particular, a verdade escolher se revelar. “Mesmo que seja só amor.”

Amor: a maior das grandes palavras. Mesmo assim, vamos socá-la com isso.

Ela aceita bem o golpe desta vez, nem pisca. Os botões do casaco estão todos abotoados agora, de baixo até em cima.

“Só amor”, ele repete com alguma amargura.

“Hora de ir embora”, ela diz. “É longe de carro até Munno Para. Até logo.”

Com considerável esforço, ele controla uma nova crise de tremores. “Não ainda, Marijana”, diz. “Cinco minutos. Três minutos. Por favor.

Vamos tomar alguma coisa, nos acalmar e ser normais. Não quero sentir que nunca mais posso chamar você de novo, por vergonha. Certo?”

“O.k. Três minutos. Mas sem bebida para mim que dirige e sem bebida para senhor, álcool e comprimido não é bom.”

Um tanto rígida, ela retoma seu lugar. Um dos três minutos passa.

“O que exatamente seu marido sabe?”, ele pergunta, assim, do nada.

Ela se levanta. “Agora eu vou”, diz.

Incomodado, cheio de remorso, dolorido, indisposto, ele fica acordado a noite inteira. Os comprimidos que Marijana disse que ia deixar não estão em parte alguma.

Chega o amanhecer. Como precisa ir ao banheiro, tenta desajeitadamente engatinhar para fora da cama. A meio caminho a dor ataca de novo e o imobiliza.

Dor nas costas não é emergência, diz Marijana, que ele contratou para salvá-lo de degradações exatamente como essa. Será que não conseguir controlar a bexiga conta como emergência? Não, claro que não. É só parte da vida, parte de envelhecer. Miseravelmente, rende-se e urina no chão.

É nessa posição que Drago — que deveria estar na escola, mas que por razões pessoais parece não estar — o encontra quando chega para pegar a mala com suas coisas: metade na cama, metade para fora, a perna presa entre as cobertas amassadas, enrijecido, gelado.

Se ele não esconde mais nada de Marijana, é porque não pode ser mais abjeto diante dela do que já foi. Com Drago é outra história. Até então, fez o possível para não se expor diante de Drago. Agora ali está, um velho desamparado de pijama urinado arrastando atrás de si um obsceno coto cor-de-rosa do qual estão escorregando as bandagens encharcadas. Se não estivesse com tanto frio, ficaria vermelho.

E Drago não se abala! Será que é de família, essa objetividade com o corpo? Assim como a mãe de Drago o ajudou a ir para cama, também Drago agora o ajuda; e quando ele tenta se explicar, desculpar sua

fraqueza, é Drago que o faz calar — “Não esquentá, mr. Rayment, relaxe e a gente cuida do senhor num minuto” — e tira as roupas de cama, vira o colchão e (um tanto desajeitadamente, afinal de contas é apenas um rapaz) estende lençóis limpos; é Drago quem encontra um pijama limpo e pacientemente, desviando os olhos como exige o pudor, ajuda-o a se trocar.

“Obrigado, filho, bondade sua”, diz ele, ao fim de tudo. Queria dizer mais, porque seu coração está repleto, como por exemplo: *Sua mãe me abandonou; mrs. Costello, que fala e fala sobre cuidados, mas toma o cuidado de não estar por perto quando se precisa de cuidados, me abandonou; todo mundo me abandonou, até o filho que eu nunca tive; aí, você chegou, você!* Mas controla-se.

Tem um momento de choro, choro de velho que não conta porque vem muito fácil e que ele esconde com as mãos porque deixa os dois embaraçados.

Drago faz um telefonema, volta. “Minha mãe disse que eu tenho de ir buscar comprimido para dor para o senhor. Estou com o nome aqui. Ela disse que ia deixar alguns, mas esqueceu. Posso descer até a farmácia, mas...”

“Tem dinheiro na minha carteira, na gaveta da escrivania.”

“Obrigado. Tem um esfregão em algum lugar?”

“Atrás da porta da cozinha. Mas não...”

“Isso não é nada, mr. Rayment. É só um minutinho.”

O comprimido mágico acaba sendo nada mais que ibuprofeno. “Mamãe falou para tomar um a cada quatro horas. E o senhor devia comer antes. Quer que eu pegue alguma coisa na cozinha?”

“Me pegue uma maçã ou uma banana, se tiver. Drago?”

“Hã?”

“Eu fico bem agora. Você não precisa ficar. Muito obrigado por tudo.”

“Tudo bem.”

Para completar a passagem, Drago teria de dizer: *Tudo bem, o senhor faria o mesmo por mim.* E é verdade! Se algum cataclismo se abatesse sobre Drago, se algum estranho descuidado se chocasse com ele em sua

motocicleta, ele, Paul Rayment, moveria céus e terras, gastaria cada centavo que tem para salvá-lo. Daria ao mundo uma lição de como cuidar de um filho amado. Seria tudo para ele, pai e mãe. O dia inteiro, a noite inteira, ficaria ao lado da cama dele. Se ao menos!

Na porta, Drago se volta, acena e dá-lhe um de seus sorrisos angelicais que deve deixar as meninas tontas. “Até mais!”

* “Sangue velho, sangue frio”. (N. T.)

27.

A contusão nas costas, de fato, como Marijana disse, não é grande coisa. No meio da tarde, já consegue se movimentar, embora cuidadoso, é capaz de se vestir, de fazer um sanduíche. Na noite passada, achou que estava às portas da morte; hoje, está bom de novo, mais ou menos. Um traço disto, um toque daquilo, um tantinho de outra coisa, tudo misturado e transformado em um comprimido numa fábrica em Bangcoc e o monstro da dor se reduz a um camundongo. Milagroso.

De forma que, quando Elizabeth Costello chega, ele é capaz de fornecer o mais breve, mais calmo, mais objetivo dos relatos dos acontecimentos. “Escorreguei no banheiro e torci as costas. Chamei Marijana, ela veio e deu um jeito em mim, agora estou bom de novo.” Nenhuma menção ao traiçoeiro Johann August, nenhuma menção aos tremores e às lágrimas, nenhuma menção ao pijama no cesto de roupa suja. “Drago apareceu de manhã para conferir. Bom rapaz. Mais maduro que a idade que tem.”

“E você está bem, você disse.”

“Estou.”

“E suas fotografias? Sua coleção de fotografias?”

“O que tem?”

“A sua coleção de fotografias está bem também?”

“Acho que sim. Por que não estaria?”

“Talvez seja melhor dar uma olhada.”

Não que nenhuma das fotos esteja realmente faltando. Nada está faltando de fato. Mas um dos Fauchery dá uma sensação errada e, assim que ele tira a foto da capa plástica para a luz, a aparência errada também. O que tem nas mãos é uma cópia, em tons de marrom que imitam o sépia original, feita numa copiadora eletrônica em papel semibrilhante. O papelão da montagem é novo e ligeiramente mais grosso que o original. É a grossura a mais que primeiro entrega a falsificação. Fora isso, não é um mau trabalho. Se não fosse Costello falar, ele nunca teria notado.

“Como você sabia?”, pergunta a ela.

“Como eu sabia que Drago e o amigo estavam aprontando alguma? Eu não sabia. Simplesmente desconfiei.” Ela segura a cópia. “Eu não ia ficar surpresa se um desses mineradores fosse o bisavô Costello de Kerry. E olhe — olhe este sujeito.” Com a unha, ela bate num rosto na segunda fila. “Ele não é a cara de Miroslav Jokić?”

Ele arranca a foto da mão dela. Miroslav Jokić: é ele mesmo, usando chapéu e colarinho aberto, exibindo um bigode também, lado a lado com aqueles mineiros da Cornualha e da Irlanda de uma era passada.

É o desrespeito que ele sente mais: os mortos desrespeitados por uma dupla de jovens arrogantes e irreverentes. Devem ter feito aquilo com algum tipo de técnica digital. Ele nunca teria conseguido uma montagem tão convincente numa câmera escura convencional.

Vira-se para Costello. “O que aconteceu com o original?”, pergunta. “Sabe o que aconteceu com ele?” Ouve a própria voz se descontrolar, mas não se importa. Sorri para a cópia no chão. “*Menino burro, burro! O que ele fez com o original?*”

Elizabeth Costello lhe dá um olhar arregalado de perplexidade. “Não me pergunte, Paul”, diz ela. “Não fui eu que recebi Drago em minha casa

e mostrei minha preciosa coleção de fotografias. Não fui eu que abri caminho para a mãe através do filho.”

“Então como você sabia desse... desse vandalismo?”

“Eu não *sabia*. Como já disse, estava apenas desconfiada.”

“Mas por que desconfiou? O que está deixando de me contar?”

“Controle-se, Paul. Pense. Temos aqui Drago e o amigo dele, Shaun, dois saudáveis rapazes australianos, e como é que eles passam as horas livres? Não correndo de motocicleta. Não jogando futebol. Não surfando. Não beijando as meninas. Não: em vez disso se trancam horas e horas no seu escritório. Debruçados em cima de sacanagem? Não: a menos que eu esteja errada, você particularmente tem poucos livros sujos. O que então pode absorver a atenção deles, senão a sua coleção de fotografia, uma coleção que segundo você é tão preciosa que tem de ser doada à nação?”

“Mas não vejo que motivos possam ter. Por que se dar a todo esse trabalho de fabricar” — ele apóia a ponta da muleta na foto e amassa no tapete — “uma fraude?”

“Aí, não tenho como ajudar. Você é que vai ter de descobrir. Mas tenha em mente uma coisa: trata-se de rapazes jovens e vivos em uma cidade sonolenta que não fornece vias de escape para toda a inquietação que têm nos ossos, toda a agitação de planos e desejos na cabeça deles. O tempo está se acelerando à nossa volta toda, Paul. Garotas têm filhos com dez anos de idade. Meninos — meninos levam meia hora para aprender uma habilidade que nós levamos meia vida para aprender. Eles aprendem, se entediam com aquilo e seguem em frente para alguma outra coisa. Talvez Drago e o amigo tenham achado que seria divertido: a Biblioteca Estadual, um bando de cavalheiros importantes e senhoras de idade se abanando contra o calor, um ou outro figurão chato desvendando a Coleção Rayment e — opa, opa! — quem é esse no meio da *pièce de résistance* da coleção senão um membro do clã dos Jokić da Croácia! Grande truque — é o que Billy Bunter* teria dito. Talvez seja apenas isso: uma gozação elaborada e de bastante mau gosto que deve ter custado a eles um pouco de tempo e talvez alguma orientação especializada também.

“Quanto ao original, seu precioso original de Fauchery, quem sabe onde estará? Talvez ainda esteja debaixo da cama de Drago. Ou talvez ele e Shaun tenham passado para um comerciante. Console-se, porém. Pode achar que foi vítima de uma piada, e tem toda a razão. Mas não havia malevolência por trás disso. Nem afeto, talvez, mas nenhuma malevolência também. Só uma piada, uma piada impensada, juvenil.”

Sem afeto. Será tão claro assim, tão claro para todo mundo? É como se o coração no peito dele de repente ficasse cansado demais para bater. Vêm lágrimas aos seus olhos de novo, mas sem força por trás delas, apenas uma exsudação de água.

“É isso que eles são então?”, sussurra. “Ciganos? O que mais eles roubaram de mim, esses ciganos croatas?”

“Não seja melodramático, Paul. Existem croatas e croatas. Você sabe muito bem disso. Um punhado de bons croatas e um punhado de maus croatas com milhões de croatas pelo meio. Os Jokić não são croatas particularmente maus, apenas um pouco empedernidos, um pouco rústicos de coração. Inclusive Drago. Drago não é um mau rapaz, você sabe disso. Deixe eu lembrar uma coisa: você mesmo disse a ele, bem sublime, eu achei, que as fotos não eram suas, que você estava simplesmente guardando as fotos pela história da nação. Bom, Drago faz parte dessa história também, não esqueça. Que mal há, pensa Drago, em inserir um Jokić na memória nacional, mesmo que um tanto prematuramente — vovô Jokić, por exemplo? Só uma brincadeira, cujas conseqüências ele pode não ter avaliado; por outro lado, entre os jovens indisciplinados, quantos avaliam as conseqüências de seus atos?”

“Vovô Jokić?”

“É. O pai de Miroslav. Você não achou que era o próprio Miroslav na foto, achou? Mas pense bem, nem tudo está perdido. Na verdade, se você tiver sorte, nada está perdido. É dez vezes mais provável que o seu querido Fauchery ainda esteja nas mãos de Drago. Diga para ele que vai chamar a polícia se não for devolvido imediatamente.”

Ele sacode a cabeça. “Não. Ele vai simplesmente se assustar e queimar a foto.”

“Então fale com a mãe dele. Fale com Marijana. Ela vai ficar envergonhada. Vai fazer qualquer coisa para proteger o primogênito.”

“Qualquer coisa?”

“Vai assumir a culpa. E ela é, afinal de contas, a restauradora da família.”

“E daí?”

“Não sei. O que acontece depois depende de você. Se quiser ir em frente e armar uma cena, pode armar a cena. Se não, não.”

“Não quero nenhuma cena. Só quero saber a verdade. De quem foi a idéia, de Drago ou daquele, como chama mesmo?, Shaun, ou de Marijana?”

“Eu diria que esse é um âmbito bastante modesto da verdade. Não gostaria de ouvir mais?”

“Não, não quero ouvir mais.”

“Não gostaria de saber por que você foi escolhido como vítima, como pato?”

“Não.”

“Pobre Paul. Você já se encolhe antes mesmo do golpe. Mas talvez não haja golpe nenhum. Talvez Marijana se prostre na sua frente. *Mea-culpa. Faça comigo o que quiser.* E assim por diante. Você nunca terá certeza enquanto não fizer a cena com ela. Não consigo te convencer? Senão, você vai acabar com o quê? Com uma história incoseqüente sobre um rolo com os ciganos, a mulher cigana esperta e o belo jovem cigano. Não chega nem perto da coisa principal, da coisa distinta.”

“Não. Absolutamente. Eu me recuso. Sem cenas. Sem ameaças. Se você soubesse, Elizabeth, como estou cansado de levar esses seus cutucões e isso tudo para alimentar essas histórias malucas na sua cabeça! Eu entendo o que você quer. Você gostaria que eu — qual é a palavra? — *explorasse* Marijana. Então, espera que o marido descubra e me dê um tiro, ou uma

surra. Esse é o tipo de *coisa principal* que você espera provocar, não é? Sexo, ciúme, violência, ação do tipo mais vulgar.”

“Não seja ridículo, Paul. Não se resolve uma crise como essa de agora, cuja essência é moral, batendo em alguém e matando com tiro. Até você é capaz de admitir isso. Mas se minha sugestão te ofende, eu retiro a sugestão. Não fale com Drago. Não fale com a mãe dele. Se eu não consigo convencer você, decerto que não posso forçar nada. Se você se contenta em perder sua preciosa fotografia, que seja.”

* * *

Falar com Marijana, lhe diz Costello. Mas o que poderia dizer? *Marijana? Olá, como vai? Quero me desculpar pelo que eu disse na outra noite, na noite em que eu escorreguei no chuveiro, não sei o que me deu. Devo ter perdido a cabeça. A propósito, notei que está faltando uma foto da minha coleção. Será que poderia pedir para Drago olhar na mochila dele e ver se não levou por engano?*

Acima de tudo, ele não deve acusar. Se acusar, os JokiĆ vão negar e isso será o fim de qualquer tênue posição que possa gozar entre eles — como paciente, como cliente.

Mais que telefonar a Marijana, talvez devesse escrever outra carta, suprimindo a instabilidade desta vez, tomando o máximo cuidado com as palavras, fornecendo uma exposição fria, sensata de sua situação em relação a ela, em relação a Drago, em relação à fotografia desaparecida. Mas quem escreve cartas hoje em dia? Quem as lê? Será que Marijana leu a primeira carta dele? Será até que a recebeu? Ela não deu nem um sinal.

Uma lembrança retorna: uma visita de infância a Paris, às Galeries Lafayette; olhando as folhas de papel enroladas dentro de *cartouches* e disparadas de um departamento para outro por tubos pneumáticos. Quando a portinhola do tubo era aberta, lembra-se, vinha das entranhas do aparelho um rugido abafado de ar. Um sistema de comunicação desaparecido. Um mundo desaparecido, racionalizado até desaparecer. O

que aconteceu com aquelas coisas, todos aqueles *cartouches* prateados? Derretidos, provavelmente, para fazer revestimento de bombas ou de mísseis teleguiados.

Mas talvez com os croatas seja diferente. Talvez no velho país ainda existam tias e avós que escrevem cartas para a família distante no Canadá, no Brasil, na Austrália, que colocam selos nelas e jogam em caixas de correio: Ivanka ganhou o prêmio de declamação, a vaca cega teve cria, como vai você, quando vamos nos ver outra vez? Então, talvez os JokiĆ não achem tão estranho receber comunicações pelo correio.

Caro Miroslav, ele escreve.

Tentei invadir o seu lar, então você sem dúvida acha que eu devia calar a boca e aceitar todo e qualquer castigo que os deuses me enviarem. Bem, não vou me calar. Uma rara fotografia pertencente a mim desapareceu e eu gostaria de recebê-la de volta. (Permita que eu acrescente que Drago não vai conseguir vendê-la, a peça é muito conhecida no mercado.)

Se não sabe do que estou falando, pergunte a seu filho, pergunte a sua mulher.

Mas não é por isso que escrevo. Escrevo para fazer uma proposta.

Você desconfia que tenho intenções quanto a sua mulher. Tem razão. Mas não tire conclusões precipitadas sobre qual o tipo dessas intenções.

*Não é só dinheiro que ofereço. Ofereço também certas impalpabilidades, impalpabilidades humanas, e com isso quero dizer, principalmente, amor. Empreguei a palavra padrinho, se não com você, com Marijana. Ou talvez não tenha pronunciado a palavra, mas apenas pensado nela. Minha proposta é a seguinte. Em troca de um substancial empréstimo a prazo indefinido, para cobrir a educação de Drago e talvez de outro filho seu, poderia encontrar um lugar para um padrinho em seu lar e em sua morada, em seu coração e em seu lar?**

Não sei se na Croácia católica vocês têm a instituição do padrinho. Talvez sim, talvez não. Os livros que consultei não dizem. Mas você deve conhecer o conceito. O padrinho é o homem que fica ao lado do pai na pia batismal, ou acima da cabeça da criança, para dar a sua bênção e jurar

apoio pela vida toda. Assim como, no ritual do batismo, o padre é a personificação do Filho e intercessor, e o pai é, evidentemente, o Pai, o padrinho é a personificação do Espírito Santo. Pelo menos, é assim que eu entendo. Um personagem sem substância, espiritual, além da raiva e do desejo.

Você vive em Munno Para, bastante longe da cidade. Para mim não é nada fácil, em meu estado de limitação, fazer uma visita. Mesmo assim, você, em princípio, abriria seu lar para mim? Não quero nada em troca, nada palpável, além talvez de uma chave da porta dos fundos. Sinceramente, não alimento nenhum plano de tirar de você sua esposa e filhos. Peço apenas para observar, para abrir meu peito, nos momentos em que você estiver ocupado em outro lugar, para despejar as bênçãos de meu coração sobre a sua família.

Drago não deve ter mais nenhuma dúvida quanto ao lugar que aspiro na família. As crianças menores talvez achem mais difícil. Se preferir não dizer nada a elas por enquanto, eu compreenderei.

Sei que uma proposta deste tipo não era o que você esperava ao começar a ler esta carta. Falei com uma conhecida minha sobre o que aconteceu em meu apartamento — o desaparecimento de um exemplar da minha coleção de fotografias e tudo —, e ela sugeriu que eu chamasse a polícia. Mas nada poderia estar mais distante de minha intenção. Não, estou apenas usando a abertura criada por esse desagradável incidente para deixar minha caneta correr e meu coração falar (além disso, quantas cartas se tem hoje a oportunidade de escrever?).

Não sei o que você acha de cartas. Uma vez que vem de um mundo mais antigo e, sob alguns aspectos, melhor que o nosso, talvez não ache estranho tomar da caneta por sua vez. Se, por outro lado, cartas são estranhas a seu uso, sempre se pode usar o telefone (8332-1445). Ou Marijana pode trazer um recado, ou Drago (não voltei as costas a Drago, longe disso: por favor, diga a ele). Ou Blanka. E, por fim, sempre existe o silêncio. O silêncio pode significar muita coisa.

Vou fechar e selar esta carta agora e, antes que eu mude de idéia, fazer a viagem até a caixa de correio mais próxima. Eu costumava hesitar muito, hesitava sempre, mas agora abomino hesitações.

Sinceramente,

Paul Rayment

* Personagem central de uma série popular de livros infanto-juvenis sobre a vida num colégio interno. (N.T.)

** Há aqui um jogo de palavras intraduzível com *hearth*, “lareira”, *heart*, “coração” e *home*, “lar”: *a place in your hearth and in your home, in your heart and home...* (N. T.)

“Não acha que devia procurar um médico?”, diz ele a Costello.

Ela sacode a cabeça. “Não é nada, só um resfriado. Vai passar.”

Não soa como resfriado coisa nenhuma. É uma tosse e tem uma característica úmida, como se os pulmões estivessem tentando expelir, um punhado de cada vez, uma camada de muco profunda.

“Você deve ter pegado debaixo dos arbustos”, diz ele.

Ela olha, sem entender.

“Você não disse que está dormindo debaixo dos arbustos no parque?”

“Ah, sim.”

“Eu recomendo óleo de eucalipto”, diz ele. “Uma colher de chá de óleo de eucalipto em uma panela de água fervendo. Você inala o vapor. É uma maravilha para os brônquios.”

“Óleo de eucalipto!”, ela diz. “Não ouço falar de óleo de eucalipto há séculos. As pessoas usam bombinhas agora. Tenho uma na bolsa. Inútil. Minha garantia antes era Bálsamo do Frade, mas não consigo mais encontrar nas lojas.”

“Nas lojas do interior se consegue. Pode encontrar aqui em Adelaide.”

“É mesmo? Como dizem nossos amigos americanos, faz sentido.”

Ele pegaria o óleo de eucalipto para ela. Ferveria uma panela de água. Até reviraria o armarinho de remédio para ver se tem Bálsamo do Frade. Basta ela pedir. Mas ela não pede.

Estão sentados na sacada com uma garrafa de vinho. Está escuro, sopra uma brisa forte. Se ela está realmente doente, era melhor ficar dentro de casa. Mas ela não faz o menor esforço para disfarçar o quanto desgosta do apartamento — “sua casa funerária bávara”, ela chamou ontem — e ele não é responsável por ela.

“Nenhuma notícia de Drago? Nenhuma notícia dos Jokić?”, ela pergunta.

“Nenhuma notícia. Escrevi uma carta, que ainda tenho de pôr no correio.”

“Uma carta! Outra carta! O que é isso, um jogo de xadrez postal? Dois dias para suas palavras chegarem a Marijana, dois dias para ela responder: vamos todos morrer de tédio antes de chegar a uma solução. Não estamos na era de romances epistolares, Paul. Vá lá na casa dela! Confronte Marijana! Faça uma cena como tem de ser! Bata o pé! (Estou falando metaforicamente.) Grite! Diga: ‘Não admito ser tratado assim!’. É desse jeito que pessoas normais se portam, pessoas como Marijana e Miroslav. A vida não é uma troca de mensagens diplomáticas. *Au contraire*, vida é drama, vida é ação, ação e paixão! Sem dúvida, você, com sua formação francesa, sabe disso. Seja polido, se quiser, nada de errado com a polidez, mas não às custas das paixões. Pense no teatro francês. Pense em Racine. Não se pode ser mais francês que Racine. Racine não trata de gente enrolada pelos cantos arquitetando, calculando. Racine trata de confronto, de uma imensa tirada contra outra.”

Ela está febril? O que provocou essa explosão?

“Se existe um espaço no mundo para Bálsamo do Frade”, diz ele, “existe um espaço para cartas antiquadas. Pelo menos, se uma carta não parece certa, pode-se rasgar e começar de novo. Ao contrário de um discurso. Ao

contrário de explosões de paixão, que são irrecuperáveis. Você mais do que ninguém devia saber disso.”

“Eu?”

“É, você. Sem dúvida, você não rabisca a primeira coisa que vem na sua cabeça e manda para seus editores. Sem dúvida você espera as reconsiderações. Sem dúvida você revisa. Escrever não é justamente uma questão de reconsiderar — duas, três, muitas vezes?”

“É, de fato. Escrever é isto, sim: reconsiderar até a potência *n*. Mas quem é você para pregar reconsideração para mim? Se você tivesse sido fiel à sua personalidade de tartaruga, se tivesse esperado a vinda de reconsiderações, se não tivesse tola e irrecuperavelmente declarado sua paixão pela faxineira, não estaríamos neste aperto agora, você e eu. Você podia estar bem acomodado no seu belo apartamento, esperando as visitas da dama de óculos escuros, e eu podia estar de volta a Melbourne. Mas é tarde demais para isso agora. Só nos resta agüentar e ver para onde os ventos nos levam.”

“Por que me chama de tartaruga?”

“Porque você fica séculos farejando o ar antes de espetar a cabeça para fora. Porque cada bendito passo que dá custa um esforço. Não estou pedindo que seja uma lebre, Paul. Simplesmente gostaria que procurasse em seu coração para ver se não consegue encontrar meios *dentro* da sua personalidade de tartaruga, *dentro* da sua variante de paixão de tartaruga, de acelerar essa sedução de Marijana — se é realmente sua intenção continuar a seduzir Marijana.

“Lembre-se, Paul, é a paixão que faz o mundo girar. Você não é nenhum analfabeto, deve saber disso. Sem paixão o mundo seria vazio e sem forma. Pense em Dom Quixote. *Dom Quixote* não é um livro sobre um homem sentado numa cadeira de balanço reclamando da chatice de La Mancha. É sobre um homem que mete uma bacia na cabeça, monta em cima do seu fiel cavalo de arado e parte para realizar grandes feitos. Emma Rouault, Emma Bovary, sai e compra roupas elegantes, mesmo sem fazer a menor

idéia de como vai pagar por elas. *Só se vive uma vez*, diz Alonso, diz Emma, *então vamos agitar!* Agitar, Paul. Veja o que você consegue inventar.”

“Ver o que eu consigo inventar para você poder me colocar em um livro.”

“Para alguém, alguém *talvez* colocar você num livro. Para alguém talvez *querer* colocar você num livro. Alguém, qualquer um — não só eu. Para *valer a pena* colocar você num livro. Ao lado de Alonso e de Emma. Cresça, Paul. Viva como herói. É isso que os clássicos nos ensinam. Ser um personagem principal. Senão, para que vale a vida?

“Vamos lá. Faça alguma coisa. Faça alguma coisa. Me surpreenda. Já te ocorreu que se a sua vida parece repetitiva, limitada e cada dia mais chata é porque você quase nunca sai deste maldito apartamento? Pense um pouco: em algum lugar em uma selva no estado de Maharashtra, um tigre neste exato momento está abrindo os olhos cor de âmbar e *não está absolutamente pensando em você!* Pouco importam a ele você ou qualquer outro habitante estrangeiro de Coniston Terrace. Quando foi a última vez que saiu para dar um passeio debaixo do céu estrelado? Você perdeu uma perna, eu sei, e andar não é brincadeira; mas, depois de certa idade, nós todos perdemos uma perna, mais ou menos. Sua perna perdida é só um sinal, ou símbolo, ou sintoma, não me lembro qual é qual, de ficar velho, velho e desinteressante. De forma que o que adianta reclamar? Escute!

Eu sou, mas o que sou ninguém sabe, ou avalia.

Meus amigos me abandonam como uma lembrança perdida.

Só eu me consumo no que me angustia.

“Conhece esses versos? John Clare. Tome cuidado, Paul: é assim que você vai terminar, como John Clare, único consumidor de suas próprias angústias. Porque ninguém mais, pode ter certeza, vai ligar a mínima.”

Ele nunca sabe, com Costello, quando está sendo levado a sério e quando está sendo alvo de gozação. Agüenta bem os ingleses, quer dizer, os anglo-australianos. Os irlandeses é que sempre lhe criaram problemas, e a marca irlandesa na Austrália. Ele consegue perceber que alguém poderia

querer transformar a ele e Marijana, o homem com o coto e a mutável dama balcânica, numa comédia. Mas, apesar de toda a gozação, não é bem comédia que Costello parece ter em mente para ele, e isso é que o deixa intrigado, isso é o que ele chama de elemento irlandês.

“Nós devíamos entrar”, diz ele.

“Não ainda. Ó céu estrelado... Como continua?”

“Não sei.”

“Ó céu estrelado, ó não-sei-quê, não-sei-quê. Como veio a acontecer, você acha, de eu me ver atada a um homem tão pouco curioso, tão pouco aventureiro como você? Pode me explicar? Será que tudo isso se deve à língua inglesa, ao fato de você não ter segurança suficiente para agir em uma língua que não é a sua?”

“Desde que você me lembrou do seu passado francês, sabe, estou ouvindo com as orelhas em pé. E, claro, você tem razão: você fala inglês, provavelmente pensa em inglês, pode até sonhar em inglês, no entanto o inglês não é a sua verdadeira língua. Eu diria mesmo que o inglês é um disfarce para você, ou uma máscara, parte de seu casco de tartaruga. Quando você fala, juro que consigo ouvir palavras sendo selecionadas, uma depois da outra, de uma caixa de palavras que você leva sempre com você, e que são encaixadas no lugar. Não é assim que um falante nativo de verdade fala, alguém que nasceu na língua.”

“Como é que fala um nativo?”

“Do coração. As palavras brotam de dentro e ele canta as palavras, canta junto com elas. Por assim dizer.”

“Entendo. Está sugerindo que eu volte para o francês? Está sugerindo que eu cante *Frère Jacques*?”

“Não caçoe de mim, Paul. Eu não disse nada de voltar para o francês. Você perdeu contato com o francês há muito tempo. Tudo o que eu digo é que você fala inglês como estrangeiro.”

“Falo inglês como estrangeiro porque sou estrangeiro. Sou estrangeiro por natureza e fui estrangeiro a minha vida inteira. E não vejo por que eu

deveria me desculpar por isso. Se não existissem estrangeiros, não existiriam os nativos.”

“Um estrangeiro por natureza? Não, não é assim, não, não ponha a culpa na sua natureza. Você tem uma natureza perfeitamente boa, mesmo que um pouco subdesenvolvida. Não, quanto mais escuto você, mais convencida fico de que a chave para o seu caráter está no seu discurso. Você fala como um livro. Houve um tempo em que você era um menininho pálido, bem-comportado — posso ver isso —, que levava os livros muito a sério. E ainda é isso.”

“Ainda sou o quê? Pálido? Bem-comportado? Subdesenvolvido?”

“Um menininho que tem medo de soar engraçado quando abre a boca. Deixe eu fazer uma proposta, Paul. Tranque este apartamento, diga adeus a Adelaide. Adelaide parece demais com um cemitério. Não tem mais vida nenhuma para você aqui. Venha morar comigo em Carlton. Eu te dou aulas de inglês. Ensino você a falar com o coração. Uma aula de duas horas por dia, seis dias por semana; no sétimo dia, podemos descansar. Eu até cozinho para você. Não tão bem como Marijana, mas bem aceitável. Aí, depois do jantar, se você ficar inspirado, pode me contar mais histórias do seu tesouro escondido, que eu depois conto de volta para você em uma forma tão acelerada e melhorada que você não vai nem reconhecer. Que mais? Nada de prazeres arrebatados — você vai ficar aliviado de ouvir isso. Limpos como anjos abençoados nós seremos. Sob todos os outros aspectos, eu cuido de você; e talvez em troca você aprenda a cuidar de mim. Quando o dia chegar, você é que fechará meus olhos e encherá de algodão minhas narinas, recitará uma breve oração para mim. Ou vice-versa, se eu for a que sobrar. O que lhe parece?”

“Parece casamento.”

“É, isso mesmo, uma espécie de casamento. Um casamento compassivo. Paul e Elizabeth. Elizabeth e Paul. Companheiros, de certa forma. Ou, se Carlton não for atraente para você, podíamos comprar uma van de campista e viajar pelo continente para olhar as paisagens. Podíamos até pegar um avião para a França. Que tal? Você poderia me mostrar seus

velhos locais de passeio, as Galeries Lafayette, Tarascon, os Pireneus. Um semfim de opções. Vamos lá, o que me diz?”

Ela pode ser irlandesa, mas soa sincera, ou semi-sincera. Agora é a vez dele.

Levanta-se e fica apoiado na mesa na frente dela. Será que consegue, uma vez ao menos, fazer sua voz cantar? Fecha os olhos, esvazia a mente, espera as palavras virem.

“Por que eu, Elizabeth?”, vêm as palavras. “Por quê, de todas as muitas pessoas no mundo, eu?”

As mesmas velhas palavras, a mesma velha melodia decepcionante. Não consegue ir além disso. Porém, enquanto não tiver uma resposta à sua pergunta, o que estiver em seu coração estará embaraçando a melodia.

Elizabeth Costello fica em silêncio.

“Eu sou rebotalho, Elizabeth, metal inferior. Não sou redimível. Não tenho nenhuma utilidade para você, para ninguém, não tenho valor. Pálido demais, frio demais, medroso demais. O que levou você a me escolher? O que lhe deu a idéia de que poderia fazer alguma coisa comigo? Por que fica comigo? *Fale!*”

Ela fala.

“Você foi feito para mim, Paul, como eu fui feita para você. Isso serve por enquanto, ou quer que eu entregue tudo a você *plenu voce*, a plena voz?”

“Fale com uma voz tão plena que até um tapado como eu consiga entender.”

Ela pigarreia. “Só para mim Paul Rayment nasceu e eu para ele. Dele é o poder de liderar, meu o de seguir; dele o de agir, meu o de escrever. Mais?”

“Não, basta. Agora, me deixe perguntar francamente, mrs. Costello: você existe de verdade?”

“Se eu existo de verdade? Eu como, durmo, sofro, vou ao banheiro. Pego resfriado. Claro que sou de verdade. Tão de verdade quanto você.”

“Por favor, fale sério pelo menos uma vez. Por favor, me responda: eu estou vivo ou estou morto? Aconteceu alguma coisa comigo na rua Magill que eu não consegui perceber?”

“E eu sou a sombra escolhida para acompanhar você no além — é isso que está perguntando? Não, fique sossegado, eu sou uma pobre criatura cindida, só isso que eu sou, nada diferente de você. Uma velha que escreve, página após página, dia após dia, Deus me perdoe se sei por quê. Se existe algum espírito-guia — e eu não acho que exista —, então é em cima de mim que ele paira, com seu chicote, não de você. *Sem preguiça, jovem Elizabeth Costello!*, diz ele, e me dá uma lambada com o chicote. *Continue o trabalho agora!* Não, esta é uma história muito comum, muito, muito comum mesmo, com apenas três dimensões, comprimento, largura e altura, igual à vida real, e é uma proposta bem comum a que estou fazendo para você. Volte comigo para Melbourne, para a minha bela casinha velha em Carlton. Você vai gostar de lá, tem muitas mansões. Esqueça mrs. Jokić, você não tem a menor chance com ela. Aproveite a sua chance comigo. Eu sou a sua melhor *copine*, a *copine* de seus últimos dias. Vamos repartir nossas migalhas enquanto ainda temos dentes. O que me diz?”

“O que eu digo com a caixa de palavras que levo comigo ou com o coração?”

“Ah, aí você me pegou, como você é rápido! Do coração, Paul, só para variar.”

Ele esteve olhando os lábios dela enquanto ela fala, é um hábito dele: outras pessoas olham os olhos, ele olha a boca. *Nada de prazeres arrebatados*, ela disse. Mas agora não consegue evitar de imaginar como seria beijar aquela boca, com aqueles lábios secos, talvez até murchos, e a sombra de penugem em cima. Será que um casamento compassivo inclui beijos? Ele baixa os olhos; se fosse menos polido, estremeceria.

E ela percebe isso. Não é um ser superior, mas percebe. “Aposto que quando era pequeno não gostava que sua mãe o beijasse”, ela diz baixinho. “Estou certa? Abaixava a cabeça, deixava que ela beijasse a testa, mais

nada? E seu padrasto holandês de jeito nenhum? Queria ser um homenzinho desde o começo, um homenzinho independente, sem dever nada a ninguém; *self-made man*. Tinha nojo deles, de sua mãe e do marido novo dela — do hálito, do cheiro, do toque, das carícias? Como você pode esperar que alguém como Marijana Jokić possa amar um homem com tamanha aversão pelo físico?”

“Não tenho aversão pelo físico”, ele protesta, frio. O que quer acrescentar, mas não acrescenta, é: *Minha aversão é pelo feio*. “No que você acha que consiste a minha vida desde a rua Magill, senão eu me ver socado no físico dia após dia? É um testemunho de minha fé no físico eu não ter acabado comigo mesmo, eu ainda estar aqui.”

Porém, no momento mesmo em que está falando, fica claro para ele o que a mulher queria dizer com a caixa de palavras. *Acabar comigo mesmo!*, pensa. *Que artificial! Que insincero! Como todas as confissões em que ela me atira!* E, no mesmíssimo momento, está pensando: *Se nós tivéssemos tido cinco minutos mais aquela tarde, se Ljuba não tivesse entrado como um cachorrinho de guarda, Marijana teria me beijado. Isso estava chegando, tenho certeza, senti nos meus ossos. Teria se curvado e muito suavemente teria tocado os lábios em meu ombro. Então teria ficado tudo bem. Eu a teria tomado para mim; ela e eu teríamos descoberto como é deitar lado a lado, peito a peito, nos braços um do outro, respirando o hálito um do outro. O reino do lar.*

“Você não concorda, Paul” (a mulher ainda está falando), “que conservei meu humor excepcionalmente bem desde o dia em que apareci na sua porta até agora? Nem um xingamento, nem uma palavra atravessada, em vez disso uma porção de piadas e um toque de lisonja irlandesa. Deixe eu perguntar uma coisa: acha que sou assim por natureza?”

Ele segura a língua. Está pensando em outra coisa. Não lhe importa como Elizabeth Costello é por natureza.

“Eu sou por natureza uma pessoa rabugenta, Paul, e dada às mais negras raivas. Um tanto víbora, para falar a verdade. Foi só porque prometi que ia

ser boa que fui assim tão fácil de você agüentar. Mas tem sido uma batalha, pode crer. Muitas foram as vezes em que tive de me controlar para não explodir. Você acha que o que eu disse é o pior que se pode dizer de você — que você é lento como uma tartaruga e metucioso até não se poder agüentar? Tem muito mais coisa além disso, pode crer. Como é que a gente chama quando alguém conhece o pior de nós, o pior e mais danoso, e não diz nada, ao contrário, suprime tudo e continua a sorrir para nós e a fazer piadinhas? Chamamos de afeto. Onde mais no mundo, a esta altura, você vai encontrar afeto, seu velho feio? É, eu conheço essa palavra também, *feio*. Nós dois somos feios, Paul, velhos e feios, por mais que a gente queira segurar nos braços a beleza de todo o mundo. Ele nunca murcha em nós, esse desejo. Mas a beleza de todo o mundo não quer saber de nós. Então temos de nos contentar com menos, muito menos. De fato, temos de aceitar o que está em oferta ou passar fome. Então, quando uma madrinha bondosa se oferece para nos remover de nosso ambiente deprimente, de nossos sonhos sem esperança, patéticos, irrealizáveis, devemos pensar duas vezes antes de desdenhar o convite.

“Vou lhe dar um dia, Paul, vinte e quatro horas, para repensar. Se você recusar, se você insistir em manter o seu demorado curso atual, então vou mostrar a você do que eu sou capaz, vou mostrar a você como eu posso cuspir.”

O relógio dele marca três e quinze. Três horas ainda para o amanhecer. Como vai fazer para matar três horas?

Há uma luz acesa na sala. Elizabeth Costello está dormindo na mesa de que se apossou, a cabeça aninhada nos braços em cima de uma confusão de papéis.

A tendência dele é deixá-la estritamente sozinha. A última coisa que ele quer é acordá-la e se expor a mais outras de suas farpas. Está cansado das farpas dela. A metade do tempo sente-se como um pobre urso no Coliseu, sem saber para que lado virar. A morte dos mil cortes.

Enfim.

Enfim, muito suavemente ele a levanta e enfia uma almofada debaixo de sua cabeça.

Num conto de fadas, esse seria o momento em que a megera horrenda se transforma em uma linda princesa. Mas não se trata de um conto de fadas, evidentemente. Desde o aperto de mão exploratório que trocaram ao se conhecerem, ele e Elizabeth Costello não tiveram nenhum contato físico. O cabelo dela tem uma qualidade sem vida, uma falta de viço. E por baixo do cabelo está o crânio, dentro do qual ocorrem atividades de que ele preferia não ter conhecimento.

Se o objeto de seus cuidados fosse uma criança — Ljuba, por exemplo, ou mesmo o belo, cruel, traiçoeiro Drago —, ele poderia chamar de terno aquele ato. Mas no caso dessa mulher não é terno. É meramente o que um velho faria por outro velho que não está bem. Humano.

É de se supor que, assim como todo mundo, Elizabeth Costello quer ser amada. E, como todo mundo, enfrenta o fim roída por uma sensação de que perdeu alguma coisa. É isso que está procurando nele: seja lá o que for que perdeu? É essa a resposta à pergunta recorrente dele? Se é isso, que ridículo. Como ele pode ser o elo perdido quando durante toda a sua própria vida ele se perdeu de si mesmo? *Homem ao mar!* Perdido em um mar agitado num litoral desconhecido.

Em algum lugar distante estão os dois filhos de Costello sobre os quais leu na biblioteca, filhos sobre os quais ela não fala, provavelmente porque não a amam, ou não a amam o bastante. É de se supor que, como ele, também estejam cansados das farpas de Elizabeth Costello. Ele não os censura. Se tivesse uma mãe como ela, manteria distância também.

Sozinha em Melbourne, em uma casa vazia, entrando em seus últimos dias, faminta de amor, e a quem ela se volta em busca de alívio, se não a um homem em outro estado, um retratista aposentado, um estranho total, porém um homem que sofreu um golpe pessoal e que tem sua própria necessidade de amor. Se existe uma explicação humana, humanitária, para a situação dela, deve ser essa. Quase ao acaso, ela topou com ele, como

uma abelha pousa em uma flor ou uma vespa em um verme; e, de alguma forma, por vias tão obscuras, tão labirínticas que a mente resiste em explorá-las, a necessidade de ser amada e a de contar histórias, quer dizer, a confusão de papéis na mesa, estão interligadas.

Ele dá uma olhada no que ela está escrevendo. Em letras gordas: *(EC pensa) romancista australiana — que sina! O que esse homem tem correndo nas veias?* Debaixo das palavras, uma linha riscada violentamente no papel. E mais: *Depois da refeição, eles jogam cartas. Usam o jogo para expor suas diferenças. Blanka vence. Uma inteligência estreita, intensa. Drago não é bom com as cartas — descuidado demais, confiante demais. Marijana sorrindo, relaxada, orgulhosa de seus rebentos. PR tenta usar o jogo para fazer amizade com Blanka, mas ela mantém distância. A gélida reprovação dela.*

Uma refeição e um jogo de cartas. PR e Blanka. Acabarão sendo uma família, afinal, ele com gelo nas veias e os JokiĆ tão sangüíneos? O que mais Costello está tramando naquela cabeça ocupada dela?

A escritora dorme, o personagem ronda, procurando coisas com que se ocupar. Uma piada, só que não há ninguém em torno para entender.

A cabeça ocupada da escritora repousa tranqüila no travesseiro. Do peito dela, se ele ouvir com cuidado, vem um ténue chocalhar quando o ar entra e sai. Ele apaga a luz. Parece estar se transformando no tipo de pessoa que dorme cedo e acorda quando ainda está escuro; ela parece ser do tipo que fica acordada até tarde, fiando suas fantasias na noite. Como poderiam montar casa juntos?

29.

“Não uma visita inesperada”, ele diz. “Não gosto que venham me visitar sem avisar e não faço visitas sem avisar.”

“Mesmo assim”, diz Elizabeth Costello, “desobedeça às suas regras uma vez só. É tão mais espontâneo que escrever cartas, tão mais amistoso. De que outro jeito você vai conseguir ver a sua noiva espiritual em território doméstico, *chez elle?*”^a

A cabeça dele viaja no passado até sua infância, até a Ballarat nos dias antes da proliferação dos telefones, quando os quatro se enfiavam na van Renault azul do holandês no domingo à tarde e partiam para fazer visitas inesperadas. Que tédio! As únicas visitas que ele relembra com algum prazer são as que faziam à pequena propriedade do amigo horticultor de seu padrasto, Andrea Mittiga. Foi na propriedade de Mittiga, entre as teias de aranha do atravancado espaço atrás da imensa caixa-d’água, que ele realizou com Prinny Mittiga suas primeiras ofegantes explorações das diferenças entre macho e fêmea.

“Volte domingo que vem, prometa”, Prinny Mittiga sussurraria ao terminar a visita, quando, tomado o suco de framboesa e comido o bolo de

amêndoas, estavam voltando para a van, carregados de tomates, ou ameixas, ou laranjas do pomar dos Mittiga, para retornar à avenida Wirramunda. E ele teve de dar de ombros. “Não sei”, disse, com o rosto impassível, embora estivesse queimando por dentro para continuar com as lições.

“Paulie e Prinny estavam brincando de médico de novo”, anunciou a irmã do banco improvisado na traseira da van.

“Não estava!”, ele protestou e deu-lhe uma cotovelada nas costelas.

“*Allez, les enfants, soyez sages!*”,^b advertiu a mãe. Quanto ao holandês, curvado em cima da direção, desviando dos buracos e saliências da estrada dos Mittiga, não ouviu nada.

O holandês dirigia em marcha lenta, em quarta marcha. Era a sua teoria de direção, aprendida na Holanda. Quando chegavam às montanhas, o motor da van martelava e engasgava; outros carros formavam fila atrás e buzonavam. A buzina não exercia efeito algum sobre ele. “*Toujours pressés, pressés!*”,^c ele dizia com sua dissonante voz holandesa. “*Ils sont fous! Ils gaspillent de l'essence, c'est tout!*”^d Ele não *gaspiller* a sua própria *essence* por ninguém. Então eles se arrastavam, no escuro, sem faróis, para economizar a bateria.

“*Oh là là, ils gaspillent de l'essence!*”, ele e a irmã cochichavam um para o outro no banco de trás da van, que tinha cheiro de bulbos de dália podres, raspando as consoantes à bárbara maneira holandesa, rolando de rir, sufocando o riso, enquanto os carros de verdade, os Holdens, os Chevrolets, os Studebakers ultrapassavam, acelerados. “*Merde, merde, merde!*”

O holandês tinha resolvido usar bermudas. Nada podia ser mais embaraçoso do que o holandês com sua bermuda larga, as pernas brancas e a meia xadrez até o tornozelo no meio dos australianos de verdade. Por que a mãe casou com ele? Será que ela deixava ele fazer *aquilo* com ela no quarto escuro? Quando pensavam no holandês com o *negócio* dele fazendo *aquilo* com a mãe deles, quase explodiam de vergonha e indignação.

A van Renault do holandês era única em Ballarat. Ele a havia comprado de segunda mão de um outro holandês, *Renault, l'auto la plus économique*,^e ele anunciava, embora de fato houvesse sempre alguma coisa errada com a van, estava sempre no mecânico esperando chegar de Melbourne uma peça ou outra.

Nada de van Renault ali em Adelaide. Nada de Prinny Mittiga. Nada de brincar de médico. Só a coisa em si. Será que devia fazer uma última visita inesperada, em honra dos velhos tempos? Como os JokiĆ receberão isso? Baterão a porta na cara dos visitantes-surpresa; ou, vindos do mesmo mundo, em termos gerais, assim como os Mittiga, um mundo desaparecido ou desaparecendo, os receberão bem, oferecerão chá e bolo e os despacharão de volta para casa carregados de presentes?

“Uma verdadeira expedição”, diz Elizabeth Costello. “O continente escuro de Munno Para. Tenho certeza de que vai arrancar você de dentro de si mesmo.”

“Se nós fizermos uma visita a Munno Para não será para me tirar de mim mesmo”, diz ele. “Não tem nada em mim de que eu precise escapar.”

“Bondade sua me convidar para ir junto”, continua Elizabeth Costello. “Você não preferia ir sozinho?”

Sempre alegre, ele pensa. Que cansativo deve ser viver com alguém tão resolutamente alegre.

“Nem em sonho eu vou sem você”, diz ele.

* * *

Anos atrás, costumava passar de bicicleta por Munno Para, a caminho de Gawler. Na época, eram apenas algumas casas pontilhadas em torno de um posto de gasolina, com chão de terra nua atrás. Agora, fileiras de novas construções se estendem até onde a vista alcança.

Narrapinga Close, número sete: era esse o endereço nos formulários que teve de assinar para Marijana. O táxi os deixa em frente à casa de estilo colonial com gramado verde em torno de um austero jardimzinho japonês retangular: uma pedra de mármore preto com água correndo por cima,

juncos, seixos cinzentos. (“Tão verdadeiro!”, Elizabeth Costello se entusiasma, descendo do carro. “Tão autêntico! Você quer que eu te dê uma mão?”)

O motorista passa-lhe as muletas; ele paga a corrida.

A porta se abre um palmo; são inspecionados desconfiadamente por uma garota de rosto pálido, apático, uma argola de prata em uma narina. Blanka, ele acha, a filha do meio, a ladra de lojas, sua protegida involuntária. Ele meio que esperava que ela pudesse ser uma beleza como a irmã. Mas não, não é.

“Olá”, diz ele. “Eu sou Paul Rayment. Esta é mrs. Costello. Nós queríamos ver sua mãe.”

Sem uma palavra a garota desaparece. Eles esperam e esperam na entrada. Nada acontece.

“Acho que a gente entra”, diz Elizabeth Costello afinal.

Vêm-se em uma sala de estar com mobília de couro branco, dominada, de um lado, por um grande aparelho de televisão e do outro por uma imensa pintura abstrata, um redemoinho de laranja, verde-limão e amarelo contra um campo branco. Um ventilador gira no teto. Nenhuma boneca em traje típico, nenhum pôr-do-sol sobre o Adriático, nada que faça pensar no velho país.

“Tão verdadeiro!”, diz Elizabeth Costello de novo. “Quem haveria de pensar!”

Ele pensa que essas observações sobre o verdadeiro são, de alguma forma, dirigidas a ele; acha que são feitas com ironia. O que pretendem dizer, ele não faz idéia.

A suposta Blanka coloca a cabeça pela abertura da porta. “Ela já vem”, entoa e se retira.

Marijana não fez nenhum esforço de se embelezar. Está de jeans azul e top de algodão branco que não valoriza em nada sua cintura grossa. “Então, senhor traz sua secretária”, diz ela, sem preliminares. “O que senhor quer?”

“Isto não pretende ser um confronto”, diz ele. “Estamos com um pequeno problema nas mãos e achei que o melhor jeito de esclarecer seria ter uma conversa tranqüila. Elizabeth não é minha secretária, nem nunca foi. É só uma amiga. Veio junto comigo porque o dia está bonito, pensamos em dar um passeio de carro.”

“Um passeio no campo”, diz Elizabeth. “Como vai, Marijana?”

“Bem. Então, sente. Querem chá?”

“Eu adoraria uma xícara de chá, e Paul também. Se há uma coisa de que Paul sente falta no velho jeito de viver é aparecer na casa de amigos para tomar um chá.”

“É, Elizabeth me conhece melhor do que eu mesmo. Mal preciso abrir a boca.”

“Isso é bom”, diz Marijana. “Vou fazer chá.”

As persianas estão em ângulo contra o sol feroz, mas através das lâminas dá para ver dois altos eucaliptos no quintal e uma rede pendurada entre eles, vazia.

“Estilo de vida”, diz Elizabeth Costello. “Não é assim que chamam hoje em dia? Nossos amigos JokiĆ têm de manter seu estilo de vida.”

“Não sei por que você censura”, diz ele. “Sem dúvida, as pessoas têm o mesmo direito a um estilo de vida em Munno Para como têm em Melbourne. Por que teriam deixado a Croácia senão para ter o estilo de vida que escolheram?”

“Não estou censurando. Ao contrário, estou cheia de admiração.”

Marijana volta com o chá. Chá, mas sem bolo.

“Então, por que vocês vêm?”, pergunta.

“Posso falar com Drago, rapidamente?”

Ela sacode a cabeça. “Não está em casa.”

“Tudo bem”, diz ele. “Tenho uma proposta a fazer. Drago tem a chave do meu apartamento. Na terça-feira de manhã, eu vou sair e ficar fora de casa quase o dia inteiro. Às nove já terei saído e não volto antes das três. Pode dizer para Drago que seria muito bom, quando eu chegasse em casa, encontrar tudo como antes.”

Faz-se um longo silêncio. Marijana está usando sandálias de plástico, azuis. Sandálias azuis e unhas roxas: ele pode ser um ex-fotógrafo de retratos e Marijana pode ser uma ex-restauradora de quadros, mas as estéticas dos dois são diametralmente opostas. É muito provável que outras coisas entre eles também sejam diametralmente opostas. A atitude em relação a meu e seu, por exemplo. A mulher que ele sonhara tirar do marido. *Quero cuidar de você. Quero estender uma asa protetora sobre você.* Como seria, na realidade, cuidar dela, das duas filhas hostis e do filho traiçoeiro? Quanto tempo ele resistiria, ele e sua asa protetora? Por outro lado... Por outro lado, que orgulhosos os seios dela, que atraentes!

“Não sei nada de chave”, diz Marijana. “Senhor deu chave para Drago?”

“Drago tinha uma chave da porta de entrada enquanto estava morando comigo. Enquanto estava usando meu apartamento. Você tem uma chave e Drago tem outra chave. Ele pode tirar coisas do apartamento e pode levar de volta. Eu esteja ou não em casa. Usando a chave dele. Não vejo como eu possa me expressar com mais clareza.”

Em cima da mesa, há um isqueiro de cromo em forma de concha de náutilo. Marijana acende um cigarro. “Senhora também tem reclamação?”, diz ela para Elizabeth. “Senhora também acha meu filho ladrão?”

Elizabeth encolhe os ombros teatralmente. “Eu não saberia o que pensar, com toda a certeza”, diz ela. “Os jovens são sujeitos a tantas tentações hoje em dia... A palavra *ladrão*... Tão grande, tão pesada, tão definitiva. Na América se usa o termo *larceny*, apropriação indébita. *Grand larceny*, roubo, *petty larceny*, furto, e todas as gradações entre um e outro. Meu palpite é que o que Paul tem em mente é um furto, dos mais inocentes, tão inocente que se confunde com um mero empréstimo. Não é isso que você estava querendo dizer, Paul? Que Drago, ou mais provavelmente um dos amigos de Drago, pegou emprestado um ou dois exemplares que você gostaria que devolvessem?”

Ele faz que sim com a cabeça.

“Para isso que vieram?”, diz Marijana. “Não telefona, só bate na porta igual polícia? O que ele pega? O que senhor diz que ele pega?”

“Uma fotografia, da minha coleção. Uma de Fauchery. Foi colocada uma cópia no lugar do original, uma cópia que foi retocada, não sei dizer com que finalidade. E nós não somos polícia. Isso é ridículo. A polícia não vem de táxi.”

Marijana acena para o telefone. Estão sendo dispensados? Ele nem terminou de tomar o chá. “Original?”, diz ela. “Que é isso, fotografia original? Aponta câmera, click, faz cópia. Assim que câmera funciona. Câmera igual fotocopadora. Então que é original? Original já é cópia. Não é igual pintura.”

“Isso é bobagem, Marijana. Discussão inútil. Uma fotografia não é a coisa em si. Nem uma pintura. Mas isso não faz nenhuma das duas ser cópia. Cada uma se torna uma coisa nova, uma coisa verdadeira, nova no mundo, um novo original. Perdi uma foto original que tem valor para mim e quero de volta.”

“Eu falo bobagem? Você faz fotografia, esse homem, como senhor diz, Fauchery, faz fotografia, depois faz cópias, uma duas três quatro cinco, e essas fotos todas original, cinco vezes original, dez vezes original, cem vezes original, nenhuma cópia? Que que é bobagem agora? Senhor vem aqui, senhor diz para Drago ele tem de achar original. Para quê? Para senhor morrer e deixar original para biblioteca? Para senhor ficar famoso? Famoso mr. Rayment?” Ela se volta para Elizabeth Costello. “Mr. Rayment ofereceu dinheiro para nós. Sabia disso? Ele oferece para me tirar da enfermagem. Ele oferece nós todos vida nova. Oferece Drago escola nova, escola chique em Canberra. Oferece pagamento. Agora ele fala nós rouba dele.”

“Isso é só meia verdade. Eu me ofereci para cuidar de você. Me ofereci para cuidar das crianças também. Mas não ofereci uma nova vida. Não sou assim tão burro. Isso não existe, uma nova vida. Nós só temos uma vida, uma cada um.”

“Então por que senhor diz Drago rouba?”

“Não acredito que eu tenha jamais usado a palavra *roubar* e se usei retiro o que disse incondicionalmente. Drago, ou mais provavelmente o amigo de Drago, Shaun, retirou uma fotografia da minha coleção, levou emprestada, fez uma cópia que retocou, não pretendo saber como, você entende dessas coisas melhor do que eu. Agora eu gostaria que devolvessem o original. Depois do que não haverá mais nenhuma questão e ficará tudo como antes. Drago pode ir me visitar, os amigos dele podem me visitar, ele pode passar a noite em minha casa se quiser. Não é bom, Marijana, adquirir o hábito de pegar emprestado e não devolver, não é bom para um rapaz em crescimento. Não vão aceitar isso nessa nova escola dele, o Wellington College.”

“Wellington acabou. Nós não tem dinheiro para Wellington.”

“Eu me ofereci para pagar o Wellington, minha oferta continua de pé. Nada mudou. E pago outras coisas também. Dinheiro não é o problema.”

“Se não é dinheiro, por que senhor tão zangado? Por que vem bater na porta? Domingo e senhor vem bater na porta igual polícia. Bang bang.”

Ele nunca foi bom em discussões. As mulheres, principalmente, o enrolavam em argumentos. Isso era sem dúvida verdade com sua mulher. De fato, agora que pensa nisso, talvez tenha sido por isso que seu casamento terminou: não que tivesse havido muitas discussões, mas ele estava sempre perdendo. Talvez se tivesse vencido uma discussão uma vez ou outra, ele e Henriette pudessem ter ficado juntos. Que chatice estar amarrada a um homem que não consegue nem enfrentar uma briga!

E a mesma coisa com Marijana. Talvez Marijana queira que ele tente mais. Talvez no fundo do coração ela secretamente queira que ele vença. Se ele conseguir inverter a balança de volta talvez ainda possa se ligar a ela.

“Ninguém está zangado, Marijana. Eu tenho uma carta para entregar e achei que seria mais rápido entregar pessoalmente. Vou deixar aqui.” Coloca a carta em cima da mesinha de centro. “Está endereçada a Mel. Ele pode ler quando tiver tempo. Pensei também” — dá uma olhada para Elizabeth Costello —, “nós pensamos também que seria gostoso aparecer

para tomar um chá e conversar, como se costumava fazer antigamente. É uma boa prática, sociável, amigável. Seria uma pena que morresse.”

Mas Elizabeth Costello não ajuda em nada. Elizabeth Costello está recostada, de olhos fechados, abstraída. Graças a Deus, Ljuba não está por perto para lhe dar um dos seus olhares.

“Único que vem bater na porta é polícia”, diz Marijana. “Se telefona primeiro, se senhor diz que vem tomar chá, então eu não assusto igual polícia.”

“Assustar. Sei. Desculpe. Nós devíamos ter telefonado.”

“Concordo”, diz Elizabeth, despertando. “Devíamos ter telefonado. Isso que nós devíamos ter feito. Erro nosso.”

Silêncio. É essa a conclusão da peleja? Ele está simplesmente perdido; mas ele perdeu honrosamente, honrosamente a ponto de merecer uma revanche ou perdeu abjetamente?

“Senhor quer táxi?”, diz Marijana. “Quer que eu chame táxi?”

Ele e Costello trocam olhares. “Queremos”, diz Elizabeth Costello. “A menos que o Paul aqui tenha mais alguma coisa a dizer.”

“O Paul aqui não tem mais nada a dizer”, diz ele. “Paul veio esperando conseguir de volta o que é seu, mas a partir deste momento Paul desiste.”

Marijana levanta-se, faz um gesto imperioso. “Vem!”, diz ela. “Quer ver que tipo de ladrão é Drago, eu mostro.”

Ele tenta se levantar do sofá. Embora ela veja o esforço que está lhe custando, não faz um gesto para ajudar. Ele dá uma olhada para Elizabeth Costello. “Vá em frente”, diz Elizabeth Costello. “Eu fico aqui e recupero o fôlego antes de começar o próximo ato.”

Ele batalha para se levantar. Marijana já está na metade da escada. Um passo por vez, agarrado ao corrimão, ele segue atrás.

PARTICULAR, diz a placa brilhante na porta. *ISSO VALE PARA VOCÊ*. “O quarto de Drago”, diz Marijana e abre a porta.

O quarto é mobiliado funcionalmente em pinho claro: cama, escrivaninha, estante de livros, workstation de computador. Não poderia ser mais despojado e organizado.

“Muito bom”, diz ele. “Muito arrumado. Fico surpreso. Drago nunca foi tão ordeiro enquanto ficou comigo.”

Marijana dá de ombros. “Eu falo para ele, mr. Rayment deixa você fazer bagunça para você gostar dele, mas aqui você não fazer bagunça, não precisa, sua casa aqui. Eu falo para ele também, você quer ir para Marinha, quer viver no submarino, você aprende a ser arrumado.”

“Verdade. Quem quer viver num submarino tem de ser organizado. É isso que Drago quer fazer: viver em um submarino?”

Marijana dá de ombros de novo. “Quem sabe. Ele é jovem. É só um menino.”

A opinião dele sobre Drago, uma opinião que ele não externa, é que ele mantém o quarto em ordem provavelmente porque a mãe está sempre buzinando no ouvido dele. Bem intimidante, Marijana Jokić, quando quer. Uma presença e tanto para ter em mente no futuro.

Pregadas na parede acima da cama de Drago há três fotografias ampliadas para o tamanho de pôster. Duas são Fauchery: o grupo de mineiros e as mulheres e crianças na porta da cabana de sapé. A terceira, colorida, mostra oito ágeis corpos masculinos em pleno ar mergulhando numa piscina.

“Então”, diz Marijana. Com as mãos nos quadris espera que ele fale.

Ele se aproxima e examina a segunda fotografia. Montado no corpo da menina pequena com as mãos sujas de lama está o rosto de Ljuba, os olhos escuros fixados nele. O encaixe não é perfeito: a posição da cabeça não combina exatamente com o jeito dos ombros.

“Só brincadeira”, diz Marijana. “Não coisa séria. Só — como diz? — cartaz.”

“Formas. Imagens.”

“Só imagens. Brinca com imagens no computador, que tem de ladrão nisso? Coisa moderna isso. Imagens, quem é dono? Senhor quer falar, eu aponto câmera para senhor” — ela finca um dedo no peito dele —, “eu sou ladrão, roubo sua imagem? Não: imagem é grátis — sua imagem, minha imagem. Não é segredo o que Drago faz. Essas fotografias” — ela

acena para as três fotos na parede — “tudo no website. Qualquer um pode ver. Senhor quer ver website?”

Ela aponta o computador, que zune suavemente.

“Por favor, não”, diz ele. “Não entendo de computador. Drago pode fazer todas as cópias que quiser, pouco me interessa. Só quero de volta os originais. As fotos originais. As que foram tocadas pela mão de Fauchery.”

“Originais.” De repente, ela sorri, e não sem gentileza, como se entendesse de repente que se ele não entende de computadores, nem o conceito de original, nem nada mais, não é por má vontade, mas porque é um tolo. “O.k. Quando Drago voltar eu falo com ele sobre originais.” Ela faz uma pausa. “Elizabeth”, diz, “ela vem morar com senhor agora?”

“Não, não estamos planejando nada disso.”

Ela ainda está sorrindo. “Mas boa idéia talvez. Então senhor não está sozinho quando acontece, sabe, emergência.”

Mais uma vez, ela faz uma pausa, e nessa pausa ele sente que seu objetivo ao levá-lo para o andar de cima podia não ser apenas mostrar as fotos de Drago.

“Senhor bom homem, mr. Rayment.”

“Paul.”

“Senhor bom homem, Paul. Mas fica muito sozinho no apartamento — sabe o que quero dizer? Eu fico sozinha também em Coober Pedy, antes de mudar para Adelaide, então eu sei, eu sei. Sentada em casa dia inteiro, meninos na escola, só bebê e eu — Ljuba era bebê —, pessoa fica, sabe, negativa. Então talvez senhor fica negativo no seu apartamento também. Sem filhos, ninguém. Muito...”

“Muito melancólico?”

Ela sacode a cabeça. “Não, eu não sei como diz. Você pega. Alguma coisa vem, você pega.” Com uma mão ela mostra a ele como se agarra.

“Se apegue a ninharias”, ele sugere. É a primeira sugestão que ela dá de que o inglês improvisado que emprega não lhe é suficiente. Se ele ao menos falasse croata! Em croata, talvez fosse capaz de cantar do coração.

Será tarde demais para aprender? Será que consegue encontrar um professor ali em Adelaide? Lição um: verbo amar, *ljub*, ou seja lá o que for.

“Enfim”, diz ela, “Elizabeth vem viver com senhor, então senhor esquece Marijana. Esquece padrinho também. Não é boa idéia, padrinho, não é realista. Porque onde ele mora, esse padrinho? Senhor quer padrinho vem viver em Narrapinga Close? Não realista — entende?”

“Nunca pedi para viver com vocês.”

“Senhor vem viver aqui, dorme onde? Senhor dorme na cama de Drago, onde Drago dorme? Ou senhor quer dormir com Mel e eu, dois homens, uma mulher?” Ela agora está borbulhando de riso. “Quer isso?”

Ele não consegue rir. Está com a garganta seca. “Podia morar no quintal”, sussurra. “Mandava construir uma cabana. Podia viver numa cabana no quintal e cuidar de vocês. De vocês todos.”

“O.k.”, diz ela, alerta, “chega de conversa. Elizabeth vem viver com senhor, ela arruma tudo, acaba melancólico.”

“Melancolia.”

“Acaba melancolia. Palavra engraçada, *gloom*. Na Croácia a gente diz *ovaj glumi*, mas não quer dizer melancólico, não, quer dizer que está fingindo, que não é verdadeiro. Mas senhor não está fingindo, hã?”

“Não.”

“É, eu sei disso.” E para surpresa dele, talvez para surpresa dela também, ela se põe na ponta dos pés e lhe dá um beijo, dois beijos, um em cada face. “Vem, a gente desce agora.”

a Em francês, “na casa dela”. (N. T.)

b Em francês, “Vamos lá, meninos, sejam bonzinhos”. (N. T.)

c Em francês, “Sempre apressados, apressados!”. (N. T.)

d Em francês, “São loucos. Desperdiçam gasolina, só isso!”. (N. T.)

e Em francês, “Renault, o carro mais econômico”. (N. T.)

Elizabeth Costello não está sozinha. De pé acima dela está uma estranha figura: um homem de macacão branco largo, a cabeça escondida debaixo do que parece um balde de lona. O homem parece estar falando, mas suas palavras são irrecuperavelmente abafadas pela máscara.

Rapidamente, Marijana atravessa o piso. “*Zaboga, zar opet!*”,* ela exclama, rindo. “Seu cabelo está preso! Toda vez que ele veste” — ela aponta com um gesto o estranho chapéu — “o cabelo fica preso, aí eu tenho de...” Ela faz movimentos de girar com os dedos.

Agarra o homem pelos ombros — é Miroslav —, vira-o e começa a soltar a máscara de seu cabelo comprido. Miroslav estica as mãos para trás, agarra-a pelos quadris. Ela ginga para escapar, solta a máscara. Ele a levanta: seu rosto está vermelho de calor; ele parece estar de bom humor.

“São as abelhas”, ele explica. “Estava mudando as colméias.”

“Meu marido tratador de abelhas”, diz Marijana. “Conhece meu marido? Essa mrs. Costello, ela é amiga de mr. Rayment. Mel.”

“Como vai, Mel?”, diz Elizabeth Costello. “Elizabeth. Ouvi falar de você, mas nunca nos encontramos em pessoa, por assim dizer. Você cuida

de abelhas?”

“É só tipo um hobby”, diz Mel ou Miroslav.

“Meu marido, a família dele sempre trata abelhas”, diz Marijana. “O pai dele, e antes dele o avô. Então ele trata abelhas também, aqui na Austrália.”

“Só umas colméias”, diz Mel. “Mas é bom mel, dos eucaliptos principalmente. Tem um gostinho de eucalipto, sabe.”

A soltura entre os dois revela tudo — isso, o riso e a liberdade dos dedos de Marijana no cabelo dele. Um casal nada estremecido. Ao contrário, íntimo. Uma relação íntima com uma briga de vez em quando, ao estilo balcânico, para acrescentar um certo tempero: acusações, recriminações, pratos quebrados, portas batidas. Seguidos de remorsos e lágrimas, seguidos de ardente amor físico. A menos que toda a história da briga e da fuga para a tia Lidie tenha sido uma mentira, uma invenção. Mas para quê? Será que ele pode ser objeto de uma extensa trama, uma trama que nem chega a entender?

“Muito quente este macacão”, diz Mel. “Vou trocar.” Ele faz uma pausa. “Vieram ver bicicleta?”

“A bicicleta?”, ele pergunta. “Não. Que bicicleta?”

“Adoraríamos ver a bicicleta”, diz Elizabeth. “Onde está?”

“Não está pronta”, diz Mel. “Drago parou de trabalhar nela um pouco. Tem umas coisas que ainda precisa fazer. Mas podem dar olhada, já que vieram aqui tão longe. Ele não vai ligar.”

“Adoraríamos”, diz Elizabeth. “Paul está querendo muito isso.”

“Então vão. Encontro vocês lá fora.”

Saem da casa em grupo. Miroslav vai encontrá-los, usando bermuda, sandália e uma camiseta que diz: Equipe Valvoline. Ele levanta a porta da garagem. Lá está o conhecido Commodore vermelho e, ao lado, o que Miroslav chama de bicicleta.

“Nossa, nossa!”, exclama Elizabeth. “Que estranha invenção! Como funciona?”

Miroslav roda a máquina para fora da garagem; depois, com um sorriso, volta-se para ele. “Talvez senhor pode explicar.”

“É o que chamam de bicicleta reclinada”, diz ele. “Neste modelo, a pessoa não pedala, gira a corrente com as mãos.”

“E Drago que construiu?”, pergunta Elizabeth. “Sozinho?”

“É”, diz Miroslav. “Só soldagem fui eu. Na oficina. Soldagem é, tipo, especializado.”

“Bom, que presente esplêndido”, diz Elizabeth. “Não acha, Paul? Vai ser a sua liberdade. Liberdade de sair por aí.”

“Drago quer agradecer”, diz Marijana. “Agradece mr. Rayment por tudo.”

Todos os olhos estão sobre ele, mr. Rayment. Ljuba apareceu do nada. Até Blanka, que não o aprovou desde o início, juntou-se ao grupo. Corpo esguio. Movimentos ágeis. Filha do pai. Nenhuma beleza, mas algumas mulheres se desenvolvem tarde. Será que Blanka vai ter a sua vez para agradecer a ele também? Será que está ocupada feito uma abelha, trabalhando num presente? O que seria? Uma carteira bordada? Uma gravata estampada à mão?

Ele pode sentir um rubor se espalhando pelo corpo, um rubor de vergonha, a começar nas orelhas, alastrando-se para a frente, sobre o rosto. Não tem vontade nenhuma de que pare. É o que ele merece. “É magnífica”, diz. E como isso é esperado dele e como é a coisa certa a fazer, dá um passo para a frente com as muletas e inspeciona o prêmio mais de perto. “Magnífica”, repete. “Um presente magnífico.” *Pródigo também*, poderia acrescentar, mas não o faz. Ele sabe o quanto paga a Marijana; pode adivinhar quanto Miroslav ganha. *Muito mais do que merece.*

A roda da frente é do tamanho-padrão de roda de bicicleta, com um conjunto de engrenagens e uma corrente; as rodas menores de trás simplesmente rodam. Pintada a spray, vermelho-vivo, a bicicleta — na verdade um triciclo — tem menos de um metro de altura. Na rua, o ciclista ficará praticamente invisível, abaixo da linha de visão de um motorista de automóvel. Então, atrás do assento, Drago montou uma

vareta de fibra de vidro com uma flâmula laranja na ponta. Voejando acima da cabeça do ciclista, a valente bandeirinha tem por fim alertar os Wayne Blight do mundo.

Uma reclinada. Ele nunca andou em uma antes, mas instintivamente não gosta de reclinadas, assim como não gosta de próteses, assim como não gosta de tudo o que é falsificado.

“Magnífica”, diz de novo. “Estou ficando sem palavras. Posso dar uma volta?”

Miroslav sacode a cabeça. “Sem cabo”, diz ele. “Sem cabo de marcha, sem cabo de breque. Drago ainda não pôs. Mas já que está aqui, a gente acerta o assento. Está vendo, montamos o assento num trilho, assim senhor pode ajustar para a frente e para trás.”

Ele deixa as muletas, tira o casaco, permite que Miroslav o ajude a montar. O assento é esquisito.

“Marijana ajudou com assento”, diz Miroslav. “Sabe — para sua perna. Ela desenhou, e nós moldamos em fibra de vidro.”

Não horas apenas. Dias, semanas. Devem ter passado semanas naquilo, pai, filho; a mãe também. O rubor não desapareceu do rosto e ele não quer que desapareça.

“Não dá para comprar uma dessas em loja de bicicleta, então a gente pensou fazer esta especial, de encomenda. Vou dar empurrada para senhor sentir um pouco, o.k.? Eu empurro, mas não vou largar porque, lembra, não tem breque.”

Os observadores se afastam. Miroslav o empurra para a entrada pavimentada.

“Como dirige?”, ele pergunta.

“Com pé esquerdo. Tem uma barra aí — viu? — com mola. Não se preocupa, vai pegar jeito.”

Nenhum carro em Narrapinga Close. Miroslav dá um pequeno empurrão. Ele se inclina para a frente, agarra os cabos da manivela, experimenta dar uma girada, esperando que a máquina se dirija sozinha.

Claro que nunca vai colocá-la em uso. Vai ficar no quarto de depósito de Coniston Terrace e ali se encherá de pó. Todo o tempo e trabalho que os Jokić colocaram naquilo terá sido em vão. Será que sabem disso? Será que sabiam o tempo todo, enquanto estavam construindo aquilo? A lição prática é apenas parte de um ritual que estão celebrando, ele pela família, a família por ele?

A brisa sopra em seu rosto. Por um momento, permite-se imaginar que está rodando pela rua Magill, a flâmula tremulando brilhante acima da cabeça para lembrar ao mundo de ter pena dele. Um carrinho de bebê, isso é que mais parece: um carrinho de bebê com um bebê grisalho dentro dele, dando uma volta. Como os transeuntes vão sorrir! Sorrir e rir e assobiar: *Que bom, hein, vovô!*

Mas talvez, em termos amplos, seja exatamente isso que os Jokić querem lhe ensinar: que devia desistir de seus ares solenes e se transformar no que é de fato, uma figura engraçada, um velho senhor de uma perna só que, quando não está pulando por aí com suas muletas, ronda as ruas com seu triciclo feito em casa. Uma das paisagens locais, um dos tipos estranhos que emprestam colorido ao tecido social. Até o dia em que Wayne Blight disparar sua máquina e partir para cima dele outra vez.

Miroslav não saiu do lado dele. Agora, Miroslav vira a máquina em uma grande curva que permite que voltem para a entrada.

Elizabeth aplaude; os outros acompanham. “Bravo, meu cavaleiro”, diz ela. “Meu cavaleiro da triste figura.”

Ele a ignora. “O que você acha, Marijana?”, pergunta. “Acha que eu devia sair por aí de novo?”

Porque Marijana até agora não pronunciou nem uma palavra. Marijana o conhece melhor que o marido, melhor que Elizabeth Costello. Ela percebeu desde o começo como ele tem batalhado para preservar sua dignidade masculina e nunca caçou dele por isso. O que Marijana acha? Será que ele deve continuar batalhando por dignidade ou já é hora de capitular?

“É”, diz Marijana devagar. “Combina com senhor. Acho que devia experimentar.”

Com a mão esquerda, Marijana segura o queixo; com a direita apóia o cotovelo esquerdo. É a clássica pose de pensar, de reflexão madura. Ela deu a devida importância à pergunta dele e respondeu. A mulher cujo toque de lábios ele sentiu na face, a mulher que, por razões que nunca ficaram inteiramente claras para ele, embora de vez em quando tenha um lampejo de esclarecimento, detém o coração dele, ela falou.

“Bom, então”, diz ele (ia dizer *Bom, então, meu amor*, mas se contém porque não quer ferir Miroslav, embora Miroslav deva saber, Ljuba deva saber, Blanka certamente sabe, está escrito na cara dele), “bom, então, eu vou dar uma experimentada. Muito obrigado. Com toda a sinceridade, toda a minha sincera gratidão, obrigado, a cada um de vocês. Agradeçam principalmente ao ausente Drago.” *Que eu julguei mal e ofendi*, ele gostaria de dizer. “Que eu julguei mal e ofendi”, diz ele.

“Não se preocupe”, responde Miroslav. “Vamos colocar no trailer e levar no próximo fim de semana talvez. Só mais umas coisas para arrumar, cabos e essas coisas.”

Ele se volta para Elizabeth. “E agora nós temos de ir embora, não temos?”, diz ele; e para Miroslav: “Pode me dar uma mão?”

Miroslav o ajuda a se levantar.

“Expresso PR”, diz Ljuba. “O que quer dizer Expresso PR?”

E, de fato, é isso que está pintado no tubo do triciclo, com letras que sugerem artisticamente o vento soprando. *PR EXPRESS*.

“Quer dizer que eu vou muito depressa”, diz ele. “PR, o homem-foguete.”

“Homem-Foguete”, diz Ljuba. Ela dá um sorriso a ele, o primeiro que lhe dá. “Você não é Homem-Foguete, você é Homem Lento!” E cai na risada, abraça as coxas da mãe e esconde o rosto.

“Um fiasco”, ele diz para Elizabeth. Estão num táxi, indo para o sul, a caminho de casa. “Uma derrota, uma derrota moral, nada mais, nada menos. Nunca senti tanta vergonha.”

“É, você não se saiu bem. Aquela fúria toda! Toda aquela indignação!”

Fúria? Do que ela está falando?

“Imagine”, ela continua, “você estava a ponto de perder um afilhado e por quê? Eu mal podia acreditar no que ouvia. Por uma velha fotografia! Uma fotografia de um bando de estranhos que não podiam ser mais indiferentes a você. A um menininho francês que não tinha nem nascido ainda.”

“Por favor”, diz ele, “por favor, mais uma discussão, não, não agüento mais. O que dá a Drago o direito de pegar minhas fotografias eu ainda não entendo, mas vamos deixar passar. Marijana me disse que as fotos estão agora no website de Drago. Eu sou tão ignorante. O que quer dizer isso, estar no website?”

“Quer dizer que qualquer pessoa no mundo que tiver curiosidade pela vida e época de Drago JokiĆ pode inspecionar as fotos em questão, em sua forma original e talvez na forma nova, revisada e aumentada, na privacidade de sua casa. Quanto a por que Drago resolveu publicar as fotos assim, não sou a pessoa certa para você perguntar. Ele virá no sábado que vem entregar seu veículo. Pode perguntar para ele então.”

“Marijana diz que a história toda da falsificação é só uma brincadeira.”

“Não é nem uma falsificação. Uma falsificação é feita para ganhar dinheiro. Drago não podia ser mais indiferente ao dinheiro. Claro que é só uma brincadeira. O que mais podia ser?”

“Brincadeiras têm relação com o inconsciente.”

“Brincadeiras podem, de fato, ter uma relação com o inconsciente. Mas também: às vezes, uma brincadeira é só uma brincadeira.”

“Dirigida contra...”

“Dirigida contra você. Quem mais? O homem que não ri. O homem que não consegue aceitar brincadeiras.”

“Mas e se eu nunca tivesse descoberto? Se eu fosse para o túmulo em completa ignorância dessa pretensa brincadeira? Se a brincadeira passasse despercebida à Biblioteca Estadual também? Se continuasse despercebida até o fim dos tempos? *Dêem uma olhada nestas fotos, meninos. Os mineradores de Ballarat. Olhem aquele sujeito com os bigodes ferozes! E daí?*”

“Daí vai passar a fazer parte do nosso folclore que os bigodes de brigão estavam na moda na Victoria dos anos 1850. Só isso. Não é realmente um assunto para continuar discutindo, Paul. O que conta é que você saiu do seu apartamento e visitou Munno Para, onde trocou palavras em particular com sua amada Marijana e pôde ver o marido dela com sua roupa de tratador de abelhas e a bicicleta que o filho dela está construindo para você. Esse é o único resultado que conta da chamada falsificação. No mais, o episódio é da mais absoluta insignificância.”

“Está esquecendo da foto desaparecida. Seja qual for a opinião que tem de fotografias e da relação delas com a realidade, o fato é que uma das minhas Fauchery, um genuíno tesouro nacional, que vale mais que dinheiro, desapareceu.”

“Sua preciosa fotografia não desapareceu. Olhe no seu armário outra vez. Aposto dez contra um que está lá, fora de lugar. Ou então Drago vai encontrar no meio das coisas dele e devolver no domingo que vem, com desculpas.”

“E daí?”

“Daí encerra-se o assunto.”

“E daí?”

“Daí o quê? Depois de domingo? Não tenho certeza de que vá haver mais alguma coisa depois de domingo. Domingo pode muito bem marcar o seu último contato com os Jokić, inclusive mrs. Jokić. De mrs. Jokić, ai, ai, nada mais que lembranças restarão para você. Das panturrilhas macias. Da esplêndida linha do busto. Dos encantadores erros de linguagem. Memórias queridas, tocadas de remorso, que desaparecerão com o passar do tempo, como tendem a fazer as memórias. O tempo, o grande curador.

Porém, continuarão vindo as contas trimestrais do Wellington College. Que, não tenho dúvidas, você pagará, como homem honrado. E os cartões de Natal: *Desejamos um Feliz Natal e um próspero Ano-Novo — Marijana, Mel, Drago, Blanka, Ljuba.*”

“Entendo. E o que mais você gostaria de revelar do meu futuro, mrs. Costello, enquanto está nessa veia profética?”

“Quer dizer, vai haver alguém para substituir Marijana ou Marijana é o fim da linha para você? Isso depende. Se você continuar em Adelaide, prevejo apenas enfermeiras, uma galeria de enfermeiras, algumas bonitas, algumas não tão bonitas, nenhuma das quais vai chegar perto de tocar seu coração como Marijana Jokić tocou. Se vier para Melbourne, por outro lado, vai haver eu, o fiel e velho pangaré. Embora minhas panturrilhas não estejam, creio, à altura do seu gosto exigente.”

“E quanto ao estado do seu coração?”

“Meu coração? Tem altos e baixos. Ele martela e ofega como um carro velho quando subo escadas. Ouso dizer que não vai durar muito mais. Por que pergunta? Está preocupado de ser você a fazer o papel de enfermeiro? Não tenha medo — eu nunca pediria isso a você.”

“Então não será hora de telefonar para seus filhos? Não é hora de seus filhos fazerem alguma coisa por você?”

“Meus filhos estão longe, Paul, do outro lado das grandes ondas. Por que fala dos meus filhos? Quer adotar os dois também, ser padrasto deles? Isso seria uma infinita surpresa para eles. Nunca ouviram falar de você. Mas não, em resposta à sua pergunta, eu nunca sonharia em me impor aos meus filhos. Se todo o resto falhar, eu vou para um asilo. Se bem que o tipo de cuidado que eu procuro, ai, ai, não existe em nenhum asilo que eu conheça.”

“E que tipo de cuidado seria?”

“Cuidados amorosos.”

“É, isso é realmente difícil de encontrar hoje em dia, cuidados amorosos. Você talvez tenha de se contentar com mera enfermagem boa.

Isso existe, sabe, boa enfermagem. Dá para ser uma boa enfermeira sem amar os próprios pacientes. Pense em Marijana.”

“Então esse seria o seu conselho: me contentar com a enfermagem. Eu discordo. Se tiver de escolher entre boa enfermagem e um par de mãos amorosas, vou escolher as mãos amorosas sempre.”

“Bom, eu não tenho mãos amorosas, Elizabeth.”

“Não, não tem. Nem mãos amorosas, nem coração amoroso. Um coração oculto, isso é o que eu diria. Como vamos trazer o seu coração para fora do esconderijo? — essa é a questão.” Ela agarra o braço dele. “Olhe!”

Três figuras de motocicleta passam, em rápida sucessão, indo na direção oposta, para Munno Para.

“O de capacete vermelho — não era Drago?” Ela suspira. “Ah, a juventude! Ah, a imortalidade!”

Provavelmente não era Drago. Coincidência demais, perfeito demais. Provavelmente um trio de rapazes sem nenhuma relação, embora com sangue correndo igualmente quente nas veias. Mas eles que finjam, mesmo assim, que o de capacete vermelho era Drago. “Ah, Drago”, ela repete, zelosa, “Ah, juventude!”

O taxista os deixa em Coniston Terrace, em frente ao apartamento dele.

“Então”, diz Elizabeth Costello. “Fim de um longo dia.”

“É.”

Esse é o momento em que devia convidá-la para entrar, oferecer uma refeição e um lugar para dormir. Mas ele não diz nem uma palavra.

“É o presente certo, não é?”, diz ela, “sua nova bicicleta. Tão atencioso de Drago. Um rapaz atencioso. Agora você está livre para rodar por onde quiser. Se ainda estiver preocupado com Wayne Blight, pode se limitar ao caminho da beira do rio. Vai ser um bom exercício. Vai melhorar seu humor. Vai ficar com os braços fortes bem depressa. Tem espaço para passageiro, você acha?”

“Espaço para uma criança no banco de trás, sim. Mas não para outro adulto.”

“Brincadeira, Paul. Não, não quero ser um peso para você. Se eu resolvesse passear, ia querer um veículo meu mesmo, de preferência com motor. Será que ainda vendem aqueles motorzinhos que se prendiam na bicicleta e que faziam put-put para ajudar nas subidas? Tinham disso na França, eu me lembro. *Deux cheveaux*, dois cavalos.”

“Sei do que está falando. Mas não se chama *deux cheveaux*. *Deux cheveaux* é outra coisa.”

“Ou uma cadeira de rodas motorizada. Talvez seja isso que eu deva arrumar para mim. Lembra daquelas cadeiras motorizadas, do tipo que tinha um toldo franjado e uma barra de direção? Podemos vasculhar as lojas de antigüidades, tenho certeza de que encontraria uma, Adelaide é o lugar certo para uma cadeira antiga dessas. Podemos pedir para Miroslav fixar uns *chevaux* nela. Aí vamos estar prontos para partir para nossas aventuras, você e eu. Você já tem a sua bela flâmula cor de laranja e arrumo outra para mim, com um desenho.”

“Que tal uma manopla? Uma manopla em preto sobre fundo branco e embaixo a divisa *Malleus maleficarum*.”**

“*Malleus maleficarum*. Excelente! Você realmente está ficando muito esperto, Paul. Quem haveria de pensar que você sabia uma coisa dessas. *Malleus maleficarum* para mim e *Para frente e para o alto* para você. Podíamos viajar pelo país inteiro, nós dois, por toda esta vasta terra marrom, norte e sul, leste e oeste. Você podia me ensinar obstinação e eu ensinava você a viver com nada, ou quase nada. Escreveriam artigos sobre nós nos jornais. Nós nos transformaríamos em uma amada instituição australiana. Que idéia! Que idéia brilhante! Isso é amor, Paul? Nós encontramos o amor afinal?”

Meia hora atrás ele estava com Marijana. Mas Marijana ficou no passado agora, e lhe restou Elizabeth Costello. Ele coloca os óculos de novo, vira-se, dá uma boa olhada nela. Na luz clara do fim da tarde, pode ver cada detalhe, cada fio de cabelo, cada veia. Ele a examina, depois examina o próprio coração. “Não”, diz afinal, “isto não é amor. Isto é alguma outra coisa. Alguma coisa menos.”

“E essa é sua última palavra, você acha? Nenhuma esperança de fazer você mudar?”

“Eu temo que não.”

“Mas o que eu vou fazer sem você?”

Ela parece estar sorrindo, mas seus lábios estão tremendo.

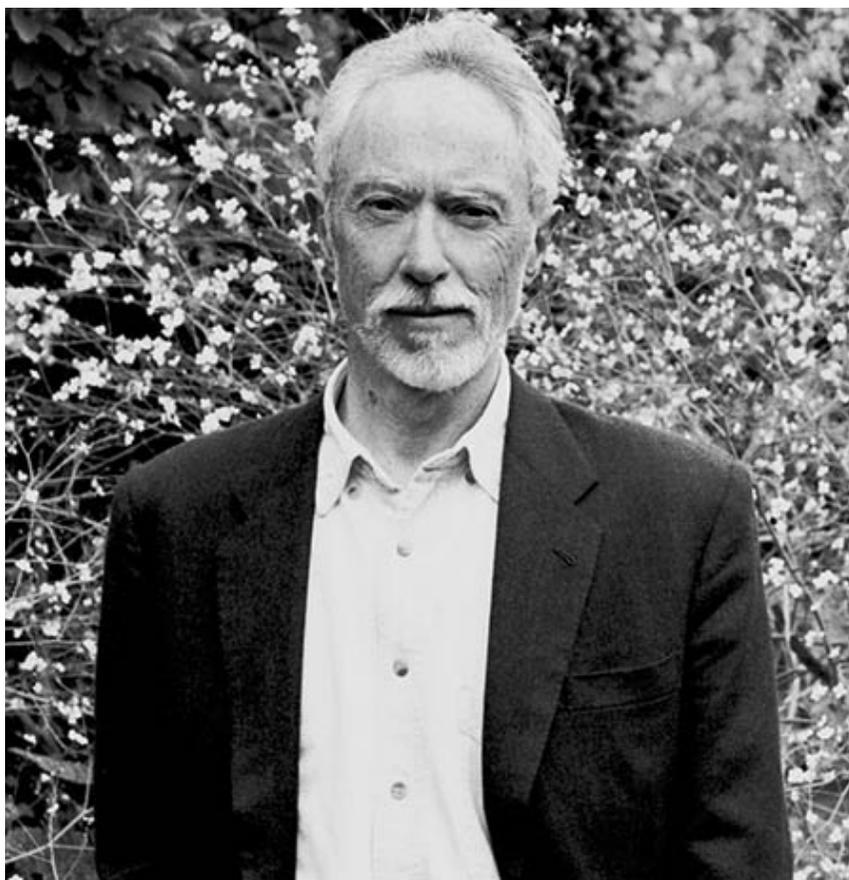
“Isso é você quem sabe, Elizabeth. Existe mais gente no mundo, pelo que sei. Quanto a mim, quanto a agora: adeus.” E ele se inclina para a frente e a beija três vezes à maneira formal que aprendeu em criança, esquerda direita esquerda.

* Em croata, “Meu Deus, outra vez?”. (N. T.)

** *O martelo das feiticeiras*, volumoso tratado escrito em 1486 pelos dominicanos James Sprenger e Heinrich Kramer, usado durante trezentos anos como fonte de provas e manual de torturas nos processos movidos pela Inquisição contra mulheres acusadas de bruxaria. (N. T.)

Nota do autor

Pelos generosos conselhos e apoio, meus agradecimentos a Arijana Bozović, Catherine Lauga du Plessis, Peter Goldsworthy, Peter Rose, John Williams e Sharon Zwi.



BERT NIENHUIS

J.M. COETZEE nasceu em 1940 na Cidade do Cabo, África do Sul, e atualmente vive na Austrália. É um dos maiores escritores contemporâneos de língua inglesa e já recebeu diversos prêmios por sua obra, entre eles o Nobel, em 2003, e, caso único, dois Booker Prize, por *Vida e época de Michael K*, em 1983, e por *Desonra*, em 1999. Além desses, a Companhia das Letras também publicou *O mestre de Petersburgo*, *A vida dos animais*, *Elizabeth Costello*, *Juventude* e *À espera dos bárbaros*.

Copyright © 2005 by J.M. Coetzee

*Publicado mediante acordo com Peter Lampack Agency, Inc.
551 Fifth Avenue, Suite 1613, Nova York 10176-10187, Estados Unidos.
“Todos os direitos são reservados pelo proprietário (J. M. Coetzee)
ao redor do mundo.”*

Título original
Slow Man

Capa
João Baptista da Costa Aguiar
sobre
Sem título (1996) óleo e cera sobre tela de Fábio Miguez.
Coleção Nilza Micheletto e Rodrigo Naves.

Preparação
Cacilda Guerra

Revisão
Isabel Jorge Cury
Cláudia Cantarin

ISBN 978-85-438-0291-6

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Capa

Rosto

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

Nota do autor

Sobre o autor

Créditos